

JANE, *sem limites*



K R I S T I N C A S H O R E

PLATA
FORMA 31



TÍTULO ORIGINAL *Jane, Unlimited*
© 2017 by Kristin Cashore
© 2018 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE baby livros

PREPARAÇÃO Ana Lima Cecílio

REVISÃO liberdade literaria

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi

CAPA Pamella Destefi

IMAGENS DE CAPA © Tijana Moraca / Trevillion Images; © Bedneyimages / Freepik;
© Iakov Filimonov / Shutterstock

IMAGENS DE MIOLO © luis_molinero / Freepik; © Kjpargeter / Freepik

MAPAS © Ian Schoenherr

Todos os direitos desta edição reservados à
VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cashore, Kristin

Jane, sem limites [livro eletrônico] / Kristin Cashore; tradução Lígia Azevedo. – São Paulo: Plataforma21, 2018.
--

2 Mb; ePub

Título original: Jane, unlimited.

ISBN 978-85-92783-58-7

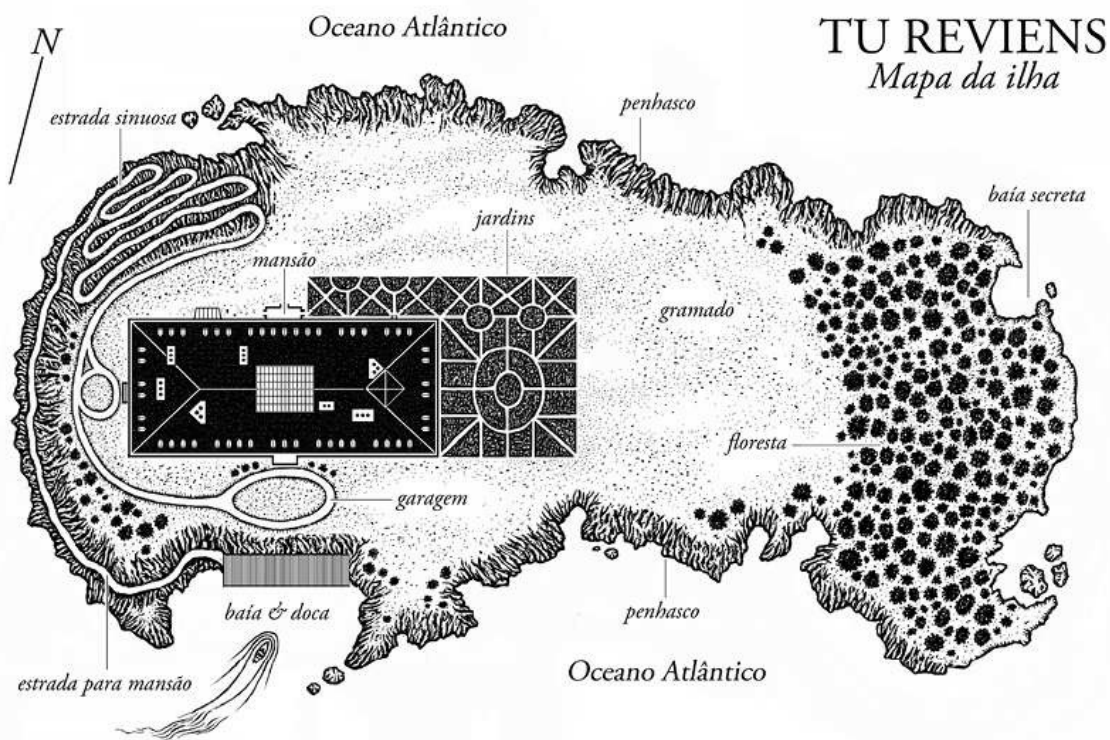
1. Ficção juvenil 2. Suspense - Ficção I. Título.

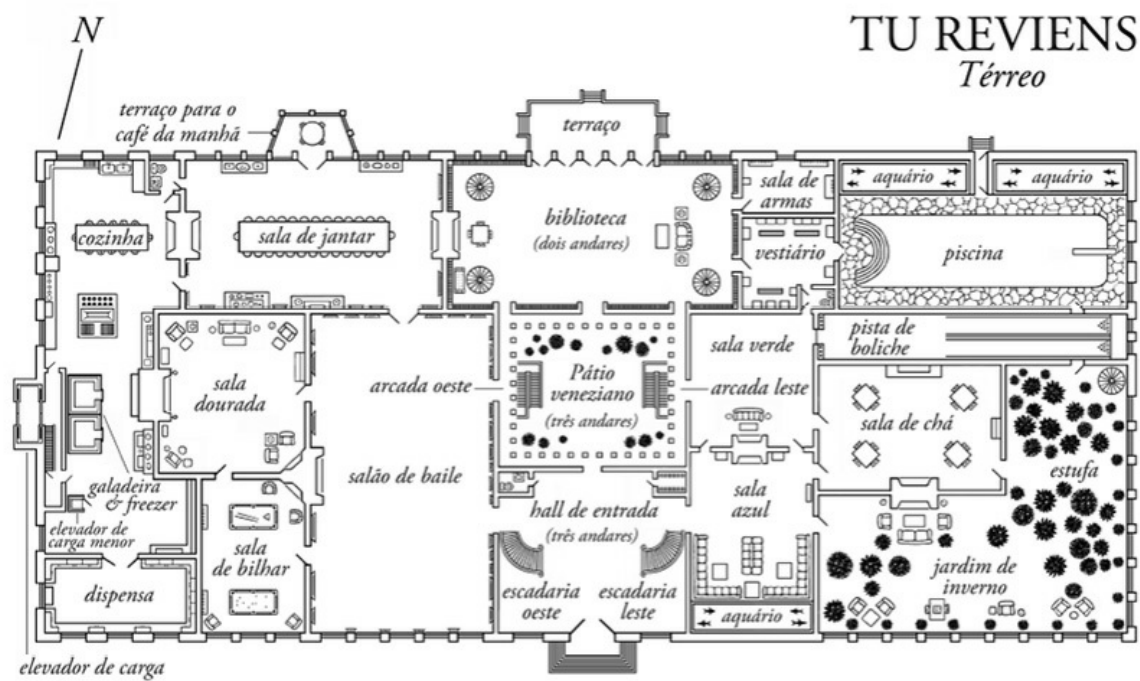
18-13049 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

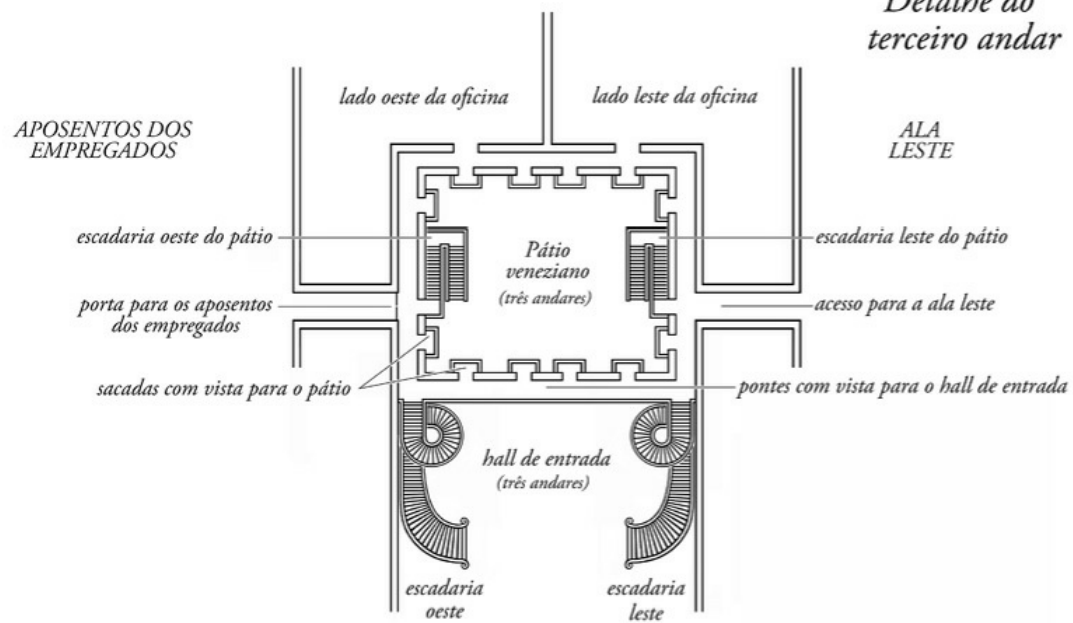
*para todas as tias,
especialmente a minha*





TU REVIENS

*Detalhe do
terceiro andar*





A casa à beira do penhasco parece um barco desaparecendo na neblina. O pináculo, um mastro; as árvores chicoteando contra sua base as ondas de um mar revolto.

Ou talvez Jane só esteja com barcos na cabeça, já que está dentro de um que faz tudo o que pode para prender sua atenção. Uma onda atinge o iate, fazendo o equilíbrio dela vacilar. Jane senta, aterrissando triunfante nas proximidades de onde pretendia. Outra onda a joga em câmera lenta contra a janela panorâmica do iate.

– Eu nunca passei muito tempo num barco. Imagino que você deva se acostumar – ela diz.

Sua companheira de viagem, Kiran, está deitada de costas no assento sob a janela, com os olhos fechados. Ela não está enjoada. Está entediada. E não dá nenhuma indicação de ter ouvido Jane.

– Deve ter sido assim com tia Magnolia – continua Jane.

– Minha família me dá vontade de morrer – Kiran diz. – Espero que a gente se afogue.

O nome do iate é *Kiran*.

Pela janela panorâmica, Jane vê Patrick, que capitaneia o iate, no deque sob a chuva, encharcado, tentando pegar o cunho de amarração. Ele é jovem, deve ter vinte e poucos, o cabelo curto escuro, pele branca bronzeada e olhos azuis tão brilhantes que Jane os notou de imediato. Alguém deveria estar esperando na doca para ajudá-lo, mas não apareceu.

– Kiran? – Jane chama. – Será que devemos ajudar Patrick?

– Ajudar a quê?

– Não sei. A atracar.

– Está de brincadeira? – Kiran pergunta. – Patrick pode fazer tudo sozinho.

– Tudo?

– Ele não precisa de ninguém – Kiran garante. – Nunca.

– Tá – Jane diz, imaginando se é só seu sarcasmo de sempre se expressando ou se ela tem algum problema específico com Patrick.

Às vezes é difícil saber com alguém como Kiran.

No convés, Patrick consegue pegar o cunho. Com o corpo tenso, ele puxa a corda com os dois braços e aproxima o iate da doca. É meio impressionante. Talvez ele possa *mesmo* fazer tudo sozinho.

– E qual é a do Patrick, aliás?

– O nome dele é Patrick Yellan – Kiran diz. – Cresceu comigo e com Ravi, e agora ele e a irmã caçula, Ivy, trabalham para o meu pai. Os pais também trabalhavam, mas morreram anos atrás num acidente de carro na França. Desculpa – ela acrescenta, olhando para Jane. – Não queria te fazer pensar em acidentes.

– Tudo bem – Jane diz automaticamente, juntando os nomes e fatos às demais informações que conseguiu.

Kiran é inglesa de origem americana por parte de pai e indiana por parte de mãe. Os dois se divorciaram e o pai se casou de novo. Ela é revoltantemente rica. Jane nunca havia tido uma amiga que crescera com empregados. *Kiran é minha amiga?*, ela pensa. *Conhecida? Talvez mentora?* Talvez agora não, mas no passado. Era quatro anos mais velha que Jane e tinha ido fazer faculdade na cidade em que ela morava. Tinha dado aulas particulares de escrita para Jane, que estava no ensino médio.

Jane sabe que Ravi é o irmão gêmeo de Kiran. Nunca o conheceu, embora ele às vezes visitasse a irmã na faculdade. As aulas particulares eram diferentes quando Ravi estava na cidade. Kiran chegava atrasada, com o rosto iluminado, os modos menos rigorosos, menos intensos.

– Patrick é o único responsável pelo trajeto de ida e volta para a ilha? – Jane pergunta.

– Acho que sim – Kiran diz. – Pelo menos de uma parte. Tem outras pessoas envolvidas.

– Ele e a irmã moram na casa?

– *Todo mundo* mora na casa.

– E é bom voltar? – Jane pergunta. – E poder ver os amigos com quem você cresceu?

Jane está jogando verde, tentando descobrir como as relações com os empregados funcionam quando se é tão rico.

Kiran não responde de imediato, só olha para a frente, apertando os lábios.

Jane imagina se sua pergunta foi indelicada.

Então a outra diz:

– Acho que houve um tempo em que ver Patrick de novo, depois de uma longa ausência, fazia eu sentir que estava voltando para casa.

– Ah – Jane diz. – E não mais?

– É complicado – Kiran diz, com um leve suspiro. – E é melhor não falar disso agora. Ele pode ouvir.

Patrick precisaria ter superpoderes para ouvir essa conversa, mas Jane sabe reconhecer uma despistada de assunto quando vê uma. Através da janela e da chuva forte, ela vê as formas vagas de outros barcos, pequenos e grandes, ancorados na baía diminuta. O pai de Kiran, Octavian Thrash IV, é dono dos barcos, da baía, da ilha ao largo da costa leste, das árvores ao vento, da mansão ao longe.

– Como vamos chegar à casa? – Jane pergunta, sem divisar uma estrada. – Vamos nadando na chuva, como mergulhadoras?

Kiran bufa, e surpreende Jane ao lhe lançar um sorrisinho de aprovação.

– De carro – ela diz, sem explicar. – Eu estava com saudades desse seu jeito engraçado de falar. E das suas roupas.

A blusa com padrão em zigue-zague dourado de Jane e a calça vinho de veludo cotelê fazem com que pareça uma das criaturas marinhas de tia Magnolia. Um peixe-palhaço-castanho ou uma garoupa-de-rolo. Jane nunca se veste sem pensar na tia.

– E quando é o baile da primavera? – ela pergunta.

– Não lembro – Kiran diz. – Depois de amanhã? Em dois dias? Provavelmente no fim de semana.

Há uma festa para cada estação na casa de praia de Octavian Thrash IV. Esse é o motivo da viagem de Kiran. Ela voltou para a da primavera.

E dessa vez, por algum motivo inexplicável, convidou Jane, ainda que, até a semana anterior, as duas não se vissem desde a formatura de Kiran, quase um ano antes. Ela tinha surpreendido Jane na livraria do campus onde trabalhava quando fora usar o banheiro, como muitos alunos faziam. Presa atrás do balcão de informações, Jane a viu entrar, com uma enorme bolsa nas mãos e uma expressão de incômodo no rosto. Com qualquer outro fantasma do passado, o primeiro instinto de Jane seria dar as costas, se esconder atrás dos cachos escuros, ficar imóvel. Mas a visão de Kiran Thrash levou Jane imediatamente à estranha promessa que tia Magnolia arrancara dela antes que

partisse em sua última expedição fotográfica.

Ela fizera Jane prometer que nunca recusaria um convite para visitar a propriedade da família de Kiran.

– Ei – Kiran disse naquele dia, parando no balcão. – Janie. É você.

Ela olhou para o braço de Jane, onde tentáculos de águas-vivas tatuadas escapavam por baixo da manga da blusa.

– Kiran – disse Jane, tocando o braço por instinto. A tatuagem era nova. – Oi.

– Você estuda aqui agora?

– Não – Jane disse. – Tranquei o curso. Tirei um tempo para mim mesma. Trabalho aqui, na livraria – ela acrescentou, o que era óbvio e um assunto no qual não queria entrar.

Mas Jane tinha aprendido a bater papo, a preencher o silêncio com falso entusiasmo, a oferecer seus fracassos como iscas nas conversas, porque às vezes permitia que evitasse justamente a próxima pergunta que Kiran fez.

– Como está sua tia?

Seus músculos já haviam memorizado o esforço que precisava fazer agora.

– Ela morreu.

– Ah – disse Kiran, estreitando os olhos. – Não foi à toa que você largou o curso.

Era menos simpática que a reação normal, embora mais fácil de enfrentar, porque causou certa irritação em Jane.

– Eu poderia ter largado de qualquer jeito. Estava odiando. Os outros alunos eram uns metidos e eu ia bombar em biologia.

– Com o Greenhut? – Kiran perguntou, ignorando o comentário de Jane sobre os alunos.

– É.

– Amplamente conhecido como um babaca pretensioso – disse Kiran.

Apesar de seus instintos sugerirem o contrário, Jane sorriu. Greenhut assumia que os alunos já tinham uma boa base de biologia, o que talvez fosse justo, porque ninguém parecia ter tanta dificuldade quanto Jane. Mas tia Magnolia, que havia sido professora adjunta de biologia marinha, não se segurava para falar dele. “Greenhut é convencido, hipócrita e burro”, dissera uma vez, desgostosa. “Sem querer ofender Iô e os outros burros. Ele quer se livrar dos alunos que não fizeram o ensino médio em escolas de elite.” “Está funcionando”, Jane havia dito na época.

Na livraria, Kiran continuou falando:

– Talvez você acabe indo para outra faculdade, longe daqui. Pode ser saudável se afastar um pouco de casa.

– É, talvez.

Jane sempre tinha morado na cidadezinha universitária ao norte do estado, cercada de estudantes aonde quer que fosse. E a matrícula era gratuita para os parentes de professores. Mas talvez Kiran estivesse certa, talvez Jane devesse ter escolhido outra faculdade. Uma pública, onde os outros alunos não fariam com que se sentisse tão... provinciana. Os alunos ali vinham de toda parte do mundo e tinham muito dinheiro. Sua colega de quarto tinha passado o verão no interior da França e, quando descobriu que Jane havia estudado francês na escola, só queria conversar nessa língua sobre cidades das quais ela nunca tinha ouvido falar e queijos que nunca havia comido.

Era desorientador participar das aulas a que ela tinha assistido pelas janelas a vida inteira e se sentir infeliz. Jane acabava passando a maior parte das noites com tia Magnolia, em vez de no dormitório, sentindo que vivia uma versão paralela da sua vida, desconfortável em sua própria pele. Como se fosse uma peça de quebra-cabeça que não se encaixava.

– Você podia estudar arte em algum lugar – Kiran disse. – Você não fazia uns guarda-chuvas legais?

– Eles não são arte – disse Jane. – São guarda-chuvas. E meio zoados.

– Bom, você que sabe – disse Kiran. – Onde está morando?

– Em um apartamento na cidade.

– O mesmo em que morava com sua tia?

– Não – Jane disse, com uma dose de sarcasmo que provavelmente foi desperdiçada com Kiran. Claro que ela não podia pagar pelo mesmo apartamento. – Moro com três alunos da pós.

– E como é?

– É legal – Jane mentiu.

Seus colegas de quarto eram muito mais velhos e estavam sempre ocupados demais com suas investigações intelectuais elevadas para se importar em cozinhar, limpar ou tomar banho. Era como viver com o Corujão cheio de si do *Ursinho Pooh*, só que com uma higiene pior e em dose tripla. Jane quase nunca ficava sozinha. Seu quarto não passava de um armário, pouco propício à customização de guarda-chuvas, que exigia espaço. Era difícil se movimentar sem bater em algum. Às vezes ela dormia com um

trabalho em andamento no pé da cama.

– Eu gostava da sua tia – Kiran disse. – E de você também – ela acrescentou, e então Jane parou de pensar em si mesma e começou a estudá-la.

Alguma coisa nela tinha mudado desde seu último encontro. Kiran costumava se mover como se estivesse sendo impulsionada por pelo menos quatro propósitos urgentes ao mesmo tempo.

– E o que te trouxe à cidade? – Jane perguntou.

Kiran deu de ombros, indiferente.

– Estava dando uma volta.

– Onde você mora?

– No apartamento na cidade.

Jane sabia que ela se referia aos dois últimos andares de uma mansão em Manhattan com vista para o Central Park, bem distante para quem estava só “dando uma volta”.

– Mas vou voltar à ilha para o baile da primavera – Kiran acrescentou. – E talvez fique lá por um tempo. Octavian deve estar *com um humor daqueles*.

– Bom, espero que você se divirta – disse Jane, tentando imaginar como seria ficar hospedada em uma ilha particular com um pai zilionário com um humor daqueles.

– E essa tatuagem? – perguntou Kiran. – É uma lula?

– É uma água-viva.

– Posso ver?

A tatuagem, azul e dourada, ficava no antebraço, com tentáculos finos e espiralados brancos e pretos se estendendo até o cotovelo. Em geral, Jane usava as mangas dobradas para mostrar mais, porque, secretamente, gostava que pedissem para ver.

Ela puxou a manga até o ombro.

Kiran olhou para a água-viva sem alterar a expressão.

– Hum – disse apenas. – Doeu?

– Doeu – confirmou Jane.

Ela tinha feito um bico por três meses como garçonne para pagar.

– É delicada – disse Kiran. – Bem bonita. Quem desenhou?

– É baseada numa foto que minha tia tirou de uma medusa do Pacífico – disse Jane, com certo prazer.

– Ela chegou a ver a tatuagem?

- Não.
- O tempo pode ser mesmo um cretino – Kiran disse. – Venha, vamos beber alguma coisa.
- Quê? – Jane disse, assustada. – Eu?
- Depois do trabalho.
- Não posso beber legalmente.
- Compro um milk-shake pra você.

Aquela noite, no bar, Jane falou sobre como pagava aluguel, comida e seguro de saúde com o salário de um trabalho de meio período em uma livraria; sobre como às vezes, quando estava distraída, pensava que tia Magnolia só tinha partido em uma de suas excursões fotográficas; sobre os desvios que ela se via fazendo para evitar o prédio em que haviam morado. Jane não pretendia falar tudo, mas Kiran era da época em que a vida fazia sentido. Sua presença a confundia. Simplesmente saía.

- Pede demissão – Kiran disse.
- E como vou viver? – Jane perguntou, irritada. – Nem todo mundo pode usar o cartão de crédito sem limite do pai.

Kiran absorveu o golpe sem reagir.

- Você não parece feliz.
- Feliz? – Jane repetiu, incrédula. Kiran continuou a beber seu uísque com tranquilidade, o que deixou Jane profundamente irritada. – E o que você faz, aliás?

- Nada.
 - Bom, e você também não parece exatamente feliz.
- Kiran surpreendeu Jane com uma risada.
- Um brinde a isso – ela disse, então virou o copo, inclinou-se sobre o balcão, pegou um pote de guarda-chuvinhas e escolheu um azul e preto, combinando com a camiseta de Jane e os tentáculos de sua tatuagem. Kiran o abriu com cuidado e girou nos dedos, então ofereceu para Jane, anunciando:
– Para você se proteger.

– Me proteger do quê? – Jane perguntou, examinando o delicado interior do guarda-chuvinha.

- De bobagens – disse Kiran.
- Nossa – disse Jane. – Então todo esse tempo eu poderia ter impedido as

bobagens com um guarda-chuvinha de drinque?

– Talvez só funcione pra bobagenzinhas.

– Obrigada – disse Jane, tentando sorrir.

– Bom, então, eu não trabalho – disse Kiran, encarando Jane por um momento e depois desviando os olhos. – De vez em quando tento alguma coisa, mas nunca consigo. E, pra ser honesta, meio que fico aliviada.

– Qual é o problema? Você tem um diploma. Tirava notas bem boas, não? E fala umas sete línguas, não é?

– Você tá parecendo minha mãe – disse Kiran, mais cansada que irritada. – E meu pai, e meu irmão, e meu namorado, e todo mundo com quem já falei na minha vida.

– Só perguntei.

– Tudo bem – Kiran disse. – Sou uma riquinha mimada que pode se dar ao luxo de ficar sentindo pena de si mesma pelo desemprego. Entendi.

Foi engraçado, porque era exatamente o que Jane estava pensando. Mas, agora que Kiran tinha dito, Jane se ressentia menos.

– Ei, não coloca essas bobagens na minha boca. Estou armada – Jane disse, brandindo o guarda-chuvinha.

– Sabe do que eu gostava na sua tia? – Kiran disse. – Ela sempre parecia saber o que ia fazer em seguida. A gente sentia que era possível simplesmente enxergar a escolha certa.

Sim, Jane tentou responder, mas a verdade daquilo bloqueou sua garganta. Ela pensou em tia Magnolia e engasgou.

Kiran observou, impassível, a expressão de tristeza de Jane.

– Pede demissão e vem comigo para a Tu Reviens – ela disse. – Fique por quanto tempo quiser, Octavian não vai ligar. Cara, ele vai até comprar o que você precisa pros seus guarda-chuvas. Meu namorado está lá, você vai conhecê-lo. E Ravi. Vamos. O que te prende aqui?

Algumas pessoas são tão ricas que nem percebem quando humilham as outras. Que valor havia em todo o cuidado que Jane punha deliberadamente em sua subsistência se o convite indiferente de alguém que era quase uma estranha, nascido do tédio e da vontade de fazer xixi, já a colocava em uma situação financeira mais confortável?

Mas ela não podia recusar, por causa de tia Magnolia. A promessa.

– Janie, querida – a tia dissera quando a sobrinha acordara surpreendentemente cedo uma manhã e a encontrara na banqueta da cozinha.

– Você já acordou?

– E você também – Jane respondera, um tanto surpresa, considerando que *ela* era a insone da família.

Jane apoiara o quadril na beirada da banquetta da tia e se recostou, fechando os olhos e fingindo que ainda dormia. Tia Magnolia era alta, como a sobrinha, e seus corpos se encaixavam. Colocara sua xícara de chá na mão de Jane, que sentira o calor nas palmas e nos dedos.

– Você se lembra da garota que te dava aula de escrita? – tia Magnolia perguntara. – Kiran Thrash?

– Claro – Jane respondera, sorvendo um sonoro gole do chá.

– Vocês alguma vez conversaram sobre a casa dela?

– Aquela com o nome francês? Na ilha do pai?

– Tu Reviens – dissera tia Magnolia.

Jane sabia francês o bastante para traduzir aquilo:

– Você volta.

– Exatamente, querida – dissera tia Magnolia. – Quero que me prometa uma coisa.

– O quê?

– Que se alguém convidar você para ir lá, vai aceitar – ela dissera.

– Tá – Jane concordara. – Mas por quê?

– Ouvi dizer que é um lugar cheio de oportunidades.

– Tia Magnolia – Jane dissera, suspirando e abaixando a xícara para encará-la. A tia tinha uma curiosa mancha azul em meio à íris castanha de um dos olhos, como uma nebulosa ou uma estrela manchada, com seus picos e raios. – De que diabos você está falando?

Tia Magnolia dera uma risadinha que viera do fundo da garganta, enquanto passava o braço em volta de Jane.

– Você sabe que às vezes eu tenho essas ideias malucas.

De fato, a tia era adepta das viagens inesperadas, como acampar em uma área remota dos lagos Finger, onde pernoitar não era exatamente permitido e nem sequer havia sinal de celular. Elas liam à luz da lanterna, ouviam as mariposas batendo contra a lona da pequena tenda iluminada e pegavam no sono ao som dos mergulhões. Então, uma semana depois, tia Magnolia poderia ir para o Japão fotografar tubarões. As imagens com que voltava impressionavam Jane. Podia ser a foto de um tubarão, mas o que Jane via era tia Magnolia e sua câmera, em silêncio na água fria, respirando com um

tanque de oxigênio, esperando pela visita de uma criatura que poderia muito bem ser alienígena, de tão estranhos que eram os habitantes do mundo submarino.

– Você é maluca – Jane dissera. – E maravilhosa.

– Mas não peço que prometa muita coisa, não é?

– Não.

– Então me prometa isso.

– Tudo bem – Jane dissera. – Por você, prometo que nunca vou recusar um convite para ir à Tu Reviens. Mas por que está acordada?

– Tive uns sonhos estranhos – ela dissera.

Dias depois, a tia partira numa expedição para a Antártida, fora pega por uma nevasca quando estava longe do acampamento e morrera congelada.

O convite de Kiran trazia tia Magnolia para perto de um jeito que nada nos últimos quatro meses tinha conseguido.

Tu Reviens. Você volta.

É desconfortável estar tão longe de casa, com todas as suas ansiedades costumeiras substituídas por novas. Octavian saberia que a filha convidou Jane? E se ela ficar de vela depois que Kiran encontrar o namorado? Como se deve agir com pessoas que têm iates e ilhas particulares?

Dentro do *Kiran*, com a chuva caindo forte do outro lado da janela, Jane procura respirar fundo, devagar e constantemente, como tia Magnolia a ensinou.

“Vai ajudar quando for aprender a mergulhar”, ela costumava dizer quando a sobrinha era pequena, com cinco, seis ou sete anos. No entanto, as aulas de mergulho nunca se materializaram.

Inspira, Jane pensa, focada na barriga expandindo. *Expira*. Ela sente o torso abaixar. Olha para a casa, flutuando acima deles na tempestade. *Tia Magnolia nunca se preocupava. Só seguia em frente.*

Jane de repente se sente como uma personagem de um romance de Edith Wharton ou das irmãs Brontë. *Sou uma jovem de meios reduzidos, sem parentes ou perspectivas, convidada por uma família rica para sua propriedade glamourosa. Pode ser o início da minha jornada heroica?*

Ela vai precisar escolher um guarda-chuva apropriado para isso. Será que Kiran vai achar esquisito? Há algum que não seja constrangedor? Jane se

ajoelha para abrir uma de suas caixas e dá de cara com a escolha perfeita. O cetim do pequeno guarda-chuva alterna marrom-escuro com rosa-acobreado. A estrutura é de latão antigo, mas forte. Ela poderia empalar alguém com a ponta.

Jane o abre. O mecanismo range, os arames parecem distorcidos e o tecido se estende desigual.

É só um guarda-chuva torto e idiota, ela pensa, segurando as lágrimas. Por que estou aqui, tia Magnolia?

Patrick enfia a cabeça no compartimento. Seus olhos piscam para Jane, então se concentram em Kiran.

– Estamos atracados, Kir – ele diz. – O carro já está esperando.

Kiran se levanta sem nem olhar para o rapaz. Então, enquanto ele volta para o deque, ela o observa pela janela, descarregando caixas de madeira nos ombros. Os olhos de Patrick encontram os dela, mas Kiran desvia o rosto.

– Pode deixar suas coisas – ela diz a Jane sem dar muita importância àquilo. – Patrick vai levar depois.

– Tá – Jane concorda, com a certeza de que há algo entre Patrick e Kiran.

– E quem é seu namorado, aliás?

– Ele chama Colin e trabalha com meu irmão. Vocês já vão se conhecer. Por quê?

– Por nada.

– Você fez esse guarda-chuva? – Kiran pergunta.

– Fiz.

– Imaginei. É a sua cara.

Claro que sim. Caseiro e esquisito.

As duas saem na chuva. Patrick estende a mão firme para Jane, mas ela segura em seu antebraço sem querer. Ele está ensopado. Patrick Yellan, Jane nota, tem braços lindos.

– Cuidado – Patrick diz em seu ouvido.

Em terra firme, Kiran e Jane correm para um carro preto enorme na doca.

– Foi Patrick quem me chamou para vir para o baile – Kiran grita na chuva.

– Quê? – grita Jane, afobada. Ela tenta proteger Kiran com o guarda-chuva, o que acaba fazendo um rio de água gelada escorrer no próprio

pescoço. – Sério? Por quê?

– Vai saber. Ele disse que precisa me confessar uma coisa. Sempre faz uns anúncios assim, e aí não diz nada.

– Vocês... são próximos?

– Para de tentar me proteger da chuva – Kiran diz, abrindo a porta do carro. – Só estamos nos molhando mais.

Então há uma estrada que começa na baía e contorna a base da ilha em sentido horário, até subir gradualmente o penhasco em uma série de curvas em ferradura.

Não é uma viagem tranquila com o Rolls-Royce na chuva; o carro parece grande demais para fazer as curvas sem escapar um pouco da pista. A motorista tem cara de buldogue e dirige como se tivesse que pegar um trem. Grisalha, com olhar duro, pele clara e maçãs do rosto pronunciadas, usa legging e camiseta pretas e um avental com manchas de comida. Ela encara Jane pelo retrovisor. A garota estremece, inclinando a cabeça para que os cachos indomados escondam seu rosto.

– Por que está de avental, sra. Vanders? – Kiran pergunta. – Estamos com pouco pessoal de novo?

– Um grupo que não era esperado acaba de chegar – ela explica. – O baile da primavera é depois de amanhã. Cook está enlouquecendo.

Kiran recosta a cabeça no apoio do assento e fecha os olhos.

– Quem chegou?

– Phoebe e Philip Okada – a sra. Vanders diz. – Lucy St. George...

– Assim meu irmão me mata – Kiran diz, interrompendo.

– Ele próprio ainda não apareceu – a sra. Vanders diz, com certo peso.

– Que choque – Kiran diz. – Estamos esperando algum ladrão de banco?

A sra. Vanders grunhe e diz:

– Imagino que não.

– Ladrão de banco? – Jane pergunta.

– Bom – Kiran prossegue, ignorando-a –, eu avisei que minha amiga viria, então espero que haja um quarto só para ela. Janie precisa de espaço.

– Reservamos a suíte vermelha na ala leste, com um escritório adjunto que recebe o sol da manhã – a sra. Vanders diz. – Infelizmente, não tem vista para o mar.

– É longe de mim – Kiran reclama. – E perto do Ravi.

– Bom – a sra. Vanders diz, subitamente abrandando a expressão –, ainda

temos sacos de dormir, se quiserem ficar todos juntos. Você, Ravi e Patrick gostavam de fazer isso quando crianças, lembra? Ivy era pouco mais que um bebê e implorava para ficar com vocês.

– Tostávamos marshmallows na lareira do quarto de Ravi – Kiran explica para Jane. – O sr. Vanders e Octavian não tiravam os olhos de nós, certos de que íamos nos queimar.

– Ou incendiar a casa – completa a sra. Vander.

– Ivy se enchia de doce e acabava dormindo logo – Kiran diz, saudosa. – E eu dormia entre Ravi e Patrick em frente à lareira.

As memórias vêm, muito nítidas. Memórias têm vontade própria. Ficar sentada com tia Magnolia na poltrona vermelha, ao lado do radiador que estalava e assoviava. Liam os dois primeiros livros do Ursinho Pooh. “Eu vou numa expedição!”, tia Magnolia dizia quando Christopher Robin liderava uma ao Polo Norte. Às vezes, se a tia estivesse cansada, as duas liam em silêncio, lado a lado. Jane tinha cinco, seis, sete, oito. Se tia Magnolia tivesse colocado meias na secadora, o ar cheirava a lã.

O carro se aproxima dos fundos da casa, vai até a frente e para na garagem. Não é mais um barco esse lugar que Jane agora vê tão de perto. É um palácio.

A sra. Vanders abre uma portinha menor inserida naquela pela qual passaria um elefante. Não há um comitê de boas-vindas do outro lado.

Jane e Kiran adentram o salão com pé-direito alto e piso quadriculado. Pequenas poças se formam onde quer que Jane pise. Antes da sra. Vanders fechar a porta, uma corrente de ar atinge os ouvidos de Jane, quase como se algo lhe fosse sussurrado. Ela esfrega as orelhas, distraída.

– Bem-vinda à Tu Reviens – a sra. Vanders diz, brusca. – Fique longe dos aposentos dos empregados. Não temos espaço para visitantes na cozinha e o sótão da ala oeste é labiríntico e perigoso. Você deve ficar satisfeita com seu quarto e com a área comum no térreo.

– Não seja tão ogra, Vanny – Kiran diz, calma.

– Só quero impedir que sua amiga pise num prego no sótão – ela diz, então sai andando e desaparece pela porta.

Incerta se deve segui-la ou não, Jane ameaça dar um passo, mas Kiran levanta a mão para impedi-la.

– Ela está indo para a cozinha proibida – diz, com um meio sorriso. – Eu te mostro tudo. Este é o hall de entrada. É ostensivo o bastante pra você?

Há escadas iguais à esquerda e à direita, levando para o segundo andar e para o terceiro. O teto impossivelmente distante a deixa quase tonta. Sacadas se estendem pelo segundo e pelo terceiro andares, com arcadas pontuando a parede alta em intervalos. Músicos poderiam se posicionar nas sacadas, mas elas também servem como pontes que conectam as alas leste e oeste. As arcadas brilham um pouco com a luz natural, como se a parede fosse um rosto com dentes reluzentes. Adiante, no térreo, há outra arcada além da qual se pode ver um jardim e o toque suave da iluminação natural. Jane ouve o som da chuva batendo no vidro. Não consegue entender direito o que há ali, no que deveria ser o centro da casa.

– É o pátio veneziano – Kiran explica, notando sua expressão e se dirigindo à arcada. Ela parece se entregar. – É a parte mais legal da casa.

– Ah – Jane diz, tentando ler o rosto de Kiran. – Então é seu lugar favorito?

– Sei lá – Kiran diz. – Só torna mais difícil odiar esse lugar.

Jane estuda Kiran em vez do pátio. Seu rosto moreno e pálido está voltado para o teto de vidro, onde a chuva bate. Ela não é bonita. É o tipo de garota comum que um bom dinheiro pode transformar em bonita. Mas Jane se dá conta de que gosta do nariz arrebitado, do rosto franco, do cabelo preto e sem volume.

Se ela odeia esse lugar, Jane se pergunta, por que veio quando Patrick convidou? Ou será que simplesmente odeia qualquer lugar?

Jane vira para olhar para o mesmo que Kiran.

Bom. Que espaço excelente para enfiar no meio de uma casa; todas deveriam ter um assim. É um átrio com teto de vidro, se estendendo pelos três andares, com paredes de uma pedra rosa pálida, uma floresta de árvores esguias no centro, pequenos jardins floridos em terraços e uma fonte derramando água pela boca de um peixe. No segundo e no terceiro andares, longas cascatas de capuchinhas laranjas caem das sacadas.

– Vem – Kiran diz. – Vou te mostrar seu quarto.

– Não precisa – Jane diz. – Só me diga pra onde ir.

– Vai me dar uma desculpa para adiar o encontro com Octavian – Kiran diz. Alguém ri numa sala não muito distante. Ela faz uma careta. – E com os convidados. E com Colin – Kiran acrescenta, pegando o pulso de Jane para

puxá-la de volta para o hall de entrada.

É estranho ser tocada por alguém tão irritada quanto Kiran. Jane não sabe dizer se é reconfortante ou se faz com que se sinta encurralada.

– Como Colin é?

– Ele negocia arte – Kiran diz, sem responder diretamente à pergunta. – Trabalha para o tio, que é dono de uma galeria. Tem mestrado em história da arte e deu aula para o meu irmão durante a pós, foi como se conheceram. Mas, mesmo se tivesse estudado, tipo, astrofísica, provavelmente teria acabado trabalhando para o seu tio Buckley. É o que acontece com todo mundo na família. Pelo menos os estudos *dele* serviram para alguma coisa.

Kiran é formada em religião e línguas, e aparentemente os estudos *dela* não serviram para nada. Jane lembra que uma vez ela fez um trabalho sobre grupos religiosos que trabalhavam com o governo para encorajar a conservação ambiental que deixou tia Magnolia fascinada. Ela e Kiran tinha conversado longamente a respeito. A tia sabia muito mais sobre política do que Jane imaginava.

Kiran pega a escada leste, à esquerda. As paredes na subida estão cobertas por uma coleção bizarra de quadros de diferentes períodos e estilos. Em cada patamar há uma armadura completa.

No segundo andar, há uma pintura a óleo particularmente grande e realista de uma sala com piso quadriculado com um guarda-chuva aberto, como se posto para secar. Jane sente quase como se pudesse entrar nele.

Um basset hound desce as escadas, para e encara Jane. Então começa a pular e arfar com interesse crescente. Quando ela passa, ele se vira para segui-la com lentidão devido ao corpo alongado. Mas basset hounds não foram feitos para escadas: ele pisa na própria orelha e solta um latidinho de dor. Logo fica para trás. Ele ladra.

– Ignora o Jasper – Kiran diz. – Ele tem distúrbio de personalidade.

– Qual é o problema dele? – Jane pergunta.

– Ele nasceu nessa casa.

Jane nunca teve uma suíte só para ela.

O celular de Kiran toca quando passam pela porta. Ela vê quem é e faz uma careta.

– A porra do Patrick. Aposto que não tem nada para dizer. Bom, vou

deixar você sozinha para explorar – Kiran diz, voltando para o corredor.

Jane está livre para encarar seus aposentos sem precisar esconder a admiração. O banheiro, com azulejos dourados e banheira, é tão grande quanto seu antigo quarto, e o quarto é enorme, com a cama king parecendo uma montanha que vai ter que escalar depois para dormir nas nuvens. As paredes são de um tom raro de vermelho-claro, como uma das primeiras e breves cores do nascer do sol. Poltronas de couro gostosas estão diante de uma lareira gigante. Jane abre o guarda-chuva para secar, notando a pilha de lenha e se perguntando como se acende o fogo.

As paredes do lado leste do escritório, atrás de outra porta, são de vidro, provavelmente para pegar o sol da manhã. Isso a aproxima da chuva, o que é agradável. Uma tempestade pode ser reconfortante quando não se está embaixo dela.

Do lado de fora, jardins formais se estendem até um longo gramado e uma floresta que desaparece na neblina, como se a casa e o terreno flutuassem acima da normalidade, tendo Jane como sua passageira. Bom, Jane e a menina enlameada cavando buracos com uma pá lá embaixo, o cabelo curto ensopado da chuva. Devia ter sete ou oito anos. Ela levanta o rosto e olha para a casa.

Tem alguma coisa familiar no seu rosto? Jane a reconhece?

A menina muda de posição e a sensação passa.

Depois de inspecionar o escritório (escrivania antiga, sofá listrado, poltrona floral, tapete felpudo amarelo e quadros aleatórios nas paredes), ela volta ao quarto e se enrola num cobertor escuro e macio que estava ao pé da cama.

Um ruído baixo de algo arranhando a leva até a porta principal. Jane abre uma fresta.

– Você conseguiu – ela diz, enquanto o cachorro se arrasta para dentro. – Admiro sua perseverança.

Jasper é um basset hound clássico, com pelagem marrom, preta e branca; tem focinho alongado, orelhas compridas, pernas curtas, olhos, boca e orelhas caídos. É uma criatura que sofre com a gravidade. Quando Jane ajoelha e oferece uma mão, ele a cheira. Então lambe, timidamente. E por fim apoia o corpinho na calça encharcada dela.

– Você é perfeito – Jane diz, coçando sua cabeça num ponto em que suspeita que ele não alcança.

– Ah – diz uma voz à porta, parecendo surpresa. – Você é Janie?

Jane levanta o rosto para olhar para uma garota alta que só pode ser a irmã de Patrick Yellan, a julgar por sua aparência, seu tom de pele e seus olhos azuis brilhantes.

– Sou. Você é Ivy?

– Isso. Quantos anos você tem?

– Dezoito – Jane diz. – E você?

– Dezenove. Kiran disse que ia trazer uma amiga, mas não mencionou que tinha minha idade.

Ivy se recosta no batente da porta. Parece tão confortável com seu jeans skinny cinza e seu moletom vermelho de capuz que poderia ter dormido com aquela roupa. Ela pega uns óculos de armação escura no bolso canguru e o coloca.

De repente Jane se sente esquisita com a blusa em zigue-zague dourado e a calça vinho de veludo cotelê cheia de pelos de cachorro, como uma anomalia evolutiva. Um pelicano de patas azuis ao lado de uma garça graciosa.

– Adorei sua roupa – Ivy diz.

Jane fica impressionada.

– Você lê mentes.

– Não – Ivy diz, com um sorriso rápido e travesso. – Por quê?

– Estava pensando a mesma coisa.

– Isso é esquisito – Ivy diz. – Hum, e zepelins?

– O que tem eles?

– Estava pensando nisso?

– Não.

– Então podemos ficar tranquilas.

– O quê? – Jane pergunta, tão confusa que até ri.

– A menos que *estivesse* pensando em zepelins.

– Acho que nunca pensei em zepelins – Jane diz.

– Bom, é uma palavra aceita nas Palavras Cruzadas – Ivy diz –, mesmo sendo um nome próprio.

– Zepelins?

– É – ela diz. – Bom, na verdade, zepelin, no singular. Uma vez eu coloquei e Kiran me desafiou, porque os zepelins receberam o nome do conde Ferdinand von Zeppelin ou algo assim, mas está no dicionário de Palavras Cruzadas. Ganhei duzentos e cinquenta pontos. Ai, meu Deus.

Desculpa. Pareço uma louca.

– Não...

– Não, sério – ela diz. – Juro que normalmente não sofro de diarreia verbal. E não fico me gabando de minhas vitórias nas Palavras Cruzadas dois minutos depois de conhecer alguém.

– Tudo bem – Jane diz, porque se sente confortável com pessoas que falam com tanta facilidade. Dão menos trabalho e fazem com que ela sinta que sabe onde está pisando. – Não sou muito de Palavras Cruzadas, então não sei o que significa duzentos e cinquenta pontos. Pode ser a média, até onde eu sei.

– É uma pontuação alta pra caralho pra uma só palavra – Ivy diz, então fecha os olhos. – Sério, qual é o meu problema?

– Eu estou achando ótimo – Jane diz. – Gostaria de ouvir mais sobre Palavras Cruzadas.

Ivy abre um sorriso agradecido.

– Na verdade, eu tinha um motivo para vir – ela diz. – Fui eu que arrumei seu quarto. Só queria conferir se estava tudo bem.

– Mais do que bem – Jane diz. – Quer dizer, tem lareira e banheira.

– Não está acostumada com isso?

– Meu último quarto era mais ou menos do tamanho dessa cama – Jane diz, apontando.

– Era um armário sob a escada?

– Não era tão ruim assim – Jane diz, sorrindo diante da referência a Harry Potter.

– Que bom – Ivy diz. – Não precisa de nada?

– Não quero que pense que precisa cuidar de mim.

– Ei, é o meu trabalho – Ivy diz. – É só dizer do que precisa.

– Bom – Jane diz. – Tem algumas coisinhas que seriam úteis, mas não *preciso* delas, e não são o que você deve estar esperando.

– Tipo o quê?

– Uma serra circular – Jane diz. – Um torno mecânico.

– ã-hã – Ivy diz, sorrindo de novo. – Vem comigo.

– Você vai me levar até uma serra circular e um torno? – Jane pergunta, devolvendo o cobertor à cama.

– Tem de tudo nesta casa.

– E você sabe onde tudo fica?

Ivy pensa a respeito com cuidado enquanto o cachorro as segue pelo

corredor.

– A maioria das coisas, imagino. Mas tenho certeza de que a casa guarda segredos de mim.

Jane é alta, mas Ivy é mais ainda, com pernas que parecem nunca terminar. As passadas delas mais ou menos se equivalem. O cachorro tenta acompanhá-las.

– É verdade que Jasper tem um distúrbio de personalidade? – ela pergunta.
– Kiran disse isso.

– Ele pode ser meio peculiar – Ivy diz. – Não faz cocô se tem alguém por perto, só fica encarando como se você estivesse sendo incrivelmente mal-educado. E é obcecado por um quadro na sala azul.

– Como assim?

– Ele fica sentando só olhando pra ele, meio que suspirando.

– É de um cachorro?

– Não, é uma cidade sem graça à beira d'água, só que tem duas luas no céu. E às vezes Jasper desaparece por dias. Cook diz que é nosso pequeno desajustado. E também tem uma origem misteriosa: apareceu depois de um baile, quando era filhote, como se um dos hóspedes o tivesse deixado para trás. Mas ninguém nunca o procurou. Então ficou com a gente. Ele incomoda você?

– Nem um pouco – Jane diz. – Esta casa... – ela acrescenta, enquanto Ivy a conduz pelo corredor na direção do átrio central.

Há um tapete de urso-polar, com a cabeça e olhos de vidro, no meio do caminho. Parece pele de verdade. Franzindo o nariz, Jane dá a volta nele, depois esfrega as orelhas, tentando se livrar de um ruído. É como se a casa estivesse murmurando ou cantando, um gemido fraco e agudo produzido pelo ar entrando por algum lugar, embora Jane não esteja realmente consciente dele. Ruídos de fundo podem entrar no inconsciente das pessoas e ficar ali e até promover mudanças sem disparar nenhum alarme.

Ivy diminui o ritmo conforme se aproxima do centro da casa. As duas estão no último andar, o terceiro, e ela pega o corredor à esquerda. Jane a segue e se vê em uma das sacadas que viu do hall de entrada. Dá para ver o mesmo saguão de um lado e o pátio de outro.

Ivy para em um dos arcos que dão para o pátio. Alguém deixou uma câmera com uma lente sofisticada no parapeito. Ela a pega e a coloca no pescoço. Jane se coloca ao seu lado, respirando fundo para evitar a vertigem,

e Jasper enfia a cabeça entre os balaústres.

– Jasper – Jane diz, assustada, fazendo menção de pegar sua coleira e então percebendo que ele não usa uma. – Cuidado!

O cachorro demonstra que não poderia cair, fazendo força em vão para passar pelo buraco e olhando para Jane com uma expressão de “Não falei?”. Não é uma demonstração reconfortante.

– Não se preocupe – Ivy diz. – Ele não vai cair. É grande demais.

– Dá para ver – Jane diz –, mas eu ainda preferiria que ele tomasse cuidado. Respeite a altura, seu orelhudo!

Ivy deixou escapar uma risadinha.

– Quixotesco – ela disse.

– Quê?

Ela balança a cabeça em descrença.

– Desculpa, acabei de perceber que eu poderia ter escrito “quixotesco” em vez de “zepelim” e teria marcado ainda mais pontos. Porque tem “x” e “q”. São letras valiosas – ela explica, como que se desculpando –, porque são raras. Você me faz querer falar. É uma compulsão. Preciso de uma mordaca.

– Já disse que não ligo – Jane confirma, então nota as palavras na alça da câmara no pescoço de Ivy: *Sou o Lobo Mau. Eu me criei.*

É uma referência a *Doctor Who*.

– Você é fã de ficção científica?

– É, acho que sim – Ivy diz. – E de fantasia.

– Quem é seu Doctor favorito?

– Gosto mais das *companions* – Ivy diz. – O Doctor é todo trágico e infeliz e o último do seu tipo, e até entendo o apelo, mas prefiro Donna Noble e Rose Tyler. E Amy, Rory, Clara Oswald e Martha Jones. Ninguém mais gosta de Martha Jones, mas acho que ela é ótima. Bota pra quebrar.

Jane assente.

– Entendi.

– Você ia perguntar alguma coisa sobre a casa – Ivy diz. – Antes?

– A decoração – Jane diz. – Os quadros e tudo o mais. É tudo meio... aleatório?

Ivy apoia os cotovelos no parapeito.

– É totalmente aleatório – ela diz. – *Propositalmente* aleatório, na verdade. Cento e poucos anos atrás, quando o primeiro Octavian Thrash estava construindo a casa, ele, hã, como posso colocar? *Anexou* partes de casas do

mundo inteiro.

– Anexou? – Jane pergunta. – Como assim? Como a Rússia anexou a Crimeia?

Ivy sorri.

– É, basicamente. Algumas casas estavam sendo remodeladas ou demolidas. Octavian comprou parte delas. De outras, é difícil definir como se apoderou.

– Está dizendo que foi roubo?

– Sim – Ivy confirma. – Ou comprou coisas roubadas. Por isso os pilares não combinam, nem os tijolos, nem nada. É a mesma coisa com as obras de arte e com os móveis. Ao que parece, chegavam barcos cheios de porcaria aleatória, uma porta da Turquia, um corrimão da China, um vitral da Itália, uma coluna do Egito, uma pilha de tacos de uma cozinha escocesa. Até o esqueleto é feito de partes que ele encontrou espalhadas.

– Então... a casa é tipo o monstro do Frankenstein?

– Falando em ficção científica... Ou uma coisa meio canibal.

– Será que vai comer a gente?

Ivy sorri de novo.

– Bom, ainda não comeu ninguém.

– Então posso ficar.

– Ótimo – ela diz.

– Algumas obras parecem mais recentes.

– A sra. Vanders e Ravi fazem as aquisições agora. Têm a permissão de Octavian para gastar seu dinheiro.

– Que tipo de coisa eles compram?

– Coisas valiosas. De bom gosto. Nada roubado. Ravi trabalha negociando arte em Nova York, com o namorado de Kiran, Colin. É o trabalho dos sonhos dele. Acho que chora de alegria todo dia ao ir para a galeria. Ele é louco pelo assunto – ela acrescenta, notando a expressão intrigada de Jane. – É conhecido por dormir embaixo do Vermeer. Tipo, no corredor, em um saco de dormir.

Jane tenta imaginar um homem adulto dormindo no chão, embaixo de um quadro.

– Vou tentar me lembrar disso, caso esteja andando pelos corredores alguma noite.

– Haha! Quando ele era criança, quis dizer. Não faz mais isso agora. Ravi

também costumava brincar com as obras. Esculturas como o peixe de Brancusi ou as armaduras.

Jane tenta absorver as informações enquanto a chuva bate no teto de vidro do pátio.

– E esse pátio? – ela pergunta, olhando para as pedras rosas, os terraços medidos, as pencas de capuchinhas. – Parece equilibrado. Não tem nada de aleatório aqui.

– Hum-hum – Ivy diz com um sorrisinho torto. – O primeiro Octavian resgatou a coisa toda de um palácio veneziano que estava sendo desmontado. Chegou em um barco, inteirinho.

Há algo de absurdo em um barco com três andares vazios passando pela península italiana, pelo Mediterrâneo e atravessando o Atlântico.

– Esta casa é meio assustadora – Jane diz.

– Estamos indo para os aposentos dos empregados – Ivy diz. – É simples e aconchegante, sem ursos-polares mortos.

– O tapete também incomoda você?

Ivy dá de ombros, pesarosa.

– Para mim ele é só o capitão Peludão.

– Oi?

– É como Kiran e Patrick o chamavam quando eram pequenos. Achavam hilário. O sr. Vander tinha um nome para ele também – Ivy diz, fazendo uma careta como quem se esforça para lembrar. – Urso bipolar, acho. Ele gosta de psicologia. Até que é engraçado.

– É – Jane diz. – Minha tia era ambientalista. Ela tirava fotos de ursos-polares em vez de fazer tapetes deles.

– Falando no diabo – Ivy diz, olhando para o pátio abaixo, quando um homem mais velho atravessa.

Ele é alto e negro, tem cabelo branco e usa roupa preta. Carrega no colo uma criança de dois ou três anos. Tudo o que Jane pode ver dela de cima é o cabelo escuro e encaracolado, a pele bronzeada e os braços e pernas se debatendo.

– Por quê? – a criança grita, se contorcendo. – Por quê? Por quê?

– Kiran não mencionou que haveria tantas crianças aqui – Jane diz, pensando na menininha que tinha visto cavando no jardim.

Ivy fica em silêncio.

– Aquele era o sr. Vanders – ela diz. – Ele é o mordomo e a sra. Vanders é

a governanta. Eles administram uma equipe bem grande. O sr. Vanders está sempre com pressa.

– Hum – Jane diz apenas, notando que Ivy não disse nada sobre a criança e que seu rosto e sua voz parecem controlados, o que é esquisito. – Você comentou que estamos indo para os aposentos dos empregados, mas a sra. Vanders disse que não tenho permissão.

– A sra. Vanders não morde. – Ivy diz, com uma aspereza repentina.

– Oi?

– Desculpa. – Ela parece arrependida. – Mas a sra. Vanders não manda na casa, embora aja assim. Você pode fazer o que quiser.

– Tá.

Jane quer ver a casa, cada partezinha dela. Mas não quer que ninguém grite com ela por isso.

– Vamos – Ivy diz, insistente. – Se a virmos é só fingir que você não sabe onde estamos. Você pode me culpar.

Ela anda de costas na ponte, para encarar Jane e motivá-la a segui-la. Então abre seu sorriso atrevido e Jane não consegue dizer não.

– Cada vez que entro numa área diferente parece que estou em outra casa.

Jane gira nos calcanhares, examinando as paredes verde-claras, inesperadamente serenas e sem adornos, dos aposentos dos empregados, na ala oeste do terceiro andar. Há uma série de portas alinhadas em corredores laterais curtos, ramificações do corredor principal.

– Você tem que ver a pista de boliche – Ivy diz – e a piscina interna.

Jane se dá conta de que está sentindo um cheiro leve e até agradável de cloro desde que Ivy chegou.

– Você nada sempre?

– Sempre que tenho tempo. Pode usar a piscina quando quiser. Me diga se quiser que te mostre o vestiário e tal. Este é o meu quarto – ela acrescenta, apontando para uma porta fechada num corredor curto. – Espera um pouco, vou só guardar a câmera.

– O que você estava fotografando?

– As obras – ela diz. – Já volto.

Ivy deixa Jane no corredor principal, e Jasper se apoia nas suas pernas, suspirando. Suas roupas já estão razoavelmente secas, ou pelo menos ela não

se sente mais encharcada e gelada. Mas está exposta aqui. Pensa na sra. Vanders vigiando-a com desaprovação de um dos cantos. E gostaria de ver o quarto de Ivy. Será que os empregados também têm lareiras e banheiras? Ivy está sempre trabalhando? Ela consegue viajar para Nova York, como Kiran? Faz faculdade? Como fazia para ir à escola? Aliás, como Kiran fazia?

Ivy volta.

– Você tem uma banheira?

– Bem que eu queria – ela diz, sorrindo. – Quer ver o quarto?

– Claro.

Jane e Jasper seguem Ivy até um quarto espaçoso com dois ambientes distintos: o da cama, perto da porta, e o dos computadores, que ocupa a maior parte do restante. Jane nunca imaginou que alguém pudesse precisar de tantos computadores. Há um emaranhado de fios ao lado de um dos teclados, junto com duas das maiores lanternas que Jane já viu. Desenhos grandes e precisos – plantas ou algo do tipo – cobrem as paredes. Olhando mais de perto, Jane se dá conta de que mapeiam o interior da casa tão detalhadamente que mostram papel de parede, tapetes e obras de arte.

– Você que fez? – Jane pergunta.

– Hum-hum – confirma Jane. – É a casa.

– Uau.

Jane reconhece algumas coisas: o pátio veneziano, o piso quadriculado do hall de entrada, o tapete de urso-polar.

Ivy parece envergonhada.

– Patrick e eu dividimos o banheiro no corredor – ela diz. – O sr. e a sra. Vanders têm uma suíte, com banheira e tudo.

– Pode usar a minha se quiser.

– Obrigada – Ivy diz, soltando o coque bagunçado, sacudindo o cabelo e prendendo de novo.

Um cheiro de cloro e jasmim toma conta de tudo.

– Marzipã – Ivy diz, do nada, enquanto termina de ajeitar o cabelo.

Jane já se acostumou com isso.

– O que tem?

– Outra palavra boa que eu poderia ter usado, por causa da posição do “z”.

– Você está sempre pensando em boas opções para as Palavras Cruzadas.

– Não. Só depois que você chegou.

– Acho que vou ser boa para seu desempenho então.

– Parece que sim. O cérebro é uma coisa estranha – Ivy diz, saindo do quarto e guiando Jane e Jasper por mais corredores e portas.

– Se cresceu aqui – Jane pergunta –, como ia para a escola?

– Estudamos todos aqui – Ivy explica. – Nossos tutores eram Octavian, o sr. Vanders e a primeira sra. Thrash.

– Era esquisito? Estudar em casa, numa ilha isolada?

– Provavelmente – Ivy diz, com um sorriso –, mas parecia normal para mim.

– Você quer fazer faculdade?

– Tenho pensado a respeito – Ivy diz. – Bastante, na verdade. Estou economizando e fiz o exame de admissão da última vez que estive na cidade. Mas ainda não comecei a mandar inscrições.

– O que você quer estudar?

– Não tenho ideia. Isso é ruim? Eu deveria ter minha vida inteira planejada?

– Bom, eu larguei a faculdade – Jane diz, sem saber muito bem que postura adotar quando Ivy a olha com curiosidade. *Estou bem? Não estou bem? Me sinto uma idiota? Me deixa em paz, minha tia morreu?*

– Desculpa, não quis pressionar você – Ivy diz. – Não tem nada de errado nisso.

– Mas a sensação não é muito boa – Jane diz.

– Isso não quer dizer que é errado – Ivy diz, pensativa.

Parece algo que tia Magnolia diria, embora ela fosse anunciar como uma pérola de sabedoria, enquanto Ivy dizia como uma nova possibilidade, em que estava pensando pela primeira vez. Elas chegam a uma porta no fim do corredor, feita de tábuas grosseiras e com uma trava de ferro pesada em vez de maçaneta. Ivy a abre e revela um patamar com portas de elevador logo à frente e escadas levando para cima e para baixo. Ela acende as luzes e tudo se ilumina.

– Estamos no sótão da ala oeste – Ivy explica antes que Jane possa perguntar. – A oficina fica lá em cima.

– Outro lugar que a sra. Vanders disse que era proibido. E perigoso.

Ivy bufa e começa a subir as escadas.

– Dá uma olhada. Se concordar com ela, nem entramos.

– Tá – Jane diz, fingindo ser a transgressora que não é, porque não quer perder o respeito de Ivy. – Nossa – ela acrescenta quando avista uma enorme

sala à sua frente, com fileiras de bancadas vazias, quase como uma oficina de marcenaria escolar.

Com janelas altas e vigas de madeira, a oficina é do tamanho de toda a ala oeste e cheira a óleo e serragem. A chuva bate contra o telhado. Pelas janelas, Jane mal pode ver o pináculo na porção leste da casa, perfurando as nuvens de tempestade.

É um espaço amplo e arrumado que parece um celeiro, sem um único parafuso solto ou viga instável. Jane perambula por ali, com Ivy em seu encalço. Um baú inacabado chama sua atenção. É de nogueira – Jane sabe bastante sobre madeira. A tampa é entalhada com cachalotes (Jane também sabe bastante sobre baleias). Na superfície da água, está uma garota em um barco a remo, sem ter ideia do que há embaixo dela.

– Quem fez isso? – Jane pergunta.

– Ah – Ivy diz, parecendo constrangida, mas satisfeita. – Fui eu.

– Sério? Você também faz móveis? É lindo!

– Obrigada. Faz um tempão que está parado. Não tenho tempo para projetos grandiosos. Mas meu irmão e eu terminamos um barco há pouco tempo.

– Você e Patrick fizeram um barco aqui?

– É. Um barco a remo. Tivemos que descê-lo pela janela, usando cordas. Tem um elevador de carga grande e um menor – Ivy diz, acenando na direção da escada. – Mas era um barco, né?

Um barco que eles fizeram com as próprias mãos. Jane fazia guarda-chuvas impermeáveis, mas não era como se alguém fosse se afogar caso errasse.

– Vocês já usaram o barco?

– Claro – Ivy diz. – É bem legal.

Quem constrói um barco em seu tempo livre e depois o leva para o mar e consegue usá-lo com sucesso? Provavelmente enquanto pensava em palavras com alta pontuação nas Palavras Cruzadas e era corajosa e ousada?

– Tem uma serra circular em algum lugar nos fundos – Ivy diz –, e temos alguns tipos de tornos.

– Obrigada – diz Jane, ligeiramente desolada.

– Fique à vontade para pegar o que precisar.

– Obrigada – ela repete, esperando que Ivy não pergunte o que pretende fazer.

A casa geme e resmunga, como que simpatizando com os sentimentos de Jane. *Como casas antigas fazem*, Jane pensa. Ela a imagina encolhida, com as costas para o céu, tremendo no centro, que precisa manter quente, sentindo a chuva forte contra a pele.

Há uma salinha de vidro independente perto das escadas. Tem uma mesa lá, onde está apoiado um quadro grande de um homem branco com ombros caídos, usando uma boina com uma pena grande e retorcida. Em volta, há pincéis, garrafas e luminárias.

– Alguém pinta? – Jane pergunta, apontando.

– Rembrandt – Ivy responde, sorrindo. – É um autorretrato dele, um dos quadros da casa. A sra. Vanders está limpando. Estudou restauração de obras de arte, entre outras coisas. Dá para sentir o cheiro de acetona, bem agudo. Ela usa às vezes.

– Ah – Jane diz, se sentindo tola por não reconhecer Rembrandt. – Certo.

– Aquele é o estúdio dela – Ivy diz. – É hermético, para que as obras fiquem protegidas da serragem. O vidro é de um tipo especial, que protege da luz externa.

– Nossa.

– É – Ivy diz, pensando o mesmo. – Todo mundo ama arte aqui. E Octavian tem mais dinheiro que Deus.

Uma porta nos fundos do sótão abre com um ruído arrastado, assustando Jane. Ela vira e nota o papel de parede amarelo no quarto iluminado do outro lado. Um homem de lábios finos entra, nota Jane e fecha a porta rapidamente. Ele tem cabelo escuro e feições do leste asiático. Usa um terno azul-marinho e All Star laranja.

O homem tira as luvas de látex das mãos e enfia nos bolsos, então atravessa o sótão para se dirigir às duas.

– Oi – ele diz.

– Oi – Ivy cumprimenta, com a voz cuidadosamente controlada de novo. – Este é Philip Okada – ela diz a Jane. – Ele veio para o baile. Philip, esta é Janie, amiga de Kiran.

– Muito prazer – Philip diz, com o que parece ser um sotaque inglês.

– O prazer é meu – Jane diz, dando uma olhada nas luvas que saem do bolso do paletó.

– Desculpe – ele diz. – Tenho misofobia e às vezes uso as luvas. De onde você e Kiran se conhecem?

– Ela estudou na minha cidade.

– Ah.

Ele dá um sorriso educado e linhas se formam em seu rosto, fazendo Jane pensar que deve ter pelo menos trinta. Trinta e cinco? Mais? Quando as pessoas começam a ter rugas de expressão?

– Como você conhece a família? – Jane pergunta, decidindo ser intrometida.

– Da cena festiva de Nova York – Philip diz, com a expressão agradavelmente suave.

– Entendo – Jane diz, imaginando o que exatamente aquilo significa e como alguém com aversão a germes se envolve na “cena” festiva, que deve envolver multidões. Será ele mais do que aparenta?

– Bom – Philip diz –, nos vemos depois, sem dúvida.

Ele se abaixa para dar uma coçadinha vigorosa atrás das orelhas de Jasper, então desce as escadas, deslizando a mão pelo corrimão de metal.

– Seria de imaginar que alguém com misofobia evitasse cachorros e corrimões – Jane diz.

A expressão de Ivy não se altera.

– Pegue o que precisar – ela diz, dando as costas. – Nosso sótão é seu sótão.

Definitivamente é mais do que aparenta.

Por fim, Jane pega emprestado uma serra circular, um torno pequeno, lona, madeira, uma lata de tinta, uma lata de verniz e uma bancada com boa altura para a serra circular. Havia milhares de outras coisas na oficina que ela poderia usar, mas Jane já está constrangida o bastante com o que escolheu, considerando que precisa fazer duas viagens para transportar tudo.

Enquanto Jane carrega a primeira leva, o celular de Ivy faz um barulho que lembra as cornetas de *O Senhor dos Anéis*.

– Desculpa – ela diz, ao olhar para a tela. – É Cook. Pode se virar sozinha? Deixa a bancada, alguém leva pra você depois.

– Tá – Jane diz. – Obrigada.

Ela quer saber quando vai ver Ivy de novo, mas tem vergonha de fazer essa pergunta.

Jasper segue Jane até o quarto duas vezes, saltitando feliz atrás dela,

esperando pacientemente na parte de baixo do sótão.

– Gosto de você – Jane diz para ele.

Sua mala e suas caixas chegaram enquanto estava fora. Ainda vai demorar horas para o jantar, e a chuva continua forte do outro lado do vidro. Jane olha para o mundo encharcado, com Jasper ao seu lado. Conclui que o dia e o cenário são apropriados para começar a fazer guarda-chuvas.

Não foi o colorido que fez Jane se interessar por eles, nem a mecânica.

Foi tia Magnolia.

Em dias de chuva, quando Jane era criança e tia Magnolia estava fora em uma expedição para fotografar o fundo do mar, ela construía um forte de guarda-chuvas no gramado e se escondia lá dentro. O som da chuva batendo contra o tecido esticado acima dela fazia com que sentisse como se estivesse debaixo d'água. Jane se agachava em seu forte de guarda-chuvas e se imaginava no lugar da tia.

Os vizinhos que cuidavam dela durante as viagens de tia Magnolia eram simpáticos, atenciosos e bondosos, mas eram velhos, e Jane acabava tendo que brincar sozinha. A tia havia lhe dado uma antiga máscara de mergulhador para que usasse no forte, então sua respiração parecia estranha. Às vezes, dependendo do tempo, um coro de sapos se juntava ao ruído. Jane ficava deitada de costas na grama molhada, respirando pelo bocal, ouvindo atentamente, fingindo que os guarda-chuvas eram águas-vivas gigantes.

Quando cursava o ensino médio e tia Magnolia ficou na Nova Zelândia pelo que pareceu uma eternidade, de modo que ela passava os dias sozinha, Jane acabou fazendo um guarda-chuva na aula de artes. O professor tinha aberto um armário cheio de sucata aleatória e dito que todos deviam explorar e produzir alguma coisa. Havia cabos de vassoura, arames e peças de metal, e um enorme pedaço de tecido escuro com estampa de libélula. Estava chovendo, e ela podia ver a chuva escorrendo pela janela da sala. Não era exatamente o que o professor queria dizer com “arte”, mas de alguma forma aquela coisa meio desproporcional, que absorvia água e com um dossel aberto na forma de guarda-chuva acabou saindo. Era um desastre, na verdade. Feito de golpes de sorte e inúmeros erros. Mas lágrimas se acumularam nos olhos de Jane quando olhou para ele.

Quem sabe como escolhemos nossas paixões? Depois da primeira tentativa, ela pegou os dois guarda-chuvas enlameados que tinha em casa e se propôs a desmontá-los.

A tensão vinha de ramificações que saíam de um tronco central e umas das outras – se afastando tanto quanto possível. Era aquilo que mantinha o dossel esticadinho e na forma certa. Por que ela tinha amado aquilo, se a distância era o que mantinha tudo unido? Vai saber. Mas acontecera, e Jane desmontara todo guarda-chuva que encontrara, fizera experiências para proteger os tecidos da água, construía estruturas em que tia Magnolia poderia tropeçar ou encontrar empilhadas nos cantos. Ela era muito meticulosa com variações de cor e forma. Trabalhava nos guarda-chuvas todos os dias, quase compulsivamente.

– Não tem nada de errado com amores impraticáveis – tia Magnolia dizia sempre que Jane pedia desculpas por se dedicar tanto àquilo.

Então ela entrou na faculdade e não tinha tempo para mais nada a não ser o curso, que parecia impossível de acompanhar.

– Janie, querida – a tia dizia às vezes. – Quando foi a última vez que trabalhou em um guarda-chuva?

Suas notas eram razoáveis quando tia Magnolia estava por perto para ajudar, mas ela viajara bastante no último outono, e Jane se complicou em biologia. Então a tia morreu. Jane largou a faculdade. E guarda-chuvas eram tudo o que conseguia encarar, quase como se um exemplar perfeito pudesse trazê-la de volta.

Jane senta no sofá listrado do escritório. Jasper se encosta em suas pernas.

Christopher Robin e o Ursinho Pooh saíram para o mar em um guarda-chuva, ela lembra. Durante uma enchente, para salvar Leitão.

Talvez ela devesse descer com seus guarda-chuvas, abri-los e soltá-los de cabeça para baixo, como barquinhos, nas ondas, sem levar nada. Nesse caso, talvez lhe sobrasse alguma coisa.

“Poluição das águas, hein?”, tia Magnolia diria. “Essa é sua solução?” Ou “Tudo bem, pode ficar na fossa, mas depois levante do sofá, pare de sentir pena de si mesma e faça alguma coisa útil.”

Está bem, tia Magnolia, Jane pensa. *Por você, eu levanto.* Inspirando fundo, Jane se força a ficar de pé e anda pelo escritório.

Ela estica a lona para proteger o meio do tapete, onde pretende fazer a maior parte do trabalho duro, então começa a tirar os guarda-chuvas das caixas e abri-los. Não há espaço para todos, por isso Jane deixa alguns fechados no chão e apoia outros no canto, enquanto Jasper a observa, animado. Trouxe todos, porque não tem mais onde guardá-los. Jane carregou

tudo o que tem para a casa. São trinta e sete guarda-chuvas terminados. Alguns deles não são tão ruins. O conjunto transforma o quarto em uma estranha paisagem de montanhas coloridas e pontudas.

Na escrivaninha antiga, ela encontra gavetinhas nomeadas. “Cartas para responder”, “Cartas para guardar”, “Selos”, “Fotografias”, “Endereços” e por aí vai. Jane tira os papéis um a um, vira e escreve outras coisas: “Colas”, “Fios de níquel”, “Arame”, “Presilhas”, “Arruelas”, “Corrediças de latão”, “Alicates”, “Dobradiças”, “Ponteiras”. É agradável guardar cada item na gaveta correspondente. Jane espalha uma variedade de varetas de aço e tecido na cadeira e nas mesinhas próximas. Ela deixa a máquina de costura no chão por um momento, então lava as mãos no enorme banheiro com azulejos dourados.

As últimas coisas que Jane tira das caixas são cinco fotos emolduradas, quatro delas tiradas por tia Magnolia e uma por um colega. Um peixe-pescador-das-profundezas na Indonésia com filamentos que fazem parecer que está carregando uma floresta nas costas. Os olhos grandes e escuros de uma lula-de-humboldt no Peru. Uma chuva de sapos fotografada debaixo d’água em Belize, seus braços e pernas se debatendo, seus olhos em pânico. Um urso-polar descansando submerso no Canadá, sem se incomodar com o frio.

Aquelas fotos tinham exigido muita paciência e sorte. Tia Magnolia nunca fazia nada que pudesse assustar os animais; ela não os seguia ou manipulava. O mais importante era esperar. Era uma espiã do mundo submarino, onde tudo era silencioso e lento.

Sua paisagem preferida eram as águas polares congelantes. A peculiaridade, a dureza, o isolamento. Embaixo da foto do urso-polar, ela tinha escrito a lápis: *Eu vou numa expedição!*

A última foto era da própria tia Magnolia mergulhando na Nova Zelândia. Ela tocava o nariz de uma enorme baleia-franca-austral parada à sua frente com uma dignidade silenciosa. Tia Magnolia tinha ficado muito animada com sua visita ao país, onde a vida marinha é altamente protegida por lei.

– Me dá esperança no mundo – disse.

Ela era assim. Esperançosa. Acreditava que havia sentido nas coisas.

Jane tira alguns quadros da parede para abrir espaço para tia Magnolia. Quando finalmente pendurou a última foto, ouve o radiador dar um estalo solitário como que pedindo atenção. É um som triste, mas reconfortante. Jane

está satisfeita com a transformação do quarto. *Talvez, ela pensa, coisas boas venham dessa estranha aventura no fim das contas.*

Ela tem um trabalho em progresso. Está quase terminado, só precisa da ponteira certa e de uma fita e um botão para fechá-lo. É um guarda-chuva em forma de pagode que alterna azul e violeta, com cabo vermelho. O formato apresentou um belo desafio, mas o resultado é um pouco espalhafatoso e exagerado.

– Sinceramente, eu meio que odeio esse – Jane diz a Jasper ao abrir o guarda-chuva. – E as cores não combinam com você – ela completa quando o cachorro vai para debaixo dele. – A cor das suas sobancelhas não conversa com o vermelho do cabo. Minha nossa. Que horror.

Jasper parece triste.

– Mas não é culpa sua – Jane diz. – Certos tons ficariam ótimos em você. Aqui. – Ela desvia dos guarda-chuvas e pega o de cetim marrom-escuro com rosa-acobreado que usaram mais cedo e ainda está secando. – Fica embaixo desse. Lindo – Jane diz, sentindo certo prazer ao apreciar o efeito. – É como se tivesse sido feito para você. – Ela pega o celular. – Vamos tirar uma foto?

Jane passa a tarde fotografando Jasper debaixo de todos os guarda-chuvas que combinam com ele, terminando o em formato de pagode e pensando em novas ideias para sua próxima produção.

Jane está deitada de costas no tapete do escritório, pensando em coisas em formato de guarda-chuva para se inspirar, quando Ivy chega para chamá-la para o jantar. Cogumelos, abajures, águas-vivas. Sinos? Tigelas. Tulipas. Finalmente as batidas na porta à trazem de volta à realidade.

– Entra! – Jane grita.

Ivy obedece. É uma visão alta e acolhedora, em vermelho, que devolve Jane a seu devaneio. Como seria um guarda-chuva inspirado nela?

Surpresa, Ivy percorre o quarto com os olhos.

– Caramba – ela diz. – Por que você tem tantos guarda-chuvas?

– Eu faço – Jane explica do chão. – Não me pergunte por quê.

– Talvez porque eles sejam incríveis – ela diz, adentrando a paisagem de guarda-chuvas e se movendo entre eles para olhar mais de perto.

Jane senta, ajeita a blusa e olha em volta, tentando enxergar com os olhos da outra.

Ivy se agacha e estica a mão para tocar o guarda-chuva inspirado em um ovo de pássaro, que é alongado e azul-claro com manchas marrons irregulares. O formato foi um pesadelo, porque as varetas precisavam diferir em comprimento e forma, mas se manter retinhas e discretas quando o guarda-chuva estivesse fechado. Houve um momento em que Jane quis destruir aquela porcaria, mas está feliz que não o fez. É uma de suas melhores criações.

Ivy passa o dedo pelo dossel aberto, de forma tão delicada e cuidadosa que Jane sente que é como um leve tremor ou um sussurro.

– Sabe o que é? – Jane pergunta.

– Claro – Ivy responde. – Um ovo de pássaro.

A felicidade de Jane é completa.

– O jantar vai ser servido para a família e seus convidados – Ivy diz. – Isso inclui você.

– Capitão Peludão! – Ivy diz e bate continência ao passar pelo tapete de urso-polar, enquanto conduz Jane pelo corredor.

– Então ele é do Exército?

– Na verdade não lembro – Ivy diz –, mas acho que fingíamos que ele era um explorador que levava os tesouros descobertos para a rainha.

– E quem era a rainha?

– Não eu – Ivy diz.

Elas descem as escadas e passam pelo hall de entrada, então vão para a maior sala que Jane já viu dentro de uma casa particular.

– O que é isso? – ela pergunta, tentando se controlar. – A sala do trono?

Ivy solta um “pff” de leve e diz:

– O salão de baile. Mas agora eu estou pensando em que cômodo Octavian escolheria como a sala do trono. Provavelmente a biblioteca.

Jane mal ouve. Extenso e com o pé-direito alto, o salão de baile brilha em mogno escuro polido.

– Os Thrash fazem muitos bailes?

– Bom, tem um a cada estação – Ivy diz. – As pessoas se arrumam, dançam valsas em salas chiques e tal.

Ela conduz Jane por uma porta que leva a outra sala extensa, iluminada por candelabros, com uma mesa para umas trinta pessoas. Dois homens e

duas mulheres estão reunidos na outra ponta. As vozes afiadas cortam uma à outra. Nenhum sinal de Kiran.

Ivy segue em frente, e Jane pergunta:

– Vai comer com a gente?

– Não. Como na cozinha.

Ela parece ler alguma coisa na expressão de Jane, algo que a garota não consegue articular, por que dá um leve apertão no seu cotovelo então toca uma das cadeiras para que saiba onde sentar. Com outro sorrisinho travesso, Ivy sai por uma porta vaivém atrás da mesa.

Jane se acomoda. Ninguém parece notar. Ela tenta se inteirar da conversa acelerada, que parece ser uma discussão acerca de uma família que todos conhecem pessoalmente.

– Você não pode acreditar que eles fizeram algo assim com os próprios filhos – diz uma mulher negra com sotaque inglês, rosto em formato de coração e cabelo cacheado.

Há uma estrela brilhante em cada uma das orelhas, talvez feita de pequenos diamantes. Ela está ao lado de Philip Okada, o misóforo que Jane conheceu no sótão. A mulher usa muita base e sombra.

– Não, eu só estou dizendo que eles claramente piraram – diz outra mulher, com bochechas rosadas, cabelo castanho-claro e uma gargantilha dupla de pérolas. Ela fala com um sotaque americano e uma voz profunda. – As pessoas fazem coisas imprevisíveis e terríveis quando piram. Como podemos saber o que realmente aconteceu?

– É um termo médico? – Philip Okada pergunta, provocando. – Pirar?

– Philip – diz a mulher com as pérolas, tentando se controlar. – Os Panzavecchia são nossos amigos. Eles saíram do laboratório um dia e *assaltaram um banco*. Por que fariam isso?

– Bom – diz a mulher com brinco de estrela ao lado de Philip –, você já ouviu sobre o vício em jogo de Giuseppe e sua relação com a máfia.

– Certo, mas já tinham ouvido falar que Giuseppe havia apostado numa corrida de cachorro que fosse? – pergunta a mulher com pérolas.

– As pessoas tendem a esconder hábitos ruins – diz a mulher com brinco de estrela. – Talvez não soubéssemos como Giuseppe realmente é.

– Mas *sabemos* como ele é – diz a mulher com pérolas. – Não sabemos? Tudo o que ele faz é se gabar dos filhos. Já o ouviu falando de Grace e seu incrível sistema de memória mnemônica? A menina é um computador de oito

anos. Giuseppe poderia morrer de orgulho. Talvez eu possa acreditar que ele tem um ligeiro problema com jogo que esconde de todo mundo. Mas se envolver com a máfia quando sua vida gira em torno dos três filhos? Como acreditar nisso? Só porque seu sobrenome é italiano? É preconceituoso.

– Você tem outra teoria? – pergunta a mulher com brincos de estrela.

– Não – a outra mulher responde. – Só não aceito a explicação de que eles se afiliaram ao crime organizado. Ou tem outra coisa acontecendo ou inalaram algum gás tóxico naquele laboratório deles e piraram.

A sra. Vanders entra pela porta vaivém, sobressaltando Jane. Carregada com travessas e tigelas e seguida por Ivy, encara Jane de um jeito que faz com que se sinta culpada antes mesmo de ter tempo de considerar do quê. Ela serve o que parece ser carne de panela, legumes assados e salada de pera, então sai abruptamente pela mesma porta. Jane tenta assimilar o que está acontecendo – conhece os Panzavecchia, mas não pessoalmente, como as outras pessoas à mesa.

Está no noticiário há dias, talvez uma semana. Victoria e Giuseppe Panzavecchia são um casal de especialistas em microbiologia vindos de duas famílias ricas de Nova York. Um dia, saíram do laboratório na universidade em Manhattan para almoçar, tentaram assaltar um banco sem sucesso – porque uma caixa particularmente corajosa os desafiou a mostrar as armas que alegavam ter e não tinham –, fugiram e nunca mais foram encontrados. Praticamente ao mesmo tempo, sua filha Grace sumiu da escola e seus filhos Christopher e Leo foram arrancados dos braços da babá no Central Park. Leo, que ainda é um bebê, estava doente. A babá tinha acabado de notar que pequenas manchas em sua pele quando foi levado.

Os jornais também noticiavam que Giuseppe tinha sido avisado pela máfia de que, se não pagasse suas dívidas de jogo, iriam atrás da sua família. O que parece ter acontecido.

Todas as pessoas à mesa *conheciam* os Panzavecchia? Todos os ricos de Nova York se conhecem? Toda a história de repente parece absurda e ao mesmo tempo real. É como um filme bobo de máfia. Mas, se essas pessoas conhecem os Panzavecchia, então Grace e Christopher são reais. Leo é um bebê de verdade. A vida deles mudou de repente, de um jeito radical, em um único dia. Como aconteceu com Jane quando seus pais morreram em um acidente de avião quando era bebê. E quando recebeu a ligação sobre tia Magnolia.

Jane agora entende que os comentários de Kiran e da sra. Vanders sobre ladrões de banco no caminho para a casa faziam referência aos Panzavecchia.

– Todos vocês conhecem os Panzavecchia? – Jane pergunta em voz alta e imediatamente se arrepende, porque consegue ouvir a surpresa inocente em sua voz e agora tem a atenção da mesa inteira.

– Sim – diz a mulher com gargantilha de pérolas. – Sou Lucy. – Ela estica a mão. – Lucy St. George. Namorada do Ravi, por assim dizer.

– Sou Janie. – Ela aperta a mão da outra com desconforto, então acrescenta, sem saber se é verdade: – Amiga de Kiran.

– Nos conhecemos mais cedo – Philip Okada anuncia para a mesa. – Lá em cima. Janie, esta é minha mulher, Phoebe.

Phoebe estende a mão com manicure perfeita e esmalte turquesa.

– Muito prazer – ela diz.

– E eu sou Colin – complementa a quarta pessoa, esticando o braço para Jane.

É o namorado de Kiran. Jane esperava encontrar alguém entediante, sem graça, genérico. Mas ele é um cara pálido e magro, com cabelo claro, olhos gentis e uma série de sardas dispersas que o fazem parecer mais novo e simpático.

Jane ouve saltos batendo contra o piso de madeira e vê Kiran entrando. Ela relaxa diante da visão do rosto familiar e mal-humorado.

Kiran senta entre Jane e Lucy.

– Desculpa – ela diz. – Tive problemas com uma ligação. Está chovendo sapos. Do que estamos falando? Janie, você já conheceu todo mundo?

– Fomos todos educados e nos apresentamos direitinho – diz Colin.

Kiran não olha para ele ou dá qualquer sinal de tê-lo ouvido.

– Você tem tudo de que precisa? – ela pergunta a Jane. – Está todo mundo sendo legal?

– Está tudo ótimo – garante Jane.

– E quanto a você, Kiran? – pergunta Phoebe. – O que anda fazendo?

– Está me perguntando se arranjei um trabalho?

Phoebe levanta uma sobrancelha perfeitamente desenhada.

– Por quê? Você arranjou?

– Acho que você sabe a resposta.

– Você não fala um monte de línguas? – pergunta Philip Okada. – Poderia ajudar Colin quando viaja a trabalho. Você não vende para um monte de

estrangeiros, Colin?

– Você quer que eu acompanhe meu namorado em suas viagens – Kiran responde para o saleiro em suas mãos – para que meu propósito de vida seja ajudar Colin com seu trabalho.

– Não foi o que ele quis dizer – Phoebe explica. – Só seria legal ter alguma coisa para fazer.

– Todo mundo quer me dizer o que fazer – diz Kiran.

A expressão do rosto da esposa de Philip se alivia, parecendo cuidadosamente neutra agora. Sua maquiagem parece exagerada, como uma máscara. Jane tem a impressão de que bater em seu rosto produziria o mesmo som do granizo na janela. A seu lado, Philip parece limitado a uma reduzida variedade de expressões amistosas. Quanto mais beligerante Kiran se torna, menos ofendido ele aparenta estar. *Eles são falsos*, Jane se dá conta. *Estão fingindo*.

– Kiran vai estar pronta quando o trabalho certo aparecer – Colin diz, firme. – E vai ser ótima nele.

Kiran não olha para o namorado. Seus ombros continuam tensos e direitos.

– Alguém sabe quando Ravi vai vir? – ela pergunta.

– Hoje, mas bem tarde – diz Lucy St. George. – Ele me mandou uma mensagem à tarde. Teve um leilão em Providence, então foi para os Hamptons de moto. Ele disse que alguém ia buscá-lo lá.

– Quem? Patrick? – pergunta Kiran.

– Imagino que sim.

– De onde você é, Janie? – Phoebe pergunta. – O que seus pais fazem?

Ela é pega de surpresa. *O que meus pais fazem?*

– Estão mortos – ela diz. – E os seus?

– Ah, sinto muito – Phoebe diz. – Meus pais têm uma empresa de geladeiras em Portsmouth, no sul da Inglaterra. Você cresceu em um orfanato?

– Você cresceu em uma geladeira?

Kiran engasga com uma risada. Jane fica vermelha, chocada consigo mesma, mas Phoebe se concentra em sua salada, inabalável. Quando deixa um pedaço de pera cair na mesa, Philip só diz “opa”, pega-o com os dedos e dá na boca dela, para que todos vejam. É meio constrangedor. Sem falar que ele tem uma aversão a germes bem estranha.

– A irmã da minha mãe me adotou – Jane diz a Lucy St. George e Colin,

que parecem mais... genuínos. – Eu era nova demais quando morreram para me lembrar. Minha tia era professora de biologia marinha na faculdade de Kiran. Também era fotógrafa submarina e ambientalista.

– Ela se aposentou? – Colin pergunta.

– Colin! – Kiran o repreende, subitamente indignada.

– Que foi?

– Você está sendo intrometido! Deixa a Jane em paz!

– Desculpa – Colin diz, sinceramente confuso. – Eu disse alguma coisa errada?

– Tudo bem – Jane garante, constrangida pela tentativa de Kiran de protegê-la. – Ela morreu em dezembro, em uma expedição pela Antártida. Ia fotografar jubartes.

– Ah – Colin diz. – Que coisa horrível. Sinto muito.

– Dei aulas particulares de escrita para Janie – Kiran diz. – Quando ela estava no ensino médio e eu, na faculdade.

– Minha nossa – Colin diz. – Você é uma criança.

Bem que eu queria, Jane diz. *Se eu ainda fosse uma criança, estaria jantando com tia Magnolia, e não com vocês.* Em noites especiais, elas jantavam na lanchonete da cidade. A tia tinha um lindo sobretudo de um roxo iridescente, com um forro que parecia prateado ou dourado dependendo da luz. Costumava usá-lo aberto, sabendo que Jane amava vislumbrar o brilho secreto do tecido do forro. Fazia a tia parecer com uma lula fotografada nas profundezas. Ou como se estivesse no espaço sideral.

– Alguém falou com minha mãe? – Kiran pergunta, o que parece uma pergunta estranha para fazer àquele grupo, já que a mãe de Kiran tinha se divorciado de Octavian Thrash IV há um bom tempo.

– Sua mãe ou sua madrasta? – Colin pergunta. – Charlotte – ele explica para Jane.

– Minha mãe, claro – Kiran diz. – Por quê? Você viu Charlotte?

– Claro que não, querida. Eu teria dito se a tivesse visto – Colin diz, o que não faz nenhum sentido para Jane. O casamento foi recente, e a nova esposa de Octavian mora na casa. Onde ela está? E Octavian? Eles não vão jantar? Uma corrente de ar atinge as orelhas de Jane. Um sussurro? Alguém na mesa acabou de repetir “Charlotte”? Kiran coça uma das orelhas distraídas e Jane percebe que a imita. Ela se pergunta se isso não é peculiar.

Então esquece.

– Minha mãe também é cientista, como a tia de Janie – Kiran diz a Phoebe –, você deve saber. Física teórica. Poderia contar coisas sobre o universo que mostrariam como você é pequena. E minha madrastra é designer de interiores e sempre se sustentou antes de casar com meu pai. Ela é bem boa nisso. Pense onde você está antes de ser desagradável com meus amigos.

Todos ficam em silêncio.

– Kiran – Colin diz –, pode me passar o sal?

É a primeira vez que Jane vê os dois namorados se encararem desde que o jantar começou. Colin tem a expressão de alguém determinado a não assustar um animal acuado. Kiran parece capaz de jogar o sal na cara dele. Ela o passa em silêncio.

Jane sente algo roçando sua perna e passa o resto do jantar jogando sobras para Jasper.

Durante a noite, um som acorda Jane, interrompendo um sonho com o bebê Leo Panzavecchia. Ele chorava e tinha febre. Seu rosto angelical estava coberto de irritações severas e pústulas. Estava morrendo.

– Seu tolinho – Jane murmurou. – Todo mundo tem catapora. Você não vai morrer.

Pela janela do quarto, a lua crescente brilha baixa no céu, como uma fatia de laranja. A tempestade acabou. O que a acordou? A casa fez um barulho, como um resmungo irritado por ter sido tirada de seu repouso. Ou o ruído veio da própria Jane? É difícil dizer.

Já passa das quatro, o que é bom, porque Jane nunca consegue voltar a dormir depois que acorda. Quando era pequena, tia Magnolia passava a mão em seu cabelo e dizia para fingir que seus pulmões eram uma água-viva inchando e esvaziando em sua movimentação pelas águas.

– Seu corpo é um microcosmos do oceano – ela costumava dizer.

Jane pegava no sono com a mão da tia em seus cabelos, imaginando o oceano vasto e tranquilo.

Agora Jane dorme com um gorro de lã azul que a tia sempre levava em suas expedições polares, mas justamente na última tinha esquecido. O gorro só conheceu a mulher viva e bem. É áspero e elástico. Jane o procura debaixo das cobertas, faz uma bola com ele, aproxima do rosto e cheira. Águas-vivas são criaturas remotas. Jane também pode ser remota e silenciosa.

Não. Dormir é impossível. Jane se levanta da cama e coloca um moletom por cima do seu pijama de *Doctor Who*. *Como será essa casa no meio da noite?*, ela se pergunta.

A curiosidade supera a hesitação.

Ao sair dos seus aposentos, Jane decide que a casa está mesmo fazendo ruídos de protesto. Ela range, geme e alguma outra coisa indefinível, como o som da risada de uma criança debaixo d'água. Mas é comum que uma casa antiga faça barulhos estranhos, então Jane não dá atenção. Tampouco nota que se encolhe diante dos sons. Não sente sua respiração ficar pesada.

Luzes com sensores de movimento vão acendendo e iluminando os quadros um a um conforme Jane avança pelo corredor na direção do átrio, apagando em seguida. Ela se esquece do Capitão Peludão e tropeça em sua cabeça. Xingando baixo, segue em frente.

Os gemidos da casa dão lugar a vozes humanas, distantes e furiosas. Alguém está discutindo no pátio. Jane sente cheiro de cachimbo. Com cuidado, ela se aproxima de uma arcada e olha para baixo.

Um jovem vestido de couro preto aponta com um capacete de moto para um homem mais velho, talvez na faixa dos cinquenta, que usa um roupão de seda e tem um cachimbo na boca. O tom de pele deles é diferente. O homem mais velho é branco e o jovem é mulato, mas Jane sabe que são pai e filho pelo rosto raivoso e pelas vozes. Só podem ser Octavian IV e o irmão gêmeo de Kiran, Ravi.

– Garoto idiota – Octavian diz. – É claro que não vendi seu peixinho.

– Por que você faz isso? – Ravi pergunta, revoltado. – Por que sempre tem que me tratar como criança?

– Se isso incomoda você, é só parar de se comportar como uma – Octavian diz. – Acordar Patrick no meio da madrugada para buscar você. Me acordar indignado quando chega e descobre que a escultura não está onde a deixou...

– Desculpa por me preocupar com um Brancusi desaparecido. E não acordei Patrick – Ravi diz. – Ele me encontrou para tomar um drinque e ficou tarde, como sempre acontece com ele. E não acordei ninguém. Você troca o dia pela noite.

– Não é desculpa para irromper bêbado e delirante.

– Não estou bêbado – Ravi diz claramente. – E só quero saber por que o Brancusi não está no hall de entrada. Aliás, quero saber por que você não se importa que ele não esteja no hall de entrada. Sabe do que estou falando?

Aquela escultura para a qual Ivy construía todo um mundo submarino de massinha? Você a deixou que a mantivesse no quarto por semanas, ao lado da criatura do lago Ness de lego.

– Sei que escultura é essa – Octavian responde, enfadado.

– Vale milhões, pai. E foi você quem comprou! Onde é que está?

– Imagino que a sra. Vanders deve ter achado que ficava melhor em outro lugar – Octavian diz. – Ou talvez esteja pesquisando sua proveniência. Entre você e Vanny, é surpreendente que ainda tenha sobrado alguma coisa exposta nesta casa. Ela me fez devolver uma tapeçaria do século XVII para um velhote em Fort Lauderdale.

– Verdade – Ravi diz, irritado. – Porque descobriu que seu querido avô tinha adquirido durante o Holocausto e que os nazistas tinham roubado. Como ela se atreveu?

– É curioso que de repente você se importe com proveniência – diz Octavian. – Sei em que você e sua mãe estão metidos. Como explica a proveniência da arte que chega por ela?

Ravi encara Octavian sem que seu rosto acuse nada, então cruza os braços.

– Não há motivo para pesquisar a proveniência do Brancusi – ele diz, calmo. – Vanny e eu conhecemos sua trajetória desde que foi criado.

– Não pode estar pensando que alguém o roubou...

– Não sei o que pensar – Ravi diz, passando a mão pelos cabelos molhados e se afastando do pai. – Não é do seu feitio não se importar. Você costumava ser uma pessoa normal, que dormia no horário normal, tinha conversas normais, amava arte tanto quanto eu, mas agora está pouco se fodendo.

– Olha como fala – Octavian diz, cortante.

– Que seja – Ravi diz. – Pelo menos você ainda liga pra isso. Estou cansado e com frio. Vou pra cama.

O pátio tem escadas próprias tanto para a ala leste quanto para a oeste, levando até o último andar. Ravi escolhe uma e sobe.

Depois de um momento, Octavian tira o cachimbo da boca e diz:

– Bem-vindo, filho.

Ravi para na escadaria. Ele não vira para encarar o pai, mas diz:

– Como está a mamãe?

– Excelente, claro – Octavian diz. – Como sempre. O que Patrick fez para manter você acordado até tão tarde? Ficou se lamentando? Falando de mulheres?

Ravi deixa uma risada escapar.

– Ele é do tipo que sofre em silêncio, você sabe disso. Como está Kiran?

– Ela ainda não se dignou a me ver.

– Bom, você não facilita, com seus horários de vampiro. E Charlotte?

Jane sente uma corrente de ar na altura da garganta e tem um calafrio.

– Ela ainda não voltou – Octavian diz, triste, olhando para o teto de vidro e revelando a Jane de onde vem o nariz arrebitado de Kiran.

Então ele se vira e se dirige aos arcos ao norte, uma parte da casa que Jane ainda não visitou.

Ravi continua a subir, e seus passos ecoam. A casa parece se contentar com um suspiro em torno da solidão dos dois homens. Um suspiro longo e profundo.

Jane sabe que os aposentos de Ravi ficam perto dos seus, no terceiro andar, mas ele para no segundo e desaparece nas estranhas da casa. *Interessante*, pensa Jane, lembrando que Lucy St. George se apresentou como namorada de Ravi, “por assim dizer”. O que quer que signifique.

Ela está tentando se decidir para onde ir quando Jasper aparece, choramingando e pulando aos seus pés.

– Xiu – Jane sussurra, abaixando para acalmá-lo.

Jasper se aproxima da escadaria principal, que leva para o hall de entrada, e choraminga de novo. Parece querer convencê-la a descer.

– Você precisa sair? – Jane sussurra, acompanhando-o escada abaixo.

As luzes já não acendem conforme Jane avança. Está escuro. Ela segue a sombra diminuta do cachorro, segura o corrimão e deseja ter prestado mais atenção à localização dos interruptores.

Jasper para no patamar do segundo andar tão bruscamente que Jane topa com ele e quase perde o equilíbrio, arfando ao agarrar o corrimão. Quando ela se apoia contra a parede sólida, Jasper trota para trás dela e empurra suas batatas da perna com a cabecinha.

É todo mundo doido aqui, Jane pensa.

– Jasper – ela sussurra, dando uma batidinha nele. – O que está fazendo?

À sua frente, Jane reconhece vagamente a enorme pintura a óleo que tinha admirado antes, do interior da casa com um guarda-chuva aberto no chão quadriculado. Jasper continua dando cabeçadas nela.

– Já chega! – Jane sussurra. – Para com isso, seu bobo!

Ela começa a descer o próximo lance de escada, mas o cachorro solta um

latidinho urgente e agudo às suas costas. Jane vira para ele.

– Quê? O que foi?

Mas não consegue vê-lo. Quando volta para o patamar, Jasper sumiu.

Jane sobe os degraus, imaginando que talvez tenha voltado para o terceiro andar, mas não o encontra lá. Quando decide ir para o quarto, alguém atravessa o arco oposto e some de vista.

Ravi de novo? Talvez Octavian IV?

Não. Pareceu Philip Okada. O marido de Phoebe, que usa All Star e sofre de misofobia. Jane ouve uma porta abrir e fechar, e percebe que leva aos aposentos dos empregados.

O que Philip Okada pode estar fazendo nos aposentos dos empregados às quatro da manhã?

Num impulso, ela dá a volta por cima do pátio e o segue em silêncio. Não há nenhum sinal de Philip. Jane não tem como se esconder se alguém sair do quarto, a menos que consiga se enfiar a tempo em um dos corredores laterais. Segurando o fôlego, ela anda na ponta dos pés e se dedica à absurda tarefa de encostar o ouvido em cada porta.

Nada. Uma depois da outra, não ouve nada. Os empregados da Tu Reviens têm um sono invejável. Jane encosta a orelha na porta de Ivy. Nada também. Fica aliviada e constrangida. *Mal a conheço. Não é da minha conta o que faz ou com quem faz, e não deveria espioná-la. Qual é o meu problema?* Jane volta ao corredor principal, determinada a ir para a cama.

De repente, uma porta abre, derramando luz no pequeno corredor ao fim do principal. Jane congela, então pega um corredor lateral e se aperta contra a parede, para que não seja vista.

– Você vai ter que ficar aí até a fase final – diz uma voz profunda que Jane reconhece como sendo de Patrick Yellan.

– Sem saber onde estou? – diz a voz com sotaque inglês de Philip Okada, seco. – Parece ótimo.

– Deveria agradecer – Patrick diz. – Quanto menos informação tiver, mais seguro vai estar.

– Sim, sim – Philip diz. – Quem não gosta de férias misteriosas num quarto sem janelas?

– Nem todo mundo está engolindo a sua história – diz uma terceira voz, feminina, brusca, também com sotaque inglês. Phoebe Okada.

– Não se preocupe com isso – diz Patrick.

– Quando envolve a segurança do meu marido? – Phoebe aponta, cortante.
– Vai pro inferno, Patrick.

– Vamos cuidar disso – Patrick responde com aspereza.

As vozes se afastam. Sem pensar direito, Jane não consegue se segurar: sai do seu esconderijo para olhar para o corredor. Os três conspiradores estão no extremo oposto, passando pela grande porta de madeira que leva ao sótão da ala oeste. Patrick está na frente. Phoebe o segue, usando um robe de seda verde-clara. Philip Okada é o último, ainda usando seu terno azul-marinho, carregando uma mala com estampa de patos e segurando uma arma.

A porta fecha atrás deles. Jane sai do corredor e corre para fora dos aposentos dos empregados, com o coração acelerado. Enquanto estava no sótão, mais cedo, tinha visto um pináculo com grandes janelas em algum lugar da ala leste. Agora se pergunta se consegue ver o que se passa no sótão de lá.

Ao dar a volta no átrio, ela tropeça no cachorro e cai, evitando gritar ou esmagá-lo. Jane levanta e tenta dar a volta por ele e empurrá-lo, mas Jasper volta a dar cabeçadas nela, e seu centro de gravidade próximo ao chão faz com que fique parado no lugar como um toco de árvore.

– Jasper! Sai da frente! – Jane sussurra, então pisa acidentalmente na patinha dele, que solta um latido de dor.

– Desculpa! – Jane sussurra. – Desculpa!

Ele late alto.

– Jasper? – alguém chama lá de baixo. – Tudo bem? Vem aqui, garoto.

É Ravi, subindo os degraus do pátio para o segundo andar.

– Isso – Jane sussurra para o cachorro –, vai latir para alguém que não está tentando ser discreto. Ei! – ela grita quando Jasper morde a calça do seu pijama e começa a puxar. Jane segura o elástico da cintura para que não escorregue. – O que está tentando fazer, me deixar pelada?

– Quem é você? – Ravi pergunta atrás dela, sem fôlego depois de ter subido a escada correndo. – O que está fazendo com Jasper?

– Seu querido cachorrinho está comendo meu pijama – Jane responde, sem nem olhar. – Jasper! Para com isso ou não vou mais tirar fotos suas com meus guarda-chuvas!

– Ah, não, outra esquisitona – Ravi diz. – Não foi minha mãe quem trouxe você aqui, foi? Esquece, não quero nem saber de onde veio.

– Foi sua irmã – Jane diz – e quem é esquisito aqui é esse seu cachorro.

Jasper, que finalmente a soltou, agora a olha com reprovação. Então ele vira e vai embora.

– Ele pode ser esquisito, mas é meu – Ravi diz.

Ao virar para o irmão de Kiran, Jane percebe que a luz que precede a alvorada o favorece. E muito. Ravi é alto, sólido e elétrico, com sobrancelhas escuras e um rosto que revela todos os sentimentos. Tem algumas mechas brancas dramáticas no cabelo, certamente prematuras, já que é gêmeo de Kiran.

– Tem certeza de que não foi minha mãe quem trouxe você aqui? – Ravi pergunta. – Parece um dos projetos dela, não de Kiran.

– Sou meu próprio projeto, muito obrigada – Jane diz, fria.

Isso o faz sorrir.

– Ravi – ele diz, tremendo, mas com a mão quente.

– Janie.

Ela decide não contar sobre Patrick, os Okada e a arma. Não tem ideia de como cada um se encaixa ali.

Ela acompanha o passo de Ravi pelo corredor leste. Ele mantém um sorriso no rosto de quem está prestes a falar alguma coisa e seus olhos com frequência encontram os dela. Ravi ainda leva o capacete debaixo do braço. Tem cheiro de couro molhado.

– Por acaso você não viu uma escultura de peixe por aqui, viu? – ele pergunta. – Parece um pouco com um feijão amassado e fica num pedestal espelhado.

– Não me lembro de nada parecido – Jane diz.

– Gostei do seu pijama do *Doctor Who* – ele diz. – Quem é seu Doctor favorito?

– Prefiro as *companions* – Jane anuncia automaticamente.

– Todo mundo prefere – Ravi diz. – Mas eu escolheria o décimo. Ele é boa-pinta. E jovem.

– Ele tinha novecentos e três anos – Jane diz, cortante.

– É, mas ele era jovem em espírito – Ravi explica. – Meu Deus, você não deixa nada passar?

Antes de chegarem aos quartos, Ravi para diante de uma porta estranha que Jane não havia notado. É de madeira e arqueada, com uma entrada para cartas e um sino. No capacho diante dela está escrito “Bem-vindo aos meus mundos”. Isso tudo faz Jane pensar que pode ser a entrada para o pináculo

leste.

– Sinto como se estivesse numa história do Ursinho Pooh – Jane diz.

Ravi sorri de novo e diz:

– São minhas histórias favoritas. “Algum dia, em algum lugar, vou conhecer um *efalante*.”

Então ele tira uma capuchinha perfeita de dentro do casaco e enfia na entrada para cartas.

Os dois continuam andando juntos.

– Boa noite, então – ele diz, entrando em seu quarto com um bocejo forte.

– Boa noite – ela responde, tanto para o Capitão Peludão quanto para Ravi, que já foi embora.

Não adianta nem tentar dormir agora que Jane viu o que viu. Philip com uma arma. Patrick, irmão de Ivy, Patrick, que vive dizendo a Kiran que tem algo a confessar, mas nunca confessa. Ivy, que ficava quieta diante de Philip ou quando Jane fazia perguntas completamente inocentes.

Jane encontra um espaço livre no tapete amarelo, perto das janelas do escritório e deita. Precisa pensar. A lua está maior, próxima do horizonte, mais pálida que antes, como uma fatia de maçã. Lentamente, some de vista. O céu clareia e dissolve as estrelas.

Não importa quantas vezes ela repasse a conversa, não consegue entendê-la. Philip estava indo a algum lugar perigoso. Philip estava indo a algum lugar, mas não sabia aonde? Patrick e mais alguém tinham inventado uma história que nem todo mundo engolia. Certo. Sobre o quê?

Phoebe e Philip estavam fazendo tipo no jantar. Jane já tinha suspeitado, mas agora tinha certeza. Fingindo se importar com Kiran e com os Panzavecchia. Menosprezando Jane e sua tia.

Era a história dos Panzavecchia que ninguém estava conseguindo engolir? Lucy St. George pelo menos não estava. Mas como Patrick e os Okada poderiam estar relacionados com o assalto ao banco, a máfia e um casal de ricos desaparecidos?

E o Brancusi também tinha sumido. Como aquilo se encaixava?

Jane imagina se não está sendo inocente; se não é normal para gente rica ficar andando armada em casas luxuosas. Afinal de contas, se trata dos Estados Unidos. De acordo com o noticiário, um terço da população tem uma

arma. Talvez o estranho seja ela nunca ter visto ninguém carregando uma arma casualmente antes.

Mas os Okada não são ingleses? Eles também andam com armas?

Por que Patrick, um empregado, estaria a cargo do que estava acontecendo? E se ele estava a cargo de algo clandestino... Kiran sabia a respeito? O que isso diz sobre Ivy? Sobre seus estranhos momentos de indiferença deliberada?

Os pensamentos deprimem Jane. Ela não quer motivos para não confiar em Ivy.

Respire, tia Magnolia diria. Espere. Dê tempo ao tempo. As peças vão se encaixar e tudo vai começar a fazer sentido. Tome cuidado, querida.

Como seria um mistério em forma de guarda-chuva?, Jane se pergunta de repente. *Melhor ainda: e se fosse uma arma de autodefesa?*

A ponteira e o cabo seriam afiados. As molas seriam bem rígidas, para que o guarda-chuva abrisse rápido e com força, como um golpe de escudo.

– Vou usar tons de marrom e dourado que combinem com Jasper – Jane murmura ao levantar.

Uma hora depois, ela está reduzindo o diâmetro do cilindro de madeira no torno, usando óculos de proteção e avental de trabalho, quando ouve alguém irromper porta adentro. Ela levanta os óculos e o deixa em meio aos cachos escuros.

Ravi aparece na porta do escritório, usando calça de pijama de seda preta e nada mais. É impossível não encarar.

– O que você está fazendo? – ele grita, piscando por causa da luz. – Sabe que horas são? Entende que estou dormindo no quarto ao lado? Minha mãe te trouxe aqui de outra dimensão?

– Você está obcecado com a sua mãe – Jane diz. – Já pensou em terapia?

Ele grunhe, esfregando o rosto.

– Ninguém acreditaria.

– Hum... – Jane diz. – Será que não é porque é tudo invenção da sua cabecinha?

– O que você está fazendo?

– Um guarda-chuva – Jane explica.

– Está de brincadeira? – ele pergunta, então abrange todo o escritório com um gesto. – Não acha que já tem o bastante?

– Eu faço guarda-chuvas – Jane diz simplesmente. – É meio que... meu

hobby.

Cansado, Ravi coça a cabeça. Seu cabelo com mechas brancas devia estar molhado quando deitou, porque secou de um jeito estranho, amassado e para a direita, como se tentasse apontar uma direção para Jane sem que seu dono soubesse.

– Acho que Patrick falou de você ontem à noite – ele diz.

– Patrick é bem falante – Jane diz, com duplo sentido.

Ravi franze o nariz.

– Só se for com você – ele diz. – Comigo faz o tipo calado.

– Ele nunca... *confessou* nada a você?

– Essa pergunta é bem estranha – Ravi comenta. – Por que, ele confessou alguma coisa a você? Vocês não acabaram de se conhecer?

– É. Deixa pra lá.

– Acho que Kiran falou de você também.

– Hum, então já deve saber tudo sobre mim – Jane diz, com um toque de sarcasmo que a preocupa.

Ravi é um cara formado, herdeiro da fortuna dos Thrash, mas não faz com que se sinta como uma menina. Faz com que se sinta prestes a ser imprudente.

– Você me odeia ou algo assim? – ele pergunta, sorrindo.

– Estou trabalhando – Jane diz.

– É. Num guarda-chuva, às cinco e meia da manhã.

– Você está me atrapalhando.

Ele olha em volta, curioso.

– Você fez todos esses guarda-chuvas?

– Fiz.

– Como?

– Como assim?

– Bom, como se faz um guarda-chuva? Qual é o primeiro passo?

– Não sei – Jane diz. – Não tem um jeito certo de começar. Não sou uma especialista.

– Como um especialista em arte – ele diz –, estou curioso.

– Bem – Jane diz, confusa –, pode ficar vendo, se quiser.

Ele suspira, então boceja, depois vai embora, mas volta, envolto no cobertor da cama de Jane. Abre caminho por entre a serra, as peças e os guarda-chuvas até o sofá listrado que Jane encostou na parede, então se

acomoda nele. Pelas próximas horas, se alterna entre dormir ali, acordar rabugento com o som da serra e fazer perguntas inteligentes sobre a arte de fazer guarda-chuvas.

– Como você impede as varetas de rasgar o dossel com as repetidas aberturas? – ele murmura, então agarra o próprio cabelo. – Fico tendo pesadelos com o bebê dos Panzavecchia. Leo, sabe?

– Coloco um retalho de tecido entre as dobradiças e o dossel, que funciona como amortecedor – Jane diz, tentando focar no trabalho em suas mãos. – É tipo um reforço.

Ravi já está quase dormindo de novo. Apesar de concentrada, Jane nota que ele não parece tão esperto quando dorme. Imagina se está errada de conjecturar que não sabe a respeito do que Patrick está tramando.

– E sim – ela diz, falando sozinha. Ou falando para a casa, que parece grunhir de volta. – Também sonho com ele.

Ravi ainda está dormindo no sofá quando a barriga de Jane a informa de que é hora do café.

Sem saber qual é a rotina da casa e sem querer dar de cara com alguém que a deixaria nervosa, como Patrick ou Philip, ela manda uma mensagem para Kiran, que tem uma tendência à superproteção.

CAFÉ?

Kiran responde:

JÁ VOU. É NA SALA DE JANTAR.

Jane fecha a porta do escritório para poder se trocar no quarto. *O que coloco num dia desses?*, ela pergunta a tia Magnolia.

Então pega uma camisa com babados vermelho-alaranjada como um dragão marinho, calça listrada com estampa de zebra e botas pretas. Ela dobra as mangas até os cotovelos para que a tatuagem fique visível. Um pouco mais encorajada, mas com as mãos cerradas em punho, ela se dirige à sala de jantar.

Colin, Lucy St. George e Phoebe Okada estão na ponta da longa mesa, tomando café e comendo ovos poché e torradas em silêncio. Jane senta em uma cadeira livre e fica estudando Phoebe, que está muito maquiada de novo, com sombra cinza e batom roxo. Phoebe olha para Jane com uma expressão agressivamente agradável, até que, perdendo a paciência, Jane encara o prato.

Colin lê o jornal, o que a faz pensar em como ele foi entregue na casa. Por trás da cortina suave de cabelo castanho-claro, Lucy lê um livro, *A casa da alegria*, lançando um olhar ocasional ao celular quando vibra. Desconhecidos passam pela sala, gritando uns com os outros, carregando material de limpeza, baldes, vasos, luzinhas, escadas e derrubando coisas. O baile é amanhã. Jane fica surpresa que haja tão poucos hóspedes.

– Quem vem a esses bailes? – ela pergunta. – Nova-iorquinos ricos?

Colin levanta os olhos do jornal.

– Isso – ele diz, com um sorriso simpático. – Mas vem gente de toda a Costa Leste, e até estrangeiros.

– Como eles chegam aqui?

– A maioria em seu próprio barco, embora Octavian disponibilize os seus para quem precisar. Empregados temporários são contratados, como você deve ter percebido.

– E onde está Octavian, aliás? – Phoebe pergunta, dirigindo seu olhar implacável a Colin. – Não o vi desde que cheguei. Ele não ia se ausentar na semana do baile, não?

– Acho que Octavian tem se escondido – Colin diz. – Ravi comentou que ele está deprimido.

– Ah – diz Phoebe. – É uma pena, embora não me surpreenda, com Charlotte desaparecida.

– Charlotte está desaparecida? – Jane pergunta, com um sobressalto.

– Você não é amiga de Kiran? – Phoebe pergunta, levantando uma sobrancelha. – Ela não comentou que a madrastra sumiu?

– Falamos de outras coisas – Jane diz, na defensiva.

– Kiran pode ser bem reservada – Colin diz –, mesmo com aquelas de quem é mais próxima. Charlotte foi embora inesperadamente há um mês. Ela deixou um bilhete enigmático para Octavian, mas nunca mais escreveu e ninguém teve notícias dela.

– Mas para onde ela estava indo? – Jane pergunta. – Ninguém saiu à sua procura?

– Ela não disse – Colin explica. – Octavian contratou investigadores e tudo depois que alguns dias passaram e começou a parecer que ela tinha sumido. Mas eles não descobriram muita coisa, só algumas discrepâncias em seu passado e indícios de que a mãe dela era uma vigarista.

Jane sente algo nas orelhas.

– Que tipo de vigarista? – ela pergunta, engolindo em seco.

– Algum tipo de estelionatária – diz Colin.

Coçando as orelhas, Jane tenta descobrir como isso pode estar conectado ao que aconteceu na noite passada. Uma madrasta desaparecida e Philip partindo em uma missão misteriosa. Os Panzavecchia e a escultura também desaparecidos. E uma estelionatária na família?

– Dormiu bem? – Jane perguntou de repente a Phoebe, esperando que dissesse alguma coisa sobre reuniões noturnas e armas.

– Não – Phoebe diz, um rastro de preocupação ou infelicidade, cruza seu rosto.

De repente ela parece mais acessível, mais leve, e Jane vê que a maquiagem é uma camuflagem, para que pareça sempre desperta e alerta. Na verdade, parece exausta, com os olhos pesados.

– Também dormi mal – diz Lucy St. George, levantando os olhos do livro.
– Essa casa não me deixa dormir. Fico ouvindo gemidos e suspiros, como se ela se sentisse solitária nesta ilha, longe das outras casas.

Oba, Jane pensa. Não sou a única com imaginação aqui.

– Minha Lucy é uma poeta – diz Colin.

– Sua Lucy? – Jane repete. – Achei que tivesse uma Kiran, não uma Lucy.

– Fico feliz em dizer que tenho uma de cada – Colin diz, sorrindo. – Kiran é minha namorada e Lucy é minha prima.

– Ah! Então você também é St. George?

– Infelizmente, não – diz Colin. – Sou um Mack. O primo pobre irlandês.

– Ah, Colin – diz Lucy St. George. – Por favor, não começa a falar da Grande Fome.

– E por que não deveria falar da Grande Fome?

– É ridículo – Lucy diz. – Você estudou nas escolas e universidades mais caras do mundo.

– Minha educação foi financiada pelo pai de Lucy, meu tio Buckley – Colin diz para Jane, com um sorriso afetado. – Ele estava me treinando para ser útil.

– Ah, lá vamos nós – diz Lucy, revirando os olhos.

– Entendi – diz Jane. – E você é útil?

– Muito – Colin responde. – Pelo menos para o meu tio. Ele é um negociante de arte. Eu encontro peças para comprar e pessoas ricas a quem vender. Ravi faz a mesma coisa.

Jane se pergunta quanto treinamento é necessário para um trabalho do tipo, e se é algo que qualquer pessoa pode fazer, se aprender o suficiente.

– Acho que gostaria de trabalhar com arte – ela diz, com cuidado. – Um dia.

– É mesmo? – Colin pergunta. – E você leva jeito para a coisa? Ou para design?

– Acho que sim.

– Você é uma pessoa artística.

– Acho que sim – Jane repete.

– Talvez possa usar isso em algo mais prático, como arquitetura – Colin diz. – Já fez aula de desenho? Espero que esteja pensando em maneiras de se diferenciar dos outros. Tem uma estratégia? Interesses e habilidades únicos? Qual é sua marca?

Jane sente uma necessidade de esconder a existência de seus guarda-chuvas caseiros das perguntas de Colin.

– Não sou tão artística assim – ela mente.

– Pena. Nenhuma notícia sobre os Panzavecchia – Colin diz, virando a página do jornal.

– Nem na internet – Lucy completa. – Será que meus contatos sabem alguma coisa?

– Contatos? – Jane pergunta.

– Lucy é investigadora de arte particular – Colin explica.

– O que é arte particular?

– Ela é investigadora particular – Colin diz, com um sorrisinho. – Colecionadores a contratam para encontrar obras roubadas quando a polícia não tem sucesso. É muito boa, apesar do que possa ter ouvido sobre o recente contratempo com um Rubens.

– Ah, Colin – Lucy diz, calma. – Preciso ouvir histórias sobre meus próprios contratempos durante o café? Além disso, Jane não quer ouvir sobre ladrões de obras de arte.

– Na verdade, eu quero – Jane diz, pensando no Brancusi desaparecido e se perguntando se isso ajudaria a elucidar alguma coisa.

Lucy olha para Colin com uma indulgência cansada, então volta ao seu livro. Está claramente renunciando da conversa.

– Nos filmes – Colin diz, virando para Jane –, sempre se trata de algum colecionador rico que quer roubar a *Mona Lisa* ou coisa do tipo, certo?

– Ou um Monet ou Van Gogh famoso – Jane diz. – Ou o David de Michelangelo. Talvez apenas por diversão.

– Exatamente – ele diz. – Mas, na vida real, o ladrão de arte profissional e inteligente rouba uma obra menor, menos famosa, de alguém não tão importante. De preferência um quadro de quem ninguém ouviu falar, de um artista desconhecido, que vale quarenta mil dólares, e não quarenta milhões. Algo que não tenha um passado altamente documentado, de modo que possa ser reintroduzido no mercado sem levantar suspeitas e vendido para alguém que não tem ideia de que é roubado.

– Bom, acho que faz sentido.

– Quando um quadro famoso é roubado – Colin continua – como o Van Dyke ou o Vermeer que chegaram às primeiras páginas, há pouca esperança de achar um colecionador que o compre. A obra em geral acaba sendo passada de um criminoso para outro, como pagamento no mercado de drogas.

– Sério? – Jane pergunta, impressionada.

– Sério.

– Mas traficantes de drogas ligam para arte?

– Eles ligam para alternativas a dinheiro – Colin diz, com segurança.

– Como assim? – Jane pergunta.

Colin sorri. Jane percebe que ele gosta de ser o único a saber.

– Lavagem de dinheiro é um negócio arriscado – ele diz. – É cada vez mais difícil para os criminosos movimentar o dinheiro sem ser pegos. Mas é fácil movimentar obras de arte e, quando um quadro é roubado, seu valor sai em todos os jornais. É muito conveniente para mim se eu tiver um Rubens famoso roubado e quiser trocar por carregamento. Ou se precisar de um empréstimo e tiver que dar alguma coisa em garantia. Um quadro famoso é ótimo nesses casos.

– Acha que já explicou em detalhes suficientes, Colin? – Lucy pergunta com doçura, com o nariz enfiado no livro. – Talvez queira levar Jane em uma viagem de campo.

– Se alguém deveria fazer isso é você – diz Colin. – É seu mundo, não o meu. – Ele levanta uma sobrancelha significativa para Jane. – Não diga a ninguém, mas às vezes Lucy se disfarça para entrar no mundo das drogas.

– Voluntariamente? – Jane pergunta, encarando Lucy, que continua lendo com toda a calma, parecendo com alguém que deveria estar em uma poltrona fazendo crochê e comendo biscoitos.

Lucy está usando pérolas de novo, no pescoço e nas orelhas.

– Hum-hum – confirma Colin. – Com frequência, o único jeito de recuperar uma obra é se infiltrar.

– Você faz mesmo isso? – Jane pergunta a Lucy. – E se disfarça do quê? Traficante? Que tipo de roupa usa?

– Colin – Lucy diz, abaixando o livro e encarando o primo com olhos tranquilos. – Vou reivindicar minha posição de durona da família para dizer que é hora de calar a boca agora.

– Mas, Lucy – Jane diz –, isso quer dizer que, quando você disse ontem à noite que não podia imaginar que os Panzavecchia estavam envolvidos com o crime organizado, sabia do que estava falando? Tipo, por experiência própria?

– Sim – Colin confirma, olhando para a prima com admiração. – Lucy sabe do que está falando. Ela conheceu algumas dessas pessoas.

– Colin – Lucy avisa.

Phoebe entra na conversa:

– Bom, *eu* não tenho motivo para não acreditar. Se Lucy se disfarça de traficante e arma emboscadas, por que Giuseppe não pode dever dinheiro à máfia?

– Claro – diz Lucy, frustrada e sarcástica. – Por que não?

– Lucy recentemente conseguiu interceptar um Rubens roubado – Colin conta, satisfeito – em Poconos. Ela trocou por um monte de heroína e, quando estava com o Rubens em mãos, ligou para o FBI, que prendeu os caras. Foi uma grande vitória. Então um ladrão de carros qualquer a parou e roubou o Rubens antes que ela pudesse entregar ao FBI. Foi constrangedor. Por isso ela está tão sensível a respeito. Você já conheceu Ravi? – Colin pergunta a Jane, mudando de assunto do nada. – Ele vai gostar de você.

– Por quê? – Jane pergunta, confusa e mortificada ao pensar que Lucy é a namorada de Ravi, o cara que está dormindo sem camisa no seu sofá.

– Ah, ele gosta de variedade – Colin diz.

– Variedade! – Jane diz enquanto Lucy comprime os lábios, parecendo assustada e ferida.

– Por que Colin está pegando no pé dela?

– Tenho certeza de que Ravi nem vai me notar – Jane diz. – Não sou ninguém.

– Veremos – Colin diz.

Lucy levanta, pega o livro com uma mão e o celular com outra e sai.

– Por que você fez isso? – pergunta Jane.

– O quê? – pergunta Colin.

– Tentou fazer sua prima ficar com ciúme de mim.

– É coisa de família – ele diz, com uma expressão benevolente. – Não se preocupe com isso.

– Tudo bem, mas então não me use como arma.

– Boa garota – diz Phoebe, assentindo para Jane, surpreendendo-a de tal maneira que só conseguiu encará-la.

– Já vi que estou em desvantagem aqui – Colin diz. – Onde está Philip, Phoebe?

– Ele foi chamado ontem à noite – ela diz, e uma ruga de preocupação aparece em sua testa.

Os olhos de Jane são atraídos para o rosto de Phoebe.

– Chamado? – ela diz. – Por quem?

– Trabalho – Phoebe diz.

– E como ele fez? Nadou até a costa? – Jane pergunta.

– Philip sabe conduzir um barco. E os Thrash têm um monte deles. Acontece. Ele é médico.

– Ah – Jane diz, visualizando Philip Okada de novo com suas luvas de látex. – A misofobia deve dificultar o trabalho – ela acrescenta, como quem não quer nada.

Phoebe pisca.

– Misofobia? – ela repete.

– É – Jane diz. – Ele disse que tinha aversão a germes.

– É coisa nova – Phoebe diz.

– Desde quando? – Colin pergunta. – Não sabia disso.

– Não é incomum entre médicos – diz Phoebe. – Mas Philip não gosta de falar a respeito.

– Qual é a especialidade dele? – Jane pergunta.

– Ele é clínico geral – Phoebe diz.

– Poxa, e precisa atender mesmo estando de férias? – Jane continua. – Quer dizer, seria compreensível se ele fosse o único médico no mundo que pudesse ligar o cérebro de alguém à sua medula, mas tem um monte de clínicos gerais por aí.

– Meu marido é muito dedicado aos seus pacientes – Phoebe diz. – Você

está diminuindo o trabalho dele?

– Ah, Phoebe – Colin diz. – Tenho certeza de que não é nada disso. Você comeu direito? Aqui, pegue uma fruta.

– Desculpem – diz uma nova voz, com um sotaque suave que Jane não consegue localizar.

Todos viram para olhar o homem do leste asiático com cabelo grisalho que acabou de chegar da cozinha.

– Esqueci o caminho para o hall de entrada – ele diz, segurando um balde junto ao peito.

Jane presume que é um dos empregados temporários, preparando tudo para o baile.

– Por aqui – diz Colin, apontando para uma saída do outro lado da sala. – Passe pelo salão de baile e pegue a segunda porta à esquerda.

– Obrigado – o homem diz, então vai embora.

Nesse instante a porta da cozinha se abre e a sra. Vanders entra. Ela e Phoebe se encaram.

– Bom, terminei por aqui – diz Phoebe.

Ela cruza a sala com suas botas de salto alto fazendo barulho no piso e pega a mesma saída do empregado temporário.

A sra. Vanders fica à porta da cozinha e dirige sua expressão impenetrável a Jane, até que se afasta.

Kiran não apareceu para o café. Colin ficou provocando Lucy. Phoebe mentiu sobre o marido e pareceu seguir o empregado. Jasper não é nada se comparado a essas pessoas.

Jane termina o café, então vai direto para a porta da cozinha. É hora de perguntar à sra. Vanders o que há por trás da sua expressão.

Mas a sra. Vanders não estava mais lá.

Já o sr. Vanders está ali, sentado na enorme cozinha, de costas para Jane, inclinado sobre pilhas bagunçadas de mapas numa mesa comprida. Mas mapas normais, não os superdetalhados de Ivy. Ele murmura, irritado.

Patrick põe uma montanha de ovos em uma panela de água fervendo num fogão enorme, com cerca de doze bocas. Ele esfrega os olhos e boceja, sem dúvida primeiro por ter bebido com Ravi – e se lamentado, não foi isso? – e em seguida por ter se esgueirado pela casa com os Okada até o amanhecer,

todo misterioso. Jane nota que a mandíbula dele é forte e elegante. Patrick provavelmente parece com um herói das Brontë quando se lamenta.

– Até as quatro da manhã com Ravi, duas noites antes do baile – o sr. Vanders reclama –, enquanto o resto de nós corre para encontrar aquela porcaria. Você está devendo uma a Cook, meu jovem.

– E se eu compensasse fazendo o café? – Patrick diz, azedo. Então nota a convidada à porta. – Janie. Está procurando Kiran?

Quando o sr. Vanders ouve isso, ele se vira, levanta-se e a encara exatamente como a esposa, só que com o rosto negro e as sobrancelhas brancas e desgrenhadas. Jane fica pensando em sua foto de casamento, com os dois encarando a câmera com a expressão intimidadora. Então seu olhar recai sobre o figurino eclético de Jane.

– Estou procurando pela sra. Vanders – ela diz.

– Você pode ter o estilo de Magnolia – o sr. Vanders anuncia bruscamente –, mas não a sutileza.

Jane fica chocada.

– Você conhecia minha tia?

Ele acena com a caneta, em um gesto impaciente.

– Minha esposa quer explicar ela mesma – ele diz. – Acho que foi para o quarto. Quarta porta à direita. Ou então está na ala leste do terceiro andar, começando a fazer o inventário diário das obras. Também pode estar lidando com os empregados, em qualquer lugar da casa.

– Obrigada pela imensa ajuda – Jane diz.

– Humpf. E sua tia não era sarcástica.

Ela ouve um ruído à distância, como uma chaleira apitando. Ele vacila e flutua, de modo que é difícil descobrir de onde vem. As saídas de ar nas paredes? As bocas do fogão? No momento em que Jane entende que é uma criança chorando, o som se transforma em uma risada e os dentes dela rangem.

– O que é isso?

– Me parece óbvio que é uma criança – diz o sr. Vanders.

– Tem muitas aqui?

– Somos muitos empregados – ele responde. – A maior parte das pessoas tem filhos durante a vida.

– Vi uma menininha cavando no jardim ontem – Jane comenta.

O sr. Vanders congela. Ele parece surpreso, mas a expressão se desfaz

rapidamente, de modo que Jane pensa que talvez seja imaginação sua. Qual pode ser a importância de uma menininha cavando no jardim?

Apontando com a caneta para a saída, o sr. Vanders praticamente ordena:

– Vá falar com a sra. Vanders!

– Minha nossa. Espero que ela seja melhor de papo que o resto das pessoas nessa casa – Jane murmura ao virar, impressionada com a maneira como a maioria das pessoas que conheceu, como o sr. Vanders, Ravi, Phoebe e Colin, desperta seu lado mais sarcástico e sincero.

Ela pode estar desconfortável na casa, mas se pergunta se não está mais confortável consigo mesma. Sente-se quase como se encontrasse seu verdadeiro eu depois de um longo tempo. *Tia Magnolia?*

– Aliás – Jane diz alto ao chegar à porta –, sou a rainha da sutileza.

– Não acho que haja uma rainha da sutileza – Patrick comenta distraído às suas costas. – É mais um departamento de ministros e espiões.

No hall de entrada, um grupo de mulheres carrega ramos de lilases, cortando-os e dispondo-os em vasos. Jane sobe os degraus depressa, tentando chegar a uma altitude em que o cheiro seja menos pungente. Toda primavera, o perfume das lilases tomava conta do campus. É impossível separá-lo de tia Magnolia.

Ela para no segundo andar, notando que a armadura leva um grande buquê de narcisos nos braços. Jasper está no patamar oposto, em frente ao quadro do salão com o guarda-chuva, olhando para Jane e ganindo baixinho. Pensando em fazer carinho nele, ela atravessa a ponte, mas então ouve o barulho de alguém tirando uma foto.

Jane sabe quem é. Inclina-se, vira o pescoço e vê Ivy na ponte abaixo. Sua barriga está apoiada no parapeito e ela parece estar fotografando o hall de entrada.

Por uma fração de segundo, Jane considera fingir que não a viu. Se não falar com Ivy, não vai ter que pensar se está metida em alguma coisa.

Então a garota abaixa a câmera e a vê. Ela se inclina sobre o parapeito, sorrindo.

– Oi.

– Oi – Jane responde, com cuidado. – O que está fazendo?

– Tirando fotos.

– Do quê?

– Espera aí – Ivy diz, então se endireita e some do campo de visão de Jane.

Logo depois, ela está à sua frente. Usa um suéter azul velho e leggings preta, e cheira a cloro de novo, ou talvez ao mar. Ela parece o mar. Linda, despreocupada e cheia de segredos.

– O que está fazendo? – Ivy pergunta.

– Procurando a sra. Vanders – Jane responde. – E você, por que está tirando fotos do hall de entrada?

– Não falei? Estou registrando as obras – Ivy explica, então abre a boca para acrescentar algo, mas a fecha, parecendo cuidadosamente casual.

Jane sabe imediatamente, por instinto, que ela está envolvida no que quer que esteja acontecendo.

– Ivy? – ela diz, pesarosa. – O que foi?

– Oi? Olha.

Ivy mostra a câmera a Jane, passando pelas últimas fotos, todas de obras de arte da casa, embora sempre haja alguém da equipe de limpeza atrapalhando. Jane vê as mulheres arrumando os lilases e o homem com o balde que interrompeu o café. Ele aparece em muitas fotos, com a obra em questão ao fundo.

– Deve ser difícil se concentrar nas obras quando a casa está assim cheia – Jane diz, jogando verde.

– É.

– E por que você está fotografando as obras?

– Para a sra. Vanders – Ivy diz com aquela voz falsa e indiferente. – Para ajudar na catalogação.

– Ivy? – Jane diz, morrendo de vontade de perguntar se realmente está tirando fotos das obras ou se, por algum motivo, está mais interessada nas pessoas.

– Oi?

– Nada – Jane diz, frustrada consigo mesma. – Só acho que algumas pessoas nesta casa estão agindo de modo bem esquisito.

– Sério? Tipo quem?

Tipo você, com essa voz falsamente inocente, Jane quer responder. Ela se pergunta o que aconteceria se contasse a Ivy sobre Patrick e os Okada.

– A sra. Vanders, por exemplo – diz Jane. – Ela vive me olhando estranho.

– Ela faz isso com todo mundo – Ivy diz.

– Tá certo – Jane diz, com um toque de sarcasmo que não consegue disfarçar. – Tenho certeza de que tudo está absolutamente normal.

Agora Ivy estuda Jane com surpresa.

– Janie, aconteceu alguma coisa? – ela pergunta.

– Bom dia a vocês duas – diz uma voz atrás de Jane.

Kiran está no patamar, prestes a descer os degraus para o hall de entrada.

– Desculpa, Jane – ela diz. – Você tomou café?

– Tomei.

– Ei, Ivy – Kiran diz, abrindo um sorriso rápido. – Como você está?

– Bem – Ivy responde distraída, ainda olhando intrigada para Jane. – Patrick voltou. Deve estar procurando por você.

– É? – diz Kiran, sem demonstrar nenhum interesse enquanto começa a descer as escadas.

Assim que seus pés tocam o piso quadriculado, Ravi aparece no topo da escada.

Um depois do outro, os empregados no hall de entrada se viram para olhá-lo e sorriem. Ele está de banho tomado, barba feita, descalço e vestido de preto. De sua posição, com as mechas brancas no cabelo que o deixam mais velho, parece muito sofisticado. É difícil não sorrir para ele. Kiran vira o pescoço para o irmão, com o rosto iluminado. Quando a vê, Ravi desce as escadas, cantarolando o nome dela, pulando, correndo. Ele a toma em um abraço que faz Jane querer ter um irmão gêmeo.

Então Ravi olha em volta e encontra Jane e Ivy paradas na ponte.

– Gostei da sua amiga – ele diz para Kiran, alto o bastante para que Jane ouça.

– Comporte-se, Ravi – Kiran o repreende.

– Oi, Ivy – ele cumprimenta, abrindo um sorriso.

– Oi. – O sorriso dela é aberto e sincero. Em tom de brincadeira, Ivy acrescenta: – Como está sua namorada?

– Perfeitamente consciente do meu magnetismo sexual – ele diz.

Ivy dá uma risadinha de escárnio.

– Só não se esqueça dos meus poderes – ela diz. Então acrescenta para Jane: – Brincamos que eu sou uma bruxa.

– Achei que só usasse seus poderes para o bem – Ravi diz.

– Definir *bem* é uma coisa complicada.

– Deus do céu! – Ravi diz. – Alguém corrompeu você! Escondam os livros

de magia!

– Vamos votar e ver quem de nós dois as pessoas acham que é mais corruptível.

– Bom, não é só porque a *maioria* das pessoas acredita numa coisa que ela se torna verdade – Ravi diz.

– Maioria? Aposto que vai ser unânime.

– Mesmo assim.

– Olha, tudo o que estou dizendo é que Lucy parece bem legal. Então não se esqueça dos meus poderes.

– Entendi. Quando meus testículos secarem e caírem, vou saber quem...

– Minha nossa – Kiran interrompe. – Não quero pensar nos seus testículos, por favor.

– Vamos ver a mamãe – Ravi diz para Kiran.

– Como é que você pode mudar o assunto de testículos para a mamãe?

– Ela é outra que provavelmente ameaçaria meus testículos – Ravi diz. – Vamos tomar café e depois visitar a mamãe.

– Não estou com humor para as várias realidades dela – Kiran diz. – Faz minha cabeça girar.

– Você não pode evitar mamãe para sempre – Ravi diz. – Nem papai. E soube que está tentando.

– Bom, você deveria se sentir honrado por eu não estar evitando você também – Kiran diz, fofa.

– Sou irresistível – Ravi diz. – Nasci assim, não posso fazer nada. – Seus olhos se voltam para algum lugar debaixo da ponte em que Jane e Ivy estão. A expressão em seu rosto se anula. – E aí, cara? – ele diz para alguém que Jane não consegue ver, depois dá um beijo na irmã e passa por uma das portas que leva, entre outros lugares, à sala de jantar.

A pessoa que Ravi cumprimentou tem ombros largos que Jane logo reconhece. Patrick adentra o salão na direção de Kiran, com as costas largas voltadas para Jane, que não pode ver seu rosto, só o da amiga. Ela já está acostumada com aquela expressão: uma dureza calculada. O muro de Kiran. *E ela está certa em se proteger*, Jane pensa. *Patrick mente*.

Ele para diante dela.

– Ei. Tudo bem?

– Claro – Kiran diz, então olha para Jane e Ivy como que para mostrar a Patrick que estão ali. Ele olha por cima do ombro e vê as duas na ponte.

Jane finge olhar para outro lugar por um momento, então, quando Patrick vira o rosto, volta a observá-los.

– Então... – Patrick diz. – Indo tomar café?

– É.

– Manda um oi pro seu namorado por mim – ele diz.

– Patrick – Kiran diz –, para com isso.

– Imagina só se eu pudesse dizer isso a você – Patrick fala – e você obedecesse. “Kiran, para com isso.”

– Não vou ter essa conversa aqui.

– Ok – Patrick diz, cortante, então se vira, dirigindo-se para a ala leste.

Kiran fica olhando para ele, com as mãos cerradas em punho. Sua máscara está caindo. De repente ela dispara pelo piso quadriculado atrás dele, com os saltos batendo forte no mármore, e sai do campo de visão de Jane.

Jasper, ainda no patamar do segundo andar, começa a pular e a dar latidinhos na frente do quadro. É como se estivesse incorporando um canguru com raiva.

– O que está acontecendo nesta casa de doidos? – Jane pergunta a Ivy.

– Como assim? – ela pergunta em um tom quase irônico.

– Kiran e Patrick têm um passado? – Jane pergunta.

– Mais ou menos – Ivy diz. – Quer dizer, eles se amam. Mas é confuso. No momento, eu diria que têm incompatibilidades fundamentais.

– Tipo o fato de Kiran namorar?

– Não – Ivy diz, parecendo muito segura de si. – Acho que a questão é principalmente Patrick.

– Porque ele se esgueira por aí e mente – Jane diz.

Ivy fica fisicamente assustada. Seu corpo se tenciona e seus olhos encontram rapidamente os de Jane. Então ela começa a falar, preenchendo o silêncio, como se para impedir a outra de dizer mais alguma coisa.

– Acho que Kiran está com Colin em uma tentativa de seguir em frente. Ele é legal com ela, muito cuidadoso. Uma vez, antes de começar a sair, Octavian começou a criticar Kiran no jantar por não ter um emprego e ficar se lamentando pelos cantos. Colin olhou bem nos olhos dele e disse que não era nenhuma vergonha ficar desempregado e se lamentar pelos cantos, que era algo que podia acontecer. Colin disse isso numa voz completamente controlada que faria qualquer um se sentir um idiota se rebatesse. Octavian enfiou o cachimbo na boca e saiu da mesa.

– Hum – Jane diz, tentando focar na conversa, e não no mistério. – Imagino que a maioria das pessoas não fale com Octavian assim.

– Ele pode ser muito duro com Kiran e Ravi – Ivy diz. – Colin deu um jeito de fazer Octavian se tocar sem ser mal-educado. Kiran nunca consegue fazer isso por si mesma.

– E Ravi e Lucy? Como acabaram juntos?

– Eles meio que têm um rolo desde que se conheceram, faz uns dois ou três anos – Ivy diz. – São muito próximos, e vivem brigando e fazendo as pazes. É difícil dizer se é sério.

– Ele não parece ser sério.

– Ah, Ravi só faz tipo.

– Sério?

– Bom, acho que não dá para ter certeza – Ivy diz. – Mas acho que ele não trairia de fato. É bem fiel.

– Ravi não é meio novo para ela?

– Ele tem vinte e dois, mas doze em termos emocionais. Ela tem trinta.

– Ravi gosta de mulheres mais velhas?

– Ele gosta de qualquer uma, de forma pan-óptica – Ivy diz.

– Pan-óptica? – Jane pergunta, sem entender.

– Sem excluir ninguém – Ivy diz, com um sorriso.

Jane compreende que alguém se sinta atraído por tipos diferentes. Por homens e mulheres, de tamanhos, formas, personalidades, visuais diferentes. Ela mesma não tem um tipo. Mas há certas qualidades que valoriza. Como o domínio de palavras complexas que ela não conhece; isso é algo atraente.

– Sério? Todo mundo? – Jane pergunta. – Qualquer pessoa viva?

– Bom, ele não é um pedófilo. Nem incestuoso – Ivy diz. – E sabe que acabaria castrado se chegasse perto de mim. Mas Ravi consegue ver o que cada um tem de bonito.

– Mas até a sra. Vanders, por exemplo, o atrai?

– Espero que eles tenham uma relação mais do tipo mãe e filho – Ivy diz, com uma risadinha. – Não quero ir além disso.

– E seu irmão?

Ivy aperta os lábios.

– No caso de Patrick, é preciso fazer uma distinção entre atração e intenção. Quer dizer, Ravi tem princípios. Ele não veria Patrick assim, não de verdade. E nunca poderia acontecer, porque meu irmão é hétero. De qualquer

maneira, Ravi nem tentaria nada, porque acha que Patrick e Kiran deveriam estar juntos.

É muita coisa para absorver. Jane quer fazer algumas perguntas que não pode, porque não são exatamente relevantes. Tipo: Ivy é hétero? Por que é tão fácil falar com ela? Mesmo quando fica mudando intencionalmente para uma versão falsa dela mesma?

– Ivy? – Jane arrisca.

– Hum?

Mas ela só suspira e diz:

– Nada.

– É uma água-viva? – Ivy pergunta. – Sua tatuagem?

– É – Jane diz, de repente tímida.

– Posso ver?

Com cuidado, Jane enrola a manga até o ombro. Os tentáculos compridos e detalhados e depois o corpo dourado da água-viva ficam à mostra, ancorados na sua pele.

– Minha nossa – Ivy diz, deslumbrada. Ela traça o desenho com o dedo. – É *maravilhoso*. Foi você quem desenhou?

Por que a admiração de Ivy só deixa Jane mais triste por ela ter mentido?

– É baseado numa foto que minha tia tirou – ela diz. – Tia Magnolia. Foi ela quem me criou, mas já morreu. Talvez você saiba disso. Ela era uma fotógrafa submarina. Me ensinava a respirar como uma água-viva faz para se mover.

Jane não consegue parar de falar, mas Ivy ainda toca sua pele, e ela precisa que saiba de tudo, todas as partes.

Ivy recolhe a mão. E então franze a testa.

– Ivy? – Jane diz.

– Ivy – chama uma voz profunda e áspera. É a sra. Vanders, vindo a passos largos na direção delas. – Você viu Ravi?

– Acho que está tomando café – ela responde, seca, olhando para a câmera.

– Preciso dele – a sra. Vanders diz. – Quero que veja o Vermeer.

– Por quê? – Ivy pergunta. – Tem alguma coisa errada com o Vermeer?

– Só quero que o veja – diz a sra. Vanders – e não note nada de errado com ele, para que eu possa parar de me preocupar com aquela porcaria e me dedicar às milhões tarefas para o baile. Peça que me encontre, mas não

adiante nada. E você – ela diz, apertando os olhos para Jane. – Precisamos falar.

– Estava mesmo com essa impressão – Jane responde. – Pode ser agora?

– Estou ocupada – diz a sra. Vanders. – Depois! E não diga nada a ninguém.

Ela vira e volta pelo mesmo caminho por onde chegou.

– Ivy?

– Oi?

– Hoje, na cozinha, o sr. Vanders disse que conhecia minha tia.

– É?

– Você a conhecia?

Ivy abre a boca para responder, mas, antes que possa dizer qualquer coisa, a sra. Vanders vira a cabeça na direção delas e grita:

– Ivy! Sem enrolação! Encontre Ravi!

Ivy pega o braço de Jane bem onde os tentáculos da água-viva tocam o cotovelo. Ela aperta tanto que dói.

– Fale com a sra. Vanders – ela diz. – Por favor.

Então se vira e desce as escadas, deixando Jane sozinha e ressentida, esfregando o braço.

No momento em que Ivy desaparece, Ravi surge no hall de entrada. Está com duas torradas em uma mão e uma tigela com frutas na outra.

Dando uma mordida, ele corre pelos degraus da ala oeste e atravessa a ponte de Jane.

– O café da manhã é uma atividade muito sedentária para você? – Jane pergunta, enfadada.

– Só queria dar um oi – Ravi diz.

– Ravi, você não está com Lucy? – ela pergunta, girando o ombro para longe dele.

– Às vezes sim, às vezes não – ele diz. – No momento, não.

– Ah – diz Jane, confusa com o fato de que a informação a anima. – Sinto muito.

– Bom – ele diz –, mas, respondendo à sua pergunta, sim. As refeições nessa casa sempre são sedentárias demais para mim.

– Então é melhor continuar se mexendo – diz Jane.

Ravi ri, então surpreende Jane fazendo como sugeriu. Ele nem passa muito perto dela.

– Sinto muito em dizer que outra alma me espera esta manhã – Ravi diz ao ir embora. – E quanto a você? Tem algum interesse no universo de realidades múltiplas? Ou, como minha irmã, é avessa à cosmologia?

– Do que está falando?

– Vem comigo – ele diz.

– Aonde? – Jane pergunta, pensando na sra. Vanders, mas principalmente na estranha interação com o irmão pouco seletivo de Kiran.

– Você sabe o que é cosmologia, né? – Ravi pergunta. – O estudo do cosmos? Não vai se confundir com cosmética, que é sobre se maquiar.

– Você é condescendente e burro – Jane murmura. – Sem querer ofender o Ió – ela acrescenta.

Ravi ri enquanto se afasta.

– Você que sabe.

Jane o observa enquanto sobe as escadas com graciosidade. Ela se esqueceu completamente de que a sra. Vanders espera por ele.

– Ah – solta, ao lembrar.

A intenção de Jane é chamá-lo, mas, no mesmo instante, uma menininha entra no salão abaixo. Aquela casa se parece com uma estação de trem.

É a menina que Jane viu cavando na chuva. Ela vai até uma mesa lateral e empurra os lilases para abrir espaço para o que carregava junto ao peito. Jane não consegue ver direito o que é, com todos os ramos no caminho.

É quase como se a menina tivesse esperado que as empregadas com os lilases saíssem para entrar no salão sem ser vista. Ela sai correndo na direção que leva para o pátio veneziano, mas então vê Jane na sacada e congela. A menina a encara por um microssegundo antes de seguir em frente, e Jane fica imaginando se é loucura pensar que ela se parece as fotos mais recentes da filha mais velha dos Panzavecchia, Grace. A menina que desapareceu da escola no mesmo dia que os pais tentaram roubar um banco. A filha que tem memória mnemônica.

Ravi já está longe. Assim como a sra. Vanders, Kiran e a menina. Só Jasper continua ali, ainda pulando, se movendo e ocasionalmente ganindo no patamar. Há pilhas de ramos de lilases ocupando grande parte do piso de baixo.

A casa de repente fica quieta, como se segurasse o fôlego.

Então o ruído dos saltos das botas de Kiran chega aos ouvidos de Jane antes que ela possa adentrar o salão.

Ela passa por um grande ramo de lilases no chão. Escolhe um ramo, sacode e devolve ao seu lugar, aparentemente só pela violência do ato. Então joga os braços em volta do corpo, em um abraço, com o queixo abaixado. Não vê Jane, que é uma intrusa em sua dor. Jane sabe disso. Mesmo assim, fica ali, incapaz de se segurar. Só quer ajudar.

– Kiran?

Sua máscara volta ao lugar. Ela levanta os olhos.

– Ah – Kiran diz. – Oi, Janie.

– Tudo bem?

– Por que todo mundo me pergunta isso? Não pareço bem?

– Você parece meio... perdida.

– Perdida? – Kiran repete. – Que maravilha. Não sei por que vim para cá se as pessoas vão ficar me acusando de estar perdida.

– Patrick já fez sua confissão?

O rosto dela se contorce em irritação.

– Esqueci que tinha te contado isso. Não. Ele não disse nada. Mas obrigada por lembrar.

– Sobre o que acha que é?

– Não sei – Kiran diz –, mas estou tentando não pensar a respeito.

As mulheres dos lilases voltam como uma tropa para o salão, carregadas de vasos vazios. Kiran vira de costas para elas, de modo que não possam ver seu rosto.

– Você já sentiu – ela diz para Jane – que está presa na versão errada da sua vida?

A pergunta extraordinária faz total sentido para Jane. Ela se sente exatamente assim desde que tia Magnolia morreu. É como se a versão errada de sua vida a tivesse abraçado e mergulhado com ela, levando-a para o fundo, onde estava se afogando.

– Sim – Jane diz.

– As pessoas dizem que tudo o que acontece é consequência direta das escolhas que você faz – Kiran diz –, mas isso não é justo. Na metade do tempo, a gente nem se dá conta de que está fazendo escolhas importantes.

– Verdade – Jane diz. – Meus pais morreram em um acidente de avião quando eu tinha um ano. A maior parte das pessoas sentadas do lado esquerdo sobreviveram, e a maior parte das pessoas sentadas do lado direito morreram. Meus pais estavam sentados do lado direito, totalmente por acaso.

Kiran assente.

– Octavian foi a um leilão em Las Vegas, mas o voo atrasou. Ele chegou tão tarde que perdeu o café da manhã, então pegou um táxi e pediu para o cara encontrar um restaurante no meio do deserto onde pudesse tomar um *bloody mary* e comer ovos mexidos, rodeado por cactos. O cara disse para ele esquecer aquilo e o levou para o Belaggio, onde ele ficou perdido tentando encontrar o restaurante e se deparou com uma mulher que tinha plantas do cassino. Ele perguntou se ela estava planejando um roubo. A mulher disse que se chamava Charlotte e que tinha sido contratada para redecorar o lugar. Agora ela é minha madrastra. Não é completamente aleatório?

– Por outro lado – Jane diz –, eles *decidiram* casar. Algumas coisas acontecem por uma decisão.

– É – Kiran diz. – Vai em frente, pode dizer. Eu escolhi não ter um emprego e ser uma inútil.

– Kiran – Jane diz, lembrando o que Colin havia dito a Octavian. – Você não é inútil. Só não achou seu caminho ainda. Bem-vinda ao meu mundo. Estou na mesma. E reclamo muito mais do que você.

– Você não reclama – Kiran diz. – Está sofrendo.

Kiran tem um jeito de falar as palavras que faz com que pareçam um raio de luz em meio a um monte de bobagem. *Estou sofrendo. É como afundar na lama.*

– Vamos dar uma volta – Kiran diz. – Vou contar tudo sobre o mistério de Charlotte.

Um cano de aquecimento estala em algum lugar da casa e uma corrente de ar se movimenta, sussurrando uma palavra que Jane não identifica bem. Charlotte.

Ela esfrega as orelhas, tentando decidir. É claro que quer saber mais sobre a madrastra de Kiran.

Mas também precisa perguntar à sra. Vanders sobre tia Magnolia – embora ainda que descobrisse que as duas eram melhores amigas não fosse trazê-la de volta. Jane desconfia que, apesar da curiosidade, aquilo só pode acabar em decepção.

Mas talvez Jane deva seguir a menina que parece Grace Panzavecchia, que foi para o pátio. E se ela realmente for Grace Panzavecchia? E se essa for a resposta para Patrick e os Okada, para a arma?

É claro que há uma parte de Jane que quer seguir Ravi para onde quer que

tenha ido; de verdade, para *qualquer lugar*. Ele faz Jane se sentir como se estivesse adormecida até então e finalmente acordasse.

E qual é o problema de Jasper? Aquele cachorro ridículo, choramingando no patamar do segundo andar, olhando para Jane com a expressão mais trágica que já se viu no rosto de um animal.

Um sino toca nas profundezas da casa,
quase distante demais para ouvir,
mas doce e claro, como um sino de vento. *Escolha,*
escolha, ele parece dizer.

A sra. Vanders, a menininha,
Kiran, Ravi ou Jasper?

O lado esquerdo do avião ou o direito?

Tia Magnolia?, Jane pensa. Para onde devo ir?



Jane decide.

– Desculpa, Kiran, mas preciso falar com a sra. Vanders antes. Parece que ela conhecia minha tia. Encontro você depois, tá?

– Tá – Kiran diz, dando de ombros meio desapontada. – Me manda uma mensagem.

– Beleza.

Kiran vai embora.

Quando Jane passa por Jasper no patamar, ele pula, fica dando voltinhas nela e corre atrás de suas pernas, como sempre. Ela continua em frente.

– Se quiser vir comigo... – Jane diz, mas quando se vira o cachorro sumiu.

Jane encontra a sra. Vanders no extremo oposto do corredor leste do segundo andar, estudando um quadro apoiada em uma única perna. A sola do seu pé descalço está apoiada na parte interna de sua coxa, e suas mãos estão em posição de prece. Jane presume que é algum tipo de postura de ioga.

– Oi – ela cumprimenta ao se aproximar.

– Você – diz a sra. Vanders, sem olhar ou se mover.

Ela tem um walkie-talkie preso na parte de trás de sua leggings preta.

– Eu – diz Jane. – Ouvi dizer que conhecia minha tia.

– Você não é Ravi – a sra. Vanders diz.

– Não – diz Jane. – Ravi foi visitar alguém. A mãe, acho. Ela está aqui?

A sra. Vanders responde apenas com um “humph” desdenhoso.

– Você tem passado bastante tempo com Ivy – ela diz. – Sobre o que conversam?

Jane cansa daquele jogo.

– Então você *não* conhecia minha tia – ela pergunta, sarcástica. – Estou perdendo meu tempo.

– Minha pergunta sobre Ivy está relacionada à sua pergunta sobre Magnolia.

– Como pode ser? Elas se conheciam?

– Você viaja bastante? – a sra. Vanders pergunta.

– Não! – Jane diz. – Por quê? Vocês viajavam juntas ou coisa do tipo?

– Temos uma das fotos da sua tia – a sra. Vanders diz. – De um peixinho amarelo, na boca de um peixe maior. Ela sempre dava um jeito de... encontrar o que estava escondido.

– Ah – Jane diz, impressionada. Havia uma das fotos dela ali? Ela se enche de orgulho. Era muito apropriado que o trabalho da tia fosse incluído na miscelânea artística daquela casa. – Foi assim que vocês se conheceram? Quando comprou a foto?

A sra. Vanders suspira de leve.

– Isso. Foi assim.

– Sei – Jane diz, considerando que faz sentido, mas... não completamente.

– E o que isso tem a ver com Ivy?

– Só queria saber o que ela tinha te contado.

– Mas por que importaria? Ninguém sabe da foto?

– Claro que sabem. Está pendurada na ala oeste – diz a sra. Vanders, acenando para a ala oeste e finalmente desfazendo a postura.

Ela aproxima o rosto do quadro à sua frente.

– Ela veio aqui? – Jane pergunta. – Minha tia? Você a conheceu pessoalmente?

– Falamos por causa da foto – diz a sra. Vanders.

– Pessoalmente? O sr. Vanders sabia mais coisas sobre minha tia, tipo, como ela se vestia.

– Ah, droga – a sra. Vanders diz, com o nariz a poucos centímetros do quadro.

– O que foi?

– Desculpe – ela diz –, mas esse quadro parece certo para você?

Jane, que não podia se importar menos com o quadro, se segura para não responder impaciente e dá uma olhada. É um belo quadro de uma mulher sentada a uma escrivaninha. Há um sapo no chão quadriculado atrás dela, sua pele azulada tocada pela luz do sol que entra pela janela. Ele tem uma expressão misteriosa, enquanto a mulher parece absorvida em seu trabalho.

– Em que sentido?

– Como o Vermeer que é – a sra. Vanders diz. – *Senhora escrevendo uma carta e seu sapo.*

– Não tenho ideia de como o quadro deveria ser.

– Johannes Vermeer – a sra. Vanders diz. – Uma mulher com um brinco de pérola? Uma mulher com seu sapo?

– Conheço Vermeer – Jane diz. – Ele é famoso e tal. Mas como posso saber se esse quadro parece certo? Nunca o vi.

– Bom, o que você acha da luz?

Jane olha novamente para o quadro, que tem partes mais leves e claras e partes mais profundas e escuras, de que ela, de fato, gosta. Parece realmente iluminado pelo sol.

– Incandescente? – ela arrisca.

– Hum – a sra. Vanders diz. – Essa mulher me parece pálida. Não está incandescente como antes.

– Está dizendo que alguém alterou o quadro?

– Alterou ou falsificou – a sra. Vanders diz.

– Falsificou! – Jane diz. – De verdade?

– Ou trocou por uma versão de outro Vermeer – a sra. Vanders acrescenta, sombria.

Jane se pergunta se o equilíbrio físico da sra. Vanders é inversamente proporcional ao seu equilíbrio mental.

– Quanto o quadro vale? – ela pergunta.

– Vermeers são raros e quase nunca são vendidos – a sra. Vanders diz. – Valeria pelo menos algumas centenas de milhões de dólares em leilão.

– Minha nossa – Jane diz. Era estranho que uma pintura pudesse valer mais do que a casa em que estava. Como uma caixinha de madeira contendo um diamante, ou tia Magnolia em um barco.

– Olha, entendo que seja importante – Jane diz. – Mas você deveria falar com Ravi ou Lucy St. George, não comigo. Agora pode me contar sobre minha tia?

No mesmo instante, Ravi aparece do outro lado, caminhando na direção das duas com uma última torrada na mão.

– Agradeceria se não dissesse nada sobre o Vermeer a Ravi – a sra. Vanders sussurra para Jane.

– Por quê?

– Porque *eu* quero lidar com isso – ela diz.

Ravi tem um quadro de ninfeias sob o outro braço. É claramente impressionista, um Monet. Mas, quando se aproxima, Jane nota que tem alguma coisa... *estranha* nos sapos sobre as ninfeias. Seus olhos parecem inteligentes, mas... mortos. E as plantas parecem pairar, quase como se flutuassem na tela. É bem esquisito.

– Tem um minuto, Vanny? – Ravi pergunta, animado. – Trouxe algo para você.

A sra. Vanders dá uma olhada no estranho Monet que Ravi carrega e sua

expressão é de puro desgosto.

– Honestamente, Ravi – ela diz. – Me diga que não vai me pedir ajuda para encontrar um comprador para isso.

– Por favor, Vanny? – Ravi pede.

– Você está testando minha paciência. E sua mãe também!

– É, é – Ravi diz. – Mas a senhora conhece todos os colecionadores especializados.

– Vou pensar a respeito – diz a sra. Vanders, então diz, cheia de sentido –, enquanto estamos aqui, em frente ao Vermeer.

– Está bem – ele diz, pousando os olhos plácidos sobre o Vermeer. Jane observa a sra. Vanders observando Ravi. – Sempre foi meu favorito – ele completa.

– É mesmo incandescente, não acha? – diz a sra. Vanders, então fica em silêncio.

Jane olha da mulher para Ravi, ainda esperando que pergunte se algo no Vermeer lhe parece estranho.

– Não estou entendendo – Jane diz.

– Cuide da sua própria vida, garota – a sra. Vanders diz, seca. – Faço as coisas no meu próprio tempo.

Algo dentro de Jane estala.

– Então você não se importa se tem algo de errado com o Vermeer? – ela pergunta. – Era só um jeito de evitar minhas perguntas sobre minha tia?

– Tem algo de errado? – Ravi pergunta. – Do que vocês estavam falando?

– Ela acha que a mulher parece pálida – Jane diz. – Falou até que o quadro pode ter sido falsificado – completa de forma beligerante quando a sra. Vanders a olha furiosa.

Ravi congela.

– Falsificado? – ele repete, indignado.

– Não queria preocupar você, Ravi – diz a sra. Vanders. – Principalmente antes do baile. Tenho certeza de que não é nada.

Ravi estica os braços e tira o quadro da parede.

– Chave de fenda – ele diz, com um tom que parece de pânico controlado.

– Ravi, acho que deve imaginar que não carrego uma chave de fenda comigo o tempo todo.

– Eu carrego – diz Jane, pegando o canivete suíço do bolso, ele tem uma pequena chave de fenda que ela puxa e entrega para Ravi.

Ele logo está ajoelhado, abrindo a moldura com todo o cuidado. Extremamente focado, Ravi separa a tela e a segura contra a luz. Então passa a ponta dos dedos pelo rosto da mulher escrevendo, quase tocando seus olhos.

Sem dizer nada, ele coloca a tela no chão e cobre o rosto com as mãos.

– Então eu estava certa – diz a sra. Vanders, parecendo derrotada.

– Onde está Lucy? – Ravi responde, com a voz baixa.

– Vamos atrás dela agora mesmo – a sra. Vanders diz. – Jane, acha que pode encontrar Lucy?

– Claro – ela diz, mas, antes que possa sair, Lucy aparece no fim do corredor, caminhando em sua direção.

Ela aperta o passo, parecendo intrigada ao ver Ravi ajoelhado.

– Ravi? Por que tirou a tela da moldura? – pergunta.

– É falsa – ele explica, puxando os cabelos.

– O quê?! – Lucy exclama. – Como assim?

Uma lágrima escorre pelo rosto dele, depois outra. É tão estranho para Jane estar ali enquanto alguém tão rico quanto Ravi está ajoelhado no chão *chorando* pelo roubo de um quadro de valor inestimável.

– É uma falsificação perfeita – ele continua. – A não ser pelo fato de que está faltando um furo minúsculo no olho da mulher. Só a família sabia de sua existência. Nunca contamos a ninguém.

– Quê? – Lucy pega a tela. – Me dá isso aí. Do que está falando?

– O olho dela é o ponto de fuga do quadro – Ravi diz. – Vermeer sempre incluía um furo em suas telas. Era uma âncora a partir da qual trabalhava a perspectiva. Por isso as cenas parecem tão equilibradas. A sra. Vanders descobriu isso há alguns anos.

Lucy encara Ravi, incrédula.

– Você tinha um conhecimento de como Vermeer trabalhava que nunca compartilhou? – ela diz. – Enquanto sabemos tão pouco sobre ele?

– Alguém roubou nosso Vermeer, Lucy! – Ravi grita em uma explosão de fúria. – Não estou nem aí se ele pintava com um pincel enfiado na bunda.

– Isso é inacreditável – Lucy diz, segurando o quadro de perto. – É uma falsificação impressionante.

– Até as rachaduras na tinta parecem iguais – a sra. Vanders diz. – Numa olhada rápida, pelo menos.

– E as extremidades batem – Ravi diz, pegando a tela de Lucy. – O que

quer dizer que alguém a tirou da moldura e fotografou para depois copiar.

– É péssimo que isso tenha acontecido agora, um dia antes do baile – Lucy diz. – Torna o número de suspeitos ainda maior.

– Bom, não é ninguém da minha família – Ravi diz. – Nem os Yellan ou Vanders. Todos sabíamos do furo.

– A menos que a pessoa não tenha feito o furo de propósito – Lucy diz. – Se uma falsificação com um furo fosse feita e de alguma forma descoberta, não haveria dúvida de que o culpado seria um de vocês.

– Bom, sei que não fui eu – Ravi diz, teimoso.

– Está bem, Ravi – Lucy diz, perdendo a paciência. – Vou me certificar de incluir sua análise sofisticada na minha investigação. Mas, sinceramente, ainda não consigo acreditar. Tem certeza absoluta de que é uma falsificação?

Ravi responde com uma fungada, então pega o canivete e devolve para Jane.

– Onde está Kiran? – ele pergunta. – Vocês a viram?

– No jardim de inverno – Lucy diz –, jogando baralho com Phoebe e Colin.

Deixando a falsificação e a moldura jogadas no chão e seu estranho Monet apoiado na parede, Ravi levanta.

– Tenho que contar a ela – diz, já se dirigindo para a escada de serviço. A porta vaivém balança atrás dele.

Depois de um momento de silêncio, Jane diz:

– Uau.

Lucy estreita os olhos para a sra. Vanders e depois para Jane, sombria e atenta. Jane consegue imaginá-la sentada com traficantes, convencendo-os a entregar obras de arte valiosas.

Ela sabe que Lucy só está fazendo seu trabalho, mas, honestamente, é absurdo demais que ache que Jane pode ter alguma coisa a ver com aquilo.

Mas até a entende, porque sua visão sobre cada pessoa na casa também mudou. Até que consiga investigar cada possibilidade, não vai confiar em ninguém.

Como isso inclui a sra. Vanders e Lucy, Jane só se despede e vai para o quarto.

Jasper está esperando do outro lado da porta. Jane o deixa entrar e o cachorro

se entoca debaixo da cama. Logo se podem ouvir seus leves roncos, o que é reconfortante e de alguma maneira ajuda, como se fosse uma espécie de combustível.

Do lado de fora da janela, Jane vê o sr. Vanders cavando na mesma área que a menina do dia anterior. Ele trabalha com a pá de maneira lenta e habilidosa, como se seu objetivo fosse fazer o ato em si, e não o buraco. Então para por um momento para espirrar. Jane quer se inclinar para fora e gritar que nada nunca vai crescer ali se as pessoas não pararem de revirar a terra.

Ela se volta para o quarto tomado por guarda-chuvas, sem realmente olhar para nenhum, com seus pensamentos girando em torno do Vermeer. Por um lado, é um alívio que um dos mistérios da casa esteja vindo à luz e que todo mundo saiba a respeito e fale sobre isso. Por outro, quanto mais descobre, menos sentido faz. E ela realmente não quer que tudo conduza à revelação de que Ivy de alguma maneira está envolvida com roubo de obras de arte.

Apesar de que se Ivy ou qualquer outra pessoa estiver envolvida com roubo de arte Jane supõe que é melhor saber.

Droga.

Ela pega um caderninho, passa pelas páginas com desenhos de guarda-chuvas até chegar a uma em branco, e começa a listar os suspeitos mais prováveis.

Patrick Yellan

Philip Okada

Phoebe Okada

Philip andando com uma arma. Eles estavam falando dos Panzavecchia? Philip aparecendo no sótão e sumindo para algum lugar misterioso, mentindo sobre ser misóforo. Phoebe mentindo sobre Philip. Patrick tem algo a confessar para Kiran, mas que nunca confessa. Lamentos. Tem fácil acesso a barcos. Ficou fora até tarde com Ravi.

Rangendo os dentes, Jane acrescenta o próximo nome.

Ivy Yellan

Escondendo alguma coisa de mim. Diz que está tirando fotos das obras, mas é verdade? Tem plantas da casa que incluem as obras e a

decoração. Diz que conhece todos os segredos do lugar. Está economizando para a faculdade. Parece se ressentir da sra. Vanders.

Agora ela decide que pode muito bem incluir os empregados.

Sra. Vanders

Maluca controladora. Quer controlar o que as pessoas sabem e não sabem, onde vão, com quem e sobre o que falam. É chefe de Patrick. Relutou em admitir suas suspeitas de falsificação para Ravi. Por quê? Por outro lado, foi quem levantou a possibilidade de falsificação, o que a torna uma suspeita muito pouco provável.

Sr. Vanders

Foi visto com uma criança ontem e com plantas hoje. É evasivo. Está cavando no jardim. (Uma tela pode ser enterrada sem que estrague?)

Cook

Nunca vi.

Temporários contratados para o baile

Jane segue adiante, listando os outros moradores e convidados.

Lucy St. George

Investigadora particular especializada em arte, sabe sobre como essas coisas funcionam. Seu pai, Buckley, é negociante de arte (assim como seu primo e seu namorado). Perdeu um Rubens recentemente. Vai e volta com Ravi. (Um sentimento de vingança ou algo do tipo?)

Colin Mack

Também sabe bastante sobre o mundo das artes e dos roubos de obras. Sobrinho de Buckley. Kiran não parece gostar dele, ainda que estejam namorando (mas Kiran não parece gostar de ninguém). Foi um babaca com a prima no café.

Kiran Thrash

Infeliz. Brava com todo mundo. Odeia a casa e odeia arte. Faria algo só para causar?

Ravi Thrash

Ama arte. O Vermeer era seu favorito e até dormia aos pés dele quando criança. Ama o bastante para roubá-lo? É um bom ator? Por que a sra. Vanders foi evasiva na sua frente? Será que suspeita dele?

Octavian Thrash

Não parece ligar para o Brancusi desaparecido. (Nota: o Brancusi desaparecido! É ainda mais importante agora que o Vermeer sumiu também!) A esposa sumiu. Parece deprimido e antissocial. Está bravo com Ravi. É notívago. O Vermeer e o Brancusi têm seguro? Gente rica não finge que foi roubada só para pegar o dinheiro do seguro?

Charlotte Thrash

Talvez seja filha de uma estelionatária. Estava com plantas de um cassino de Las Vegas quando Octavian a conheceu (Suspeito?). Desapareceu há um mês, o que é muito esquisito. Quando o Vermeer foi falsificado? Ela poderia tê-lo levado consigo? (Quando o Brancusi foi visto pela última vez?)

Jane morde a ponta do lápis, contemplando sua lista e tentando decidir se é seguro conversar com alguém na casa. Jasper, com os olhos caídos, mas parecendo curioso, perambula por ali.

Ela acrescenta:

Jasper Thrash

O único indivíduo na casa (além de mim) que é definitivamente inocente.

Então vira a página e escreve:

O que fazer?

Possibilidades:

- Falar com a sra. Vanders, que deve ser inocente. Descobrir de quem ela suspeita. Sondá-la sobre Ivy.*
- Falar com Lucy St. George, que provavelmente tem algumas ideias sobre o que pode estar acontecendo.*
- Confrontar Ivy.*

– O que acha, Jasper? – ela pergunta.

O cachorro se aproxima e se apoia em suas botas, olhando para ela com o que Jane decide que é a solução.

– Pessoalmente – ela diz –, gosto mais das duas primeiras ideias que da terceira.

Jasper se apoia ainda mais.

– Está pronto? – Jane pergunta. – Então vamos.

Jane se dirige para o centro da casa, pensando em ir para a cozinha procurar a sra. Vanders.

Conforme se aproxima das escadas, ouve uma voz vinda do hall de entrada, então vê Kiran e Colin juntos. Ela está com os braços cruzados, numa posição de defesa.

Jane os observa.

– Não sei – Kiran diz. – Parece que a sra. Vanders estava olhando para ele e achou que tinha algo estranho.

– Você viu? – perguntou Colin. – É lindo.

– É, nem dá para perceber que é falso – diz Kiran. – Mas arte é a coisa dela, então...

– Você não acha curioso que Philip não estava aqui ontem à noite – Colin diz. – Insisti com Phoebe a respeito e ela disse que ele vai ter que ficar indo de um lugar para outro com um paciente ricoço que está viajando. Não parece conveniente?

– Exceto pelo fato de que eu conheço um monte de gente rica que acha que não tem nada demais em esperar que um médico pegue um avião só para tratar uma dor de barriga – Kiran diz. – Imagina a comitiva que Buckley leva consigo a cada viagem.

– Ah, vai. Ele não é tão ruim.

– Você é tão puxa-saco – Kiran diz.

Jane chega ao patamar do segundo andar, quando Jasper bloqueia seu caminho como se fosse um jogador de futebol americano em forma de salsicha. O cachorro rosna quando ela tenta passar por ele.

Suspirando, Jane para e faz uma anotação no caderninho, virando de frente para a parede de modo que pareça que está tecendo comentários interessantes sobre as obras, em vez de estar escutando as conversas dos outros.

Buckley St. George, ela anota. *Rico e mimado*. Então faz um asterisco ao

lado do nome de Philip, porque a explicação de Phoebe parece ridícula. E escreve: *Por que Colin está com Kiran se ela o trata tão mal?*

Alguém tosse atrás dela.

É Colin, alguns degraus abaixo, olhando para Jane com as sobrancelhas levantadas.

– Oi – ele cumprimenta.

– Oi – Jane responde, fechando o caderninho.

– O que está fazendo? – Colin pergunta. – Escrevendo sobre o quadro?

Jane olha para a obra à sua frente. É a tela da sala com o guarda-chuva secando.

– Estava fazendo anotações sobre o guarda-chuva – ela diz, satisfeita, então se dá conta de que isso não significa nada para Colin, que não sabe de seu hobby.

– Certo – ele diz. – Eu suspeitaria que está planejando um roubo, mas ninguém escolheria esse quadro para isso.

Ele está brincando. Ou, pelo menos, não a está acusando de roubar nada.

– Por que não? – ela pergunta, percebendo a oportunidade de aprender mais sobre o assunto. – É bonito.

– É grande demais e não vale nada.

– Talvez eu roube só porque gosto dele.

– É de um artista sem nenhum talento – Colin diz.

– Acha mesmo? – Jane pergunta, olhando mais de perto. – Quer dizer, não é impressionante, mas...

– E não pertence a nenhuma escola – ele diz. – Conhecendo Octavian, deve ter comprado num mercado de pulgas.

– Mas tem seu charme, especialmente para os fãs de guarda-chuvas. Por que está tão determinado a me convencer de que não tem valor?

– Porque – Lucy diz, surgindo na esquina –, se Colin vê alguém concentrado em uma obra que acha que não vale nada, começa a se preocupar que talvez esteja perdendo alguma coisa.

Isso faz Jane sorrir. Lucy ri.

– Ele é meu primo – Lucy explica. – Eu o conheço.

– Então, Colin – Jane diz. – Você estava tentando me convencer de que estava certo por medo de estar errado?

Um barulho ao longe impede a resposta indignada que ele estava prestes a dar. Seguem-se gritos. Os três se entreolham espantados. Então correm para a

sacada, com Jasper aos pés de Jane.

– Octavian! – Ravi grita do hall de entrada, brandindo alguma coisa nas mãos. – Octavian! – Há um vaso quebrado ao seu lado no piso quadriculado, com água e lilases espalhados no chão. – Octavian! – ele grita de novo, sua voz saindo do fundo da garganta e chegando até o teto.

– Colin – diz Lucy, sem fôlego. – Essa é a parte de baixo do Brancusi? O pedestal do peixe que ficava no hall de entrada?

– É – Colin diz, igualmente admirado.

– Mas e a escultura? E o peixe? – Lucy pergunta.

– Como vou saber?

– Colin – Lucy diz, com a voz repentinamente dura como aço. – *Cadê o peixe?*

– Não sei! – Colin diz. – Você é a investigadora, não eu! O que acha, que eu quebrei esse negócio?

Lucy dispensa o primo com a mão e desce as escadas na direção de Ravi. Os empregados responsáveis pela limpeza e pela decoração estão alinhados nas sacadas de todos os andares, assistindo ao escândalo de Ravi. Ivy, Kiran e Phoebe estão no salão agora, boquiabertos.

Uma estranha mistura de alívio e pânico toma conta de Jane. Agora o caso do Brancusi desaparecido está vindo à tona também. Jane se lembra de ver a menina que parecia Grace Panzavecchia carregando algo junto ao peito e deixando em uma das mesas laterais. Era o pedestal?

Jane se dá conta de repente de que a mala com estampa de pato que Philip Okada segurava era uma mala de bebê. Leo Panzavecchia estava doente. E desaparecido. E Philip Okada é médico.

O que está acontecendo aqui? Algum tipo de conspiração elaborada envolvendo os Panzavecchia, seu médico, os empregados e roubo de arte? Jane estuda Ivy, que observa Ravi com uma calma preocupada, mas não parece surpresa. Ela nota que Patrick não está no salão.

– Deixa eu ver isso – Lucy diz, tentando sem sucesso tirar o pedestal das mãos de Ravi.

Ele continua gritando, quase sem notá-la:

– Octavian! Octavian!

Finalmente, a sra. Vanders entra no salão.

– Quietos! – ela diz. – Qual é o seu problema?

– Isso – Ravi grita, chacoalhando o pedestal para ela. – Esse é o meu

problema!

Quando a sra. Vanders vê o pedestal, ela congela. Jane não consegue ver seu rosto do patamar, mas nota que quando estica a mão ele o entrega. Com um dedo, a sra. Vanders toca um ponto no meio da superfície espelhada, então expira como se aliviada.

– Deixa eu ver – Lucy pede.

A sra. Vanders lhe passa o pedestal. Lucy toca o mesmo ponto então assente para a governanta, que está de olho nela.

– Ravi – Lucy diz. – A escultura foi retirada sem qualquer dano da base. Se não tiver acontecido nada com ela, deve ser fácil colocar de volta quando nós a encontrarmos.

– *Quando* encontrarmos? – Ravi diz. – *Quando* encontrarmos? – ele grita.

– Calma – a sra. Vanders pede. – Ravi, respire. Me diga onde encontrou o pedestal.

Ele aponta para as mesas laterais.

– Estava bem ali. Alguém colocou *um vaso de lilases em cima dele*, como se fosse parte da decoração! – Ravi grita.

– Certo – a sra. Vanders diz. – Respire.

– Não estava aqui na noite passada. Alguém levou a escultura, tirou o peixe e devolveu o pedestal. Que tipo de lunático faria isso? – Sua voz fica quase histérica. – E o que esse lunático pode ter feito com o Vermeer então? Quero uma lista de todo mundo que entrou e saiu desta casa. Agora!

– Muito bem – a sra. Vanders diz, sarcástica. – O pessoal do bufê, os músicos, os temporários da limpeza, os moradores e os convidados. Quer começar o interrogatório agora ou mais tarde?

– Por que está falando assim? – Ravi grita. – Não entende o que está acontecendo? – Ele vira de repente para Phoebe Okada. – Onde está seu marido? – pergunta, cuspindo. – Philip deixou a ilha de repente, não foi?

Phoebe o encara, com o rosto impassível.

– Vou fingir que você não acaba de sugerir que Philip é o ladrão – ela diz, então sai para o pátio veneziano, com a expressão fechada e intensa.

– Ouça o que está dizendo, Ravi – a sra. Vanders pede. – Philip Okada é um médico que foi atender uma chamada de emergência.

– Você entrou em contato com o FBI? – Ravi pergunta.

– Como? – a sra. Vanders pergunta. – Telepaticamente, enquanto estávamos todos aqui assistindo ao seu escândalo?

– Espera, você ainda não falou com o FBI? – Ravi grita. – Esqueceu o Vermeer?

– Ravi, é claro que vou falar com as autoridades – diz a sra. Vanders. – Mas você precisa respirar e se dar conta de que o que aconteceu com o Brancusi é muito diferente da falsificação de alto nível do Vermeer. Parece mais um acidente, uma brincadeira.

– Quem faria uma brincadeira com uma obra de arte genial e inestimável? – Ravi diz, levantando a voz de novo. – Ligue para o FBI, para a CIA, para a Interpol! Minha escultura pode estar em Hong Kong a essa altura! Lucy!

– Estou bem aqui, Ravi – Lucy diz, ao seu lado, ainda segurando o pedestal junto ao peito.

Seu rosto está branco e ela parece um pouco enjoada.

– Lucy – Ravi diz, pegando os ombros dela e praticamente sacudindo-a. – Lucy. Você pode achar minhas obras?

– Ravi, querido – ela diz –, vou fazer tudo o que puder.

– Obrigado – ele diz. – Obrigado.

Quando Ravi solta Lucy, ela cambaleia, mas ele mal nota, porque já está de volta à sra. Vanders.

– É melhor cancelar o baile.

– Não vamos cancelar o baile – a mulher retruca.

– O baile é a distração perfeita para alguém tentando escapar com obras de arte roubadas.

– Ravi Thrash – a sra. Vanders começa, – fazemos um baile a cada estação nessa casa há mais de cem anos. Nem a guerra nem a Crise de 29 nem a proibição de bebidas alcoólicas nem a morte de Octavian III nos impediu.

Ravi olha para a sra. Vanders. Então se afasta dela, ergue o rosto para olhar para os outros andares e ruge:

– Octavian! Acorda e desce aqui!

– Vá até o quarto dele, Ravi – Ivy diz, calma. – Você sabe que seu pai não sai da cama durante o dia.

Ravi vira para ela, com os ombros caídos.

– Talvez seja melhor você vir comigo – ele diz. – Pode fazer isso, para me deixar mais calmo?

– Posso ir se você prometer se comportar – Ivy diz.

– Sinto muito por termos perdido seu peixe – Ravi diz, parecendo um menino.

– O peixe não é meu – Ivy diz, simpática. – É seu.

– Mas você sempre foi louca por ele – Ravi diz, então põe o braço nos ombros de Ivy.

Eles se dirigem juntos para as escadas e começam a subir.

A sra. Vanders fica olhando enquanto se afastam, com uma expressão cautelosa no rosto. Então estende a mão sem nem olhar para Lucy, que devolve o pedestal. Os olhos da investigadora se voltam para o primo, que ainda está ao lado de Jane, pálido. Lucy pega o celular no bolso.

– Você está bem? – Jane pergunta a Colin, porque não parece ser o caso.

– É difícil ver Ravi tão chateado.

– Ele realmente sabe fazer drama – Jane diz, perguntando-se se foi por isso que a sra. Vanders não quis falar de imediato sobre o Vermeer.

Mas por que ela não ligava logo para o FBI?

– A verdade é que também me preocupo com Lucy – Colin diz. – É humilhante que isso tenha acontecido debaixo do nariz dela, especialmente depois que perdeu o Rubens.

– Verdade – Jane concorda.

– É como se o ladrão quisesse que ela fosse desacreditada como investigadora – Colin diz. – Parece pessoal.

– Quem você acha que é o culpado?

Colin deixa uma risadinha escapar, depois dá de ombros.

– Alguém muito tonto.

– Não é assustador? – Jane diz. – Pensar que tem um ladrão na casa?

– É – ele concorda. – Mas não se preocupe demais com isso. Lucy vai cuidar de tudo.

– Você sabe de quem ela suspeita.

– Lucy não me conta essas coisas – Colin diz, com um ressentimento acentuado que desperta a curiosidade de Jane.

Ela quer voltar para o quarto, onde pode pensar em paz a respeito dos acontecimentos. Mas, quando se vira, Colin diz:

– Kiran mencionou que você faz guarda-chuvas. Era a isso que se referia quando disse que era artística?

Jane se sobressalta.

– Não é nada – ela diz, tentando se proteger do interesse de Colin. – É só um passatempo.

– Entendo – Colin diz. – Mas, mesmo assim, é um passatempo legal.

– Obrigada – Jane diz, virando novamente para ir embora, mas notando que ele a acompanha.

Ela não quer que Colin também suba, então para de novo.

– Desculpa – ele diz de imediato. – Juro que não estou seguindo você. Só estou interessado nos guarda-chuvas.

– Não quero falar a respeito agora – Jane diz –, e definitivamente não quero mostrar.

– Justo – Colin diz. – Desculpa de novo, não consigo evitar. É meu trabalho me intrometer quando ouço falar em um tipo novo e interessante de arte.

– Estou começando agora – Jane diz. – E é uma confusão, não tem nada de arte!

Colin parece muito descontraído, com um sorriso no rosto aberto.

– Eu sei – ele diz. – E, de novo, desculpa. Esquece que toquei no assunto. Pra provar que estou arrependido, vou te acompanhar até seu quarto sem tocar no assunto. Tudo bem?

– Acho que sim – Jane diz.

Jasper os segue quando começam a subir as escadas.

– O Brancusi é uma escolha estranha para um ladrão – Colin diz. – É relativamente grande e difícil de esconder.

– Como é esse peixe? – Jane pergunta. – Vou saber se o vir?

– É uma peça elíptica, comprida e chata de mármore branco – Colin diz. – Muito abstrata, em termos de peixe.

– É... bonita?

– Não é do meu gosto – ele diz –, mas é valioso.

– E vale alguma coisa sem o pedestal?

– Com certeza – Colin diz. – Mas os pedestais de Brancusi são muito importantes em suas esculturas. O peixe foi feito para se equilibrar nesse pedestal específico. Eles combinam. Seria ridículo expor as duas partes separadas.

– Então é um roubo bem estranho.

– É – concorda Colin. – Parece mais vandalismo. Já reparou nessa maluquice kitsch? – Colin diz, batendo na cabeça do Capitão Peludão com o pé quando passam por ele. – Meu tio Buckley adora essas coisas.

– É mesmo? – Jane diz, querendo saber mais sobre o famoso e mimado Buckley. – Acho que estava imaginando alguém mais... sofisticado.

– Ah, ele também tem um gosto bem eclético. Na verdade... bom, deixa pra lá – Colin diz, levantando a mão. – Esqueci que não tenho autorização para falar sobre guarda-chuvas.

É uma isca. E funciona. Agora Jane quer saber o que Colin ia dizer sobre Buckley e guarda-chuvas.

– Desde que não fale dos *meus* guarda-chuvas, não tenho nenhum problema com isso.

– Bom – ele diz, sorrindo –, só ia dizer que meu tio coleciona guarda-chuvas. Tem praticamente um para cada roupa.

– Verdade?

– É. Bolinhas, listras, floridos. E queria que fizessem coisas mais inventivas também, como um guarda-chuva em formato de cabeça de sapo, de um fusca ou qualquer outra coisa.

– Sério?

– É o tipo de pessoa que poderia ajudar você – Colin diz –, se decidir que está pronta para mostrar seus guarda-chuvas a alguém. Mas acho que fui longe demais, né?

– Ajudar como? – Jane pergunta, sem conseguir evitar.

Ela faz esse tipo de guarda-chuva, como o de ovo. É um de seus melhores, um dos poucos que estaria disposta a mostrar a alguém.

– Bom – Colin explica –, ele encontra compradores para obras. Sei que não acha que seus guarda-chuvas sejam arte, mas, se continuar trabalhando nisso, talvez um dia venham a ser, e uma parceria com alguém como tio Buckley é o tipo de coisa que pode fazer um artista explodir. De um jeito bom, claro.

Jane para de novo. *Tia Magnolia? Foi para isso que quis que eu viesse? Para que alguém visse meus guarda-chuvas e eu explodisse?*

Colin fica de pé ao lado de Jane, parecendo desconfortável, coçando a cabeça e olhando para as paredes cheias de obras em volta enquanto ela tem seu monólogo interior.

– Você está bem? – ele finalmente pergunta.

– Se eu mostrar meus guarda-chuvas – ela diz –, promete ter em mente que estou só começando?

– Claro que sim – Colin diz, com um amplo sorriso no rosto. – Não sou um babaca.

Jane tem o pressentimento de que, sendo um babaca ou não, era

exatamente o que ele esperava quando prometera acompanhá-la até seu quarto sem tocar no assunto dos guarda-chuvas.

Mesmo assim, ela abre a porta, respira fundo como uma água-viva e o deixa entrar.

No escritório de Jane, Colin passa pelos guarda-chuvas, fazendo ruídos pensativos, levantando-os contra a luz e testando a tensão de cada um. Ele os abre com movimentos rápidos e duros que fazem Jane se preocupar que possa quebrá-los.

– Ei! – ela diz. – Cuidado! São feitos à mão!

Jasper vai até os pés de Jane e encara Colin com ansiedade. Dobrando, girando, estudando cada criação com ferocidade, ele lembra Jane de Sherlock Holmes. “Não poderia ser mais óbvio”, ela espera que ele diga ao erguer o exemplar de renda branca e preta imitando teia de aranha como se fosse uma espada. “Foi o mordomo, na biblioteca, com o guarda-chuva de teia de aranha.”

Mas o que ele realmente diz é:

– Sabe que eu nunca tinha entendido a fascinação do meu tio por guarda-chuvas? Mas alguns desses são realmente incríveis.

Para espanto de Jane, seus olhos se enchem de lágrimas. Ela imediatamente vira-se de costas para Colin e os enxuga com a manga.

– De onde veio a ideia da teia de aranha? – ele pergunta.

– Apareceu uma aranha na janela da cozinha uma vez – Jane diz, fungando. – É claro que a apelidamos de Charlotte, como em *A menina e o porquinho*.

– E esse aqui? – ele pergunta, levantando um que parece vermelho até que a luz revela que tem vários tons de roxo.

Jane esfrega os olhos.

– É feito de dois tecidos translúcidos – ela diz. – Vermelho por fora e azul por dentro, então parece brilhar em diferentes tonalidades de roxo, dependendo da luz. Tentei com amarelo e azul uma vez, para fazer o mesmo com verde, mas dava uma palidez doentia à pessoa embaixo dele.

– Meu tio ia gostar de saber que você leva em conta esse tipo de coisa – Colin diz. – E os guarda-chuvas funcionam? São à prova d’água, digo?

– Alguns vazam um pouco na costura – Jane diz. – Alguns abrem com

mais facilidade que outros. E alguns são um pouco pesados, como você deve ter notado.

– É, eu notei.

– Mas são os que eu uso quando chove – Jane diz. – Eles funcionam bem.

– Você vai melhorar na parte de engenharia – Colin diz. – Está claro que tem o talento e a força de vontade.

Jane não pode responder a isso sem voltar a chorar, então mantém a boca fechada.

– Posso levar um para o meu tio? – Colin pergunta. – Acho que ele pode querer se envolver no negócio.

– Mesmo depois do que eu disse sobre vazamento?

– Melhor não levar um com problemas, claro.

– Mas não vê como são toscos? Como as costuras são desiguais?

– São feitos à mão – ele diz. – É parte do charme. Algumas pessoas pagariam centenas de dólares por esses guarda-chuvas.

– Ah, para com isso – Jane diz.

– Gente rica adora gastar dinheiro – Colin diz. – Se me deixar mostrar um ao meu tio, podemos ajudar você a tirar vantagem disso. Ele vai ficar feliz, o que vai me deixar feliz também. Faz tempo que não acho nada interessante para tio Buckley.

– Bom – Jane diz, pasma. – Acho que sim.

– Talvez seja melhor levar alguns – ele diz. – Três ou quatro, para mostrar seu estilo.

Meu estilo? Nem Jane sabe qual é seu estilo. Mas ela percebe que Colin está escolhendo seus favoritos. O de cetim marrom-escuro e rosa-acobreado que ela usou no barco porque pareceu apropriado para a jornada heroica. O de ovo de pássaro, azul-claro com manchas marrons. O projetado por dentro e por fora para parecer o domo do Panteão romano.

– Nunca estive lá – Jane diz –, mas tia Magnolia falava a respeito como se fosse um lugar mágico. Dizia que quando chovia a água entrava direto pela abertura no topo do domo, mas não achei que isso seria bom num guarda-chuva, então do lado de fora mostro a visão de dentro e do lado de dentro mostro o céu noturno. É seda pintada, e as estrelas são de glitter.

– No que está trabalhando agora? – ele pergunta.

– Não tenho certeza – Jane diz. – Tive uma ideia hoje de manhã, mas estou pensando em outra coisa agora.

– Ótimo. Artistas devem seguir a musa – ele diz, cheio de guarda-chuvas nos braços.

Ela o segue até o quarto, querendo tocar os guarda-chuvas mais uma vez, querendo se despedir. São seus bebês.

– Quando vou ter uma resposta? – Jane pergunta, ansiosa.

– Vou mandar pelo correio hoje – Colin diz. – Meu tio está na cidade. Provavelmente vai entrar em contato nos próximos dias.

Depois que Colin sai, Jasper se enfia debaixo da cama.

– Bela ajuda você me dá – Jane grita para ele.

Na mesa de trabalho, ela mexe distraída em um tecido azul empoeirado no topo da pilha, notando a pintura desigual, como uma marca d'água. Isso a lembra de algo. Mas o quê? É uma falha no tecido, mas tem algo de familiar nisso.

Usando sua cola à prova d'água, Jane começa a colar glitter em vários pontos espalhados, sem nenhum padrão, para acentuar a desigualdade. Ela ainda quer fazer o guarda-chuva marrom e dourado de autodefesa, mas agora o azul desigual parece o pano de fundo certo para seus pensamentos. Jane tem suas melhores ideias quando está trabalhando em guarda-chuvas, desde que seja o guarda-chuva certo.

Enquanto divide o tecido em partes menores, Jane pensa em uma história que daria sentido a tudo. Mais ou menos. E se os Panzavecchia, além de serem microbiólogos, forem ladrões de arte trabalhando com os empregados da Tu Reviens? Juntos, eles poderiam ter orquestrado seu desaparecimento para que ninguém suspeitasse quando roubassem o Vermeer. A pequena Grace talvez tenha se espelhado nos pais para roubar o Brancusi, mas como tem só oito anos estragou tudo. Talvez tenha quebrado a escultura por acidente e, arrependida, resolvera devolver o pedestal.

Talvez ela *não* queira ser uma ladra, talvez odeie o que os pais estão fazendo, vai ver que *eles* roubaram o Brancusi. Então, num ato de revolta, a menina devolveu a única parte em que conseguiu pôr as mãos.

Jane via os buracos em sua teoria, que não explica a máfia, o envolvimento dos Okada ou por que a sra. Vanders teria chamado atenção para a falsificação do quadro, entre outras coisas.

Jane poderia pensar que há dois mistérios separados na casa, um

envolvendo os empregados, os Okada e os Panzavecchia e outro envolvendo o roubo das obras – se não tivesse visto a menininha colocando algo em uma das mesinhas do salão.

Ela pensa em colocar uma roseta na ponteira do guarda-chuva. *Se eu fosse uma detetive melhor, pensa, teria investigado o salão para me certificar de que era mesmo o pedestal que a menina tinha colocado ali, e não qualquer outra coisa.*

Talvez deva dar uma olhada agora.

Jane deixa os tecidos e a cola de lado e limpa as mãos no avental, deixando uma constelação de glitter ali. Quando levanta, nota um entalhe na mesa: uma baleia-azul nadando com um filhote. Tirando suas coisas para inspecionar o resto da superfície, ela também encontra um tubarão-baleia com sua prole.

Então foi Ivy quem fez a mesa. Jane passa o dedo sobre o desenho, desejando não gostar tanto dele.

– Jasper? – ela chama, tirando o avental e pegando o caderninho.

O focinho do cachorro emerge de debaixo da cama quando ela passa por ali. Eles saem da suíte juntos.

– Capitão Peludão – Jane diz, batendo continência.

Enquanto caminha, abre o caderninho e dá uma olhada na lista de nomes, pensando em quem pode confiar. É incrível como é fácil imaginar uma história para cada pessoa, transformando-a numa vigarista. Lucy, por exemplo, está na posição perfeita para roubar obras de arte. Ninguém suspeitaria dela, que ainda poderia incriminar quem quisesse. Kiran tem tempo de sobra, pode ir aonde quiser quando quiser e não parece particularmente bondosa. A sra. Vanders e Ravi poderiam estar trabalhando juntos, encenando descobertas trágicas de obras desaparecidas para desviar a atenção do seu envolvimento. Afinal, parece que Ravi é conhecido por adquirir Monets peculiares de alguém, provavelmente sua mãe. O Monet poderia ser uma falsificação? Ele não o levou direto para a sra. Vanders?

Com um suspiro pesaroso, Jane fecha o caderninho.

No patamar do segundo andar, antes que Jasper comece com suas manobras de bloqueio costumeiras, Jane atravessa a ponte. O cachorro dá um latidinho de protesto e hesita, então senta, aparentemente decidido a esperar ali.

Jane pega a escadaria oeste e percorre o hall de entrada. O som da sola das

botas batendo contra o piso quadriculado ecoa. O ar cheira a lilases. As várias mesas laterais estão repletas de vasos, mas também expõem algumas esculturas pequenas de aparência moderna. Em uma delas há uma grande foto de família, com Octavian com um braço em torno de Ravi e o outro em uma mulher loira, branca e jovem. Ela, por sua vez, tem um braço em volta de Kiran, que, se não parece exatamente feliz, tampouco parece prestes a esfaquear alguém, o que talvez seja o máximo que alguém pode esperar dela numa foto. Ravi está radiante. Octavian tem um ar satisfeito, talvez até orgulhoso. A loira, que deve ser Charlotte, sorri, mas meio confusa ou distraída. Seus olhos estão focados em algo à distância.

Jane pega a foto e a olha mais de perto. Cachos de capuchinhas alaranjadas caem sobre as paredes rosadas no fundo. Ela se pergunta se poderia ser aquilo o que a menina deixou numa das mesas. Por que não? Faz tanto sentido quanto qualquer outra coisa.

Jane está esfregando as orelhas para afastar uma estranha sensação de inchaço quando ouve o barulho de alguém tirando uma foto.

Sem muita vontade, ela olha para a ponte do terceiro andar. Ivy está ali, com a câmera no rosto, apontada para uma mulher no patamar oeste que está tirando o pó de uma armadura com um grande espanador cor-de-rosa.

Se eu perguntar, Jane pensa, *Ivy vai dizer que está fotografando a armadura*. Mas ela não pergunta. Só olha para Ivy, até que ela abaixa a câmera e a vê, ficando imediatamente vermelha. Seus olhos parecem caídos e sua boca endurece em algo que parece ressentimento. Ela se vira e vai embora.

É como se alguém tivesse dado um soco em Jane. *Tá*, ela pensa. *Ivy está brava comigo por algum motivo. Que seja*. Ela devolve a foto à mesa e endireita o corpo. *Vou resolver esse mistério*.

Subindo a escadaria leste, Jane se prepara para o encontro com Jasper, mas dessa vez ele só a encara com uma cara triste. Quando passa por ele, o cachorro a segue em silêncio.

Jane para no fim do corredor, onde um espaço vazio indica a ausência do Vermeer na parede.

– Você de novo? – diz uma voz ao longe.

Ela vira e vê Lucy St. George se aproximando.

– Você também – Jane diz.

– Queria dar mais uma olhada – Lucy diz. – Ou talvez só esteja dando uma

volta. Penso melhor em movimento.

– Eu te entendo.

– E você, o que está fazendo?

– Algo me trouxe para cá.

– Não os barulhos estranhos da casa, espero – Lucy diz.

– Acho que não – Jane diz. – Acho que estava esperando ver o quadro de novo. A cópia, digo. Deveria ter imaginado que não iam deixar à mostra.

– A sra. Vanders guardou no cofre, para que a polícia veja depois – Lucy diz, irritada. – Eu mesma só posso ver na presença dela.

– Então a sra. Vanders chamou a polícia?

– É o que diz.

– Acha que é mentira?

– Bom, tenho contatos na polícia, no FBI e na Interpol – Lucy diz. – Fiz algumas perguntas deliberadamente vagas, mas ninguém mencionou nada. E acho que considerariam isso importante.

– Você suspeita dela? – Jane pergunta. – Quer dizer, foi ela quem chamou a atenção para a falsificação.

– Vamos dizer que não suspeito dela no caso do Vermeer – diz Lucy.

Jane imediatamente começa a ver as coisas de um modo diferente.

– Espera aí. Então você acha que há dois ladrões?

– Alguém com o conhecimento para falsificar o Vermeer nunca faria aquilo com o Brancusi – Lucy diz. – Então, sim. São dois ladrões. Um com recursos, tempo e experiência. E outro... – Ela faz uma pausa, balançando a cabeça sem poder acreditar. – Outro arrogante e tolo.

Olhando para o espaço vazio na parede, Jane pensa sobre tudo aquilo. Ela não chamaria a sra. Vanders de arrogante e tola. Só de mandona e controladora. Nem Patrick ou Ivy. Parece mais... a ideia que Lucy faz de Colin ou Ravi.

– Fico pensando sobre qual ladrão Ravi vai odiar mais – Lucy diz. – O competente ou o incompetente.

– Então você não suspeita dele?

– Não viu o chique que deu?

– Não poderia ter sido fingimento?

Lucy retorce a boca.

– Ravi é uma criança. O que você vê é o que está lá. Aparentemente, pelo menos a arte é capaz de partir seu coração.

Lucy diz isso com uma amargura interessante. Jane se pergunta se Lucy tem ciúme disso, mas não sabe o jeito certo de perguntar.

– O que você quer dizer com isso?

– Ah, nada – Lucy diz. – Esquece. Mas é interessante que Philip tenha ido embora, não? Ele e Phoebe sempre chegam cedo para os bailes, loucos para passar um tempo na casa. Eles tiveram tempo para planejar a falsificação do Vermeer.

– Você considera os dois para o Vermeer, e não para o Brancusi? – Jane pergunta, um pouco desapontada, porque é o peixe que pode estar ligado à menininha, que por sua vez pode estar ligada aos Okada. Mas Lucy St. George não sabe sobre os segredos da madrugada. E talvez a menininha só estivesse carregando o retrato de família. – O que Phoebe Okada faz, aliás?

– Ah, ela é matemática – Lucy pergunta. – Trabalha no departamento de ciência da computação da Columbia. As pessoas falam dela como se fosse um gênio.

Isso não ajuda em nada, e a frustração de Jane aumenta.

– Vi os Okada se esgueirando pela casa ontem à noite – ela solta. – Com Patrick.

Os olhos de Lucy se estreitam.

– Como assim? Onde?

– Nos aposentos dos empregados – Jane diz. – Depois das quatro da manhã.

– Acho que foi quando chamaram Philip – Lucy diz. – Patrick devia estar ajudando com o transporte.

Jane quase diz alguma coisa, então para. Não fala da garota, da mala de bebê, da estranha conversa ou da arma. Não é que não confie em Lucy; é que não confia em ninguém. Precisa pensar mais.

– O que esse cachorro está fazendo? – Lucy pergunta.

Jane olha para baixo e vê Jasper com a cabecinha de lado, pegando seus tornozelos com a boca. Ele não está mordendo; ela nem sente nada, embora agora que o viu fique consciente da baba no jeans.

– Jasper! – Jane diz. – O que é isso? Parece que está só esperando o momento de me devorar!

– Vai ver que o gosto é bom – Lucy diz, rindo.

Jane solta o tornozelo e fala:

– Esse cachorro é a única pessoa fora da minha lista de suspeitos.

– Notei que você estava investigando – Lucy diz, com um sorriso. – Pensa em seguir carreira? Perseguir criminosos, descobrir falsificações, recuperar originais?

Jane tem pensado a respeito; em cópias de coisas preciosas, principalmente. E se descobrisse que existiam cópias de tia Magnolia? Como um cylon de *Battlestar Galactica*, ou clones de histórias de ficção científica em geral? E se a tia Magnolia que Jane conhecia não fosse a original? Isso faria com que fosse menos preciosa? A cópia de Jane não era preciosa justamente porque era de Jane? Ela não está tentando resolver o crime por causa do quadro falsificado. Está tentando fazer isso porque quer entender as pessoas. Ravi, a sra. Vanders, Ivy. Quer descobrir por que tia Magnolia queria que fosse para aquela casa. Quer saber o que tudo *significa*.

– Na verdade, não – Jane diz. – Não me importo muito com falsificação. Quer dizer, eu até *gostei* do quadro. Achei lindo. Todo mundo acha, não param de falar nisso. Ninguém notou que era falso. Quem se importa se é o que vale centenas de milhões de dólares ou não?

Lucy a observa com um sorrisinho melancólico.

– Muitas pessoas se importam.

– Bom – Jane diz –, espero que Ravi recupere o quadro.

– Você diz isso porque é uma pessoa legal. Não porque se preocupa com o dinheiro. É melhor assim. Meu trabalho não é tudo o que dizem, e Colin me mostrou seus guarda-chuvas. Qualquer pessoa com olho para a arte sabe que você tem jeito para a coisa.

Jane é atingida por uma pequena onda de felicidade, então o celular de Lucy toca. “Meu pai”, ela faz com os lábios, sem produzir som, então se afasta para atender.

Jane volta para o quarto, ainda feliz com os comentários de Lucy. Lá, seus olhos recaem sobre o guarda-chuva em progresso, de azul desigual.

Então ela se dá conta do que a saturação desigual no tecido a lembra. Do olho de tia Magnolia, da mancha azul na íris castanha. A estrela enlameada dela, com seus picos e raios, como um guarda-chuva quebrado.

O novo projeto de Jane é um guarda-chuva que só pareça quebrado. Ele vai funcionar, mas vai ser desigual e manchado, como o olho de sua tia. Seu coração abraça a ideia, e suas mãos já sabem o que fazer.

Um pouco depois, Ravi bate na porta da suíte de Jane, entra no escritório e fica ali, observando.

– Sim? – ela diz, enquanto mastiga as castanhas que encontrou na mala, já que perdeu o almoço.

– Octavian me proibiu de vasculhar as coisas dos outros – Ravi diz.

Jane está medindo varetas de guarda-chuva. Ela quer que as desse em particular sejam diferentes entre si, com o comprimento variando, o que significa que o dossel não vai ser redondo, mas de um formato desigual e esquisito.

– Fique à vontade para vasculhar minhas coisas – ela diz.

– É o que uma ladra diria – Ravi diz, ardiloso. – Sabendo que então eu não faria isso.

– Acho que se eu fosse uma ladra não teria coragem de me arriscar assim.

Ravi ainda está zangado, mas agora parece interessado.

– Acho que eu teria.

– Isso não me surpreende – Jane diz, com um sorriso. – Você gosta de joguinhos.

– É verdade – ele diz, então abrandando o olhar. – Você deveria jogar comigo.

É uma mudança tão grande, um convite tão claro, que Jane ri em choque.

– Ravi – ela diz. – Pare com isso.

– Lucy e eu estamos separados, já falei.

– Tanto faz.

– Tá – ele diz, dando de ombros. – Só estou sendo sincero quanto ao que eu gosto.

Você só está sendo Ravi, Jane pensa.

– Ivy não sai da minha cabeça – Ravi diz.

– Oi? – Jane pergunta, com um sobressalto.

– Ela costumava ficar em frente ao Brancusi quanto tinha três anos, aos pulinhos, cantando uma música sobre um atum.

– Ah – Jane diz. – Que fofo.

– Ela usava trancinhas e sapatos de amarrar.

Jane consegue visualizar, embora sua Ivy de três anos tem uma grande câmara no pescoço e cheira a cloro e jasmim, o que é ridículo. Já o peixe, ela não consegue imaginar.

– Do jeito que Colin me escreveu, é uma escultura bem abstrata – ela diz.

– Mas é aí que está a beleza – Ravi diz. – É a experiência humana de um

peixe. Não tem uma única escama ou nadadeira. É só uma peça alongada de mármore. Mas é como se estivesse em movimento. – Ravi balança a mão e se movimenta entre os guarda-chuvas, entusiasmado. – Praticamente desaparece de determinado ângulo, como um peixe nadando. É uma representação perfeita do que realmente se enxerga quando vê um peixe na água, antes que seu cérebro venha com todas as coisas que você sabe que constituem um peixe. E ninguém além de Brancusi capturou isso. Acredito que deve ser o motivo pelo qual colocou num pedestal espelhado, pelo movimento e pelo brilho.

– Sinto muito que tenha sumido – Jane diz, em parte porque agora quer vê-lo com seus próprios olhos. – Quanto vale?

– Não importa – Ravi diz. – Não se trata disso.

Jane não acha que ele esteja tentando conquistá-la, só está sendo honesto. E é claro que pode se dar ao luxo de não se importar com o dinheiro.

Mas, de qualquer maneira, ela gosta.

– Entendo você – Jane diz. – Mas vai importar na investigação. E tenho certeza de que se trata disso para o ladrão.

– É – Ravi diz, esfregando os olhos e parecendo cansado. – Lucy vai precisar saber. Ela vai encontrar o peixe e o Vermeer, e, quando fizer isso, vou dizer para o mundo inteiro. Vai apagar toda a história do Rubens perdido.

– É legal da sua parte pensar na sua perda por essa óptica – Jane diz. – Como a redenção de Lucy.

– Sou um cara legal – Ravi diz, desanimado. Ele pega um guarda-chuva fechado, apoiado num canto. Jane não tem pensado muito a respeito daquele em especial, que é um dos seus trabalhos menores e mais simples, em tons de amarelo-claro e cabo de mogno envernizado. Com todo o cuidado, Ravi passa os dedos pela ponteira, pelo encaixe, pela mola, como se apreciasse a dedicação com que Jane o criou. – Posso abrir?

A única pessoa que pedira permissão de Jane antes de abrir um guarda-chuva fora tia Magnolia.

– Pode – ela diz, sem fôlego. É um de seus guarda-chuvas mais bem-feitos, e quando Ravi o abre, um orgulho repentino e inesperado toma conta de Jane.

– É bem elegante – ele diz. – Você é talentosa.

– Obrigada – é tudo o que ela consegue dizer.

– Para uma adolescente – Ravi completa com um sorriso.

– Não faz muito tempo que você também era um adolescente.

– É verdade. Ele me lembra de Kiran – Ravi diz. – Os tons suaves. Quero que seja dela. Posso comprar?

– Sério?

– Claro.

Jane quase diz que ele pode levar de graça. Mas Colin disse que gente rica adora gastar dinheiro.

– Custa mil dólares – ela diz, fazendo graça.

– Ótimo – Ravi. – Posso entregar um cheque depois?

– Ravi – diz Jane, estupefata. – Eu estava brincando.

– Bom, eu não. Vou deixar aqui enquanto não pago.

– Pode levar! Não acho que vai roubar.

O sorriso de Ravi se ilumina.

– Já é alguma coisa, acho.

– O guarda-chuva, digo – Jane corrige.

– É bom saber que estou na sua lista de suspeitos – ele diz. – Mas você não está na minha. Eu nem saberia sobre a falsificação se não falasse das suspeitas da sra. Vanders.

– É verdade – Jane diz, alarmada ao perceber seu papel em tudo aquilo.

– Acho que as pessoas pagariam milhares de dólares por alguns desses guarda-chuvas, sabia? – ele diz. – Já pensou em trabalhar com alguém? Eu poderia mostrar alguns para Buckley.

– Colin já ofereceu isso – Jane diz –, e acho que vocês estão viajando.

– Maldito Colin – Ravi diz, animado. – Ele vai ficar com o crédito e com a comissão.

– Acho que você pode passar sem os dez dólares. Você disse milhares, mas Colin disse centenas.

Ravi balança a cabeça.

– Buckley vai subir o preço. Não de todos, mas de alguns. E vai querer ver tudo o que vier a fazer.

Ele vai embora com o guarda-chuva amarelo debaixo do braço.

No jantar, Colin é a única pessoa a fim de falar. Ravi não comparece. Phoebe faz careta para o prato e Lucy só levanta os olhos do celular de vez em quando para fingir que está prestando atenção. Kiran parece cansada, se

retorcendo toda vez que o namorado começa a falar, como se ouvi-lo exigisse um esforço insuportável.

É desagradável de ver, mas Jane espera que Colin continue falando mesmo assim, porque está fazendo algumas das perguntas cujas respostas ela quer saber.

– As obras tinham seguro?

Ninguém responde, então Kiran finalmente se apresenta e diz:

– Não.

– Por que não? – Jane pergunta, sem entender por que alguém não faria seguro em obras tão valiosas.

Lucy fala distraída, como se estivesse entediada, sem levantar os olhos do celular.

– O seguro em obras assim, especialmente o Vermeer, tem um valor proibitivo.

– E não tem nenhum sistema de alarme – Kiran diz. – Octavian confia nas pessoas. Nunca entendi isso – ela acrescenta, desanimada.

– Bom, pelo menos isso o elimina como suspeito – Colin diz. – Ele ganharia muito mais dinheiro simplesmente vendendo o quadro, se quisesse.

O rosto de Kiran endurece.

– Ninguém da minha família roubou a porra das obras – ela diz, baixo.

– Querida – Colin comenta, surpreso –, eu acabei de dizer que ele não roubou.

– Talvez você pense que fui eu – Kiran diz. – Ou meu irmão, minha mãe, minha madrasta.

– Meu bem – Colin diz, em uma voz que claramente tem o intuito de tranquilizá-la, o que só faz os ombros de Kiran ficarem ainda mais tensos. – É claro que não, mas você sabe que tem que ter sido *alguém*. E a única maneira de descobrir é por eliminação.

– Não tenho doze anos, sei como funciona. Mas, se tem que ser *alguém*, não precisamos falar a respeito durante o jantar. Não tem como considerar os suspeitos sem considerar as pessoas da mesa.

Phoebe franze ainda mais a testa. Jane se pergunta se Kiran suspeita de Patrick e se é por isso que parece tão infeliz.

– Prefere que eu fale em termos gerais? – Colin sugere, em um tom professoral que dá nos nervos de Jane. – Você tem conhecimento sobre Vermeer? – ele pergunta diretamente para Jane, assustando-a. – Sabe que há

poucos deles? E outro foi roubado do museu de Boston, em 1990. Provavelmente está circulando no mercado das drogas, talvez a sete ou oito por cento do seu valor real. É a taxa provável para um quadro roubado no momento.

– Colin – Lucy diz, cortante, emergindo do celular. – Não queremos discutir esse assunto. Cala a boca.

Nesse momento, Ravi irrompe na sala de jantar.

– Lucy – ele diz, se inclinando para ela. – Colin. Vou dar mais uma olhada na falsificação. Quero que venham comigo e me passem suas impressões sobre o falsificador.

– Agora? – Lucy diz, sem nem levantar os olhos, movendo os dedos furiosamente sobre o teclado virtual. – Estou comendo.

– Agora – Ravi diz.

– Vou depois.

– Você nem está comendo, Lucy – Ravi diz. – Qualquer um pode ver.

– Ravi...

A voz dele muda para um tom mais baixo e desesperançado.

– Lucy... Por favor?

Ela levanta o rosto e olha para Ravi. Então, dando um suspiro, afasta a cadeira e se levanta.

Depois de assistir a tudo isso, Colin fala com uma voz cuidadosa e cantada:

– Kiran, você se importa se eu for?

– Não, tudo bem – ela diz. – É melhor ajudar meu irmão.

É um alívio vê-lo ir. Um minuto depois, Phoebe termina de comer e pede licença. Jane fica sozinha com Kiran, que pega o garfo e espeta uma vagem, depois espeta outra.

– Kiran – Jane diz, mas para quando vê que ela fica tensa. Ocorre a Jane que ela não quer mais ninguém lhe perguntando se está bem. – Posso ajudar com alguma coisa no caso do roubo das obras?

Kiran dá uma risadinha, então espeta outra vagem.

– Não é engraçado, claro – ela diz. – É horrível. Ou, de qualquer maneira, Ravi se sente horrível, o que faz com que eu também me sinta. Também me sinto horrível especulando sobre quem pode ter feito. – Kiran balança a cabeça como se quisesse esvaziá-la. – Ravi me deu o guarda-chuva amarelo – ela diz. – É lindo, obrigada. Espero que tenha cobrado caro.

– Pior que cobreí – Jane diz, surpresa por Kiran se lembrar que dinheiro importa para ela, embora não importe para os outros ali.

– É muito especial – Kiran diz. – Posso ver os outros?

– Claro, quando quiser! – Jane diz, se dando conta de que Kiran é diferente de todos: ela é cuidadosa. Respeitosa. Entendia tia Magnolia e vai entender os guarda-chuvas.

– Você não quer começar a trabalhar com isso? – ela pergunta. – Ravi poderia ajudar.

– Na verdade, Colin pegou alguns para mostrar ao tio dele.

Kiran come uma vagem e fica olhando para o garfo.

– Não sei por que namoramos – ela diz.

É a pergunta que a própria Jane se faz, mas não consegue responder.

– Quer dizer – Kiran continua –, ele parece legal e tudo o mais. Não acha?

– Claro – Jane diz. – Na maior parte do tempo.

– Ravi gosta dele.

– Mas *you* gosta dele?

– Gosto de transar com ele – ela responde.

– É mesmo? – Jane diz, e então, ao pensar em como deve ter soado, fica vermelha.

Kiran ri.

– Ele não parece o tipo, né? Só vamos dizer que há pontos positivos no fato de ele achar que precisa ser especialista em tudo.

Jane beijou um garoto da escola numa festa e uma garota no dormitório da faculdade, quando estava bem bêbada. E pensa em sexo. Mas nunca chegou perto disso. Nem um pouco.

– Sinto que *deveria* gostar dele – Kiran diz.

– Tia Magnolia costumava me dizer para não ficar me preocupando com todos os *deveria* – Jane diz, o que faz Kiran olhá-la surpresa e depois rir.

– Mas, de verdade – Kiran diz, com um estranho tipo de honestidade insistente. – Eu *deveria* gostar dele. As coisas engraçadas que Colin diz deveriam me fazer rir. Nossas conversas deveriam me interessar. Ele é inteligente, educado, nunca faz nada de errado. Mas não consigo relaxar ao seu lado, e não sei dizer se é algo nele ou se sou eu que não consigo relaxar em nenhum lugar, nunca.

Ela pisca rápido e desvia o olhar.

– Ah, Kiran.

– É um saco – ela diz. – E tentar descobrir está me deixando exausta.

– Patrick tem alguma coisa a ver com isso?

Kiran faz um muxoxo impaciente e desesperançado.

– Não. Ele não tem esse direito. Colin pelo menos é um livro aberto.

– Bom – Jane diz, se sentindo inútil. – Queria saber como ajudar. Não tenho muita experiência. Basicamente só sei largar a faculdade e fazer guarda-chuvas.

Um sorriso surge no canto da boca de Kiran.

– O que sua tia me diria para fazer?

Jane respira devagar.

– Provavelmente ela diria para respirar como uma água-viva.

– Águas-vivas respiram?

– Não, digo, é só imaginar que seus pulmões se movimentam como as águas-vivas – Jane explica. – Respira fundo e devagar, enchendo a barriga.

– Tá – Kiran diz, focando na respiração. – Isso vai resolver meus problemas.

Jane sorri.

– Se estiverem relacionados à respiração...

– Sua tia era uma mulher sábia...

Ela era mesmo, Jane pensa.

Naquela noite, a suíte de Jane parece cavernosa e escura, com o teto distante demais, o ar frio demais. A escuridão no escritório é opressiva. Ela trabalha, movendo as mãos agilmente pelo esqueleto do guarda-chuva, tentando ser paciente com todas as questões para as quais não tem resposta.

Há um estágio na produção de guarda-chuvas quando ele é um pouco mais que um cabo e oito varetas. Se Jane o abrir e fechar, ele parece uma água-viva feita de arame, como uma criatura marinha no oceano mais esquisito do mundo.

Como está usando varetas de diferentes tamanhos, trata-se de uma água-viva particularmente esquisita e desproporcional. É difícil saber se vai atingir o efeito desejado. Vai ter que esperar para ver. Mas talvez queira que esse guarda-chuva fique em segredo. Outras pessoas só vão enxergar algo que parece quebrado e esquisito. Só Jane vai saber que é a mancha azul na íris de tia Magnolia.

Mais uma vez, os ruídos da casa a despertam antes do nascer do sol. Jane estava sonhando com Ivy roubando um peixe. O sonho evoluiu para a voz da casa, com suas paredes gemendo e suas janelas sussurrantes ordenando que olhe para fora. Antes que esteja totalmente acordada, ela levanta da cama e vai até a janela do escritório. O céu está aberto, a lua está clara no céu, e o jardim parece feito de renda preta.

Jasper chega ao escritório vindo do quarto e fica ao lado dela. Ele pressiona o focinho contra o vidro.

No jardim, há movimento. Uma forma na escuridão. Não, duas formas. Uma delas acende uma lanterna. A outra é rapidamente iluminada, não o bastante para que seus traços possam ser distinguidos, mas revela que carrega um pacote retangular. Eles cruzam o gramado e desaparecem em meio às árvores.

Patrick e Ivy, Jane pensa, atingida por uma certeza que não tem como justificar. Seu coração sobe para a garganta.

– Jasper? – ela chama. – Aquele pacote parecia do tamanho do Vermeer?

O cachorro funga.

– É – Jane diz. – O que a gente faz?

Jasper põe as patinhas sobre os pés de Jane, que não sabe muito bem como interpretar isso. Ele quer mantê-la ali ou só está expressando sua solidariedade diante da possibilidade de aventura?

Talvez ele só seja um cachorro, Jane pensa, *e portanto não entende o que eu falo, mas gosta de pisar nos meus pés.*

– Bom – Jane diz –, acho que precisamos de uma lanterna. Um aliado também cairia bem.

Ela veste moletom, meias e suas botas pretas, então confere as horas – nem cinco e quinze –, então sai para o corredor. Depois de considerar a possibilidade por uma fração de segundo, Jane bate na porta de Ravi. Jasper se apoia em seus tornozelos. Quando não há resposta, ela bate mais forte, em vão, e passa por sua cabeça que ela corre o risco de encontrá-lo transando com alguém, mas ainda assim entra no quarto. Afinal, ele mesmo já invadiu o quarto dela, e não há tempo a perder.

A cama de Ravi é gigantesca, e está vazia.

Interessante. Ela tenta reconstituir em sua cabeça a imagem das duas pessoas entrando na floresta, para ver se uma delas poderia ser Ravi, mas é inútil – não viu o bastante.

– Queria saber qual é o quarto de Lucy – ela diz para Jasper quando eles voltam para o corredor. – Queria... – Jane tropeça no Capitão Peludão. – Argh! Queria saber em quem confiar.

Onde poderia encontrar uma lanterna? Na cozinha? Nos aposentos dos empregados?

Jane tem um flashback das duas lanternas potentes na mesa do computador de Ivy.

Se ela estiver na floresta agora, não vai poder impedi-la de entrar em seu quarto e pegar uma lanterna “emprestada”. E se estiver no quarto...

Jane e Jasper se dirigem aos aposentos dos empregados. Enquanto contornam o pátio, ela ouve música vindo de algum lugar da casa. Uma gravação dos Beatles, o que parece bem estranho dada a hora.

Na área dos aposentos dos empregados, Jane começa a perder a paciência. Se Ivy está no quarto, então sua aparição às cinco e pouco da manhã vai ser totalmente inesperada. E Ivy não anda muito simpática. Ela para em frente à porta.

– O que eu faço? – Jane sussurra para Jasper.

Ele a encara com uma expressão vazia, muito apropriada para um cachorro.

Jane respira fundo e bate.

Depois de uma breve pausa, a porta abre com violência e Jane vê o rosto alerta e curioso de Ivy, usando óculos. Atrás dela, um dos computadores está ligado, com ventiladores rodando e luzes piscando como uma pequena espaçonave na escuridão.

– O que você quer? – ela pergunta, assustada, saindo para o corredor. – Por que está aqui?

Ivy ainda está com o suéter azul e a legging preta do dia anterior. Seu cabelo preto está solto, caindo desarrumado nos ombros e até o meio das costas. Parece tão descontente de ver Jane que ela fica magoada.

– Preciso de uma lanterna – Jane diz.

– Para quê?

– Só preciso de uma.

– Fala para quê.

– Por que falaria?

Ivy retruca, seca:

– Se você precisa de uma lanterna, é porque pretende sair da casa, o que

pode ser perigoso.

– Por causa dos Panzavecchia e da arma que vi nas mãos de Philip Okada?

– Jane pergunta.

Ivy fica num silêncio assombrado.

– Você vai me emprestar uma lanterna ou não? – Jane pergunta, mas quando Ivy não responde, ela vira e vai embora.

– Espera – Ivy chama. – Janie, espera.

Ela não espera. Quando vira e chega ao centro da casa, Jasper, que a segue, choraminga e resmunga, então dá um latidinho que finalmente chama a atenção de Jane. Ela vira para ele, impaciente.

– Quê?

Jasper corre até a porta de madeira com a barra de ferro, que leva para o sótão oeste. Ele continua choramingando, claramente pedindo que ela o acompanhe.

Frustrada, Jane desiste.

– Droga, Jasper – ela diz, se virando. – Sorte a sua que vi tantos filmes com cachorros.

Jasper a guia até uma porta de metal que Jane conclui que deve ser do elevador de carga e a rota mais rápida para fora da casa. Ela aperta o botão. Quando a porta abre, os dois entram.

Mas uma mão a detém antes que feche por completo.

O coração de Jane dispara, e Ivy entra pela abertura. Está de preto da cabeça aos pés e carrega uma mochila enquanto verifica a luz da lanterna, que é grande o bastante para golpear e derrubar alguém. Brilha como um farol. Ilumina rapidamente a forma de uma arma no coldre sob o seio esquerdo de Ivy, debaixo do moletom. A porta do elevador fecha.

– Ivy – Jane diz, com a voz falha.

– Vou grudar em você como cocô no sapato até que me diga o que está acontecendo.

Jane conclui que, se está presa num elevador com Ivy armada, não há motivo para esconder o que ela vai acabar descobrindo de qualquer jeito.

– Vi duas pessoas lá fora com uma lanterna e um pacote do tamanho do Vermeer – ela diz. – Cruzaram o gramado e se enfiaram entre as árvores.

– Ok – Ivy diz.

– Achei que fosse você e Patrick – Jane acrescenta, acusatória.

A expressão de Ivy não se altera.

– Não temos nada a ver com o Vermeer.

– Não, só com o Brancusi quebrado – Jane diz. – E com o assalto ao banco e o sequestro das crianças.

Sem dizer nada, Ivy pega uma máscara preta do bolso e veste por cima dos óculos. O contraste entre ela e Jane, ainda de moletom sobre o pijama do *Doctor Who*, beira o absurdo. O elevador guincha enquanto desce, e ao chegar elas se deparam com o vento forte e o barulho do mar abaixo.

Ivy segura forte o pulso de Jane.

– Me solta – Jane diz. – Você está me machucando.

– Temos que ser rápidas – Ivy diz, então puxa a outra pelo gramado.

Jane avança aos tropeços ao seu lado, com o pulso dolorido, surpresa com a força e com a velocidade de Ivy.

– Para onde está me levando?

– Tem uma praia escondida no nordeste da ilha – Ivy diz. – É o lugar perfeito por onde escapar com uma obra de arte roubada.

– Você saberia – Jane diz, então foca em ser arrastada por entre as árvores sem cair.

Elas entram numa floresta de pinheiros numa área íngreme e rochosa. Não há trilhas, e Jasper se esforça ao máximo para acompanhar os saltos e desvios das duas. Às vezes ele some, mas reaparece em seguida, provavelmente tendo encontrado um caminho alternativo, mais adaptado a um basset hound. O vento forte faz com que não consigam ouvir qualquer barulho que ele esteja fazendo. Ivy continua se movendo de forma segura, familiarizada com a floresta. O dia começa a clarear.

Ivy segura o ombro de Jane e a faz parar.

– O que... – Jane começa, então fecha a boca quando vê o mesmo que ela.

Um homem sentado de costas para elas em uma pedra, a menos de três metros de distância, rodeado por árvores. Tem o cabelo bem curto, a barba é ruiva e o corpo é pesado, robusto. Sua calça está molhada, como se tivesse andado pela água. Ao seu lado na pedra há uma pilha de fatias de laranjas. Ocasionalmente ele pega uma e come. Tem uma arma enfiada na parte de trás do cós de sua calça jeans.

Ivy afasta Jane.

– Vamos voltar para casa – Jane sussurra enquanto Ivy a tira do alcance do homem. – Por favor, Ivy, para. Me deixa ir.

Mas Ivy de repente a puxa para trás de um arbusto e passa um braço em

seus ombros, sussurrando “Shhh” com urgência em seu ouvido. Jane congela, sem ter ideia do que está acontecendo. Onde está Jasper? Ela entra em pânico por causa do cachorro. Se aquele homem horrível o vir...

O cachorro se encosta em suas pernas do lado oposto ao de Ivy. Jane se afasta dela e enfia o rosto no pescoço dele.

– Ah, Jasper.

Mas a atenção do cachorro está focada em um buraco no arbusto. Ivy segura alguns ramos e olha para a luz.

Jane também move alguns galhos e olha para o que os dois estão olhando.

É a praia da qual Ivy falou, a cerca de vinte metros, um ponto onde a floresta cede e a terra termina em uma pequena entrada de areia escura em forma de lua crescente. Lucy St. George está de pé ali, toda de preto, segurando uma arma. Ela aponta para um homem branco muito alto em uma lancha atada a um poste de madeira na água.

– Lucy – Jane sussurra. – O que ela está fazendo?

Lucy parece estar discutindo com o homem. Ele está com uma mão no controle, parecendo pronto para ir embora. Com a outra, acena, enquanto grita coisas para Lucy que Jane não pode ouvir. Parece estar fazendo perguntas agressivas e passionais.

– Não quero saber – Jane ouve Lucy gritar de volta, em uma voz irrisória.

– Não quero mais fazer isso. Estou desperdiçando meu talento. E você também, J.R.

J.R. enfia a mão no casaco, o que assusta Jane. Pela expressão em seu rosto, ela acha que só pode estar pegando uma arma. Mas é um apito que ele tem nas mãos. Ele o sopra, produzindo um som estridente. É o homem mais alto que Jane já viu, magro como um caniço.

No momento seguinte, ouve-se o barulho de galhos e folhas sendo pisados. O homem de barba ruiva que estava comendo laranja se junta aos outros na costa. Sem nem olhar para Lucy e sua arma ele entra na água, vai até o barco e sobe nele. J.R. liga o motor do barco, que soa como um enxame gigantesco de abelhas. Então eles vão embora, e J.R. lança um olhar ameaçador para Lucy.

– Quem eram eles? – Jane sussurra para Ivy. – Cadê o quadro? Por que Lucy deixou que fossem embora? Ela está infiltrada?

– Não – Ivy diz, tirando a máscara. – Não é o que parece.

– Você quer dizer que...

– Shhh!

Ainda na costa, Lucy se envolve com os braços, ainda segurando a arma em uma das mãos. Então vira abruptamente e olha para as árvores. Está esperando alguma coisa? Alguém? Afinal, faz um gesto impaciente, enfia a arma na jaqueta e se afasta da água, se dirigindo não exatamente para onde Jane e Ivy estão, mas para perto. Ela está com um estranho gorro de tricô que faz com que pareça mais jovem e aumenta seus olhos. De alguma forma, também parece muito sozinha, como se Jane estivesse olhando por um estereoscópio para a única mulher que restou no mundo. Quando se aproxima, Jane a vê enxugar o rosto com a mão e percebe que está chorando.

Ivy põe a mão no coldre debaixo do moletom e faz menção de levantar.

– O que está fazendo? – Jane sussurra com firmeza, segurando o braço de Ivy e puxando.

– Vou parar Lucy! – Ivy responde, tentando se soltar.

– E o que ela está fazendo exatamente? – Jane diz. – Continuamos sem saber o que está acontecendo.

– Não seja inocente – Ivy diz. – Ela é uma ladra!

– Tá, mas não vou deixar que atire nela.

– O quê? – Ivy diz, encarando Jane com uma expressão incrédula. – Não vou atirar nela!

– Então por que tem uma arma?

– Já chega – Lucy diz, levantando a voz fria e cuidadosa de algum lugar por perto. – Quem está aí? Posso ouvir vozes. Saia devagar.

Ivy fica tão assustada que abaixa de novo, ofegante e com os olhos arregalados. Ela põe a mão embaixo do moletom.

– Fica escondida – sussurra. – Deixa que eu cuido disso, por favor.

Antes que Jane consiga pensar no que fazer, Jasper sai dos arbustos e avança na direção de Lucy. Jane levanta, gritando. Despreparada, Lucy se desequilibra, xinga e tenta pegar a arma. O cachorro sobe em cima dela e morde o revólver, puxando-o para um lado e para o outro, rosnando. Tudo acontece rápido. Jane corre até eles, aterrorizada que a arma possa disparar na boca de Jasper. Lucy se debate, com os dedos sangrando. Também tem medo do que pode acontecer.

– Me ajuda – Lucy grita. – Tira ele daqui. Vai acabar atirando em mim!

– Jasper – Jane diz, tentando puxá-lo. – Ela não vai atirar na gente!

– Não vou – Lucy diz. – É claro que não. Eu juro!

Jasper solta a arma de repente. Isso faz Jane cair com o cachorro nas mãos. Os dois rolam, então ela consegue se levantar.

Lucy já está de pé, com a arma apontada para Jane.

– Lucy – ela diz, confusa.

Os olhos de Lucy estão firmes e duros por trás da arma. Sangue escorre por suas mãos.

– Você é adoravelmente crédula, não é?

Na verdade, não, Jane pensa, com a cabeça lenta, mas tem uma distância enorme entre confiar em alguém e achar que ela é capaz de atirar em você. É tudo minha culpa. Ivy veio por mim. Jasper também. Eu os trouxe aqui e os coloquei em perigo.

O cachorro rosna baixo ao seu lado, e Jane morre de medo de como Lucy pode reagir a isso.

– Jasper, fique quietinho e parado.

A voz forte de Ivy surge dos arbustos atrás de Jane:

– Também estou armada. Largue o revólver ou vou atirar em você.

Lucy dá uma risadinha de escárnio.

– Você não tem arma.

– Não? Se machucar Janie, vou destruir seus joelhos. Agora largue a arma. Vou contar até um.

Tudo acontece tão rápido que Jane mal acompanha. Jasper vai para cima de Lucy. Lucy tenta atirar nele. Jane grita e corre na direção dos dois. Lucy atira. Jasper morde o tornozelo de Lucy. Lucy cai, gritando de dor. Jasper está sangrando. Jasper está sangrando! Jane se joga em cima de Lucy e tenta tirar a arma de suas mãos. Não consegue imaginar o que quem vai pegá-la será capaz de fazer, mas então Ivy está ao seu lado e a pega. Ivy aponta para Lucy com a própria arma dela, e Lucy ainda grita, tentando escapar dos dentes de Jasper. Ele segura firme.

– Bom cachorro – Jane diz, aproximando-se. É só a orelha que está machucada. Lucy fez um buraco em sua orelha grande e achatada. Jane começa a chorar. – Você é tão, tão corajoso. Sinto muito. Está tudo bem? Pode soltar. Deixa eu olhar a sua orelha.

Jasper solta Lucy. Jane o abraça e ele lambe seu rosto, sujando-a de sangue. Ela chora em seus pelos, fazendo uma bagunça molhada. Jane tenta estancar o sangue com a manga do moletom, sem saber de que outra forma ajudar, até que Ivy sugere que tire a blusa e a amarre em volta da cabeça dele.

– Eu daria meu moletom – Ivy diz –, mas não vou tirar os olhos dessa cretina.

– É fofo como vocês se preocupam com o cachorro – a cretina em questão diz, gemendo ao ver seus machucados –, mas não estou nada bem aqui.

Jane não aguenta ouvir a voz de Lucy, então diz para Ivy:

– Se ela falar de novo, pode atirar.

– Mudou de ideia? – Ivy pergunta, brincando.

Jane está muito envergonhada para olhar para Ivy. Ela tenta fazer uma bandagem em Jasper com o moletom, sem sucesso. Ainda está chorando, morrendo de medo e tremendo.

Então respira fundo para tentar se equilibrar.

– Ei, Janie – Ivy diz, baixo. – Você sabe que vamos ficar bem, né? Está tudo sob controle.

As três mulheres e o cachorro voltam para a casa em uma estranha procissão. Jane está com seu pijama do *Doctor Who*, coberta com o sangue de Jasper e com cara de choro. Seu moletom está enrolado em volta da cabeça de Jasper, com um laço nas mangas. Ele não parece se importar de parecer bobo. Mantém a cabeça erguida e anda com passos enérgicos.

– Jasper – Jane diz a ele –, você é o retrato do heroísmo.

À frente delas, Lucy bufa. Está ensanguentada, desgrenhada e mancando, com os pulsos amarrados com uma corda que Ivy tirou da mochila.

Ivy está atrás dela, segurando a arma de Lucy, como uma ninja incrível.

– Por quem você estava esperando, Lucy? – Ivy pergunta. – Depois que seus amigos foram embora e antes que nos ouvisse?

– Ninguém.

– Mentira – Ivy diz. – Com quem saiu de casa mais cedo, carregando uma lanterna e o Vermeer. Janie viu você.

– Vocês nunca vão conseguir me ligar ao Vermeer – Lucy diz. – Janie deve ter visto os caras na lancha.

– Não – Ivy diz. – Só um dos caras estava com a calça molhada.

– Vai ver que um deles trocou a calça quando voltou para a lancha.

– O que aconteceu – diz Ivy – foi que você e um cúmplice carregaram o Vermeer da casa até a floresta e passaram para o cara no barco. O cara de calça molhada estava vigiando o outro. Nós o vimos sentado na costa. E a

pessoa com quem deixou a casa estava vigiando você. Quero saber quem é.

– Não tenho um cúmplice – Lucy diz, cantarolando.

– Certo – Ivy diz, sarcástica. – Quem quer que seja seu cúmplice, deve ter se assustado com toda a sua gritaria. – Então Ivy estica o braço para pegar algo na mochila. É um walkie-talkie, e ela aperta o botão para falar nele. – Oi – ela diz. – Alguém atende. Sra. V? Sr. V?

Ninguém responde.

Jasper, lutando para subir o morro ao lado de Jane, escorregando nas folhas e começando a ofegar, faz Jane recomeçar a chorar.

– Você está bem, amiguinho? – ela pergunta. – Quer que eu te carregue?

– Deus do céu – Lucy diz. – Talvez a gente deva parar um pouco para que você possa construir um santuário para o cachorro.

– É por causa de Jasper que nós estamos a salvo e você, encrencada – Jane retruca, com frieza. – Por isso você não para com os comentários desagradáveis. Porque um cachorro acabou com você.

Ivy ri. Mexendo de novo na mochila, pega uma barra de chocolate e entrega para Jane, que a abre, surpresa com sua fome.

Ivy tenta o walkie-talkie de novo. Finalmente, quando deixam as árvores e chegam ao gramado, a voz da sra. Vanders surge, entrecortada.

– Ivy? – ela pergunta. – *Onde você está?*

Pouco depois, ligações foram feitas e os policiais já estão a caminho.

– *Eles também vão vasculhar as águas entre a ilha e o continente, numa tentativa de interceptar o barco* – diz a voz arranhada da sra. Vanders. – *Vou mandar algumas pessoas para procurar o cúmplice na floresta.*

– E um veterinário para Jasper – Jane pede a Ivy.

– Jasper precisa de um veterinário – Ivy diz no walkie-talkie. – Lucy atirou nele. Está com um buraco ensanguentado na orelha.

– *Minha nossa!* – a sra. Vanders diz. – *Que desnecessário! Patrick!* – ela grita. – *Precisamos de um veterinário!*

– Alguém apareceu na casa? – Ivy pergunta.

– *Está esquecendo que é o dia do baile?* – pergunta a sra. Vanders. – *As portas estão abertas e tem gente indo e vindo desde que o sol raiou.*

– Droga! – Então ela diz para Lucy: – Seu cúmplice tem muita sorte. Deve dar até uma invejinha, imagino.

– Sem dúvida daria – Lucy diz –, se eu tivesse um.

– Você sabe que vai ser presa pelo Brancusi também, não é? – Ivy

pergunta.

Em resposta, Lucy só aperta os lábios e fecha a cara.

– Talvez eles até reabram o caso do Rubens – Jane diz.

– É verdade – Ivy concorda. – Bem pensado.

Quando o grupo chega à casa, é recebido no terraço dos fundos pela sra. Vanders, que põe a mão no ombro de Lucy e a conduz para dentro, com o rosto sombrio. Octavian IV, que parece descorado em seu robe, também está ali, assim como Ravi, de olhos arregalados e sem palavras. Ele encara Lucy como quem não pode acreditar, parecendo uma criança magoada. Ela o encara de volta. Quando uma lágrima rola pelo rosto de Ravi, Lucy também começa a chorar, sem fazer barulho, de raiva.

A polícia se divide em dois grupos: um vai procurar o cúmplice de Lucy na floresta e o outro ocupa a sala de bilhar, que foi escolhida por ter apenas duas portas, ambas com chave. Eles deixaram clara sua intenção de falar com todos os presentes um a um, começando por Lucy, então Jane, Ivy e Ravi, depois todo mundo que estava acordado quando elas voltaram para a casa, o que incluía Octavian, o sr. e a sra. Vanders, Cook, Patrick, os empregados fixos e aqueles contratados para o baile. Por último, os que estavam dormindo ou alegavam isso: Phoebe Okada, Colin Mack e Kiran.

Chegou a veterinária, uma mulher grande que foi para a cozinha dar pontos na orelha de Jasper. Ela diz a Jane que ela fez bem ao enrolar o moletom na cabeça do cachorro e que não precisa se assustar com o sangue.

– Orelhas sangram assim mesmo – ela diz –, parece pior do que realmente é. Ele vai ficar bem.

Apesar disso, toda vez que Jasper olha para Jane, ela chora. A expressão amorosa que ele assume em seguida só faz as lágrimas rolarem mais rápido.

A polícia, sabendo da história principal, conversa com Lucy por um longo tempo.

Jane e Ivy ficam esperando sua vez na sala dourada, ao lado da sala de bilhar. Ivy fica em silêncio, vendo a outra fungar e cutucar as cutículas até sangrarem. Jane olha para ela e nota que suas íris parecem lilases nas bordas. Depois disso, não a olha mais.

Finalmente, Ivy fala:

– Você está brava comigo?

Jane encontra sujeira embaixo de uma unha e se concentra nela, só conseguindo empurrá-la ainda mais. Do chão da floresta, sem dúvida. De resolver crimes, solucionar mistérios, se meter em confusão.

– Estou tentando imaginar como é isso para você – Ivy diz. – Principalmente considerando que parece que... sabe de algumas coisas. Tipo, ouviu ou viu alguma coisa relacionada a Philip? Talvez a Patrick? – Ela faz uma pausa. – Bom, eu ficaria brava.

– Não sei por que deveria dizer o que vi ou ouvi – Jane diz simplesmente – se você não me conta nada.

– É verdade.

– E não sei por que está me perguntando se estou brava – Jane prossegue, em um tom monocórdio – quando é você quem vem agindo como se estivesse brava comigo.

– Não estou brava com você – Ivy garante de imediato.

– Bom, você tem andado por aí com sua câmera – Jane diz –, fingindo tirar fotos das obras, e sempre que me via parecia brava.

– Não estou brava com você – Ivy repete. – O que me deixa brava é que não posso contar o que está acontecendo.

– Bom – Jane diz –, você precisa aprender a direcionar melhor sua raiva.

Isso quase faz Ivy soltar uma risadinha surpresa.

– Estou fracassando em escolher em quem posso confiar – Jane diz.

– Em parte é minha culpa – Ivy diz, inclinando-se na direção dela. – E de Lucy também. Ela enganou você. Tirou vantagem da sua bondade. Foi ela quem fracassou horivelmente, não você.

– Eu deveria saber – Jane disse. – *Você sabia.*

– Bom – ela diz, se ajeitando no assento com uma expressão irônica. – Não confiar nas pessoas não é exatamente algo de que se orgulhar.

– Mas você tinha razão – Jane diz. – Estava certa.

– Só porque tenho mais experiência com pessoas pouco confiáveis – Ivy diz. – Janie, é sério. Você foi muito corajosa. Tentou manter todo mundo a salvo, inclusive Lucy, sem nem saber o que estava acontecendo. Foi você quem conseguiu tirar a arma dela, pelo amor de Deus.

Ajeitando as mangas do pijama, Jane aceita cautelosamente o elogio. Então um dos policiais enfia a cabeça para fora da sala de bilhar, dá uma olhada e volta a entrar, batendo a porta.

– Estou nervosa – Jane diz.

– Por quê?

– Não sei. Nunca fui interrogada pela polícia.

– Ah – Ivy diz. – Bom, é só dizer a verdade.

– Mas é justamente isso – Jane diz. – E se eu incriminar alguém inocente por acidente?

– Acho que é o tipo de situação em que não se pode controlar o que se faz por acidente – Ivy diz. – E a probabilidade de prejudicar algum inocente é menor quando se fala a verdade.

Jane estuda o rosto calmo de Ivy.

– A verdade é que você disse a Lucy que tinha uma arma – ela diz.

– Ah – Ivy diz. – Mas você chegou a ver essa arma?

– Não – Jane admite. – Não exatamente.

– A polícia vai perguntar o que eu disse e o que eu fiz – Ivy diz. – Diga a verdade. Eles vão concluir que eu só estava fingindo ter uma arma, para ganhar alguma vantagem.

Jane engole em seco.

– Isso faz com que eu me sinta melhor. Pelo menos um pouco. Só que eu vi o volume da arma sob o seu moletom.

Ivy olha para o próprio moletom, que agora está reto, sem nenhum tipo de protuberância. Ela está usando tênis de cano baixo e tem o cabelo preso em um coque bagunçado. Enquanto Jane corria atrás de Jasper e os outros esperavam pela polícia, Ivy devia ter voltado para o quarto e mudado algumas coisas.

– Então deve dizer isso a eles também – ela diz, simplesmente. – Mas um volume embaixo de um moletom é bastante inconclusivo.

– Quero saber o que realmente está acontecendo – Jane diz, encarando Ivy.
– Para o meu conhecimento.

Os olhos de Ivy parecem de um azul suave e preocupado atrás dos óculos.

– Podemos ter essa conversa depois que a polícia for embora?

– Mas ela vai mesmo acontecer?

– Vai – Ivy diz. – Eu juro.

– E você vai me contar tudo?

– Tudo.

– Vou ficar chateada?

Ivy inspira devagar. De repente, parece muito cansada, piscando seus olhos marcados pela exaustão.

– Não sei – ela diz. – A verdade é que perdi a noção desse tipo de coisa.
– Posso ajudar você com isso – Jane diz. – Se for desagradável, vou ficar *bem* chateada, e você não vai ter como não notar.

Ivy ri.

– Você acha que está brincando, mas seria bem útil. Estou assim perdida. – Ela boceja. – Opa, desculpa. Está mais calma agora?

– Bom – Jane diz, fazendo uma pausa. – Passei no quarto de Ravi antes de ir até o seu. Ele não estava lá.

– Sêrio?

– Sêrio.

– Bom – Ivy diz –, entendo por que você não quer que a polícia saiba disso, mas Ravi pode cuidar de si mesmo. Vai contar à polícia onde estava. Você pode complicar as coisas para ele se disser que estava onde não estava.

Ivy está certa. A melhor opção é contar a verdade.

– Obrigada – Jane diz.

– Imagina. É normal ficar nervosa.

– Você não está.

– Estou, sim – Ivy diz. – Sou como um pato na água. Pareço calma, mas minhas patas estão a mil por hora debaixo da superfície. E ainda não dormi, então estou acabada.

– Tem certeza de que Lucy tem um cúmplice?

– Não sei – Ivy diz. – Ela realmente parecia estar esperando alguém que não a gente na praia. Deve estar louca para descobrir quem sumiu com o Brancusi, e esperava que talvez suspeitasse desse cúmplice. Seria possível haver *três* ladrões de arte hospedados na mesma casa? Lucy, seu cúmplice e mais alguém? Não seria coincidência demais?

– Tem certeza de que Lucy não pegou o Brancusi?

– Tenho – Ivy disse. – Sinto muito por voltar a coisas que não posso contar.

– E foi por isso que a provocou, dizendo que ia ser considerada culpada pelo Brancusi também? – Jane pergunta. – Achou que pudesse convencer Lucy a entregar o cúmplice?

– É – Ivy diz. – Se é que existe um. Pode ser que o cara de calça molhada tenha se encontrado com ela aqui na casa, e aí foram os dois que você viu entrando na floresta. Mas duvido.

Então Jane se dá conta de algo.

– Ivy – ela diz. – A polícia também vai perguntar a você sobre o Brancusi. E a arma. Vai mentir?

Ivy faz uma pausa, olhando para a luz que vem do salão de festas. As pontas de seu cabelo brilham douradas.

– Vou fazer o que acho certo – ela diz. – E, depois que isso acabar, juro que vou contar tudo o que não posso dizer agora.

Jane fica absorvendo tudo por um momento, até que se dá conta de duas coisas. Primeiro, que ela acredita em Ivy. Segundo, que, apesar das armas, das crianças desaparecidas e da arte roubada, não acredita que Ivy esteja fazendo algo de errado.

– Você sabe que aquele barulho tem um nome? – Ivy diz.

– Quê?

– O barulho falso que a câmera digital faz ao tirar uma foto.

– É falso?

– Bom, pensa a respeito. Uma câmera digital não tem um obturador, que seria a razão daquele barulho. É só uma reprodução do ruído que as câmeras de antigamente faziam.

– Nunca soube disso!

– Tem uma palavra para uma escolha que imita algo que ficou ultrapassado. Mas não consigo lembrar.

– Está pensando novamente nas Palavras Cruzadas?

Ivy sorri.

– Espero que sim.

Jane não consegue explicar, mas se sente mais pronta para a polícia agora. Como se pudesse lidar com o que viesse.

– Gostaria de saber qual é essa palavra.

– Prometo que quando eu lembrar te falo – Ivy diz.

Quando a polícia arrasta Lucy St. George para fora da sala de bilhar, ela tropeça, mantendo-se de pé só porque um dos policiais segura firme seu braço. Jane acha que eles estão sendo desnecessariamente duros. Gostaria de ficar contente com isso, mas Lucy é pequena. Enquanto a conduzem pela sala dourada, ela faz uma careta de dor.

– Ravi está no hall de entrada? – ela pergunta a Jane, encarando-a.

Jane não consegue imaginar um motivo para responder.

– Acho que não.

Lucy parece aliviada.

– Obrigada – ela diz, enquanto a polícia a arrasta para fora.

Jane gostaria de gritar que não estava fazendo aquilo para a conveniência de Lucy. Que nunca ajudaria uma pessoa que mente, dissimula e atira em um cachorro.

Um policial ríspido com cheiro de maresia aparece na porta da sala de bilhar e chama Jane.

Os policiais, dois homens e uma mulher, têm o rosto impassível, voz cortante e muitas perguntas a fazer. Jane diz a verdade, e na maior parte do tempo a verdade é que ela não sabe.

– O homem na floresta estava chupando uma laranja – ela aponta com segurança.

– Uma laranja – o interrogador repete com uma voz sem expressão, sem anotar aquela evidência esclarecedora.

Estão todos sentados, ligeiramente desconfortáveis, em volta de uma das mesas de bilhar mais refinadas que ela já viu, com feltro azul e leões entalhados nas pernas de madeira.

– Lucy St. George disse alguma coisa para os homens na lancha? – pergunta um policial cuja boca fica escondida atrás do vasto bigode grisalho.

Jane tenta lembrar.

– Sim – ela diz. – Acho que Lucy disse: “Não vou fazer isso de novo, é um desperdício do meu talento e do seu também, J.R.”. Ou algo do tipo. Eu estava bem longe e ainda tinha o barulho do mar.

– O que ela não ia fazer de novo? – perguntou o policial bigodudo. – E quem é J.R.?

– O homem dirigindo a lancha – Jane respondeu.

– Hum – o policial diz.

Jane sabe que aquele “hum” comunica muita coisa. Ela provavelmente é a testemunha mais inútil que os três interrogaram em toda a carreira.

Eles fazem perguntas sobre seu histórico e seus motivos para estar na casa. Parecem entediados com as respostas. Jane tenta parecer casual quando comenta que não viu a arma de Ivy. Tenta assumir um tom blasé quando diz que Ravi não estava no quarto. Eles estranham um pouco tudo isso, o que a desanima. Ravi poderia ser o cúmplice, não? Seus chiques não poderiam ser fingidos? Se fossem, ele merecia ser pego. Não merecia?

Não. Jane não conseguia acreditar que Ravi estivesse envolvido. Mas também pensara a mesma coisa sobre Lucy.

– A polícia condecora cachorros? – ela pergunta.

– Muito obrigado pelo seu tempo – ele diz, sorrindo, então conduz Jane de volta à sala dourada.

– Como foi? – Ivy, que ainda está sentada lá, pergunta.

– Não tenho ideia – Jane diz.

Ouve-se unhas batendo e raspando no piso, então Jasper chega correndo na sala. Tem um curativo na sua orelha, que está levemente presa ao pescoço com esparadrapo. Quando vê Jane, ele se joga em cima dela. Ela se agacha, pega o cachorro no colo, faz carinho nele e, naturalmente, volta a chorar, sentindo a respiração quente de Jasper no rosto.

– Nunca vi esse cachorro se comportar com outra pessoa como se comporta com você – diz Ivy, procurando nos muitos bolsos até encontrar um lenço. Ela se agacha também e, enquanto Jane ainda acaricia Jasper, enxuga suas lágrimas com delicadeza.

Por um momento, Jane sente que está tudo bem.

– Ivy Yellan – chama o policial que aparece na porta da sala de bilhar, parecendo entediado. – E você – ele diz, apontando com o queixo para Jane.

– Eu? – Jane diz. – Como assim? Vocês acabaram de falar comigo.

– Eu sei – ele diz. – Não esqueci seu brilhante depoimento. Pode mandar Ravi Thrash vir? Ele é o próximo.

– Estou bem aqui – Ravi diz, aparecendo na porta do salão de baile.

– Ótimo – o policial diz. – Espere um momento.

O policial e Ivy desaparecem na sala de bilhar, deixando Jane e Ravi sozinhos. Ele estuda o rosto dela, que funga, enxugando os olhos na manga do pijama.

– Por que está chorando? – Ravi pergunta.

– Por causa de Jasper – Jane diz, o que é verdade, ainda que um tanto simplificado.

– Sei – Ravi diz, com um sorriso.

– Você parece cansado.

– O FBI deveria estar cuidando disso – ele diz. – Se a obra ainda estiver no estado, é um milagre. O fato de Vanny ter ligado para a polícia normal me deixa louco. Como foi falar com eles?

Jane faz uma pausa, depois responde com um tom cuidadoso:

– Respondi a todas as perguntas com sinceridade.

Ele coça o pescoço, suspirando. A mecha branca no cabelo de repente o faz parecer mais velho e cansado.

– E por que mentiria?

– Procurei por você antes – Jane diz. – Hoje de manhã. Passei no seu quarto. Ainda não tinha amanhecido e você não estava lá. Disse isso a eles.

Os olhos de Ravi se demoram nela.

– E agora está me contando que contou para eles para que eu não diga que estava lá.

– É – Jane diz. – Acho que sim.

O canto da boca de Ravi se retorce.

– Você é um mistério.

– Ravi, se isso é você flertando comigo, não consigo acompanhar.

Ele abre um sorriso triste, depois balança a cabeça cansado.

– Passei a noite com meu pai na biblioteca – ele diz. – Ouvindo Beatles.

– Beatles! – Jane exclama. – Esqueci de falar para a polícia sobre isso.

Ela coloca Jasper no chão, se levanta e vai depressa até a sala de bilhar. Quatro rostos surpresos a encaram.

– Esqueci de dizer que quando estava cruzando o átrio para ir até os aposentos dos empregados ouvi Beatles tocando – Jane anuncia.

Os quatro só olham, perplexos. Jane sai da sala e fecha a porta antes que as coisas piores ainda mais.

– Tenho certeza de que sou a pior testemunha que já tiveram – ela diz para Ravi.

– Não se preocupe – ele diz. – Patrick vai ficar se lamentando, Kiran vai ficar quieta e deprimida, Colin vai ser condescendente e Phoebe vai dizer algo esnobe e ofensivo.

– Obrigada – Jane diz. – Isso faz com que me sinta melhor.

Ele abre um meio sorriso.

– Me faz companhia até me chamarem?

Jane sente pena de Ravi, que teve uma manhã difícil. Mas ainda está com seu pijama da Tardis, correu pela praia, caiu, rolou, teve uma arma apontada para ela, se sujou toda de sangue de cachorro, chorou e foi interrogada pela polícia. Precisa tomar um banho e dormir profundamente, com Jasper nos seus tornozelos.

– Estava planejando ir pro chuveiro – ela diz.

– Tudo bem. Diga a Kiran que a chamei se a vir, por favor. Estou preocupado com ela.

– Por quê?

Ravi se joga em uma poltrona e fecha os olhos.

– Não tem nada a ver com isso. É uma coisa de irmão gêmeo.

Num instante, Jane está passando pelo salão de baile com Jasper nos seus calcanhares, desviando dos empregados que falam com toda a animação e vigor. Logo em seguida, ela está faminta. É por isso que acaba encontrando com Kiran, que está com Colin tomando café de manhã num canto da sala de jantar e cutuca um ovo pochê com a colher.

– Eu só queria estar mais surpreso – Colin diz. – Quem você acha que é o cúmplice? Um convidado? Um empregado?

– Não tenho ideia – Kiran diz.

– Ela pode estar mancomunada com o cara que cuida dos barcos – Colin diz. – Talvez os dois tenham um desses relacionamentos secretos entre pessoas de classes sociais diferentes.

– Patrick? – Kiran diz, parecendo verdadeiramente confusa enquanto esfrega as têmporas, como se doessem. – De onde tirou isso?

– Os dois pareciam muito confortáveis juntos. E ele deveria estar interessado, claro – Colin diz.

Há certa presunção em seu tom de voz, sutil, indefinível. Colin parece satisfeito com suas especulações.

Algo dentro de Jane se rebela.

– Colin, por que você a força a ter conversas que ela claramente não quer?

– Como assim? – ele diz, olhando para Jane. Seu cabelo está úmido. Ele está de banho tomado e perfeitamente arrumado. – Forçando quem?

– Kiran! – Jane exclama. – Você fica atormentado ela.

Colin se endireita no assento, parecendo ofendido.

– Eu amo Kiran – ele diz. – E o que é que você sabe sobre isso ou qualquer outra coisa? Não passa de uma criança e de uma desconhecida.

– Kiran não quer falar a respeito – Jane insiste. – Ela quer ficar sozinha.

– Kiran está deprimida! – Colin diz. – Quero que se interesse por alguma coisa.

– Você a pressiona!

– É muita ousadia – Colin diz, então vira para a namorada. – Querida, eu pressiono você?

Kiran segura a colher com tanta força que seus dedos estão brancos.

– Colin – ela diz, olhando para o prato –, acho que devemos terminar. Na verdade, tenho certeza disso. Sinto muito, mas acabou.

As bochechas dele ficam vermelhas. Pouco depois, ele empurra a cadeira em silêncio e levanta.

– Muito bem – diz, tenso. – Aliás – acrescenta, com os olhos incandescentes fixos em Jane –, você está errada. Ela não quer ficar sozinha. É bem apegada a um dos empregados. Eu achava que ficaria bem comigo, mas agora tenho certeza de que é incapaz de ser feliz.

– Não fale de mim como se eu não estivesse aqui, seu babaca condescendente – Kiran diz.

Colin abre a boca para responder, mas acaba por fechá-la. Ele dá as costas e começa a se afastar, então vira de repente e se dirige a Jane.

– Mudando de assunto, odeio ter que te dizer isso, mas houve um acidente com seus guarda-chuvas. Eles caíram no meio da rua no Soho e um caminhão passou por cima. Sinto muito. Imagino que não tivessem seguro.

O guarda-chuva do Panteão. O de ovo de pássaro. O marrom e rosa-acobreado, com cabo de latão. Jane se engasga, espantada.

– Isso é horrível – Kiran diz.

Jane olha no rosto da amiga e se dá conta de que todo o carinho de Kiran por ela é real e latente.

Então olha no rosto de Colin, que demonstra o equilíbrio mais perfeito de pesar, solicitude e arrependimento. E algo mais. O brilho ínfimo de algo infantil. Triunfo.

Seus instintos vêm à tona.

Virando sem dizer nada, Jane vai para a cozinha, parando apenas para segurar a porta para Jasper passar. O sr. Vanders e Patrick estão próximos na mesa, sussurrando.

– Quem cuidou do correio ontem? – ela pergunta.

Os dois mal a olham.

– Cook – o sr. Vanders responde.

– Onde ele está?

– Nas docas – o sr. Vanders diz.

– Preciso fazer uma pergunta a ele.

O sr. Vanders olha para Jane com curiosidade. Ele pega um walkie-talkie numa gaveta, aperta um botão e diz:

– Filho?

Pouco depois, uma voz rouca responde:

– *Pai?*

O sr. Vanders entrega o walkie-talkie para Jane, que nunca usou um. Ela aperta o botão e diz:

– Alô?

– Oi?

– Cook?

– *Sim?*

– Colin Mack entregou a você um pacote comprido e fino ontem, para mandar pelo correio?

– *Entregou* – Cook confirma. – *Eram guarda-chuvas.*

– Como estavam embalados?

– *Em uma caixa com um monte de plástico-bolha* – ele diz. – *Eu ajudei a embalar.*

– A quem estava endereçado?

– *Ao escritório de Buckley St. George no Soho. Mande por uma empresa particular de entrega de Southampton, que a família sempre usa.*

– A família? Que família?

– *A família Thrash* – ele diz. – *Quem mais seria? Octavian envia obras de tempos em tempos. Sempre usamos esse cara.*

– Ele é descuidado? – Jane pergunta. – Costuma derrubar coisas? É tipo um cara de moto que está sempre se arriscando?

– *É claro que não! É um entregador profissional! Dirige um caminhão especial!*

Jane devolve o walkie-talkie para o sr. Vanders e vai embora, com Jasper no encalço.

– Alô? – A voz de Cook continua saindo do walkie-talkie. Ele parece enfurecido. – *Quem é você? Pai? É a sobrinha de Magnolia?*

Jane passa pela porta vaivém, surpresa com sua segurança.

Dessa vez, quando invade a sala de bilhar, os rostos surpresos também parecem irritados. Ivy já foi embora, e a polícia agora interroga Ravi. Ele se ilumina ao vê-la e fica só esperando o que está por vir.

– Colin Mack é o cúmplice – Jane diz –, ou pelo menos é um babaca que

me roubou. Vocês vão achar três guarda-chuvas como prova no escritório de Buckley St. George, em quem tampouco confio, para ser sincera. Talvez ele esteja por trás de tudo. Talvez tenha mandado a filha e o sobrinho para cá para que roubassem as obras, e Colin, sendo o babaca arrogante que é, não conseguiu resistir a roubar meus guarda-chuvas também. – Então ela acrescenta, desesperada e determinada a contar toda a verdade: – Isso tudo é conjectura, baseada na expressão de Colin e talvez na minha inabilidade de aceitar o destino dos meus guarda-chuvas. Mas acho que estou certa.

A policial feminina pigarreia e diz:

– Estamos investigando o roubo de duas obras de arte que valem, por baixo, mais de cem milhões de dólares. E você está falando de guarda-chuvas.

– Colin acabou de me dizer que eles foram destruídos – Jane prossegue. – Isso significa que, se estiverem no escritório de Buckley St. George, ele mentiu para mim e os roubou. Vocês estão ou não procurando um ladrão?

A polícia fica na casa a maior parte do dia, ainda que o baile vá ser realizado à noite. Jane joga xadrez com Kiran distraidamente no jardim de inverno enquanto espera.

No fim da tarde, chega a notícia de que os guarda-chuvas foram encontrados. Dois estavam na escrivaninha de Buckley St. George e ele próprio foi descoberto andando na chuva com o terceiro, o de ovo de pássaro, pelo Soho. De acordo com a polícia, Buckley ficou encantado com as produções de Jane. O azul-claro com manchas marrons combina com sua gravata-borboleta. Tinha a intenção de comprá-lo para uso próprio e fica estupefato ao descobrir a história que Colin inventou.

– Garoto idiota! – ele diz, mas, quando ouve sobre Lucy e o Vermeer, se mantém em silêncio.

A polícia leva Colin. Ele tenta parecer digno e surpreso com o que está acontecendo, mas seu rosto está pálido e seus olhos acusam medo. Jane fica ao lado de Kiran enquanto o vê ir embora com desdém o bastante em seu olhar para congelar uma estrela.

Mas ainda não há sinal do Vermeer.

Mais tarde, a polícia pede a Jane que vá para Nova York identificar seus

guarda-chuvas. Kiran vai junto. Não há necessidade, mas ela quer que Jane use o apartamento dos Thrash, e provavelmente preferiria estar em qualquer outro lugar que não o baile.

A escuridão está caindo quando as duas embarcam. O baile está começando; os barcos chegando brilham como estrelas na água.

Kiran se estica toda, como um furão, quando o barco da polícia passa pelo estuário de Long Island e a silhueta de Manhattan aparece. A noite na cidade enche seus olhos, clareando tudo. Logo, a delegacia surge em um estranho pedaço de terra cheio de árvores no rio East chamado Wards Island.

Dentro do prédio barulhento com luzes amarelas, o investigador Edwards coloca os guarda-chuvas numa mesa e pergunta a Jane se os reconhece. Ele é a cara do John Wayne e tem a voz de um homem abandonado no deserto. Parecera tolice aquela viagem de emergência à noite para algo que poderia ser feito por foto ou mesmo a partir da mera descrição. Mas, quando vê os guarda-chuvas à sua frente, Jane fica aliviada por estar ali. O policial deixa que ela os pegue, inspecione e até passe para Kiran, que diz que são todos lindos. Estão nas mesmas condições de quando Jane os viu pela última vez.

– Quando vou poder levar meus guarda-chuvas?

– Quando a investigação terminar. – Então Edwards acrescenta, mais simpático: – São evidências, o que significa que vamos cuidar bem deles.

Ele tem rugas em volta dos olhos cinza e límpidos. Jane nota uma leve mancha marrom em uma das íris e, mesmo sabendo que é algo completamente irracional, tem certeza de que ele vai cuidar de seus guarda-chuvas.

– A identificação positiva dos guarda-chuvas vai justificar um mandato de busca no escritório de St. George – o investigador diz quando Jane os devolve. – Sua correspondência e suas finanças também serão consideradas. Se ele estiver com mais objetos roubados, vamos descobrir.

Os olhos de Kiran se concentram no investigador. Jane lembra que Buckley St. George não é apenas pai de Lucy e tio de Colin: ele é o chefe de Ravi, que vai perder o emprego.

– Vocês têm certeza de que Buckley está envolvido? – Kiran pergunta.

– Não temos certeza de nada – o investigador Edwards diz. – Não parece que St. George sabia que Colin Mack pretendia roubar os guarda-chuvas, mas encontramos o barco com os dois bandidos entrando no East. Eles poderiam estar indo encontrar St. George.

– Você disse que encontrou os bandidos, mas não que encontrou o Vermeer.

Ele abre um sorriso.

– É.

– Qual é a graça? – Kiran pergunta.

O investigador Edwards se inclina para pegar algo em uma gaveta.

– Os encarregados encontraram um pacote no barco que tinha o tamanho exato do quadro. Mas, quando abriram, só havia uma tela em branco e isto.

Ele coloca um saco plástico transparente na mesa, diante de Kiran e Jane. Contém um guardanapo em que alguém escreveu em letras maiúsculas com caneta porosa: FODA-SE, SEU TIRANO.

– Hum – Kiran diz. – *Essa é a graça.*

– Exatamente – diz o investigador.

– Acha que foi Lucy ou Colin quem escreveu?

– Parece ser a letra de Lucy St. George.

– Acha que era um bilhete para o pai dela.

– Pode ser.

– Mas então Lucy roubou o Vermeer por ordem do pai, mas ficou com o quadro?

– É uma teoria.

– E onde está o Vermeer?

– Não sabemos. Lucy não diz nada. Nem Colin, que, por sinal, continua insistindo que não estava envolvido no roubo. Infelizmente para ele, encontramos pegadas de suas botas na praia. As marcas devem ter ficado na lama enquanto fazia a vigia por Lucy esta manhã.

Kiran revirou os olhos à menção do ex-namorado.

– E os caras no barco? – ela pergunta. – Não podem ser presos. Não é ilegal carregar uma tela em branco que parecia ser um Vermeer roubado.

– Você é rápida, srta. Thrash. Talvez gostasse do trabalho de detetive – ele diz. – Tem razão, não é ilegal. Mas sabe de uma coisa?

– Estamos brincando de adivinhação agora? – ela pergunta, com leveza.

O investigador abre um sorriso desafiador.

– Sim – ele diz. – Tem a ver com J.R., o cara alto e magro que descobrimos que se chama Johannes.

– Johannes? – Kiran diz. – Sério? Como Johannes Vermeer?

– O nome dele completo é Johannes Vermeer Rutkoski, na verdade –

Edwards diz. – Os pais tinham grandes expectativas para ele.

– Foi J.R. quem falsificou o quadro?

– Foi. Esse é o ateliê dele.

O investigador mostra às duas a foto grande e brilhante de um cavalete em uma sala bagunçada, com uma tela não terminada. Jane já a viu, no sótão da Tu Reviens, onde a sra. Vanders a estava limpando.

– É nosso autorretrato de Rembrandt – Kiran diz. – Ou vai ser! – Ela esfrega as têmporas. – Octavian nunca fez nada em termos de segurança. Não temos alarmes nem câmeras. Desde que Charlotte desapareceu, ele nem tranca as portas. Não tem coragem.

– Bom, é uma ilha – o investigador diz. – Mas não é inacessível, e vocês dão várias festas lá.

O inspetor Edwards mostra às duas mais uma foto: uma fileira de telas apoiadas em uma parede suja, todas pintadas para parecer com *Senhora escrevendo uma carta e seu sapo*, de Vermeer.

– São testes – o inspetor diz.

– Johannes Vermeer Rutkoski é um prodígio – Kiran diz, cansada. – Isso me faz pensar que deveria haver um museu em algum lugar com as melhores falsificações do mundo.

Quando as duas chegam ao apartamento dos Thrash, Jane está tão cansada que se joga em sua cama sem nem tirar a roupa. Parece impossível que o passeio pela floresta tenha acontecido naquela manhã.

Kiran aparece na porta.

– Boa noite, querida – ela diz.

– Kiran? – É a primeira vez no dia que as duas estão sozinhas. – Você está bem?

– Já estive melhor – ela diz. – Mas já estive pior. Não se preocupe comigo, só durma. Você é a heroína do dia...

Jane adormece antes que possa ouvir mais sobre o assunto.

Seus sonhos são profundos e selvagens. Ivy corre por uma floresta vestida de preto. Está em perigo. Ela foge de Jane e desaparece atrás das árvores delgadas, altas e escuras. Não. Ela mudou de direção. Agora corre para Jane. Conforme se aproxima, diminui o ritmo e entrega alguma coisa. É um guarda-chuva, mas então Jane se dá conta de que não é Ivy. É tia Magnolia, com o casaco roxo de forro prateado e dourado.

É o guarda-chuva em que Jane está trabalhando, que parece deslocado e

errado, como a mancha azul no olho da tia.

– Está quebrado, querida – ela diz, colocando-o nas mãos de Jane. – Mas ainda pode manter você segura.

Jane acorda com uma sensação estranha na boca, por não ter escovado os dentes na noite anterior, e na perna, por ter dormido de jeans. O sonho parece muito real. Ela tenta se agarrar a ele.

Então sai do quarto e encontra Kiran olhando para o Central Park através das paredes de vidro da cobertura, com uma xícara de café nas mãos. Jane junta-se a ela e ambas assistem à primeira chuva primaveril do ano em Nova York. É mais uma garoa, mas o bastante para piorar o trânsito e dar ao parque uma aparência marinha, com suas poças pululantes e ondas azuis.

– Dormiu bem? – Kiran pergunta.

– Tive um sonho maravilhoso – Jane diz.

É estranho entrar no hall de entrada da Tu Reviens depois do baile. Está vazio e parece abandonado; não há músicos, faxineiros ou pessoa cuidando da comida. Nenhum barulho de atividade. As lilases nos vasos parecem feridas de alguma maneira e cheiram mal.

Kiran vai procurar Ravi para contar que o Vermeer continua desaparecido.

Jane encontra Jasper com o focinho enfiado na fresta da porta do seu quarto. Quando a vê, o cachorro corre até ela, com o curativo na cabeça. Jane ajoelha-se para receber seus cumprimentos animados cheios de baba e tem a sensação de que está em casa.

– Opa! – ela grita quando o cachorro pula em seu colo e enterra as patinhas em suas coxas. – Jasper! Você é grande mais para isso!

Jane fica no quarto por um tempo, olhando em volta sem saber ao certo o que procura. Então sai para encontrar Ivy.

Quando encontra a sra. Vanders na cozinha, no entanto, fica sabendo que ela foi embora.

– Pra onde? – Jane pergunta. – Ela vai voltar?

A sra. Vanders está usando um laptop na mesa da cozinha. Patrick está no fogão, refogando alho.

– É claro que vai! – diz a sra. Vanders. – Não precisa fazer essa cara, meu Deus.

– Ela não me disse nada.

– Nem deveria – a sra. Vanders corta. – Eu a proibi.

– Ivy ficou chateada de não poder se explicar – Patrick diz, olhando para Jane por cima do ombro.

Irritada, ela decide mudar de assunto:

– Quero saber mais sobre minha tia Magnolia.

– Ivy me perguntou se podia contar tudo ela mesma, e eu concordei – a sra. Vanders diz. – Parecia importante para ela. Então você vai ter que esperar.

– E quando Ivy vai voltar?

– Em alguns dias – a sra. Vanders diz.

Por alguns segundos, Patrick fica imóvel, olhando para a colher de pau em suas mãos. Então a apoia com cuidado, desliga o fogo e diz para a sra. Vanders:

– Estou cansado de mentir para Kiran.

Ele vai para os fundos da cozinha e desaparece pela porta.

– Deus nos ajude – a sra. Vanders diz, alarmada, levantando da mesa e correndo atrás dele, mas voltando depois para fechar o laptop.

Ela dá uma olhada em Jane e corre atrás de Patrick.

– Decididamente, desisto – Jane diz para Jasper, que está aos seus pés com a língua para fora. – Nenhum deles nunca vai fazer sentido. Bom, já que temos que esperar por Ivy, é melhor terminar o guarda-chuva, não acha?

O guarda-chuva de tia Magnolia espera por Jane na mesa de trabalho do escritório, iluminado pela luz evanescente que entra pelas janelas.

Conforme seus dedos se movem encaixando o dossel desigual nas varetas de diversos tamanhos, Jane pensa em coisas quebradas. Tem orgulho de si mesma por ter tropeçado e cometido erros, mas ainda assim juntado as peças do mistério.

Ela se pergunta se vai conseguir a juntar as peças de sua vida também.

Tia Magnolia?

Quando o dossel está perfeitamente preso à estrutura, nem esticado nem solto demais, Jane abre o guarda-chuva e o coloca sobre a mesa, então se afasta. É torto e deselegante, como planejado. Parece um desses que se vê jogados nas lixeiras em dias de chuva. Só que, olhando de perto, tem uma espécie de equilíbrio que Jane atingiu com um cuidado deliberado. É um bom

guarda-chuva, ainda que pouco comum, capaz de cumprir sua função. Também é um segredo de Jane, que, de canto de olho, vê a mancha azul deslocada e nebulosa da íris de tia Magnolia.

Nunca vou vender este, Jane pensa. É só pra mim.

– Jasper? – ela chama. – Quer ir dar uma olhada na foto da tia Magnolia?

Há certa movimentação no segundo andar da ala oeste. Jane e Jasper passam pelo corredor olhando as obras e dão de cara com Patrick, que sai de um quarto com uma pilha de lençóis e cobertores e a larga no chão. A sra. Vanders o segue com o aspirador de pó.

– Estamos arrumando os quartos dos hóspedes – Patrick diz, em resposta ao olhar indagativo de Jane. – Esse era de Lucy St. George.

Jane só consegue soltar um grunhido demonstrando algum interesse, porque acabou de descobrir a foto de tia Magnolia na parede oposta ao quarto de Lucy. É uma impressão grande. Ela se afasta para ter um ponto de vista melhor e respira fundo.

Um peixinho amarelo sai da boca cavernosa e cheia de dentes afiados de um peixe cinza maior, com focinho bulboso. Jane se lembra da foto; tia Magnolia a tirou perto do Japão. Sempre a deixara intrigada. O peixe maior tinha capturado o peixe menor para comer? Ou o peixe menor está se escondendo na boca dele?

O coração de Jane dói, mas ela está orgulhosa.

Então sua perspectiva muda e ela nota algo na moldura da foto. Uma protuberância retangular, como se tivessem colocado um papelão grosso atrás da impressão.

Está arruinando a foto, e tia Magnolia merece mais.

– Sra. Vanders – Jane começa, com certa indignação, e então, quando entende do que se trata, fica carregada de tensão e energia, como um raio.

Jane pega o canivete no bolso e, sem dizer nada, tira a moldura da parede. Colocando-a no chão com a foto para baixo, ela solta os parafusos que a mantêm no lugar.

– O que acha que está fazendo? – a sra. Vanders diz em uma voz ultrajada, aparecendo às suas costas. – Só porque é a foto da sua tia não lhe dá o direito de estragar. É uma moldura cara!

Com os dedos tremendo, Jane remove a parte traseira da moldura.

Cuidadosamente, ela tira o papel translúcido através do qual consegue ver os traços do que imaginava que ia encontrar.

Ela e a sra. Vanders olham, estupefatas, para *Mulher escreve uma carta com seu sapo*. Jane o estuda. Há algo tranquilizante e até incrível na delicada teia de rachaduras na tinta e em sua luz limpa e leve. É como se a mulher, que é atingida pelo sol enquanto se concentra em sua escrita, fosse feita de mármore macio. Como se a pedra pudesse ser uma criatura viva e quente.

– Segure contra a luz – diz a sra. Vanders.

Com todo o cuidado, Jane levanta a tela pelas bordas para obedecê-la. O olho da mulher pisca como uma estrela.

– Como você sabia? – a sra. Vanders pergunta.

Os olhos de Jane se enchem de lágrimas. Com medo de chorar sobre a obra-prima de Vermeer, ela a entrega para a sra. Vanders e diz:

– Tia Magnolia me disse.

Uma semana e meia depois do baile, eles finalmente têm notícias do investigador Edwards. Kiran conta tudo a Jane enquanto jogam xadrez no jardim de inverno.

– Parece que Buckley St. George tem umas contas bastante interessantes no exterior, e algumas o ligam ao cartel de heroína de Nova Jersey.

– É mesmo?

– A polícia fez uma batida e encontrou um Delacroix que pertence a amigos de Ravi.

Kiran baixa a cabeça para indicar o irmão, que está jogado em uma poltrona por perto, fingindo ler uma revista de arte com uma paisagem marinha de Rembrandt no canto.

– Delacroix? – Jane pergunta.

– Um pintor francês – Ravi completa com a voz irritada, sem levantar os olhos da revista. – Romântico do século XIX. Influenciou os impressionistas. Nada demais.

– Ah, para com isso – Kiran diz. – Você adora Delacroix.

– Nada se compara ao Vermeer roubado.

– Isso é passado, Ravi – Kiran diz. – Janie encontrou seu Vermeer. Pode parar de agir como se fosse alvo de uma conspiração ultrajante.

– Vou colocar na minha lista de afazeres de amanhã – Ravi diz, mal-

humorado.

Kiran abre um meio sorriso para Jane.

– De qualquer maneira, os amigos de Ravi nem sabiam que o Delacroix tinha sido roubado. Uma falsificação estava pendurada em seu lugar. Foi Ravi quem apresentou Colin para eles.

– Aquele babaca convencido – Ravi diz.

Kiran ri.

As gotas de chuva batem contra as janelas como pedrinhas. Jane movimenta uma de suas torres para a frente e para trás, inutilmente. Kiran é melhor no xadrez do que ela.

– Colin realmente achou que eu ia acreditar em sua mentira sobre os guarda-chuvas? – Jane pergunta. – Ou fez só de raiva? Quanto dinheiro poderia ganhar com eles?

– Você o humilhou – Kiran diz. – Ele só queria que se sentisse pequena.

– É patético.

– É verdade – Kiran diz. – E foi idiota, considerando o que estava em jogo. Acho que Colin não é o mestre da manipulação que pensa que é. Ainda bem que acabei com ele *antes* de descobrir que era um ladrão de arte. Obrigada pela ajuda.

– Eu também ajudei! – Ravi diz.

– Como exatamente?

– Dei apoio moral – ele diz. – Pela nossa ligação psíquica de gêmeos!

– Verdade – Kiran diz. – Como posso ter esquecido?

A provocação entre os dois é como a chuva do lado de fora – leve e ao mesmo tempo reconfortante e triste para Jane. Ravi se comporta com uma criança para ver sua irmã sorrir, ficando muito satisfeito por ter deixado sua pessoa favorita no mundo feliz.

– E você – Ravi diz, voltando os olhos escuros para Jane –, tenho algumas ideias para seus guarda-chuvas.

– Legal – Jane diz. – Tipo o quê?

Ela está trabalhando em um guarda-chuva novo, e Ravi sabe disso. Tem a ver com uma casa misteriosa e intrigante. Jane ainda não decidiu os detalhes, mas talvez tenha janelas de plástico transparente e portas que abrem e fecham, além de obras de arte nas paredes, um elevador de carga e um basset. Ravi às vezes a visita quando está trabalhando. Faz perguntas sobre a tensão do tecido e a posição das molas e inspeciona seus materiais. Ele esticou o

braço enquanto segurava o guarda-chuva de tia Magnolia para ver se o entendia de mais longe, mas não parece funcionar.

– É da cor de uma chuva de verão – Jane disse, sem explicar mais nada.

Ele fez uma careta e devolveu o guarda-chuva ao chão, murmurando:

– Acho que todo artista passa por uma fase assim.

– Você acha que sou uma artista? – Jane perguntou, embora àquela altura já soubesse a resposta.

Ela passara a ver seus guarda-chuvas de maneira diferente. Outras pessoas poderiam vir a amá-los um dia, provavelmente não pelos mesmos motivos, mas por outros que ela talvez nunca soubesse ou entendesse. Tinha começado a apreciar aquele fato surreal e maravilhoso sobre o processo criativo.

– Você devia começar um negócio – Ravi diz agora, esticando as pernas à sua frente na poltrona enquanto olha para Jane. – Posso ajudar.

– Como?

– Você é jovem – Ravi diz. – Tem todo o tempo do mundo para se estabelecer. E aposto que conseguiríamos um designer milionário disposto a pagar pela sua faculdade.

– Faculdade? – Jane repete. – Acha que eu poderia fazer guarda-chuvas em algum curso?

– Provavelmente – Ravi diz, dando de ombros. – Tem curso pra tudo hoje em dia. E que tal uma loja um dia? Visitei uma em Paris em que não havia dois guarda-chuvas iguais, e eram todos desenhados pelo dono. Os seus são bons o bastante para isso.

– Paris?

– Ou qualquer outro lugar – ele diz. – O mundo é seu.

Ele vira o rosto para a janela e Jane sorri, porque agora está chovendo forte, como no dia em que chegou. A água escorrendo pelo vidro faz com que se sinta segura, em uma bolha. Tem muito no que pensar. Faculdade, Paris, uma loja. *Foi por isso que me fez prometer que viria aqui, tia Magnolia? Para que o mundo fosse meu?*

– Acha que um dia, quando eu for famosa, meus guarda-chuvas vão ser usados como moeda de troca no mundo das drogas? – Jane pergunta.

Ravi sorri para ela.

– Sabia que traficantes que usam obras de arte como moeda de troca são considerados refinados?

– Sério? Como você sabe?

– Lucy me contou, claro.

– Se foi ela quem disse, como você sabe que é verdade?

– Acho que não sei – Ravi diz. – Mas espero que a maior parte das coisas que me disse tenham sido sinceras. Ela não tinha por que mentir sobre certas questões.

A polícia acha que Buckley St. George não apenas colocou a filha no caminho dos Thrash, mas também no submundo das drogas, onde ela fingia ser uma investigadora secreta que fingia ser uma criminosa. É difícil para Jane entender isso. Toda essa armação e manipulação parece algo estranho em que se investir.

– Eu me pergunto se ela gostava – Ravi diz. – Deve ser incrível escapar de um roubo desse tipo. E enganar as pessoas – ele acrescenta com amargura.

– Não tenho certeza de que Lucy gostava de enganar você – Jane diz. – Acho que ela realmente se importava.

– Não a defenda – Ravi diz, bravo. – Ninguém que se importasse comigo ou me conhecesse um pouco roubaria minhas obras.

– É verdade – Jane diz –, mas acho que Lucy ficou surpresa e magoada quando descobriu o quanto tinha afetado você.

As acusações contra Lucy agora incluem o roubo do Rubens, embora ela coloque a culpa em Buckley, da mesma maneira que coloca a culpa do incidente com o Brancusi em Colin. Lucy parece ter entrado em uma revolta adolescente tardia. Quando a polícia a colocou numa sala com seu pai, ela começou a gritar com ele por escolher os caras com quem ela devia sair.

Em outra parte da casa, o Brancusi está de volta. Ele reapareceu por completo e sem danos em seu lugar de sempre, a mesa lateral do hall de entrada, seis dias depois do baile. Ninguém conseguiu explicar o que aconteceu a Ravi, que se alterna entre a euforia e a fúria. A sra. Vanders tinha guardado o pedestal no sótão oeste, para que ficasse seguro até que o peixe fosse encontrado, mas, um dia, ele simplesmente sumiu. Então, para sua surpresa, ela o encontrou no hall de entrada, com o peixe em cima, de modo que a escultura estava completa de novo. Ou pelo menos é o que ela diz.

Ainda se espreguiçando na poltrona, Ravi de repente diz para Kiran:

– O que está acontecendo entre você e Patrick?

Kiran toma um dos peões de Jane com seu cavalo e dá de ombros.

– Ah, fala logo, Kiran...

Ela se ajeita na cadeira, parecendo tranquila, como se nem sequer tivesse

ouvido. Jane se pergunta quanto eles podem insistir.

– Patrick fez a tal confissão? – ela pergunta, sem olhar para Ravi, mas sentindo que aprova a interferência. – Eu o vi outro dia, quando voltamos de Nova York e... parecia determinado.

– Fez – Kiran diz. – Ele finalmente disse alguma coisa, para variar. – Ela encara Jane, mas não diz mais nada. Quando o silêncio se prolonga, Kiran dá de ombros de novo e diz para os dois: – Estou pensando a respeito.

– E o que foi que ele disse? – Ravi pergunta.

– Coisas em que estou pensando – Kiran repete, teimosa.

– Que coisas?

– Se você ainda não descobriu, não sou eu quem vou contar.

– Humpf! Sorte sua que tenho que manter você por perto, caso precise de um rim ou coisa do tipo.

– Como se eu fosse te doar um rim...

– Claro que doaria.

– Certeza que tem um universo em algum lugar em que eu me recusaria a te doar um rim – Kiran diz.

Ravi sorri.

– Vamos pegar o rim daquela Kiran, só pra ela aprender. Podemos manter no gelo até que um de nós precise.

– É uma ideia perturbadora – Kiran diz –, mas prática. – Ela leva a palma da mão à testa. – Acho que é um novo começo para nós três.

– Como assim? – Ravi pergunta. – Ainda estamos falando de rins?

– Não – Kiran diz. – Estou falando de mim, de você e de Janie. É um recomeço. Jane é jovem e está sozinha. Tem seus guarda-chuvas e pode fazer o que quiser. – Ela olha para Jane em dúvida e acrescenta: – Desculpa.

– Por quê? – Jane pergunta.

– Por te lembrar de que você está sozinha.

– Tudo bem – Jane diz.

E talvez eu não esteja, ela pensa. Debaixo da mesa, Jasper encosta o focinho em suas pernas e descansa a cabecinha em suas botas.

– E eu e você estamos solteiros e desempregados – Kiran diz para Ravi. – Acho que também podemos fazer o que quisermos.

– Gosto de ser solteiro – Ravi diz. – Poderíamos começar um prostíbulo. Você pode ser minha cafetina e me arranjar clientes.

– Ou algo menos nojento – diz Kiran. – Argh.

Ravi levanta, sorrindo.

– Vou pegar café. Querem alguma coisa?

– Sorvete de chocolate – Kiran diz.

– Eu também – Jane concorda.

– Já volto – Ravi diz, antes de ir embora.

Na quietude do jardim de inverno, Kiran observa Jane tomar um peão. Ela também tem perguntas, menos específicas que as de Ravi, mas igualmente intrometidas, suspeita.

– Kiran – Jane diz, depois de um longo silêncio, sem saber ao certo como conseguir a resposta que está procurando. – Você... está feliz de ter vindo pra casa?

Ela pensa a respeito por um momento.

– Acho que, apesar de tudo, estou contente com esse universo.

– Oi?

Kiran move o cavalo de novo, deixando a rainha de Jane em risco.

– Se vivemos num multiverso em que múltiplas versões de nós mesmos vivem vidas alternativas em uma série infinita de universos, estou satisfeita com esse aqui. Imagino que esteja melhor que outras Kirans. Neste universo, descobri que Colin está me roubando *antes* de fazer algo idiota como me casar com ele. Outra versão minha por aí provavelmente se casou com outra versão dele e não sabe de nada. E outra versão minha vive com outra versão de Ravi, menos fofa. Gosto do meu Ravi. E acho que gosto do meu Patrick – ela admite –, considerando que seja meu. Acho que gosto até da minha versão de mim mesma.

– Bom – Jane diz –, isso é conveniente. E esquisito.

Kiran ri.

– Xeque.

– Droga!

– E se você tivesse nascido em um universo onde não chove? – Kiran pergunta.

– Oi?

– Fico pensando no que faria. Produzir guarda-chuvas ainda interessaria você?

– Ah – Jane diz. – Entendi. Bom, não sei. Eu poderia fazer sombrinhas?

– Não tem sol também – Kiran diz. – Fico imaginando se você teria uma urgência incontrolável de inventar algum tipo de escudo de pano na ponta de

um pau. As pessoas achariam que você é louca?

– Hum. Não consigo imaginar não fazer guarda-chuvas. Mas não acha que em parte isso se deve ao fato de que em nosso universo chove?

– Será que você os faria à prova d’água? – Kiran continua. – Apesar de ser completamente desnecessário?

A pergunta a lembra de uma conversa que teve com Ivy quando estavam esperando para falar com a polícia. Sobre a câmera digital que faz barulho mesmo sem ter obturador.

– Se eu fizesse guarda-chuvas à prova d’água em um universo em que não chove – Jane diz –, acha que seria tipo quando um designer incorpora uma característica que o objeto costumava ter mesmo que não faça mais sentido no presente?

– Quê? – pergunta Kiran.

Ravi volta para o jardim de inverno com duas tigelas de sorvete. Ele sorri para Jane.

– Esqueumorfismo? – ele diz.

– É essa a palavra? – Jane pergunta, encantada. – Ivy não conseguia lembrar. Mal posso esperar para contar.

– É isso mesmo – Ravi diz, entregando os sorvetes.

– Acho que é uma palavra meio comprida para as Palavras Cruzadas – Jane diz.

– Você pode formar a partir de “morfismo” – Ravi diz. – Quem está ganhando?

– Eu – Kiran diz. – Cadê o seu café?

– Só tenho duas mãos. Daqui a pouco eu pego.

– Você é tão bonzinho – Kiran diz. – Xeque-mate.

– Joga comigo agora – Ravi pede.

– Quem? – Kiran diz.

– Qualquer uma – ele diz. – As duas.

– Como um time? – Kiran pergunta, provocando. – Qual é o seu problema?

– Sei lá – Ravi diz. – Estou entediado.

Ele joga os braços em volta da irmã e a puxa para um abraço esquisito. Ravi tem feito bastante isso nos últimos dias. Jane tem a impressão de que é por ele próprio tanto quanto por Kiran. Ravi parece estar precisando de abraços. E é bom para Kiran que ele precise dela, Jane acha.

Um barulho atrás de Ravi chama a atenção de Jane. Ela se inclina para olhar. Ivy está na porta, usando um casaco comprido todo molhado, com a mochila nos ombros. A chuva faz mechas de cabelo grudarem em seu rosto. Ela olha para Jane, tímida, com o rosto interrogativo.

– Ivy – Jane diz –, preciso te dizer algumas coisas.

Ivy abre um sorrisinho, que vai aumentando de tamanho. Ela estica a mão para Jane e diz:

– Eu também.

Um sino toca nas profundezas da casa, doce e claro, como
um sino de vento.

A sra. Vanders, a menininha, Kiran, Ravi ou Jasper?

Tia Magnolia?, Jane pensa. *Para onde devo ir?*



Jane decide.

– Posso te encontrar depois? Tenho que ver uma coisa antes.

– Tudo bem – Kiran diz, decepcionada. – Vou estar no jardim de inverno.

– Encontro você lá – Jane diz. – Prometo.

Kiran vai embora.

Jane precisa descobrir a verdade sobre a menina que parece Grace Panzavecchia. E se ela estiver em perigo?

Ela é interrompida no patamar por Jasper, que fica pulando em volta dela e dando latidinhos ardidos, como se tentasse conduzi-la a algum lugar.

– Jasper, não sou uma ovelha! – Jane grita, descendo as escadas depressa.

Ele fica onde está, choramingando inconsolável.

– Pode vir comigo – Jane diz. – Estou numa missão. Cachorros não são bons em rastrear pessoas?

Ela desce mais alguns degraus e quando se vira para trás descobre que Jasper foi embora. Jane não pode evitar sentir que perder um cachorro que estava logo atrás há poucos segundos não torna muito promissora a probabilidade de encontrar a menininha.

– Jasper, você seria um péssimo escudeiro – Jane diz para ninguém.

De volta à sua missão, ela passa pelas mulheres carregando lilases no hall de entrada e vai até a mesa lateral onde a garota deixou alguma coisa. Ao lado de uma foto de Kiran, Ravi, Octavian e uma loira de aparência jovem que deve ser Charlotte há um estranho objeto, com o formato de uma mesinha. É um pedestal, com uma base de carvalho e um espelho circular no topo. Há um pequeno furo no centro do espelho. Não parece muito importante.

Uma das empregadas aparece logo atrás de Jane.

– É exatamente do que estou precisando – ela diz, satisfeita, colocando um vaso sobre o pedestal.

Certo. Independente do que era, agora tinha se transformando em uma plataforma para as flores.

Será que a garota deixou o pedestal ou a foto da família na mesa? E aonde ela foi?

Jane vai para o pátio veneziano sem ideia de que direção escolher. Já viu algumas das salas à esquerda – o salão de baile, a sala de jantar, a cozinha. A curiosidade a leva para a direita, pela arcada leste e para um quarto que nunca viu, com papel de parede floral verde antiquado, sofás de tecido brocado, um tapete verde espalhafatoso e nenhuma garotinha.

Jane atravessa a sala, abre a porta do outro lado e entra num mundo inteiramente novo: uma pista de boliche que não é como nenhuma outra que tenha visto ou imaginado. As paredes são feitas de pedra áspera e reforçadas com placas largas de madeira. A iluminação é insuficiente e temperamental, como uma caverna dentro de uma montanha. Duas pistas de boliche se estendem à sua frente em bordo e pinheiro polido. Pinos brilham pálidos ao fim de cada uma. *É aqui que o flautista de Hamelin vem jogar boliche sozinho*, ela pensa, *depois que todas as crianças se afogaram*.

Subitamente preocupada com a menina desaparecida, Jane pega a pista da esquerda, ao fim da qual há uma porta. Parece errado, o que a faz se sentir imoral de alguma forma – uma pista de boliche não foi feita para servir de passagem.

Quando ela abre a porta, o mundo muda de novo. Calor, luz, barulho de água e cheiro de cloro: é a piscina interna. Há um aquário enorme na parede oposta. Uma enguia verde fluorescente está encostada no vidro, encarando-a de uma maneira desagradável, e um tubarão-cabeça-chata, espécie conhecida por atacar humanos, nada preguiçosamente de um lado para outro.

Desconfortável, Jane olha para a piscina. Nenhuma menina afogada. Tem uma porta de madeira normal no aquário, com maçaneta de latão. Isso parece tão peculiar a Jane que ela a abre, imaginando a água, a enguia, o tubarão saindo por ali. Mas só descobre uma passagem estreita e escura se estendendo à sua frente, levando até outra porta. Quando a abre também, Jane se vê adentrando um campo de flores.

O vento atinge as pedras. Jane pode ouvir o som das ondas batendo em algum lugar mais abaixo. Ela precisa de um momento para se orientar: está nos fundos da casa.

À esquerda, adiante na ampla parede, a menininha está sentada no chão,

aninhada ao lado do terraço. Ela está com as costas apoiadas na casa e abraça as pernas, o que faz com que pareça ainda menor. Jane se aproxima furtivamente. A menina chora e treme. Seu cabelo é curto e desigual, loiro-escuro, e seus olhos estão inchados. Seus tênis roxos com glitter e sua calça jeans estão molhados da grama.

Ela se sobressalta quando nota a aproximação de Jane, então olha para ela e se ajoelha como um corredor prestes a largar. Jane congela e levanta as mãos.

– Está tudo bem – ela diz, sem ter certeza do que se trata, mas seguindo seus instintos.

– Quem é você? – a garota pergunta.

– Janie.

– Você está com...?

A frase termina com algumas palavras em um francês de pronúncia perfeita.

– Com quem? – Jane pergunta.

– Deixa pra lá – a menina diz. – Por que está aqui?

– Você disse “*espions sans frontières*”?

– Não – diz a menina. – *Por que está aqui?*

– Não significa “espiões sem fronteiras”?

– Não falo francês – a menina diz. – Não sei o que é isso. Por que está aqui?

Ela não é a melhor mentirosa do mundo.

– Porque vi você entrando no hall de entrada e queria ver aonde tinha ido – Jane diz.

– Não – ela diz, com a voz aguda. – Por que está *nesta casa*? Você veio com quem?

Jane usa um tom tranquilizador para falar.

– Minha amiga Kiran me convidou para visitar. É a casa do pai dela.

– Sério? – a garota diz. – Você é só uma pessoa?

– Claro. O que mais eu seria?

– Por que eu deveria acreditar em você?

– Grace, o que está acontecendo? – Jane pergunta.

– Meu nome não é Grace – ela corrige, depressa. – É Dorothy.

– Está bem – diz Jane, tentando soar como se acreditasse nela. – É um prazer te conhecer, Dorothy. Você mora nesta casa?

– Sou sobrinha-neta da sra. Vanders – ela diz. – Vim visitar.
– É engraçado, porque você parece muito com Grace Panzavecchia.
– Não sei quem é.
– Ela sempre aparece nos jornais – Jane diz.
– Muita coisa aparece nos jornais – Dorothy diz, tirando a franja dos olhos com a mão suja. – Uma mulher foi mordida por um urso no zoológico na França. Está desabando uma tempestade em Seattle há catorze dias, o que é um recorde. Um cara em Nova York morreu de varíola.
– Grace Panzavecchia é filha de um casal que tentou roubar um banco em Manhattan – Jane diz. – A família inteira desapareceu.
– Isso é ridículo – Dorothy diz. – E o cachorro?
– Cachorro? – Jane diz, confusa. – Que cachorro?
– Eles tinham um?
– Na verdade – Jane diz, lembrando alguma coisa sobre um cachorro, dita por um apresentador de jornal que parecia um pouco um são-bernardo (motivo pelo qual ela se lembrava) –, é engraçado que você tenha perguntado. Tinha mesmo um cachorro. Um pastor-alemão? A polícia o encontrou na casa dos Panzavecchia depois que eles desapareceram.
– E o que mais? – a menina pergunta.
– Sobre o cachorro?
– É! – ela diz. – Quem está cuidando dele?
– Não sei – Jane diz. – Não estão falando muito do cachorro nos jornais. Se concentram mais no envolvimento da máfia, no desaparecimento das crianças e no bebê, que tem varíola.
– Varíola? – a menina diz. – O bebê não tem varíola!
– É mesmo – Jane diz, percebendo que se enganou. – Desculpa, você tem razão. Devo ter me confundido por causa do cara que você mencionou, que morreu de varíola. O bebê tem umas manchas, então talvez seja catapora ou coisa do tipo.
– Varíola poderia ser usada como uma arma biológica de novo – a menina diz. – Como os ingleses fizeram com os nativos americanos na Guerra Franco-Indígena. Sabia disso?
– Nunca pensei a respeito – Jane diz. – Mas você parece saber bastante sobre o assunto.
– Varíola deveria ser uma dessas doenças que ninguém mais pega – a menina diz. – Dizem que tem um estoque do vírus em um laboratório em

Atlanta e em outro na Rússia, para a posteridade. Mas sei lá. Microbiólogos poderiam alterar a doença para ser usada nas guerras atuais.

– Eles anunciaram há alguns dias que o cara que morreu de varíola se envolveu em algum tipo de acidente bizarro – Jane diz. – Disseram que invadiu o laboratório do Centro de Controle e Prevenção de Doenças em Atlanta e se meteu onde não devia.

– É – a menina diz, batendo no queixo com desdém óbvio. – Parece algo bem provável de acontecer.

Jane tenta se lembrar do que viu no noticiário. O casal Panzavecchia, Giuseppe e Victoria, são microbiólogos. Eles supostamente saíram do laboratório em que trabalhavam e tentaram roubar um banco em Manhattan. No processo, entraram em pânico, fugiram, viraram a esquina e desapareceram. A caixa ficou tão assustada que se virou para a colega ao seu lado e perguntou: “Isso aconteceu mesmo?”.

Mas *tinha* acontecido, no banco em que os Panzavecchia tinham conta e ao qual iam com frequência no horário de almoço, de modo que foram reconhecidos. A polícia imediatamente conduziu uma busca no laboratório (onde não havia nenhum sinal deles), na casa deles (onde estava apenas o pastor-alemão) e na escola particular em que estudava “Grace, sua filha brilhante de oito anos” (que tinha pedido para usar o banheiro e não voltara para a sala).

A busca avançou para a área do Central Park onde os dois filhos mais novos, Christopher e Leo, passavam as manhãs, mas só encontraram a “babá aflita”. Ela estava passando com os meninos por baixo de um arco quando “alguém com uma força inacreditável” a tinha pego por trás e colocado algo em seu rosto. A babá tentara proteger as duas crianças, tentara gritar, mas tudo ficara escuro. A última coisa de que se lembra é do agressor deitando-a com delicadeza no chão enquanto um saxofone tocava a música de *O poderoso chefão*.

E então, num jantar na noite anterior, Phoebe tinha mencionado os rumores de que a máfia havia ameaçado a família de Giuseppe Panzavecchia caso ele não pagasse dívidas de jogo. Mas Lucy St. George, que é investigadora particular, acha que tem alguma outra coisa acontecendo. Giuseppe é devotado demais aos filhos para arriscar se envolver com a máfia; ele só se gaba de Grace e sua memória mnemônica inacreditável.

Nada disso explica o tipo de trabalho que os Panzavecchia conduziam em

seu laboratório. Ou se tinha alguma coisa a ver com varíola. Ou por que Grace está falando sobre espiões franceses. Ou por que está em Tu Reviens.

Quem mais sabe da localização dela, além de Jane? O dr. Philip Okada? Ele estava no sótão no dia anterior, com luvas de médico, então ela o viu se esgueirando no meio da noite, com uma arma na mão e dizendo coisas incompreensíveis sobre ir a algum lugar. E carregando uma mala de bebê. Jane se dá conta de repente de que a mala branca com estampa de patos que Philip estava carregando só podia ser isso.

Phoebe Okada? Patrick? O sr. Vanders? Jane o viu com outra criança pequena, talvez Christopher Panzavecchia, atravessando o pátio veneziano no dia anterior. E Ivy, que não deu nenhuma explicação quando Jane perguntou sobre a criança? Ela também estava no sótão com Philip.

O que está acontecendo nesta casa?

– Grace – Jane pergunta. – Você está bem?

A pergunta parece despertar a fúria da menina. Ela se ajeita no chão, segura as pernas e começa a chorar, com raiva. É seu temperamento que está tentando controlar ao enlaçar o próprio corpo.

– Nem sei quem você é! – ela diz.

– Tem alguém machucando você? – Jane pergunta. – Patrick, ou... – Ela não consegue dizer o nome de Ivy. – Phoebe Okada? Seus pais estão aqui também?

– Aposto que gostaria de saber! Aposto que gostaria de me perguntar uma porção de coisas sobre eles! Não vou dizer nada!

– Grace! – Jane diz. – Só quero saber se você está bem.

– Para de me chamar assim. Meu nome é Dorothy!

Ela levanta de repente.

– Aonde você vai?

– Aposto que gostaria de saber! – ela grita de novo, então vai embora correndo, passando pelo terraço, pela parede da ala oeste, se afastando de Jane, e desaparece ao virar a esquina.

Jane só fica lá, olhando para onde a garota estava, quando o som de uma porta abrindo chama sua atenção. É a porta por onde ela veio, aquela do aquário. Patrick surge, olha para a direita e para a esquerda e vê Jane. Seu rosto não se altera. Ele parece ter o dom de parecer inocente, com seus olhos azuis vazios. Certamente é mais convincente que Ivy.

– Oi – ele diz, andando na direção de Jane com uma lanterna desligada na

mão. – Tomando um ar?

– É – Jane diz. – Espairecendo antes de voltar a trabalhar.

– Ivy me disse que você faz guarda-chuvas – Patrick comenta, com os olhos vazios e brilhantes no rosto de Jane. – Viu alguma coisa interessante por aqui? – ele pergunta, como se não ligasse, mas os pelinhos da nuca de Jane se arrepiam.

Por alguma razão, ela pensa no olhar desagradável da enguia no aquário.

– Nada – Jane diz. – E você, o que está fazendo aqui?

– Perdi algo – ele diz, indicando a lanterna, como se fosse justificativa o bastante para carregar uma em plena luz do dia. – Achei que poderia estar aqui.

– O quê?

– É difícil de descrever.

Tem cabelo loiro e curto, cara de quem chorou e não confia em ninguém?, Jane quer perguntar.

– Que enigmático – é tudo o que ela diz.

Uma voz repentina a faz pular.

– *Patrick?* – chama uma versão metálica da sra. Vanders. – *Patrick?*

Ele puxa o walkie-talkie do bolso de trás, prende a lanterna debaixo do braço e aperta um botão para falar.

– Pode falar.

– *Dorothy voltou para casa* – a sra. Vanders diz.

Patrick sorri, animado.

– Não há lugar como o nosso lar – ele diz, então guarda o walkie-talkie, assente para Jane e segue em frente pelo caminho que Grace Panzavecchia fez, contornando a parede e dando a volta pelo canto oeste da casa.

– O que está acontecendo aqui, tia Magnolia? – Jane pergunta em voz alta. Ninguém responde.

Jane volta pela piscina, pela pista de boliche e pela sala com papel de parede verde. Sua intenção é chegar à ala leste do segundo andar, para onde viu a sra. Vanders se dirigir pela última vez, dizendo algo sobre um Vermeer. Lá, pretende confrontá-la sobre como conheceu tia Magnolia, quem é Dorothy e tudo o que está acontecendo na casa. Mas, quando entra no pátio veneziano, Jane a encontra bem ali, ao lado da fonte, de costas, falando baixo pelo

walkie-talkie.

– Quem é Dorothy? – Jane pergunta, sem nenhum preâmbulo.

– Ah, oi, Jane – a sra. Vanders diz, baixando o walkie-talkie e virando-se para ela, devagar. – Dorothy é minha sobrinha-neta, que veio me visitar. Por quê? Você a conheceu?

– Eu estava com Patrick quando você ligou para ele no walkie-talkie e disse que ela tinha voltado.

– Ela sabe que não pode ficar andando por aí sem dizer aonde vai, mas faz isso mesmo assim – a sra. Vanders explica. – Eu me preocupo, principalmente por causa da piscina. Patrick gosta dela. Ele também estava preocupado.

– Você disse que Dorothy tinha voltado para casa. Onde é a casa dela?

– Onde quer que eu esteja – a sra. Vander diz, seca. – Sou sua tia-avó. E a casa de alguém é onde sua família está.

– Falando em família – Jane diz –, o sr. Vanders me disse que você conhecia minha tia.

A sra. Vanders grunhe, e seus olhos percorrem as varandas do pátio.

– Como pode ser? – Jane pergunta. – Minha tia nunca me disse que conhecia mais alguém desta casa, além de Kiran.

A sra. Vanders grunhe de novo, mas não diz nada, só estuda Jane. Um estranho silêncio se faz. Jane arrisca de novo.

– Ela me prometeu que eu teria que aceitar se alguém um dia me convidasse para vir aqui. Era para que eu conhecesse você?

– Você gosta de viajar? – a sra. Vanders pergunta.

– Acho que sim – Jane diz. – Não viajei muito na vida, então não sei bem. Por quê? Vocês viajaram juntas ou algo do tipo?

– Temos uma das fotos de viagem dela – a sra. Vanders diz. – De um peixe amarelo na boca de um peixe cinza maior. Sua tia tinha um talento para... encontrar o que estava escondido.

– Ah – Jane diz, impressionada e orgulhosa que uma foto de sua tia tenha acabado na parede de uma casa refinada como aquela. – Foi assim que vocês se conheceram? Entraram em contato por causa da foto?

– Você gosta de Ivy? – pergunta a sra. Vanders.

– Claro – ela responde, confusa. – Por quê?

– Talvez eu precise da sua ajuda na festa – a mulher diz. – Se for o caso, mando uma mensagem por Ivy. Agora, se me der licença...

Ela se vira e vai embora.

– Não trabalho para você, sabia? – Jane diz ao vento.

É uma coisa a sra. Vanders mentir e ser evasiva quanto a Grace Panzavecchia, que obviamente estava metida em alguma confusão. Mas por que tinha que ser tão nebulosa a respeito de tia Magnolia?

Inquieta, Jane olha para a fonte alegremente jorrando água. De algum lugar atrás de si, vêm as vozes de Lucy St. George e Colin Mack. Ela se afasta deles subindo as escadas. Precisa pensar.

VOU DEMORAR UM POQUINHO, ela avisa por mensagem para Kiran.

Jasper está esperando do lado de fora do quarto dela. Lá dentro, alisando a camisa vermelho-alaranjada amassada, Jane se senta em uma das poltronas em frente à lareira apagada. Jasper entra debaixo da cama e logo se ouve seu ronco baixo e suave, um ruído reconfortante.

Por alguma razão, Jane não consegue parar de pensar na última coisa que viu tia Magnolia usar, no dia em que partiu para a fatídica viagem para a Antártida. Era um vestido roxo simples, esvoaçante, com mangas compridas e bolsos. Ela calçava suas botas pretas robustas e tinha o casaco roxo iridescente com forro dourado e prateado por cima. Parecia algum tipo de guerreira da moda pronta para dominar a noite na Antártida.

Jane acabou de começar o guarda-chuva de autodefesa dourado e marrom, com estrutura afiada e molas fortes. Mas, agora, imagina um guarda--chuva roxo iridescente, com um interior contrastante, em prateado e dourado.

Ela poderia fazer um assim sem ficar muito triste?

Provavelmente não. Mas tem a sensação de que vai seguir em frente de qualquer maneira.

Jane trabalha no seu escritório até que ouve alguém gritando. Não, não alguém: Ravi. Em algum lugar da casa, Ravi está gritando.

Sem conseguir se concentrar, Jane vai até o quarto e coloca a orelha na porta. A gritaria vem do meio da casa, a uma boa distância.

O problema é que ela deparou com um desafio incomum na curva do guarda-chuva, que requer toda a sua atenção. *Droga, Ravi*, ela pensa, então se dá conta de que, se tem alguém gritando, deve ser por causa de Grace Panzavecchia.

Jane sai para o corredor e segue na direção do barulho. Da ponte do terceiro andar, vê Ravi lá embaixo, no hall de entrada, segurando a mesinha espelhada que encontrara mais cedo. Ele a sacode e grita. Ela reflete a luz no rosto de Jane conforme Ravi a movimenta. Tem flores, água e um vaso quebrado no chão quadriculado.

– Octavian! – Ravi grita. – Octavian!

O pessoal da faxina e da decoração interrompe o trabalho e se alinha nas pontes e escadas para olhar. Lucy St. George está com Ravi, assim como Colin Mack, Kiran, Ivy e Phoebe Okada.

– O que aconteceu? – Jane sussurra para a pessoa a seu lado, o homem educado com o balde que pediu ajuda durante o café da manhã, com cabelo grisalho. Ele limpa o balaústre da ponte do terceiro andar com um pano molhado.

– Não sei – o homem diz, torcendo o pano sobre o balde. – Ele simplesmente começou a gritar.

– O que é essa mesinha que está segurando? – Jane pergunta. – Para que serve?

– Não sei – o homem repete com seu sotaque indefinível, então congela por um instante enquanto a sra. Vanders entra no hall de entrada e para diante de Ravi.

– Pare com isso! – a mulher grita. – Qual é o seu problema?

– Isso! – Ravi grita, sacudindo a mesinha na cara dela. – Este é o meu problema!

De onde está, Jane não consegue ver o rosto da sra. Vanders. A mulher fica em silêncio enquanto estica a mão para pegar a mesinha, então a inspeciona e passa para Lucy. Pálida, a moça a verifica também, se concentrando no pequeno ponto no meio da superfície espelhada. Ela levanta os olhos chocados para Colin, que está ao seu lado. Lucy não parece bem e até treme um pouco.

– Ravi? – Lucy diz, limpando a garganta. – A escultura foi tirada sem danificar o pedestal. Se não tiver acontecido nada com ela, deve ser fácil colocar de volta.

– Ah, isso é ótimo – ele diz, sarcástico. – Realmente maravilhoso. Mas onde está a porcaria da escultura? – Ravi grita.

– Fique calmo – a sra. Vanders diz. – Respire fundo e me diga onde encontrou o pedestal.

– Bem aqui! – Ravi aponta para uma fileira de mesinhas laterais. – Com um vaso de lilases em cima, como se fosse parte da decoração!

– Certo – a sra. Vanders diz. – Respire.

– Não estava aqui ontem à noite – Ravi diz. – A escultura e o pedestal tinham sumido quando cheguei. Alguém levou, arrancou o peixe e devolveu o pedestal! Que tipo de lunático faria isso?

Agora Jane se lembra de Ravi perguntando sobre uma escultura milionária ao pai. Um peixe de Brancusi. A mesinha espelhada devia ser seu pedestal.

– Não entendo – Jane sussurra para o faxineiro. – A escultura não vale uma fortuna? Entendo por que alguém roubaria, mas *quebrar*?

E por que Grace Panzavecchia teria carregado o pedestal pela casa e deixado em uma das mesinhas laterais do hall de entrada? Teriam seus pais se envolvido em roubo de obras depois do fracasso do assalto ao banco?

Ravi interroga a sra. Vanders, querendo uma lista de todo mundo que colocou os pés na casa recentemente. Ele se vira para Phoebe Okada de súbito e pergunta:

– Onde está seu marido? Cadê o Philip? Ele fugiu, não foi?

– Boa pergunta – Jane sussurra.

Quando o faxineiro não diz nada, ela vira o rosto e descobre que ele não está mais lá. Sobraram apenas o pano molhado e o balde. Jane olha em volta, confusa, e consegue vê-lo de relance, saindo da ponte para a ala leste da casa.

Não teria ligado para isso se não fosse por algo estranho que acontece lá embaixo em seguida.

– Vou fingir que você não acabou de acusar meu marido de roubo – Phoebe diz para Ravi.

Ela olha para trás e estreita os olhos para Jane, ou melhor, para o espaço ao lado de Jane onde o faxineiro estava há pouco tempo, antes de irromper para o pátio veneziano. Algo nisso parece... deliberado. O olhar de Phoebe no ponto vazio ao lado de Jane é feroz.

É o bastante para fazer Jane ir até a sacada mais próxima com vista para o pátio, para ver aonde Phoebe vai. Às costas dela, a sra. Vanders sugere a Ravi que a escultura quebrada pode ser fruto de um acidente ou pegadinha. A reação de Ravi é de perplexidade histórica:

– Chame o FBI, a CIA, a Interpol!

À frente de Jane, em seu mundo particular de perplexidade, Phoebe atravessa o pátio para pegar a escadaria para a ala oeste. Ela sobe dois ou três

degraus por vez, mais rápido do que Jane jamais viu alguém se mover na vida. De alguma maneira, Phoebe consegue atingir essa velocidade impressionante usando botas de salto alto e sem fazer nenhum barulho; Jane não ouve nada além das vozes no hall de entrada e do som da fonte. Quem ela é? O que faz? De tempos em tempos, Phoebe lança olhares desesperados para as sacadas do terceiro andar do outro lado. Ao acompanhar seu olhar, Jane encontra o faxineiro, circundando o átrio lentamente pelas sacadas. É como se Phoebe estivesse correndo para interceptá-lo sem que ele soubesse, como se tudo dependesse disso.

“*Espions sans frontières*”, Grace disse, ou pelo menos foi o que Jane entendeu. Espiões.

Antes mesmo que se dê conta, ela está em ação. Encontra o *faxineiro* quando ele se aproxima dos aposentos dos empregados. Ele não a ouve chegando por trás e vira uma esquina suavemente, saindo de seu campo de visão.

Conforme se aproxima, Jane ouve o início de uma conversa entre o homem e Phoebe, que parece não apenas ter chegado mais rápido aos aposentos dos criados como ter feito isso sem ser notada. As vozes impedem Jane, que de repente não sabe mais o que está fazendo, seguindo o homem, espionando Phoebe, ouvindo escondida. Como poderia se explicar?

– Oi – Phoebe diz ao faxineiro em um tom de voz casual. – Aonde você vai?

O homem pigarreia antes de responder:

– Ao banheiro.

– Tão longe de onde você estava? Tem um ao lado de cada escada.

– Por que você se importa com qual banheiro eu uso?

– Quando um roubo é descoberto – Phoebe diz –, a movimentação de todos se torna fascinante, não acha? É curioso que você esteja se esgueirando enquanto um membro da família faz uma cena e estão todos distraídos.

Jane não consegue mais ficar ali ouvindo. Por que Phoebe está sugerindo que esse cara aleatório está envolvido no roubo? Ele só quer fazer xixi! Ela vira a esquina.

– Phoebe! – Jane diz. – O que você está fazendo?

Nenhum dos dois parece surpreso ao vê-la.

– Bancando o Robin Hood, Janie? – Phoebe pergunta, levantando uma sobrancelha para ela.

– Como assim? – Jane diz. – Só vim dizer que ele pode usar meu banheiro. É essa a sua ideia de Robin Hood?

– Muito bem – Phoebe diz. – Vão lá. Continue com essa bobagem de “massas cansadas ansiando por respirar livremente”. Mas estou de olho nele. E ando pensando em contar para Ravi ou para a sra. Vanders.

– Contar o quê? – Jane pergunta. – Que você sabe de cor o poema da Estátua da Liberdade? Que está impedindo as pessoas de usar o banheiro? Que odeia imigrantes?

– É “massas oprimidas” – o homem interrompe.

– O quê? – Jane e Phoebe dizem em uníssono.

– “Ansiosas por respirar livremente” – ele diz. – “Dai-me seus fatigados, seus pobres, suas massas oprimidas ansiando por respirar livremente, o miserável refugio das suas costas apinhadas.”

– Ah – Jane diz.

– Que seja – Phoebe diz. – Sou inglesa.

– E daí? – o faxineiro pergunta. – Sou sul-coreano.

– E eu sou americana e me sinto meio ofendida por esse poema – Jane diz.

– Meus antepassados não eram um “miserável refugio”!

– Talvez as palavras tenham sido escolhidas por uma questão de sonoridade – diz o homem, lançando um olhar rápido e abrangente para Jane.

Ele observa suas botas, a camisa de tom vermelho-alaranjado com babados, a calça skinny listrada, o cabelo indomável. Ela se sente estranhamente... catalogada.

– Estou com dor de cabeça – Phoebe diz. – Vai levar o faxineiro ao seu banheiro ou não?

– Argh – Jane diz, incomodada com Phoebe. É inacreditável para ela que algumas pessoas possam ser tão esnobes. – Minha suíte fica do outro lado da casa.

– Obrigado.

– Como você chama?

– Ji-hoon.

– Ji-hoon – ela repete, estendendo a mão. – Sou Janie. Você gosta de poesia?

– Tenho boa memória – ele diz. – Uso recursos mnemônicos para guardar as coisas.

Phoebe fica observando Jane e Ji-hoon se afastarem.

Depois que Ji-hoon usa o banheiro de Jane, ele agradece recitando “Ouço a América cantar”, de Walt Whitman. É um pouco esquisito, mas Jane já não espera que nada seja minimamente normal. Ji-hoon a encara por um momento, assente rápido e vai embora.

Coçando a cabeça, Jane volta ao seu guarda-chuva inspirado no casaco de tia Magnolia, ocupando as mãos com tecidos iridescentes e componentes metálicos e deixando o trabalho levá-la enquanto reflete. *Espions sans frontières*. Espiões sem fronteiras. Jane não é nenhuma especialista no mundo da espionagem, mas tem certeza de que espiões nem existiriam se não houvesse fronteiras.

Talvez tenha ouvido errado.

Em pouco tempo, seu estômago a informa de que é hora do almoço. Jane não sabe se há um horário oficial para a refeição na casa, mas decide que não importa: vai passar na *cozinha* e levar alguma coisa para o quarto, de modo que possa comer enquanto trabalha.

– Está com fome, Jasper? – ela pergunta para a cama quando entra no quarto. O cachorro bota o focinho inquisidor para fora e resfolega. – Vou até a cozinha, se estiver interessado.

Ele desce tão animado e tão perto das pernas de Jane que ela fica com medo de cair das escadas e se segura no balaústre. No patamar do segundo andar, ela quase tropeça no cachorro.

– Jasper! Preciso do meu pé para andar. Não posso ter um cachorro de trinta quilos agarrado a ele. Quero sua companhia, seu cabeçudo, mas é preciso que haja certa distância entre nós, entende?

Ele se inclina nas patas da frente, como se tivesse intenção de atacar. Os instintos de Jane vêm à tona, e ela se apressa para passar pela ponte. Mas Jasper não faz nada. Fica no patamar leste, pulando em frente ao quadro do guarda-chuva, uivando delicadamente, como um cantor de ópera se segurando até o clímax.

– Essa bola de pelo é igualzinha a todo mundo nesta casa – ela diz, enquanto se dirige para a ala oeste, porque teve uma ideia.

Jane não quer passar pela sala de jantar, caso os Thrash e seus convidados estejam almoçando. Se houver uma entrada dos fundos para a cozinha, deve estar no fim da escadaria da ala oeste, e é para lá que se dirige.

Jane não presta muita atenção nas obras nas paredes até que vê algo familiar. É uma fotografia enorme tirada por tia Magnolia.

Afastando-se para ter uma visão melhor, Jane absorve tudo.

Um peixinho amarelo está na boca cavernosa de um peixe cinza maior. Tia Magnolia tirou essa foto em águas japonesas. Jane lembra bem. Ela se sente como o peixe menor agora, brilhante e determinado, mas a perigo.

Está tão orgulhosa de sua tia que poderia explodir.

Então sua perspectiva muda e ela nota uma protuberância atrás da foto, como se a moldura fosse pequena demais. Decide comentar isso com a sra. Vanders, porque poderia danificar a foto, e o trabalho de sua tia merece os melhores cuidados.

Jane estava certa quanto à entrada dos fundos: no fim da escadaria há uma grande porta de metal que leva à cozinha. O elevador de carga menor e a despensa estão à sua direita. A geladeira e o freezer à esquerda bloqueiam sua visão do restante do recinto. Ela começa a contorná-los, então para.

Patrick e a sra. Vanders estão perto do fogão, de costas para Jane, impedindo que veja quem é a pessoa com quem estão falando. Mas ela reconhece a voz de Phoebe Okada.

– Sim – Phoebe diz –, acho que é ele. Diz que é sul-coreano, mas não acredito.

Phoebe entrega algo preto para a sra. Vanders que Jane também reconhece: a câmera de Ivy.

A sra. Vanders dá uma olhada na câmera e diz, ríspida:

– Sim, já pensei a respeito. Patrick, veja o que Ivy descobriu.

– E quanto ao combinado? – Phoebe pergunta.

– O sr. Vander está ocupado cavando buracos – a governanta diz.

– Eu vi. E por que exatamente?

– Ele está fingindo trabalhar no jardim – explica a sra. Vanders.

– Então cancelamos tudo porque o sr. Vanders está brincando de casinha?

– Phoebe diz, sem emoção.

– Ficamos sabendo que Grace pode ter enterrado no jardim ou no quintal – a sra. Vanders diz. – Ele está procurando.

Grace enterrou alguma coisa? Jane a viu cavando na chuva e mencionou isso ao sr. Vanders pela manhã. Quando ela disse que tinha visto uma menina

cavando no jardim, ele congelou, impactado. Então havia sido Jane quem dera aquela informação? Mas sobre o quê?

– Está brincando – Phoebe diz.

– Não – confirma a sra. Vanders, seca.

– Ela é uma pirralha bem espertinha – Phoebe comenta. – Quantos anos tem? Oito?

– É assustador – Patrick diz, parecendo orgulhoso.

– Mesmo assim – Phoebe prossegue –, marcamos há semanas. Preciso falar com o sr. Vanders.

– Não há nada que possamos fazer – diz a governanta. – Alguém precisa procurar pela escultura. Se não conseguirmos juntar as partes, nosso contato não vai nos ajudar a transportar as crianças.

– Sua escolha de jardineiro foi bem inconveniente.

– O sr. Vanders não está nada satisfeito com isso, mas está tentando encarar a escavação como uma atividade meditativa. De outra maneira, não teria tempo para meditar em um dia como hoje. E isso ajuda suas sessões.

– Isso não me ajuda em nada se as sessões foram canceladas – Phoebe diz.

– Você pode ajudar a cavar.

Phoebe bufa.

– Claro. Ninguém acharia estranho uma esnobe como eu de joelhos no jardim ajudando o mordomo a cavar. Por que a responsabilidade não ficou com Patrick? Você é bonito demais para cavar?

– Ele está muito atarefado agora – a sra. Vanders diz. – O baile é amanhã, Phoebe. Entendo seu lado, mas tenho certeza de que entende o nosso também. Todo mundo na Espions Sans Frontières tem que se sacrificar. Cook mal tem tido tempo de tocar saxofone, e nunca mais fiz ioga.

A sra. Vanders se desloca e Phoebe e Jane ficam cara a cara.

Phoebe sorri, com uma sinceridade que Jane nunca viu em seu rosto.

– Você está em toda parte – ela diz. – Tem um talento para se esgueirar.

Patrick e a sra. Vanders se viram. Nos rostos deles não há nenhuma surpresa ou qualquer outra expressão.

– Não estou me esgueirando – Jane diz. – Só queria comer. Então vim à cozinha.

Patrick olha para a sra. Vanders então avança na direção de Jane, quase esbarrando nela ao passar.

– Você é bem silenciosa para alguém do seu tamanho e usando essas

botas.

– Minha tia me ensinou a ser discreta ao entrar num ambiente – Jane diz, recebendo um sorrisinho de Phoebe.

– Me diga quando o sr. Vanders estiver livre, por favor – ela diz à governanta, então se vira para sair pela porta principal da cozinha.

Patrick também foi embora, mas pela porta dos fundos.

Jane ficou sozinha com a sra. Vanders. Ela levanta o queixo e sustenta o olhar de aço da governante. Não há mais por que fingir.

– Sei que Grace Panzavecchia está na casa – Jane diz. – Sei que ela pegou o Brancusi. Sei que Phoebe e Philip e Okada não são quem fingem ser, assim como você.

A sra. Vanders olha para Jane em um silêncio tão obstinado que chega a ser agressivo.

– Como se sente a respeito? – ela pergunta.

– Por que isso importa? – Jane pergunta. – Estamos na terapia ou coisa do tipo?

A sra. Vanders sorri.

– Se você quiser... O sr. Vanders é um psicólogo especializado nesse tipo de coisa.

– Que tipo de coisa? Mentiras?

– Nas necessidades de agentes políticos e funcionários do governo – diz a sra. Vanders.

– Ah, por favor – Jane solta, perdendo a paciência. – Vocês estão todos envolvidos nessa encenação idiota.

– Bom, a encenação faz parte do trabalho – diz a sra. Vanders, com outro sorriso. – Sua tia Magnolia era boa nisso.

– Ela não fingia nada – Jane responde, automaticamente.

– Sua tia morreu – a sra. Vanders diz. – É hora de saber quem ela realmente era. Faz meses que estou querendo entrar em contato com você, mas estive muito ocupada. Magnolia, que Deus a tenha, ficaria furiosa comigo pelo atraso.

Jane tem uma sensação estranha, como se estivesse num carro e avançasse em câmera lenta na direção de uma árvore.

– Para com isso.

– Os empregados da Tu Reviens são um grupo de espiões e ativistas – a sra. Vanders diz. – Fazemos serviços confidenciais e apartidários para

agentes, funcionários do governo e ativos de todas as lealdades políticas, principalmente durante os bailes sazonais. Somos os Espions Sans Frontières, espiões sem fronteiras. Sua tia...

– Para com isso! – Jane repete.

– Sua tia trabalhava para o governo americano.

– É mentira – Jane diz. – Ela era fotógrafa submarina, não uma espiã.

– É verdade que ela também fotografava – a sra. Vanders diz. – Era um disfarce. Em nosso círculo, “espião” costuma ser um termo bastante depreciativo.

– Ah, por favor! Isso é um absurdo!

– Pode ser – a sra. Vanders diz –, mas é verdade. Foi assim que conheci Magnolia. A ESF a ajudava de tempos em tempos. Queria saber como você se sente a respeito, porque estamos sempre recrutando.

Atrás de Jane, uma porta se abre e Ivy entra, alta e tranquila com seu suéter azul desbotado. Ao ver Jane ela para, parecendo arrasada.

– Janie?

Jane vê a preocupação, a tristeza e a culpa nos olhos de Ivy. Ela vê a verdade. Seu coração acelera. *Isso é real.*

– O que foi, Ivy? – a sra. Vanders pergunta, dura. – Pode dizer na frente dela.

Ivy limpa a garganta.

– Pesquisei sobre o homem supostamente chamado Ji-hoon – ela diz. – Ainda não tenho certeza, mas Phoebe pode estar certa.

– Muito bem – a sra. Vanders diz. – Até que estejamos seguros a respeito, não podemos fazer nada extremo, mas ele não vai chegar perto das crianças. Por favor, peça a Phoebe para vir me ver assim que puder.

– Você não vai pedir mais nada a ela, vai? – Ivy pergunta. – Ela é inglesa. Não trabalha para a ESF.

– É do interesse dos ingleses que consigamos tirar as crianças daqui – a sra. Vanders diz. – Todos sairiam ganhando, e Phoebe sabe disso. Vai fazer o que eu pedir.

– Tudo bem – Ivy diz, então hesita, olhando para Jane.

– Ivy – a sra. Vanders diz, não sem um toque repentino e surpreendente de doçura. – Vá. Ji-hoon e Grace estão na casa. Não podemos nos arriscar.

A garota obedece.

– Você queria comer?

Jane está tão distraída em pensamentos que não entende o que a sra. Vanders diz.

– Oi?

– Vem – a sra. Vanders diz. – Vou ajudar você.

– Tá – Jane diz automaticamente, sem se importar muito. Ela segue a governanta até a despensa e ouve um barulho de estática vindo de uma das prateleiras.

– *Querida?* – diz a voz do sr. Vanders.

A sra. Vanders pega o walkie-talkie que está em cima de uma cesta de frutas.

– Sim?

– *Achei o peixe* – ele diz. – *Vou levá-lo para o estúdio. Precisa de uma limpeza.*

A sra. Vanders solta o ar devagar.

– Graças a Deus.

– *Ainda está preocupada que o Vermeer possa ser uma falsificação?* – ele pergunta.

– Ravi não notou nada de estranho. Falamos por uns dez minutos na frente dele.

– *Você o tirou da moldura?*

– Ainda não – a sra. Vanders diz. – Prefiro fazer isso depois que as crianças tiverem sido transportadas. Mesmo que seja uma falsificação, não tem nada a ver com elas ou com tudo isso. Não posso desperdiçar tempo com outras coisas agora.

– *Não se culpe por colocar o quadro em segundo plano* – diz o sr. Vanders.

– É claro que eu me culpo – diz a sra. Vanders. – Se o Vermeer for falsificado, é uma calamidade. Sabe como levo a sério minhas responsabilidades com a família. Ravi já está muito chateado com o Brancusi.

– *Ele vai ter o Brancusi de volta em menos de uma semana* – diz o sr. Vanders. – *E você vai poder voltar toda a sua atenção para o Vermeer quando as crianças estiverem a salvo. O que deve acontecer logo, agora que temos o peixe em mãos. O baile é amanhã. Está quase acabando.*

– Obrigada, Arthur – a sra. Vanders diz. – Acho que é sempre assim antes dos bailes.

– *Sempre acontece alguma coisa* – diz o sr. Vanders, com uma risada e

uma fungada.

Então a estática é cortada. A sra. Vanders devolve o walkie-talkie ao cesto de frutas e pega uma tábua.

– Que queijo você prefere, münster ou gruyère?

– Oi? – diz Jane.

– Vou fazer um sanduíche para você – a sra. Vanders diz. – Gosta de patê de fígado de frango?

– Vocês... – A cabeça de Jane dói. – Vocês estão usando o Brancusi para pagar alguém para tirar os filhos dos Panzavecchia daqui? Tem alguma coisa a ver com a varíola?

– Está vendo? – a sra. Vanders diz, parando de cortar uma fatia grossa do pão preto para olhar para Jane com intensidade. – É disso que estou falando. Se chegou a essa conclusão sozinha, tem os instintos necessários para nosso tipo de trabalho.

– Mas... o Brancusi não é seu – Jane diz. – Vocês o roubaram?

– Não roubamos as obras da família – diz a sra. Vanders. – Só as pegamos emprestadas para usar como moeda de troca ao agir como intermediários. Dou um quadro ou escultura para X. Essa pessoa me entrega algo, como um agente que estou tentando salvar, ou informações, bens... Então eu entrego a Y. Y me paga com aquilo de que X precisa, que, de novo, pode ser um agente, informações, bens... Eu entrego isso para X, que me devolve o quadro ou escultura. Uma obra de arte é uma excelente alternativa a dinheiro. É reconhecível, tem valor inegável e é mais difícil de rastrear que dinheiro, que nem é uma opção, porque não temos nenhum.

Jane mal percebe que está assentindo, como uma tonta. Já ouviu falar dessa estratégia.

– Mas Ravi não sabe – ela diz.

– Ninguém na família sabe sobre a ESF – a sra. Vanders diz. – Digo a Ravi que levei um quadro para limpar ou que estou fazendo alguma pesquisa relacionada a ele.

– Você mente – Jane diz.

A sra. Vanders coloca queijo, pickles e patê no pão.

– Tem gente querendo machucar essas crianças – ela diz. – Uma mulher ofereceu transportar Grace e Christopher, e só precisamos emprestar o Brancusi e o Rembrandt por um tempo. Ela é bastante peculiar. Não se trata de dinheiro ou informação para ela: só quer obras diferentes em sua coleção

de tempos em tempos. Ela nunca pede por nada fácil. O Rembrandt é grande e pesado, pintado na madeira, e o Brancusi é frágil, mas são as duas únicas obras que está aceitando. Elas vão voltar em uma semana.

– Por que os Panzavecchia são tão importantes?

– Não posso responder isso – a sra. Vanders diz. – A ESF protege agentes políticos que são explorados, sequestrados ou deixados sozinhos. Se a lealdade deles for questionada, nós providenciamos estratégias de fuga e passagens para as famílias. Com frequência precisamos da ajuda de terceiros. Eles não fazem isso por bondade. Exigem pagamento. Nós aprendemos a usar o que temos disponível.

– Então mentem para as pessoas que confiam em vocês – Jane diz.

– E o que eu deveria fazer? – ela pergunta, exasperada. – Só dizer a verdade e colocar em risco a vida de inúmeras pessoas? Não me aproveitar das obras da casa sendo que podem salvar duas crianças?

– Preciso ir agora – Jane diz.

– Não diga nada a ninguém – a sra. Vanders pede. – Grace tem oito anos e Christopher só tem dois. Você vai colocar os dois em perigo se mencionar qualquer coisa à pessoa errada. Quer isso na sua consciência? A morte de uma criança?

– Por que eu deveria acreditar que a senhora está tentando ajudar os Panzavecchia? – Jane pergunta. – Se é esse o caso, por que Grace vive tentando fugir? Por que ela quebrou a escultura se era sua salvação?

– Grace é uma criança traumatizada que foi tirada dos pais e quer desesperadamente voltar para casa – a sra. Vanders diz. – Ela não entende que essa casa não existe mais. Está tentando chamar a atenção criando problemas para nós. Mas até mesmo Grace sabe que há um limite.

– Por que a casa dela não existe mais? O que aconteceu?

– É muito mais informação do que você precisa nesse momento – a sra. Vanders diz.

– E Leo? – Jane pergunta. – Por que ninguém fala dele?

– O bebê está seguro – a sra. Vanders diz. – Aqui está seu sanduíche, algumas uvas e uma laranja.

Ela empurra um prato com tanta força que algumas uvas caem e rolam para áreas inalcançáveis e desconhecidas da despensa.

– Não consigo acreditar que você está mentindo para Ravi – Jane diz. – E Kiran. Todos os dias. Como pode fazer isso?

O rosto da sra. Vanders parece feito de pedra. Ela coloca um donut no prato de Jane, fazendo mais uvas caírem.

– Vamos ficar de olho em você. Saberemos se começar a vagar pela casa. E temos como saber se estiver navegando na internet ou usando o celular. Se decidirmos que não podemos confiar em você, vai se arrepender profundamente.

– Uau – Jane diz. – Agora realmente quero trabalhar para vocês. Quero um trabalho em que possa ameaçar hóspedes inocentes e mentir para as pessoas que confiam em mim.

– Pensando bem, fique aqui – a sra. Vanders diz. – Vou arranjar alguém para acompanhar você até seu quarto.

– Dane-se – Jane diz, já virando para ir embora.

Jane sobe a escadaria dos fundos com seu prato quando Patrick desce correndo do sótão oeste, o que não a surpreende. Ele a alcança e passa a acompanhá-la, mas ela nem o olha.

– O que você faria se eu começasse a gritar sobre sua organização idiota? – ela pergunta. – Ia me derrubar e tapar minha boca?

– Não – Patrick diz, calmo. – Mas impediria você.

– Sou inocente, sabia? Não pedi para ser envolvida em toda essa confusão.

– Não? – Patrick pergunta. – Você não seguiu Grace? Não ficou perguntando por aí sobre sua tia?

– Não porque achava que ela era uma espiã!

– Ela tinha suas razões.

– Me faz um favor – Jane pede. – Não vem jogar na minha cara que você a conhecia melhor do que eu.

– Não seja boba – Patrick diz. – Ela era sua tia. Só você a conhecia de verdade.

Ele parece sincero, mas é tudo tão absurdo que ela não tem como responder. Eles refazem o caminho pelo qual Jane desceu, passando pela foto de tia Magnolia na ala oeste do segundo andar.

Se é que foi ela quem tirou.

– Todos esses anos – Jane diz – você mentiu para Kiran sobre quem realmente é.

Ele não diz mais nada até chegarem ao quarto dela.

Jane se lembra das perguntas que se fez depois que sua tia morreu. Um dos colegas dela ligara da Antártida.

– Foi uma tempestade – ele dissera, com a voz entrecortada. A ligação estava péssima. – Ela estava muito longe da base. Não conseguiu voltar. Sinto muito.

Jane não tinha entendido o que aquilo significava.

Então ela foi até sua médica, a dra. Gordon, e perguntou como era morrer em uma tempestade de neve na Antártida.

Ela fez Jane sentar e começou a falar com cuidado.

– A primeira coisa que acontece é que seu sangue se desloca da sua pele e das extremidades do seu corpo para o tronco – a médica disse. – É o que chamamos de vasoconstrição. Ajuda a conservar o calor em você. – Ela fez uma pausa até que Jane assentisse. – Então seu corpo inteiro começa a tremer. Você fica atrapalhado. É difícil usar as mãos ou até mesmo andar. – Jane assente de novo. – Seus pensamentos se embaralham, você tem amnésia. A apatia toma conta, o que é uma bênção, na verdade. Você pode arranjar abrigo, como um urso hibernando antes de perder a consciência. Ainda algumas vezes vai acordar com alucinações, mas acaba dormindo para não acordar mais. Pode demorar bastante até a morte, mas para de sofrer. Você entende, Jane? Que, no fim, ela não estava sofrendo?

Jane não suportava a ideia de que sua tia certamente sabia o que sua insônia significava. A própria Jane tinha passado a dormir cada vez pior a partir daquele dia, por causa da maneira como tia Magnolia morrera. Ou era o que pensava.

Será que ela foi para a Antártida? Ou fui até a médica e fiquei ouvindo aquela explicação horrorosa por nada? Jane fica vermelha de vergonha com a ideia, como se sua tia a tivesse enganado.

Seus olhos encontram as fotos emolduradas que ela pendurou na parede do escritório. O peixe-pescador-das-profundeza na Indonésia. A lula no Peru. A tempestade em Belize. O urso-polar canadense, suspenso na água. Tia Magnolia costumava desenhar um mapa para Jane a cada viagem que fazia, com as datas cuidadosamente anotadas, para que ela se sentisse reconfortada ao seguir seu progresso e sempre soubesse onde estava.

Era tudo mentira. Outras pessoas sabiam onde sua tia estava. Ivy provavelmente sabia. Jane vai até a foto de tia Magnolia tocando uma baleia na Nova Zelândia. Será que era realmente ela? Com a roupa de mergulho,

poderia ser qualquer um.

Jane procura o canivete no bolso. Abre a chave de fenda, tira a foto da parede e abre a moldura. Ela coloca o fundo de lado, pega a foto e a segura à sua frente, foca na pessoa no fundo do mar.

Mentirosa, Jane pensa, e rasga a foto ao meio, separando a pessoa da baleia. Então, com a raiva aumentando, rasga a pessoa no meio, então em quatro e em quantos pedacinhos consegue. Ela corre até o quarto e os atira na lareira, depois coloca mais lenha. Então acha uma caixa de fósforos, acende alguns e os joga.

De volta ao escritório, ela tira a próxima foto da parede, e a próxima, e a próxima, picotando a lula, o peixe, os sapos e o urso-polar, atrás do qual está escrito na letra de tia Magnolia: “Eu vou numa expedição!”.

Mentira, Jane pensa, *era tudo mentira!* Ela volta para o quarto e joga os pedacinhos na lareira. Miraculosamente, um galho realmente pegou fogo, apesar da total falta de jeito para acendê-la, e a primeira foto está se contorcendo e queimando. Jane observa os fragmentos ficarem pretos, tentando decidir o que vai fazer com a enorme foto no corredor oeste do segundo andar. Pegá-la e jogá-la no fogo também? Ou fazê-la em pedacinhos no local? Ela corre para o escritório de novo, pega o guarda-chuva inspirado no casaco da tia em que está trabalhando e o joga sobre o tapete no chão. Quando percebe que não quebrou, ela o joga de novo, mais forte, até que ouve o barulho da estrutura se soltando e pedacinhos de metal saem voando. Chorando, ela pega o tecido roxo iridescente e puxa até rasgar a costura com um grito assustador. Depois prende o tecido prateado e dourado debaixo da bota e puxa, rasgando-o todo.

Ela pega o próximo guarda-chuva, o azul-claro com manchas marrons que imita um ovo e o levanta, mas é interrompida quando Jasper entra correndo, vai até suas pernas e começar a choramingar.

Jane fica momentaneamente confusa, porque da última vez que viu o cachorro estava no patamar do segundo andar. Como ele entrou?

Então a voz de Ravi vinda do quarto responde sua pergunta:

– Não é um fogo muito forte – ele diz. – Tem que fazer tipo uma chaminé com os pedacinhos menores de madeira.

– Quê?

Jane solta o guarda-chuva de casca de ovo e leva suas mãos à cabeça. *O que está acontecendo?*

- Não se preocupe – Ravi grita. – Já arrumo.
- Você não pode simplesmente invadir meu quarto! – ela grita de volta.
- Bati e você não atendeu.
- Então você tinha que ter ido embora e me deixado em paz.
- O cachorro queria entrar.

Jane olha em volta. Amontoado no chão, o guarda-chuva inspirado no casaco de sua tia parece algum tipo de inseto gigante que ela derrotou em um embate mano a mano. Ela realmente se sente como se tivesse saído de uma batalha. Seu rosto está inchado e seu fôlego é curto. Enxugando os olhos com a manga e fungando, Jane empurra o guarda-chuva destruído para um canto, esperando que Ravi não o note, assim como suas lágrimas.

Ele aparece na porta do escritório, limpando as mãos na camiseta.

- Tudo bem? – pergunta ao olhar para ela.

Jane evita encará-lo.

- Tudo.

- Você parece... muito louca.

- É coisa de artista – Jane diz. – Não se preocupe.

Ele aponta para o guarda-chuva destruído.

- O que aconteceu com esse aí?

- Às vezes não dá certo.

– Tá – ele diz, cético, olhando em volta. Então passeia pelos guarda-chuvas prontos e os examina sombriamente, lúgubre e patético, como Hamlet, ou talvez Ió. – Aqui é o único lugar nesta casa em que me sinto em paz – Ravi diz, passando a mão pela mecha branca e suspirando.

- Se está dando em cima de mim de novo...

– É por causa dos guarda-chuvas – ele diz, com um gesto amplo. Ravi aponta para um específico, no canto. É simples e discreto, com cabo de mogno e tons de amarelo-claro. – Posso abrir esse?

- Sério? – ela pergunta, cansada. – Agora? Estou trabalhando.

– Acho que quero comprar para Kiran – ele diz. – Me lembra dela. Se eu gostar, pago três mil dólares por ele.

– *Isso é ridículo* – Jane diz, enunciando cada sílaba. – Volta quando tiver recuperado a razão.

- Ninguém está levando a sério – Ravi diz. – Você reparou?

- O quê?

- O Brancusi! – ele diz. – A sra. Vanders ainda não ligou para o FBI. É só

“o baile isso”, “o baile aquilo”, como se fosse mais importante que a família ou a casa.

Jane se esqueceu completamente do Brancusi, do baile e de todo o resto. Por um momento, ela considera o que aconteceria se contasse a Ravi que os empregados estão usando a escultura para pagar uma mulher para proteger as crianças Panzavecchia, porque Giuseppe e Victoria estão envolvidos com algum tipo de espionagem, possivelmente relacionada a armas biológicas.

Ele piraria. Alto e perigosamente. Seria isso que aconteceria.

Jane vai até o guarda-chuva amarelo. Ela o leva até Ravi e o coloca em sua mão.

– Leva com você e abre no seu quarto. Dá uma olhada melhor. Se gostar, vendo por cem dólares.

– De jeito nenhum – Ravi diz. – Seria roubo.

– Não vou aceitar três mil dólares por um guarda-chuva.

– Dois mil e quinhentos então.

– Tenho quase certeza de que não é assim que se negocia.

– Não vou ficar parado enquanto você diminui seu próprio trabalho – Ravi diz. – Não esqueça que trabalho estimando o valor de obras de arte.

– Você não vai ficar aqui nem parado nem se mexendo – Jane diz. – Vai embora e eu vou fechar a porta e ficar sozinha.

– Que tal duzentos pelo guarda-chuva e dois mil e trezentos para eu ir embora e deixar você em paz? – Ravi pergunta.

Apesar de tudo, Jane ri. Ravi encontrou seu ponto fraco. Ficar sozinha definitivamente vale dois mil e trezentos dólares.

– Leva o guarda-chuva e depois falamos sobre isso.

– Está bem – Ravi diz, ligeiramente impressionado. – Acho que posso aceitar. É uma honra negociar diretamente com o artista.

Ele vira para sair.

– Ravi – Jane chama.

– Oi?

Ele se vira para ela, estreitando os olhos em curiosidade.

Merda, Jane pensa.

– Você olhou de perto para o Vermeer?

– O Vermeer? – ele diz. – O que tem ele?

– A sra. Vanders mencionou que acha que tem alguma coisa de errado com ele.

– Alguma coisa de errado? Como assim?

– Eu a ouvi conversando com o marido. Acho que falou em *falsificação*.

Ravi congela.

– Você tem uma chave de fenda? – ele pergunta rápido.

Jane vai até o lugar onde largou o canivete no chão, com a chave de fenda aberta. Ela o joga para Ravi, que não consegue pegar, então se abaixa para recolhê-lo do tapete e, sem nem olhar, vai embora.

Sozinha de novo, Jane olha para o guarda-chuva destruído. O significado do guarda-chuva inspirado no casaco de tia Magnolia desapareceu por completo.

Ela não consegue reunir forças para voltar ao quarto e dar uma olhada nas fotos queimando na lareira. Consegue ouvir a lenha estalando, então tem um pressentimento de que sabe o que encontraria lá.

Será que tia Magnolia tirou essas fotos?

Ela morreu porque era uma espiã?

Ruídos externos chamam sua atenção: o rangido e a crepitação de uma escada sendo posicionada. O protesto molhado de um pano sendo esfregado em vidro. Carregando indolentemente o sanduíche e algumas uvas até as janelas, ela se inclina e olha para baixo, onde localiza o misterioso Ji-hoon lavando as janelas em preparação para o baile. Ele também não deve ser o que aparenta.

Todo mundo à minha volta é uma mentira.

– A não ser você – ela diz a Jasper, que observa tudo ansiosamente ao seu lado.

Depois de um tempo, batem na porta. A ideia de ter que conversar é exaustiva. Ou vai ser alguém para quem vai ter que mentir ou alguém que mentiu para ela. Jane se arrasta até o quarto e abre a porta.

Ivy está à sua frente, coçando o pescoço e parecendo nervosa.

– Oi – ela diz. – Tudo bem?

– Sério? – Jane pergunta. – Está mesmo me perguntando isso?

Ivy levanta os olhos com tanta tristeza para Jane que ela fica instantaneamente furiosa.

– E que motivo você tem para ficar tão chateada?

– Muitos, na verdade – ela diz, cortante.

– Tanto faz. O que você quer?

Ivy bufa de leve.

– A sra. Vanders disse que é melhor você jantar aqui. Vamos trazer comida.

– Não posso mais encontrar os outros hóspedes – Jane diz.

É uma afirmação, não uma pergunta.

– Ela ficou bem brava porque disse para Ravi ir dar uma olhada no Vermeer.

– É verdade então? É falso?

– É – Ivy diz, com uma indiferença cansada. – Parece que além de tudo alguém roubou o Vermeer.

– E ela não ficou contente de pelo menos ter essa confirmação?

– Ficou, mas Ravi está histérico, o que impede a sra. Vanders de fazer tudo o que precisa fazer. E agora é ainda mais difícil não ligar para a polícia. Vai ser bem difícil tirar as crianças daqui com a casa infestada de policiais.

– Ah – Jane diz, entendendo, com uma pontada de culpa que a deixa chateada primeiro consigo mesma e depois com a sra. Vanders, que isso talvez seja verdade. – Claro. Mas não significa que vou contar a todo mundo sobre os Panzavecchia no jantar.

– Eu sei – Ivy diz, desanimada. – Sinto muito mesmo. – Ela examina a bainha desgastada do suéter azul. – Tenho tentado imaginar como deve estar sendo para você.

Jane se pega rindo.

– Quando descobrir, me conta.

– Olha, Janie – Ivy diz. – Eu nasci metida nisso. Nunca conheci outra vida. Já faz alguns anos que quero sair dessa e estou quase conseguindo. É meu último trabalho.

– Sério? – Jane pergunta, curiosa apesar de tudo. – Você pode cair fora se quiser?

– Desde que esteja tudo combinado com a central.

– Tem uma central?

– A Espions Sans Frontières é uma organização internacional – Ivy explica. – Somos só uma filial. A base fica em Genebra. Depois da minha entrevista de saída, vou poder fazer planos para sair daqui. Quero fazer qualquer outra coisa, que não me dê pesadelos. Esta casa acaba comigo!

Agora Jane tenta imaginar como é a vida de Ivy.

– Todos os empregados nasceram metidos nisso?

– Pelo menos eu, Patrick e os Vanders – Ivy diz. – Isso rola há gerações. Meus pais morreram trabalhando.

– Quê? – Jane se sobressalta. – Achei que tinham morrido num acidente de avião.

– Tecnicamente é verdade – Ivy diz. – Faz quatro anos. Eles estavam tentando ajudar um agente a ir para um lugar seguro, longe daqui. Do mesmo jeito que estamos tentando deslocar os Panzavecchia. Daquela vez, tentamos forjar a morte do agente, o que deu certo. Mas outras coisas deram errado, e atiraram neles.

– Minha nossa, Ivy. Sinto muito.

– Bom, você também perdeu seus pais de um dia pro outro, e depois a pessoa que te criou. Então sabe como é.

Jane encara as próprias botas por um momento.

– A questão em descobrir que alguém não é quem disse que era – ela explica – é que você começa a se perguntar se realmente teve um relacionamento com essa pessoa. Quando tenta visualizar como era, só vem um branco. A única coisa de que tem certeza é de que a pessoa mentiu pra você.

– Você conhecia sua tia – Ivy diz, convicta. – Ela era mais sua do que de qualquer outra pessoa.

– Mas eu nem sei o que ela fazia – Jane diz. – Na minha cabeça, estava sempre debaixo d’água com animais. Esperando, observando, sem incomodar.

– Sei um pouco sobre o que ela fazia – Ivy diz –, mas não muito. – Ela faz uma pausa. – Quer que eu conte?

– Para quê? Eu deveria ter ouvido dela, não de outra pessoa. Se você me disser só vai...

Me magoar, Jane pensa. *Vai deixar ainda mais claro que minha vida é uma mentira.*

– Tenho certeza de que ela não quis magoar você.

– Não a defenda – Jane a corta.

– Mas e se ajudar a explicar as coisas? – Ivy pergunta. – Quer dizer, você não ia ter algo mais sólido com que ficar brava?

– Agora você parece uma psicóloga – Jane diz, mas entende o que ela quer dizer. – Está bem. Pode contar.

– Bom – Ivy começa a falar, baixo. – Sei que ela era mesmo uma fotógrafa

submarina. Mas também ajudou a recuperar o conteúdo de um submarino norte-coreano uma vez, e de um iraniano, e daquele avião de carga russo que caiu há alguns anos, lembra? Às vezes ela grampeava cabos submarinos. Ou cortava e fazia com que parecesse accidental.

Isso é impossível, de modo que Jane começa a rir de novo. Ela não conhece a pessoa que Ivy está descrevendo, alguém que nada em meio a destroços de submarinos com mísseis nucleares cheios de informações secretas e corpos de soldados afogados boiando. *Tia Magnolia tirava fotos bonitas de animais. Ela estava tentando salvar os oceanos.*

– Já chega.

– Está bem – Ivy disse. – Eu só a vi algumas vezes. Ela tinha um belo guarda-roupa, e um temperamento estável e seguro. Parecia... excêntrica, mas também prática e pouco afeita a enrolação. Meio como você.

As palavras de Ivy fazem Jane desejar ter um espelho. Ela quer localizar as partes em seu rosto que parecem com tia Magnolia.

– A viagem para a Antártida era parte de uma missão como espiã?

– Até onde sei – Ivy diz –, ela realmente ia tirar fotos de pinguins e baleias.

É melhor ou pior, Jane se pergunta, que sua tia tenha morrido como uma fotógrafa da natureza, e não como uma espiã?

– Você sabe que não pode confiar em ninguém nesta casa, né? – Ivy diz. – Especialmente naquele cara que está fingindo ser faxineiro, Ji-hoon. Ele pode ser perigoso.

– Ele é mesmo um faxineiro – Jane diz. – Quero dizer, ele está fazendo faxina, independente de qualquer outra coisa.

Ivy dá um sorriso de leve.

– Ainda não confio nele. Mesmo para limpar.

– Por que ele é tão perigoso? – Jane pergunta. – Quem é esse cara?

– A sra. Vanders ia me estrangular se eu contasse.

– Ele está armado?

– Ah, com certeza – Ivy diz. – Está atrás de Grace. Ela tem alguma coisa que ele quer.

– Grace! – Jane exclama, pensando na menina brava, encolhida num canto chorando. Tão pequena. – O que ela poderia ter que um cara armado quer?

Ivy hesita.

– Informações.

Algo se encaixa na cabeça de Jane.

– Grace tem uma memória incrível – ela diz. – Usa técnicas mnemônicas. Seu pai tem muito orgulho disso.

– É... – Ivy parece querer dizer algo mais, mas se impede com um suspiro frustrado. Fios de cabelo escaparam do coque desajeitado e seus ombros estão tensos e curvados. – Queria te contar tudo, mas não posso. Desculpa, Janie.

Jane quer se aproximar para tirar uma mecha de cabelo dos olhos dela. Quer tocar seu ombro, quer entender.

Ela não faz nada, mas os olhos de Ivy encontram os seus, tímidos.

– Tenho que ir – a garota diz. – Vou deixar o jantar na porta daqui a pouquinho. E posso dizer a Kiran que você não está se sentindo bem, se quiser.

– Tá.

Depois que ela vai embora, Jane volta para o escritório.

Tu Reviens faz barulho. Água escorrendo, ar entrando e saindo, gemidos. Jasper entra na sala e vai até os pés de Jane.

– Essa casa é cheia de ruídos estranhos – ela diz. – Não acha?

Um lamento tem início, tão distante e leve, tão misturado ao estranho rangido metálico do aquecedor, que Jane assumiria que é só um golpe de ar ou a água passando se não soubesse que provavelmente se trata de Christopher Panzavecchia, que tem dois anos e está em algum lugar da casa.

Ela vai até a janela e vê Ji-hoon. O homem lava os vidros lentamente, como que fazendo carinho na casa para ajudá-la a pegar no sono.

Jane tenta respirar devagar, como uma água-viva, sem sucesso. Até a água-viva parece mentira.

A casa a acorda no meio de um sonho sobre... Sobre o quê? Envolvia o homem que sequestrou Leo Panzavecchia e que é ainda mais terrível do que os jornais imaginam. Ele está com varíola e infectou o bebê também. Vai passar a doença para Grace e Christopher, para os Espions Sans Frontières e para a máfia. E para os peixes, porque Leo está dormindo com eles.

O sonho muda, como costuma acontecer. Jane se contorce toda com coceira, chamando tia Magnolia, que salva os bebês que estavam debaixo d'água, porque esse é seu trabalho. Então Jane acorda, com o gorro áspero da

tia apertado contra o pescoço molhado.

Jane está na cama. Um basset hound quentinho respira tranquilo aos seus pés. O relógio a seu lado mostra que são cinco e oito da manhã. Ela respira em pânico, lembrando que nas semanas que antecederam a viagem para a Antártida, tia Magnolia estava estranhamente distraída. Ela tinha esquecido o fogo aceso depois de esquentar a sopa um dia, o que nunca tinha acontecido. Mais de uma vez, Jane a pegara olhando para as páginas de um livro sem lê-lo e sem nunca virar a página. E então teve a noite em que Jane acordou e a encontrou de pé, a noite em que fizera a promessa de ir à Tu Reviens se fosse convidada.

No dia em que tia Magnolia partiu, Jane entrou no quarto e encontrou o gorro em sua cama. Ela sempre o levava quando viajava para lugares frios. Mas, daquela vez, o tinha deixado para trás, com Jane. Por quê?

Por que os sonhos levam a questões que não têm nada a ver com eles?

Sob as cobertas, Jasper se remexe até que descansa a cabeça no cotovelo dela. Jane fica ouvindo sua respiração estável, imaginando se a respiração dele é ainda melhor que a das águas-vivas.

A manhã nasce com uma luz amarela-esverdeada. Jane não conseguiu voltar a dormir. Ela finalmente sai da cama, tomando cuidado para não acordar Jasper. Então vai para o escritório e olha pela janela.

Uma figura se aproxima da casa, vinda da costa: Colin Mack, todo de preto. Parece ter pressa e olha por cima do ombro mais de uma vez. É meio estranho: será que acha que está sendo seguido? Por que já está lá fora? Não é possível que *todo mundo* seja espião. Jane o observa entrar pela porta que leva à piscina.

Quando vira para encarar o escritório, o guarda-chuva quebrado no chão a destrói. Suas partes quebradas estão dispostas de uma maneira que ela pode ver o tecido roxo e um leve brilho dourado e prateado. Uma luz difusa se reflete em sua mente, da mesma maneira que uma lâmpada forte cria uma memória que permanece mesmo com as pálpebras fechadas e aos poucos desaparece. Um fantasma momentâneo de tia Magnolia.

– Tia Magnolia? – Jane chama.

Ela sempre respondia rápido, pondo suas próprias preocupações de lado. Aquilo era real.

Jane senta no chão com cuidado, apoiando a cabeça no vidro. O guarda-chuva não passa de um truque.

Aparentemente Jane tem permissão para descer para o café, porque ninguém a impede quando a hora chega. O caminho para a sala de jantar passa pelo salão de baile. Ela se mantém próxima à parede e procura evitar as mulheres limpando o chão.

Não tem ninguém comendo ou servindo. Há uma garrafa de café ao fim da longa mesa, além de frutas, cereais, leite, açúcar e mingau de aveia. Jane come rapidamente seu cereal, então vai para o hall de entrada, que está cheio de gente. Não tem certeza de onde ir em seguida, até que vê Jasper na ponte do segundo andar. Ele está sentado satisfeito, com o focinho entre os balaústres. Jane conclui que escolheu bem sua posição e vai até ele.

– Você já deve ter testemunhado uma porção de manhãs de preparação para o baile, não?

A confusão lá embaixo começa a fazer mais sentido. As pessoas se dividem em grupos: faxineiros, músicos e responsáveis pela comida. Passando pelo salão ou subindo e descendo as escadas a intervalos aleatórios, Patrick e Ivy sem dúvida estão espionando. Será que em algum momento se dedicam de fato às coisas da casa? Vai saber. A sra. Vanders em si não vagueia. Fica parada como uma pedra no centro do salão, enquanto os outros passam à sua volta. Ela mal fala, como se controlasse tudo apenas com o olhar.

Kiran aparece na ponte e para ao lado de Jasper, bocejando. Mais uma pessoa que não tem a menor ideia do que se passa na sua própria casa. *Não me faça mentir para você*, Jane pensa.

– Bom dia – ela diz, com um meio sorriso. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo e parece que ainda não passou maquiagem. – Tendo uma visão panorâmica?

– Acho que as coisas fazem mais sentido daqui – Jane explica.

– Está se sentindo melhor?

– Estou, obrigada.

Kiran apoia os cotovelos.

– Quando éramos pequenos – ela diz –, esses eram nossos dias preferidos do ano. Eu adorava ficar aqui com Patrick, acompanhando o vaivém. Ivy era

menor ainda e segurava minha mão, observando tudo com seus olhos enormes. E Ravi adorava ficar no meio do caminho.

– Ah, é? O que ele fazia?

– Basicamente atrasava todo mundo insistindo em carregar as coisas e tendo ideias péssimas de onde tudo deveria ir. – Kiran joga o rabo de cavalo por cima do ombro, com um sorriso leve no rosto. – Tenho certeza de que achava que estava ajudando.

– E ele podia fazer isso?

Kiran dá de ombros.

– Os Vanders não deixavam, nem Octavian, mas eles sempre estavam correndo como loucos. Ravi sabia como evitar os três. Ele era um ditadorzinho encantador. Era... educativo ver como as pessoas obedeciam meu irmão.

– Educativo?

– Tipo uma aula sobre classes sociais – Kiran diz. – Provavelmente também sobre gênero, idade e etnia. O que um quarteto de cordas formado por mulheres brancas faz quando um garoto rico meio bengali, filho do dono branco da casa, manda que montem suas coisas num lugar realmente idiota, como no meio da escadaria?

– Não sei – Jane diz. – O quê?

– Geralmente uma dessas três coisas: ignora o garoto, espera até que um dos Vanders ou Octavian apareça para botar ordem na coisa ou obedece e lança olhares cheios de ódio para ele. Nesse caso em particular, elas o ignoraram, mesmo quando ele começou a gritar e depois, quando Octavian apareceu e o levou embora no ombro, chutando e chamando mamãe. Que, é claro, não apareceu, porque estava trabalhando.

– O que Octavian fazia em seguida? – Jane pergunta. – Dava uma surra?

– Provavelmente os dois iam jogar boliche e ter uma conversinha sobre respeitar outras pessoas.

Jane supõe que tia Magnolia usaria o mesmo tipo de abordagem, se elas tivessem uma pista de boliche particular.

– Isso parece legal.

– Tivemos uma porção de conversas sobre caráter jogando boliche – Kiran diz, transparecendo uma felicidade melancólica.

Jane a estuda. Seus olhos estão brilhantes e ela pisca muito. Jane se pergunta o quanto ela dormiu. Colin passou a noite com ela? Patrick já terá

feito o mesmo, e mentido para ela quando teve que sair de repente para cuidar de uma emergência relacionada à espionagem?

– E Ivy e Patrick? – Jane se arrisca. – Octavian conversava com eles também?

– Ah, não. Quem fazia isso eram os pais deles ou os Vanders.

– Entendi – Jane diz. *Aposto que sim.* – E Patrick contava suas lições para você tudo depois?

– Contava, mas depois parou – Kiran diz.

– Parou?

Então Ravi aparece no hall de entrada com o cabelo molhado e o orgulho ferido. Ele se dirige até a sra. Vanders e fala em uma voz alta que ecoa por toda parte.

– Chamei a polícia, o FBI e a Interpol para o baile – ele anuncia. – Vou deixar que vasculhem a casa.

Jane sente o estômago gelar. É tudo culpa dela.

– Você o quê? – a sra. Vanders grita.

– Chamei a polícia, o FBI...

– Para o baile? Perdeu completamente o juízo?

– E por que não? – Ravi diz. – É o meu Brancusi e o meu Vermeer! A minha casa! A minha festa!

– É o Brancusi e o Vermeer do seu pai! – diz a sra. Vanders. – A casa dele, a festa dele!

– Meu pai é um fantasma – Ravi diz. – Nem ligaria se fizéssemos uma fogueira no jardim com todas as suas obras. Se ele parou de se importar, a responsabilidade recai duplamente sobre mim.

– Já estou falando com a polícia – a sra. Vanders diz. – Eles estão investigando *com discrição*.

– E onde eles estão? Por que não vi ninguém?

Patrick chegou à ponte e está ao lado de Kiran. Ele apoia os braços casualmente, como ela. Kiran não olha para ele, sequer parece notar sua presença, mas Jane sente sua tensão. Os ombros dos dois se tocam.

Jane se endireita quando Ivy chega do seu lado.

– Vai ser uma festa ótima – a sra. Vanders diz, ácida –, com o FBI e a Interpol fazendo todo o tipo de pergunta desagradável.

– E por que qualquer outra pessoa que não o ladrão se importaria? – Ravi quer saber. – Honestamente, Vanny, é quase como se você não se importasse.

– Droga, Ravi – ela diz. – Você sabe que eu me importo, é o meu trabalho. Só queria que tivesse a consideração de me perguntar se convidar a polícia poderia atrapalhar os empregados que sua família contratou para garantir que seus convidados se *divertissem*. É o seu trabalho também, sabia? E agora você dificultou as coisas não só para mim e para o meu marido, mas para Patrick, Ivy, Cook e todo o mundo, porque agiu sem pensar.

Então a sra. Vanders levanta os olhos para Jane, dirigindo-lhe a mesma acusação. Ela sente o rosto quente. Grace Panzavecchia vai ser descoberta por alguém que não deveria descobri-la e a culpa vai ser toda sua.

– Ei – Ivy murmura ao seu lado. – Não se preocupe. Você não fez nada que eu não teria feito.

– Não preciso de sua aprovação – Jane diz, de repente ressentida com Ivy, que não tem o direito de ler sua mente.

– É nosso trabalho – Ivy diz. – Vamos lidar com isso.

– Está bem.

Kiran está em silêncio do outro lado de Jane, que não tem ideia se ela ouviu a conversa ou do que entenderia nesse caso.

– Bom dia, Ivy – Kiran cumprimenta, ignorando Patrick.

– Oi, Kir – Ivy responde, com os olhos parecendo cansados atrás dos óculos.

– Quer jogar boliche? – Kiran pergunta.

Jane leva um momento para se dar conta de que a pergunta foi para ela, e não para Ivy.

– Eu? – ela diz então. – Tá, pode ser.

Kiran pega Jane pelo pulso e a conduz, desviando cuidadosamente de Patrick.

– Vem – ela diz. – A pista de boliche deve ser o único lugar silencioso na casa inteira.

É claro que não há nada de silencioso em jogar bolas pesadas em uma pista de madeira. Mas a primeira batida no chão, o ruído profundo da bola rolando e o som agudo e plástico da explosão dos pinos pontuam o silêncio quase ininterrupto que se estende entre as duas.

Kiran anda com a bola, solta-a e marca um strike barulhento, então se vira com uma careta no rosto. Jane finalmente percebe que esse tempo toda ela

esteve brava. Desde que entrou na livraria do campus. *E imagine quão brava ficaria se descobrisse a verdade*, Jane pensa. *Faria um strike atrás do outro.*

Jane pega uma bola.

– O baile é logo mais – ela diz, esperando iniciar uma conversa.

– Talvez acabe com o tédio – Kiran diz.

– Você sempre vem para o baile?

– Quase sempre – Kiran diz. – Provavelmente compareço a três dos quatro por ano. É meio que uma tradição familiar. Octavian sempre me liga especialmente para convidar. Ou pelo menos era o que costumava fazer.

– Ele parou de ligar?

– Duvido que tenha feito uma ligação desde que minha madrasta foi embora. Está deprimido.

Jane vai até o limite da pista e solta a bola com um baque satisfatório. Ela assiste ao seu progresso indolente até os pinos, e seis deles caem.

– Você me disse que dessa vez foi Patrick quem te convidou.

– É – Kiran diz. – Com todo aquele papo vago sobre querer confessar alguma coisa.

– Ele ainda não disse nada.

– Nada – Kiran confirma.

A bola de Jane volta.

– O que acha que é?

– Quem sabe? – Kiran diz. – É típico, na verdade. A especialidade dele. Esperar que as pessoas leiam mentes. Consegue imaginar como é gostar de alguém assim? Alguém que não ajuda você a entendê-lo?

– Sim – Jane diz.

– O problema é que já vi um Patrick diferente – Kiran diz. – Dois ou três, na verdade. Que não são meu Patrick.

A segunda bola de Jane não pega nenhum pino.

– É, as pessoas têm vários lados.

– Meu Patrick é todo reservado – Kiran diz. – O que não faz sentido. – Mal esperando que os pinos sejam realinhados, ela lança sua bola e derruba todos. – Nem todos são reservados assim.

– Todos os homens, você quer dizer? – Jane pergunta, meio perdida.

– Todos os Patricks – Kiran diz. – Já vi um Patrick casado com uma Kiran. Eles são felizes juntos. Esse Patrick não é reservado. Perguntei a ela.

– Estou confusa – Jane diz. – Está falando de versões imaginárias de vocês

dois?

Kiran solta um suspiro curto e impaciente.

– É – ela diz. – Algo do tipo.

– Mas o Patrick real é reservado.

– Como eu nunca vi – Kiran diz. – É ridículo o tipo de pergunta que ele não responde. “O que você fez ontem à noite, Patrick?” “Por que está percorrendo a casa inteira vasculhando os armários com uma lanterna, Patrick?” “Onde você estava daquela vez que desapareceu por três dias, Patrick?” Tipo, eu respeito a privacidade dele. Mas não é que eu seja uma intrometida. Crescemos juntos. Somos amigos. Nem preciso saber! Confio que tem boas razões, para o que quer que esteja fazendo. Mas é difícil aceitar que Patrick não confia em mim.

Então Jane se dá conta de que isso é parte do que a machuca no que diz respeito a tia Magnolia. Não só o fato de ter mentido e escondido quem realmente era, mas de ter feito isso porque não confiava o bastante nela para contar.

Kiran daria uma boa espiã, Jane pensa depois.

O baile está a toda. Jane está na ponte do segundo andar, olhando para todas as pessoas arrumadas, com Kiran e Jasper ao seu lado de novo, só que agora Kiran usa um tomara que caia longo e vermelho que provavelmente custou um milhão de dólares. Ela usa brincos de diamante e uma corrente de ouro, que fica na altura da cavidade da garganta, com pingente de diamante. Jane nunca viu tantos diamantes juntos.

A própria Jane está usando um vestido cinza de caxemira de manga longa que pegou emprestado de Kiran e é diferente de tudo o que já vestiu. Tinha planejado usar uma regata dourada com uma calça roxa que a deixaria com a aparência de uma vovó da realeza ou um peixe tropical dos corais do Atlântico, carregando o guarda-chuva inspirado no casaco de sua tia. Queria que sua tatuagem ficasse à mostra, para que as pessoas perguntassem a respeito. Mas, se tia Magnolia tinha fingido ser outra pessoa, ela também podia.

No entanto, continua com as botas pretas, que são o que usa quando está brava.

A cena abaixo é como saída de um filme. Mulheres com vestidos longos

de todas as cores e homens de preto se reúnem, segurando drinques em taças de cristal, sorrindo e dando risada, abrindo e fechando rodinhas de tempos em tempos para incluir ou excluir alguém. Lucy St. George está lá embaixo, usando um vestido chocolate discreto e conversando com Phoebe Okada, que está deslumbrante de turquesa. É engraçado que Lucy às vezes se disfarce por causa de seu trabalho como investigadora particular, mas não tenha ideia da existência dos Espions Sans Frontières.

Perto delas, Ravi, que fica muito bem de preto, apoia um braço no ombro de Colin com um tipo de possessividade afetuosa, enquanto conversa com um casal que Jane não reconhece. Entre os outros convidados estão dois policiais comuns, dois agentes do FBI e um da Interpol. Estão todos formalmente vestidos, como os outros, mas Kiran, que os identifica instantaneamente, não parece achar o mesmo.

– E eu? – Jane pergunta.

Kiran dá um gole no seu drink e olha para Jane com uma expressão que a assusta, de tão carinhosa que parece.

– Você está vestida como os outros, com exceção das botas – ela diz. – É estranho ver você assim. Os policiais estão tentando se encaixar, mas usam sapatos baratos e falta certa elegância no caimento de suas roupas.

Kiran distingue os policiais comuns, os agentes do FBI e o homem da Interpol. É com os agentes do FBI que Ravi está conversando.

Uma mulher que Jane não reconhece entra pela porta da frente com Ivy, que lhe parece ser o motivo pelo qual vestidos pretos de festa foram inventados. Seu cabelo está preso em uma série de voltas e tranças complicadas que devem ter levado séculos para fazer, e seus óculos são o toque final perfeito. A mulher a seu lado está na faixa dos cinquenta, é pequena e comum. Usa um vestido cinza simples e carrega um guarda-chuva preto molhado. Ivy segura seu braço com delicadeza para conduzi-la pela multidão, guiando-a para a esquerda e para a direita.

Jane se imagina no lugar da mulher.

– Quem será essa com Ivy? – Kiran pergunta. – Não consigo saber pelas roupas. Mas é curioso que Ivy a esteja protegendo dos policiais.

– Quê? – Jane pergunta, imediatamente alarmada, menos porque provavelmente é verdade e mais porque não quer que Kiran note que Ivy está escondendo possíveis espiões da polícia.

– E está fazendo isso superbem – Kiran continua.

– Como assim? – Jane pergunta. – Ela não está fazendo isso.

– Olha só – Kiran diz.

Jane observa Ivy e sua companheira passando por Colin, Ravi e os agentes especiais. Ela não apenas se coloca entre eles e a mulher como também estica a mão com delicadeza e desloca Colin e consequentemente Ravi de modo que bloqueiam a visão dos outros dois. Colin olha em volta ligeiramente irritado, mas não parece compreender o que aconteceu ou que o tocou. Ivy e a mulher já estão fora de vista.

Em seguida, as duas passam pela porta que leva ao salão de baile. Então o agente da Interpol a segue. Antes que Jane perceba, está saindo da ponte, preocupada com Ivy.

Kiran a acompanha, sem perder um segundo.

– Vai a algum lugar? – ela pergunta, parecendo suspeita e interessada demais.

– Só dar uma volta – Jane garante, começando a descer as escadas.

– Vou com você.

É dizer o óbvio, já que Kiran está praticamente colada em Jane.

– Não precisa.

– Não? – ela pergunta em uma voz ameaçadora, então coloca a taça na bandeja de um garçom assustado, que tenta oferecer uma tortinha de carne. – É uma festa linda – Kiran lhe diz com um sorriso sereno, mas sem se deter.

Jasper se apressa para descer os degraus, tentando acompanhá-las.

Do salão de baile, as duas passam para a sala de jantar, onde os convidados se concentram em volta de montanhas de comida em que Jane mal repara, porque está procurando pela cabeça ligeiramente careca do agente da Interpol. Kiran pega seu pulso e a conduz para a cozinha. Lá está ele, passando pelo fogão e pela comprida mesa de madeira. Um bando de cozinheiros está preparando as comidinhas. Nenhum dos empregados fixos da casa está ali.

– Kiran, o que você está fazendo? – Jane pergunta.

O policial desaparece nas profundezas da cozinha, onde ficam o elevador de carga menor, a despensa e a porta para as escadas. Kiran o segue, contornando a geladeira e o freezer, ainda segurando o pulso de Jane, mas sem falar nada, com os saltos batendo no chão de lajota como tiros. Jane sente como se tivessem acabado de acertar uma baleia com um arpão.

Quando o alcançam, o agente da Interpol abriu a porta do elevador de

carga e enfiou a cabeça ali.

– Isso parece perigoso – diz Kiran para ele, animada, soltando o pulso de Jane. – Não queremos ser responsabilizados pelos ferimentos de um agente da Interpol. E se alguém mandasse algo para baixo enquanto sua cabeça está aí?

– Para cima, no caso – o policial diz, tirando a cabeça de lá e fechando a porta. Ele olha para Kiran e Jane com suspeitas. – O mecanismo está lá embaixo. O que tem lá? Ouvi um homem falando em algo que poderia ser bengali.

– Também ouvi – Kiran diz. – É um dos empregados: Patrick. Hoje é sábado, dia de bengali.

– Dia de bengali? – o agente pergunta, duvidando.

É um homem de pele clara com lábios tensos e sotaque francês. Ele fala inglês como se quisesse demonstrar o quanto odeia a língua.

– É assim que ele aprende – Kiran diz. – Patrick é bom com línguas. Às quartas, só fala alemão. Quer que o apresente? – ela diz, colocando a mão na maçaneta da porta animadamente. – Vamos descer para ajudar a trazer mais champanhe inglês.

– Espumante inglês – o homem diz, parecendo ligeiramente ofendido.

– Tem uma porta secreta no andar da adega que leva para uma masmorra secreta – Kiran acrescenta. – Acho que vai gostar, já que é uma construção de origem francesa.

– Sou belga – ele diz, irritado. – E não consigo pensar em nada mais tolo do que uma masmorra em uma construção americana com menos de cem anos. Essa casa é como um parque temático.

– Não quer ver mesmo? – Kiran pergunta. – É assustador.

Como uma última olhada para as botas de Jane, o agente da Interpol bufa e sai da cozinha.

– Já vai tarde – Kiran diz em seguida.

– Por que você o perseguiu?

– Essa porta está trancada – Kiran diz, tentando forçá-la. – Por que será?

– Patrick realmente sabe bengali e alemão?

– Ele sabe um pouco de bengali – ela diz, distraída.

O elevador zumbe e guincha.

Ela abre a porta.

No elevador, há um homem moreno sentado de pernas cruzadas, com

cabelo preto grosso e um terno preto refinado. Ele olha para Jane e Kiran completamente embasbacado enquanto sai de lá.

Kiran diz algumas palavras para acalmá-lo em uma língua que Jane não entende. O elevadorzinho continua subindo e o homem desaparece de vista.

– Você o conhece? – Jane pergunta.

– Nunca vi na vida – Kiran diz, fechando a porta do elevador de carga –, mas é o cara que o agente da Interpol achou ter ouvido falando bengali na adega. Porque ele é um babaca que não sabe a diferença entre bengali e árabe mesmo que um não tenha nada a ver com o outro.

– Você fala árabe?

– Fiz na faculdade.

– O que você disse a ele?

– Que não tivesse medo, porque seu esconderijo estava a salvo – Kiran explica.

Jane começa a ficar histérica.

– O que isso significa? Por que diria isso a alguém que nem conhece?

Ela dá de ombros.

– Pareceu a coisa certa na hora. Quer dizer, pensa a respeito. Se ele é do mal, não queremos que pense que estamos contra ele. Se for do bem, então é claro que não vamos falar nada sobre seu esconderijo.

– Kiran – Jane diz, enunciando cada sílaba –, você está brincando comigo?

– Ouça – ela diz –, não tenho a menor ideia do que está acontecendo nesta casa, mas acho que você está fingindo saber menos do que realmente sabe, e não gosto que mintam para mim.

O elevador de carga faz barulho de novo. Antes que Jane possa impedi-la, Kiran abre a porta. Ele passa com Patrick dentro, que segura um garotinho no colo com cabelo enrolado, olhos escuros e solenes, que parece ser do sul da Itália. É o irmão de Grace, Christopher Panzavecchia. Jane o reconhece do noticiário.

– Oi! – Christopher cumprimenta, animado.

Patrick olha para Kiran, desanimado, segurando uma arma na outra mão.

– Oi – Jane responde, porque é o que ele parece esperar, com seus olhinhos arregalados e alegres.

– Eu te amo – Patrick diz para Kiran, quase como se fosse uma pergunta, enquanto o elevador continua descendo.

– Vai pro inferno, Patrick – Kiran praticamente cospe.

Quando ele vai embora, ela bate a porta e continua segurando a maçaneta, irritada. O barulho do mecanismo se afasta até parar.

– Filho da mãe – Kiran diz. – Desgraçado. Ele me ama? Está no meu elevador de carga com uma arma e um dos filhos do Panzavecchia, procurado tanto pela máfia como pela polícia! Vai se ferrar, Patrick!

– Ai, meu Deus – Jane diz, porque a culpa é sua. Foi ela quem começou a seguir o agente da Interpol e fez Kiran ficar cada vez mais desconfiada. Foi por causa dela que Kiran viu o que acabou de ver. – Ai, meu Deus.

– Coragem! – Kiran diz, pondo a mão no ombro de Jane.

– Coragem? – Jane grita, incrédula.

– É até engraçado, vai. Você não acha? Patrick me convidou para vir. Queria confessar alguma coisa. Hahaha! – Kiran começa a ofegar, depois segura a barriga e explode em uma gargalhada. Ela enxuga as lágrimas cuidadosamente com o dedinho, para o rímel não escorrer. – Ai, ai – ela diz, se recuperando. – Pelo menos agora sabemos que o árabe era do bem.

– Sabemos?

– Bom, Patrick é – Kiran diz. – Então imagino que qualquer outra pessoa usando o elevador também seja.

– Sério? – Jane pergunta, confusa.

– Quer dizer, estou furiosa – Kiran diz, se endireitando e esquecendo a graça da coisa. O elevador chia e zumbe de novo. – Nunca mais quero olhar na cara dele. As coisas que eu contei, a maneira como confiei nele. E eu estava certa, sempre soube que tinha alguma coisa estranha. Mas tenho certeza de que ele tem um bom motivo para estar no elevador com uma criança e uma arma.

– Acho que tem mesmo – Jane diz, baixo.

O elevador para de se mover. Kiran abre a porta. Tem um bilhete dentro dele.

Kiran, entra, diz.

– A letra é da sra. Vanders – Kiran diz, já entrando no elevador. – Estou me sentindo em *Alice no País das Maravilhas*. Para onde acha que vamos?

– Não sei – Jane diz. – O sótão oeste? Os aposentos dos empregados? A masmorra?

– Não tem masmorra nenhuma – Kiran diz. – Inventei essa história para me livrar do babaca da Interpol.

– Você é boa nisso – Jane diz, impressionada.

– Sou? – Kiran aparenta tranquilidade sentada no elevador, com seu vestido de festa vermelho, diamantes brilhando no pescoço e nas orelhas, abraçando as pernas. – Acho que é a primeira vez que me divirto desde que cheguei a esta maldita ilha.

Alguém em algum lugar na rota do elevador bate metal com metal – talvez uma arma – duas vezes. Kiran verifica se todos os seus dedos estão protegidos, então bate duas vezes na parede, impassível, como se fosse do conhecimento geral o que alguém deve fazer nessa situação. O elevador começa a subir.

– Me encontra lá em cima – ela diz –, se quiser. A menos que esteja envolvida em alguma missão secreta.

Jane fica sozinha na cozinha, olhando para os cabos se movendo no espaço vazio, tentando encaixar peças quadradas em buracos redondos. *Foi por isso que tia Magnolia se tornou espiã? Porque é divertido? Como Kiran pode ter visto isso e achado graça?* Jane esfrega as têmporas, desejando poder se retirar de toda aquela confusão.

Então Jasper aparece entre suas pernas.

– Bom – ela diz –, independente do que esteja acontecendo, pelo menos conseguimos tirar o agente da Interpol da cola de Ivy. O que me diz? Vamos voltar para a festa e ver se conseguimos controlar os danos?

De volta ao salão de baile, ela encontra o mesmo árabe tomando um drinque e sendo absolutamente charmoso com um grupo de convidados. Jane conclui que ele deve mesmo ser do bem, se a sra. Vanders o deixa usar o elevador, mas, de qualquer maneira, o evita. Ao passar pelo hall de entrada com Jasper, ela localiza uma figura familiar: Jin-hoon, o “faxineiro” sul-coreano, que penteou o cabelo para trás e usa óculos e traje formal. Jane quase não o reconhece, de tão elegante e discreto. Ele sobe a escada leste com tranquilidade, sem nenhuma pressa, e não a vê.

Jane vai depressa para a escada oeste e começa a subir, tão rápido quanto consegue sem chamar atenção desnecessariamente. *Por que eu continuo fazendo isso?*, ela se pergunta, exasperada. *Por que me envolvo?* Jasper a segue. Eles às vezes passam por convidados no caminho, que parecem vir de todas as partes da casa. Jane imagina que deve ser comum nessas festas que passem pelos andares superiores para ver as obras. Não é à toa que pessoas se esgueiram pela casa sem levantar suspeitas.

Ela está ofegante quando chega ao terceiro andar. Do lado de fora dos

aposentos dos empregados, recupera o fôlego, sem ter ideia de para onde ir. E se esse for o destino final de Ji-hoon e Jane chegou antes dele? Como detê-lo? Declamando poesia e esperando que ele se junte a ela? Ivy a alertou de que ele é perigoso, tem uma arma. E onde está Jasper?

A porta dos aposentos dos criados abre e Phoebe Okada surge, com seu vestido turquesa balançando lindamente e a maquiagem esfumada impecável.

– Adoraria saber o que acha que está fazendo – ela diz.

– Phoebe, Ji-hoon está vindo.

De forma totalmente casual Phoebe tira uma arma da saia do vestido.

– Não vá ter um ataque agora – ela diz. – Estamos no rastro dele. Agora você precisa ir, isso não é para crianças. Vá para o seu quarto e fique lá.

A porta se abre de novo e Ivy aparece. Ela pega o braço de Jane.

– Espera – Jane diz, sem pensar, esperando pelo cachorro, que aparece no mesmo instante e vai até elas, sem fôlego.

Ela fica impressionada. Deve ter sido um esforço heroico para subir o último lance de escada.

– Rápido – Ivy diz, entrando com Jane e Jasper nos aposentos dos empregados.

– Aonde vamos? – Jane pergunta.

– Sair do caminho.

É uma resposta humilhante, vinda de Ivy. *Sou como Ravi quando era pequeno*, Jane pensa, *“ajudando” na preparação do baile.*

– A sra. Vanders está brava com Kiran? – ela pergunta.

Ivy lança um olhar cuidadoso para ela, como se tentasse avaliar se está do seu lado ou não no momento.

– Ela vive mudando de ideia sobre contar a verdade para Kiran – Ivy explica. – Acha que ela seria muito boa no trabalho.

– Seria mesmo – Jane diz, segura.

– Estou aliviada por ela finalmente saber – Ivy continua. – Tem sido um inferno para Patrick.

Por um momento, o cérebro de Jane se embaralha. Ivy a conduz depressa, e ela nota que está prendendo a respiração.

– Podemos parar um segundo? – Jane pede.

– Claro – Ivy diz, imediatamente preocupada. – Tudo bem?

É impossível respirar consciente e profundamente sem pensar em uma água-viva. Jane tenta se concentrar em um elevador, dentro de seu corpo, o ar

subindo e descendo. Seu corpo é um microcosmo da casa. O corredor é o caminho para... para alguma coisa. O próximo passo, seja lá o que for acontecer com Jane nessa noite.

– Por que confio em você? – ela pergunta.

– Não sei – Ivy diz. – Mas também confio em você. E tenho tentado imaginar como seria descobrir que minha tia, que me criou, era uma agente. Está lidando tão bem com isso. Eu ficaria furiosa.

– Você não tem ideia.

Ivy hesita.

– Acho – ela diz com cuidado – que você devia contar tudo o que sabe para a sra. Vanders. Todos os detalhes, independente do que sejam. Talvez não ajude na hora, mas venha a ajudar mais para a frente.

Jane abandona a metáfora do elevador. Uma lágrima escorre por seu rosto. Ivy segura sua mão.

Tia Magnolia?, Jane pensa, então lembra com tristeza que não está mais falando com ela.

– Vamos para o sótão – Ivy diz. – Você vai ficar segura lá.

No sótão oeste, Jane encontra Kiran e a sra. Vanders em cantos oposto de uma mesa comprida, discutindo.

– Entende que faz mais de cem anos? – a sra. Vanders diz, exasperada.

– E daí?

– A primeira governanta de Tu Reviens tinha um filho. Ele se envolveu na Guerra Hispano-Americana e se tornou um agente. Então se apaixonou por uma agente cubana.

– Que romântico – Kiran diz, cáustica.

– Os dois acabaram morrendo.

– Claro, ou não seria tão romântico.

– Eles eram os avós do meu marido – a sra. Vanders explica. – Depois disso, a Espions Sans Frontières abordou a bisavó dele, a governanta, sobre a possibilidade de usar secretamente a casa. Considerando que essa organização poderia ter salvo a vida de seu filho, pode culpar a mulher por ter concordado?

– Concordado em mentir para meu trisavô, que confiava nela? – Kiran pergunta. – Concordado em colocar todo mundo em uma casa que não era

dela em perigo, geração após geração? Em responsabilizar a família?

Outra disputa, que está sendo travada atrás de Kiran, acaba evoluindo para algo que os outros não podem ignorar. É uma briga entre Patrick e Grace Panzavecchia, que se recusa a entrar no elevador.

– Por que não me obriga? – a menina grita. – Por que não me dá *outra* injeção de metohexital? Eu te odeio!

– Eu sei que odeia, Grace – Patrick diz, tranquilo –, mas Christopher está lá embaixo sozinho com Cook.

– Porque você o levou lá!

– Sim, e sei que não é justo – Patrick concorda. – Agora me diga: prefere ficar acordada para tomar conta do seu irmão ou quer ir dormindo?

– Eu te odeio! – Grace grita. – Você acabou com a minha vida! Deixou Edward Jenner para trás!

Ivy puxa uma cadeira à mesa para Jane sentar. Ela obedece, como se anestesiada, e Jasper se acomoda a seus pés. Então Ivy vai até a ponta da mesa e começa a embrulhar algo em plástico-bolha. Jane reconhece vagamente o Brancusi completo, uma peça de mármore elíptica e achatada – o peixe perdido – sobre um pedestal. Ivy é extremamente cuidadosa, como se estivesse engessando um braço quebrado. O peixe é claro e suave, com aparência óssea. Observá-lo acalma Jane.

– A decisão é sua, Grace – Patrick insiste, calmo. – Acordada ou dormindo?

– A decisão não é minha! – a menina retruca. – Não decidi sair de casa! Não decidi deixar Edward Jenner para trás!

– É verdade – Ivy diz, baixo. – O mínimo que poderíamos ter feito era trazer Edward Jenner.

– Ivy – diz a sra. Vanders, cortante. – Já chega.

– Certo – Kiran diz. – Eu desisto. Edward Jenner não é o cara que desenvolveu a vacina contra a varíola? Tipo, há duzentos anos?

– Edward Jenner... – Patrick começa a explicar.

– Não estou falando com você – Kiran diz entredentes, sem nem olhar para ele.

– É o cachorro – Jane compreende.

A sra. Vanders pigarreia.

– Sim. Quando Ivy, Patrick e Cook pegaram as crianças na escola e no parque, o cachorro estava em casa. Ele ficou para trás.

– Vocês deixaram meu cachorro sozinho em casa – Grace diz. – Agora ele deve estar morando com gente malvada, com desconhecidos. É um pastor--alemão! Isso significa que tem uma pré-disposição genética a mielopatia degenerativa. Quem vai cuidar dele?

Grace chora, apertando os punhos, o corpinho tomado pela fúria e pelo desespero. Jane reconhece algo em seus olhos. Ela também foi traída.

– Por que isso é necessário? – Jane se ouve perguntando com indignação. – Ela só tem oito anos!

Com um suspiro, a sra. Vanders puxa uma cadeira e se joga nela.

– Porque ela está em perigo. Só queremos ajudar.

– Mas não meu cachorro! – Grace diz. – Vocês não têm nenhuma intenção de ajudar meu cachorro! Odeio meus pais! Eles me deram um diurético para que eu tivesse que ir ao banheiro e vocês pudessem me pegar! Que tipo de pais droga a própria filha? Vocês me sequestraram!

– Christopher está lá embaixo sozinho – Patrick a lembra.

– Eu te odeio!

Jasper se agita aos pés de Jane. Ele sai de debaixo da mesa, cheio de intenção, então dá alguns passos até estar na frente de Grace.

– Esse não é Edward Jenner! – ela diz. – É o cachorro mais idiota que eu já vi! Qual é o problema com as patas dele?

Grace se abaixa e estica os braços. Jasper sobe em seu colo e ela faz uma careta, porque ele é pesado. Então o abraça, enfia o rosto em seu pescoço e começa a chorar. Jane sente orgulho de Jasper, que provavelmente é o adulto mais sensato no sótão.

– Nunca – Ivy murmura da ponta da mesa –, nunca mais vou me envolver em algo assim.

Sua atenção agora está voltada para um quadro de um homem que usa uma boina com pena. É o Rembrandt que Jane viu no primeiro dia na casa, apoiado à mesa na sala de restauração da sra. Vanders. É grande e parece pesado. Ivy se esforça para movê-lo.

Grace afasta o rosto de Jasper e grita:

– Qualquer dia vou matar todos vocês!

– É a última vez que eu pergunto, Grace – Patrick diz. – Quer ir acordada ou dormindo no elevador?

Patrick continua calmo, como se pedisse que ela escolhesse entre brócolis e ervilha como acompanhamento no jantar.

– Ela não vai ficar quieta – Ivy diz. – Quer que o elevador passe pelos convidados que estão vendo as obras no segundo andar com alguém gritando lá dentro?

– Não – Patrick diz. – Por isso, a menos que você fique quietinha o tempo todo, Grace, Cook vai ter que te botar para dormir no momento em que chegar na adega, e Christopher vai ter que te ver assim.

A menina agora parece estranhamente calma.

– Um dia, vou matar todos vocês – ela diz. Então acrescenta para Patrick: – Começando por você.

– Um dia – Patrick diz, suprimindo um suspiro –, você vai olhar para toda essa experiência e se surpreender com quanto espaço demos pra você, considerando as circunstâncias.

Ivy solta um ruído baixo de desdém que faz a sra. Vanders dirigir sua expressão ultrajada com toda a força a ela.

– Ivy – ela diz –, estamos plenamente conscientes da sua insatisfação e acostumados com sua petulância infantil. Mas a central não vai ser tão paciente. Se espera um tratamento justo durante sua entrevista de saída em Genebra, vai ter que controlar sua presunção e seu sarcasmo.

Ivy nem responde, só olha para o Rembrandt como se desejasse atirá-lo no chão. Ela só suspira, passa o dedo delicadamente sobre a extremidade superior e o coloca dentro de um saco de tecido delicado. Em seguida vem o maior plástico tipo zip que Jane já viu.

– Quero meu irmão – Grace diz.

– Está decidida? – Patrick pergunta.

Ela faz uma pausa.

– Eu vou se puder levar o cachorro junto – Grace diz.

– Em silêncio? – Patrick pergunta.

– Eu vou ficar quieta, mas não posso fazer nada se o cachorro começar a latir.

– E por que latiria? Você vai beliscar o cachorro? – Patrick pergunta.

– É claro que você pensaria isso – Grace diz, com o mais puro desgosto. – Acha que eu beliscaria um cachorro porque faz isso todo dia, só pela diversão.

– Está bem – Patrick concorda, gesticulando cansado para o elevador. – Entra.

– O cachorro primeiro – Grace diz.

– Acha que vou enganar você e te mandar sem o cachorro?

– Acho.

Patrick dá uma risada rápida e depois se segura. Ele se agacha para pegar Jasper. Quando está acomodado no elevador, parecendo um estranho objeto decorativo, Grace entra também. Ela o segura e lança a Patrick um último olhar de desprezo.

– Boa sorte – ele diz, então fecha o elevador.

Patrick move os cabos ao lado por algum tempo, depois diminui o ritmo e para. Então apoia as costas na porta, fecha os olhos e solta um longo suspiro.

– Amo essa menina – ele diz.

– Ah, é? – Kiran diz sem olhar para ele. – Isso explica por que foi tão horrível com ela.

Uma amargura surpresa faz a boca de Patrick se contorcer.

– Enquanto você sempre foi ótima comigo – ele diz. – Como está seu namorado rico?

– Não vem fingir que isso é uma conversa – Kiran diz. – Pelo menos você sabe tudo sobre mim.

– Kiran – a sra. Vanders diz. – Já faz tempo que Patrick quer contar tudo a você. Eu e meu marido o proibimos de fazer isso, porque envolvia muitas outras pessoas além dele.

– Minha mãe também me proibiu de contar os segredos *dela* – Kiran diz, agitada. – Mas adivinha para quem eu contei mesmo assim: Patrick.

– Não vamos entrar nos segredos da sua mãe – diz a sra. Vanders.

– E quer saber por quê? – Kiran continua. – Porque eu confiava nele. Porque queria que *me conhecesse*, que soubesse os lugares onde estive.

A sra. Vanders se levanta tão depressa que sua cadeira arrasta no chão.

– Proíbo qualquer comentário sobre sua mãe e a *mágica* dela nesta sala – ela diz em uma voz que ecoa dentro de Jane. – Estamos tentando fazer um trabalho bem-intencionado, simples e natural aqui.

– Ai, meu Deus – Kiran diz, parecendo exausta de repente. Ela puxa uma cadeira e se joga nela também, esfregando o rosto. – Você ouviu o que disse, Vanny? Minha mãe não é uma bruxa. Ela é uma cientista.

Jane não entende esse novo assunto, mas pouco se importa. Só observa Ivy colocar o Brancusi e depois o Rembrandt em caixas de madeira.

A sra. Vanders senta-se de novo, une as mãos e olha com uma expressão severa para Kiran.

– Posso explicar tudo, desde que você jure que não vai mais falar da sua mãe.

– Tá bom! – Kiran diz, com um gesto impaciente. – Eu juro! Minha nossa!

– Muito bem – a sra. Vanders diz. – Victoria e Giuseppe Panzavecchia são microbiólogos.

– Sei disso. E aparentemente também são agentes secretos.

– Não são, não – a sra. Vanders explica. – São prestadores de serviços. Estavam trabalhando com o apoio de uma bolsa especial de pesquisa e desenvolvimento da CIA para descobrir se é possível desenvolver uma cepa de varíola de contágio imediato cujos sintomas só se manifestem mais para a frente.

Kiran congela, então fala em um tom de puro desgosto.

– Ou seja, uma espécie de varíola que não fosse reconhecida como tal até que já estivesse amplamente disseminada.

– Exatamente – diz a sra. Vanders. – Eles foram contratados para fazer experiências com formas de varíola que poderiam ser usadas como armas biológicas efetivas.

– Esse é o seu trabalho bem-intencionado, simples e *natural*? Varíola geneticamente modificada?

– Caso você esteja se perguntando por que quero sair... – Ivy murmura da ponta da mesa, onde despeja uma avalanche de flocos de isopor na caixa do Brancusi. Eles fazem um leve tilintar, como gelo. Patrick anda até ela e junta os que caíram no chão, esmagando-os com as botas em seguida.

– Não trabalhamos com armas biológicas – a sra. Vanders argumenta. – E achamos que a CIA não faz essas experiências com a intenção de usar a arma, mas de estar preparada caso um inimigo desenvolva a mesma cepa e a use para atacar o país.

– Ah, claro. Nunca ouvi essa desculpa antes! – Kiran praticamente grita.

– Pode pensar o que quiser. As intenções deles não importam para os Espiões Sans Frontières. Não tomamos partidos.

– Ou seja, são apenas cúmplices.

– Algumas semanas atrás – a sra. Vanders continua, ignorando o comentário –, Giuseppe e Victoria fizeram um grande avanço. Descobriram algo inesperado, não sei como. Mas o resultado foi justamente o motivo pelo qual eles foram contratados para desenvolver: uma cepa de varíola que se espalha muito antes que o hospedeiro suspeite do que tem. Então uma coisa

estranha e uma coisa terrível aconteceram. A estranha foi que, depois que informaram ao diretor de pesquisa da CIA que tinham sido bem-sucedidos, ele manifestou *outra* variedade experimental de varíola, do tipo oposto, cujos sintomas se manifestam muito rapidamente. O homem morreu cerca de uma semana depois, e “Caso de varíola em Nova York” se tornou manchete em todos os jornais.

– Essa é a coisa *estranha*? – Jane pergunta, anestesiada. – O que é a coisa *terrível* então?

– Espera aí – Kiran diz. – Ouvi falar no cara com varíola, claro, mas não que era de um tipo experimental. Disseram que era um doido que trabalhava para a Organização Mundial da Saúde e invadiu o laboratório do Centro de Controle e Prevenção de Doenças em Atlanta, que alegaram – a voz dela vai ficando mais dura – ser o único lugar no mundo em que o vírus da varíola é mantido, além de um laboratório na Rússia. – Então ela conclui em uma voz quase estridente. – A varíola não deveria mais ser um perigo em nenhum lugar do mundo.

– Pode dar seu chique, Kiran, mas depois volte à razão – a sra. Vanders diz. – Seu irmão sempre viu o mundo em cor-de-rosa, mas você nunca foi ingênua.

– Como o cara pegou varíola? – Kiran pergunta.

– Não sabemos – a sra. Vanders garante. – Ele certamente nunca invadiu nenhum laboratório em Atlanta. Os Panzavecchia acreditam que foi infectado com uma cepa que mantinham em seu laboratório em Nova York, o que significa que alguém teve acesso a algo que ninguém, além deles e de algumas pessoas conectadas à CIA, deveria ter. O que indica a existência de um traidor.

– Certo – Kiran diz. – *Por que* o cara pegou varíola?

– É outra coisa que não sabemos – diz a sra. Vanders. – Mas achamos que pode ter sido infectado como um recado para os Estados Unidos.

– E qual é o recado? – Kiran pergunta.

– “Sabemos o que estão fazendo” – a sra. Vanders diz. – “Podemos entrar em qualquer lugar. Estamos um passo à frente de vocês, não há como se proteger, e muito obrigada por ter inventado todas essas variedades de varíola.”

– Tá, isso é assustador – Kiran diz. – Mas por que infectar o cara com uma variedade aleatória? Por que não a cepa bem-sucedida?

– Por dois motivos – a sra. Vanders explica. – Primeiro: a variedade escolhida provavelmente não causaria uma epidemia. É um recado, não uma declaração de guerra, entende? O homem suspeitou quase de imediato da doença que tinha. Entrou em quarentena por conta própria. Ligou para o hospital, mandou fotos da pele e da boca, e inventou a versão do Centro de Controle e Prevenção de Doenças para que só médicos e enfermeiros vacinados tivessem contato com ele. Segundo: a nova cepa dos Panzavecchia não estava disponível, porque, assim que se deram conta do que tinham, ficaram com medo. Eles a levaram para casa com todas as suas anotações, onde poderiam controlar quem teria acesso a ela. O que nos leva à coisa terrível.

– Para casa? – Kiran grita. – Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Por favor, me diga que o bebê não está com varíola.

– É claro que não – a sra. Vanders diz. – O que acha que fizeram, colocaram os frascos no berço dele? Leo está com catapora.

– Como você sabe?

– Porque um dos primos de Grace, que foi à sua festa de aniversário há duas semanas, tinha. Não se preocupe com ele. A Espions Sans Frontières designou um *médico* para ele.

– Philip Okada – Jane diz, sem emoção.

– Philip Okada? – Kiran repete. – Ele é um espião?

– Ele é um médico – a sra. Vanders diz –, e um agente britânico que está nos ajudando. Não um espião. Você precisa parar de usar essas palavras levemente. No nosso círculo, “espião” é um termo depreciativo.

– Ah, desculpe pela lacuna na minha educação, mas bem que poderia ter me ensinado o vocabulário correto. Enfim, o que é a coisa terrível?

– Tem a ver com Grace – diz a sra. Vanders.

– Grace? – Kiran repete. – Obviamente ela não tem varíola, ou não estaria nesta casa.

– Por que essa obsessão de que alguém tem varíola?

– Por que você deixou claro que alguém pode ter! – Kiran retruca. – Podemos estar todos doentes amanhã!

– Ah, tudo pode acontecer até amanhã! – diz a sra. Vanders. – Se não consegue lidar com todas as coisas horríveis que estão prestes a acontecer, esse não é o trabalho certo para você!

– E quem disse que era? – Kiran diz. – Puta merda, Vanny!

A mulher a olha com sua distinta expressão agressiva e enigmática. Kiran retribui. Jane não tem ideia de onde as pessoas tiram tanta energia.

– Grace não está com varíola – a sra. Vanders diz. – O problema dela é que ela é uma enxerida extraordinariamente habilidosa com técnicas mnemônicas.

– Está me dizendo que Grace encontrou as anotações da varíola que poderia ser usada como arma e agora poderia fazer uma leva de cabeça?

A sra. Vanders parece quase satisfeita.

– Muito bem, Kiran – ela diz. – Mas, na verdade, ela não poderia fazer isso sozinha. As anotações estavam cifradas e continham fórmulas e instruções que Grace não tem como entender. Mas é possível que passe trechos para alguém, que poderia deduzir o resto por conta própria.

– E, de alguma maneira, descobriram que Grace sabe – Kiran diz. – Então precisam dela.

– Exato. Grace pode não entender a informação que memorizou, mas é inteligente o bastante para saber quando seus pais estão preocupados e mentindo. Isso a deixa irritada, e ela bisbilhota e desobedece como que para compensar. Os pais a proibiram de falar sobre o assunto, mas Grace não parava de tagarelar, mesmo quando havia desconhecidos na casa. Àquela altura, o diretor de pesquisa foi infectado e Victoria e Giuseppe ficaram aterrorizados. Esconderam os detalhes de sua descoberta de todos, até dos agentes da CIA que começaram a aparecer à sua porta. Destruíram os registros digitais com a ajuda de Ivy. Queimaram papéis e destruíram a cepa. Disseram à CIA que não tinham intenção de compartilhar os resultados com ninguém, porque não podiam saber em quem confiar.

– E agora estão na lista negra da CIA? – Kiran arrisca. – Como desconformidades? Agentes rebelados?

Mais uma vez, a sra. Vanders fica satisfeita com as conclusões de Kiran. Jane está quase pegando raiva dela. O que há de bom em todo esse horror?

– De modo geral, sim – a sra. Vanders diz. – A CIA está furiosa. Tomou a decisão de forçar Victoria e Giuseppe a entregar sua pesquisa e tratar os dois como ameaças se não colaborarem. Nesse meio-tempo, o interesse de outros foi despertado.

– Em Victoria, Giuseppe e Grace – Kiran diz.

– A essa altura – a sra. Vanders explica – é impossível saber de quem precisam ser protegidos. Mas é fato que precisam ser protegidos, e Grace,

sendo uma criança, é quem corre o maior risco.

– Acho que a lição aqui é: quando alguém te oferece um trabalho criando variedades poderosas de varíola, recuse – Kiran diz.

– Muito engraçado – a sra. Vanders comenta.

– Eu não estava brincando – Kiran diz. – E o roubo do banco?

– Eles só fizeram isso para plantar a história da máfia. Se alguém com sobrenome italiano faz algo de errado e depois desaparece, a palavra “máfia” surge imediatamente e todo mundo se interessa pelo assunto, mas ninguém corre atrás da verdade. Não é muito justo com os italianos, mas funciona.

– Isso é ridículo. Nem a polícia?

– Temos alguns amigos na polícia – a sra. Vanders diz. – Na imprensa também. E o mais importante: na máfia.

– Que ótimo – Kiran diz. – Adoraria que Ravi estivesse ouvindo tudo isso. Ele ia se sentir tão mais próximo de sua querida Vanny.

– Ravi não daria conta disso – a mulher diz. – Mas acho que você dá.

– Ele não tem ideia mesmo? – Kiran pergunta. – Nem Octavian? É sério?

– Nem Octavian, nem Ravi, nem sua mãe. Você é a única Thrash que já ouviu algo sobre o assunto, Kiran. Isso é só seu.

– É uma escolha interessante de palavras.

– Já teve algo que era só seu?

Kiran considera isso, então lança um olhar cortante para Patrick. Ele endurece a boca, insolente.

– Ainda bem que peguei Patrick no pulo – Kiran diz.

– Isso nos obrigou a falar – a sra. Vanders diz. – Mas monitoramos o elevador com câmeras. Sabemos se o caminho está livre. Não teria deixado acontecer se não estivesse disposta a lidar com as consequências. Já sabe por quê?

O silêncio paira no ar. Finalmente, Kiran cruza os braços.

– O que mais vocês fazem?

– Uma porção de coisas – a sra. Vanders diz. – A casa é um ponto de encontro neutro entre lados opostos, principalmente durante os bailes. Ajudamos agentes acusados a encontrar representação. E o sr. Vanders é psicólogo. O homem que você viu no elevador estava saindo de uma sessão.

– Terapia de espiões?

– Pare de usar esse termo – a sra. Vanders diz. – Mas é claro que consegue ver a necessidade de um psicólogo. Nossos clientes vivem sob muita pressão.

– E desde quando o sr. Vanders fala árabe?
– Árabe, farsi, alemão, francês, espanhol, italiano, mandarim e coreano – a sra. Vanders diz.

– Não acredito em você.

– E por que não falaria? – a sra. Vanders pergunta, como se afrontada. – Ele é um psicólogo muito procurado.

Kiran começa a rir.

– Me ofende que ache graça nisso – a mulher diz.

Mas Kiran se sacode de tanto rir. Lágrimas correm pelo seu rosto.

– Eu não acho. Consigo até visualizar. Ele está sempre me dizendo coisas profundas e me olha como se tivesse me diagnosticado com alguma coisa. É só que... – Ela faz uma pausa para outra gargalhada. – É engraçado! Não aguento! O sr. Vanders é psicólogo de espões. Ai, meu Deus, talvez eu só esteja em choque. – Kiran respira fundo e enxuga o rosto. – Então – ela continua. – Vai me explicar por que Ivy está embalando o Rembrandt e o Brancusi desaparecido?

A sra. Vanders suspira.

– Você não vai gostar dessa parte.

– Mas o resto foi tão agradável!

– É uma questão de equilíbrio, poder e pagamento por serviços – a sra. Vanders explica.

As sobancelhas de Kiran se erguem até a linha dos cabelos. Jane não precisa escutar, porque já sabe dessa parte. Do outro lado da mesa, Patrick agora ajuda Ivy a colocar um coldre por baixo do vestido e depois vestir um sobretudo preto. Onde ela vai?

– Vocês roubam nossas obras! – Kiran diz. – Repetidas vezes! Ah, se Ravi soubesse...

– Só *pegamos emprestado* – a sra. Vanders diz, mas nem soa como se esperasse que alguém acreditasse nela.

– E mentiu sobre sua formação! – Kiran diz. – Toda a coisa de limpeza e restauração! Sei que disse a Ravi que tinha pego o Rembrandt para limpar. Ele me contou!

– Não menti! – a sra. Vanders diz. – Me importo com as obras, e muito! Eu as limpo e estudo. Sempre as recupero! Levo seu estado e sua autenticidade em consideração com muita seriedade e estou comprometida com a restituição cultural!

– Ah, me poupe – Kiran diz. – Se é assim, por que separou o Brancusi?

– Foi Grace – Patrick diz, orgulhoso.

– Sim – a sra. Vanders confirma. – A garota é um desafio constante. Estamos transportando a família aos poucos, com a participação de diferentes colaboradores. Primeiro, Victoria, depois Giuseppe, então Leo com Philip Okada. Grace, sendo a enxerida que é, descobriu que precisávamos do Brancusi para pagar pelo seu deslocamento. Ela tem oito anos, é genial e só quer ir para casa. Então, uma noite, fugiu de Cook, que é quem tem cuidado deles, além de negociar os transportes. O coitadinho está exausto. Grace roubou a escultura e a escondeu. Então, quando reagimos com uma busca calma e sistemática em vez de entrar em pânico como ela pretendia, arrancou o peixe, enterrou no jardim e devolveu o pedestal ao hall de entrada. O que certamente teve efeito. Achei que minha cabeça fosse explodir quando Ravi me mostrou a base vazia. Tenho até medo de pensar no que ela teria feito em seguida se ele não fosse tão exagerado.

– Acho que teria acertado com um martelo e jogado os restos na fonte – Patrick diz.

– Não tenho certeza disso – a sra. Vanders diz, estudando-o com cuidado.
– Acho que ela sabe muito bem qual é o limite, e só quer ficar com a família. É uma forma de protesto.

– E o Vermeer? – Jane pergunta.

– Sim, o que vão fazer com o Vermeer? Ele é inestimável pra gente – Kiran diz.

– O Vermeer foi mesmo roubado – a sra. Vanders afirma.

Kiran solta uma risadinha.

– Está brincando?

– Queria muito estar – a sra. Vanders diz –, mas não. Alguém nesta casa roubou a tela e a substituiu por uma cópia perfeita.

– Nossa – Kiran diz, ainda rindo. – E Ravi encheu a casa com policiais e agentes do FBI e da Interpol bem na noite em que estão tentando tirar Grace, Christopher, o Rembrandt e o Brancusi daqui.

– É – a sra. Vanders diz, sem parecer particularmente preocupada. – Até Christopher conseguiu escapar de Cook algumas vezes, o que é bastante assustador em uma casa com piscina. Ele tem só dois anos!

– E as pessoas estavam começando a notar os acessos de choro – Patrick diz. – “Tem algo errado com o encanamento? Ou com a circulação de ar?”

Kiran os olha atentamente.

– Isso é normal então? – ela pergunta. – Esse nível de drama.

A sra. Vanders aperta os lábios e dá de ombros.

– Acho que sim. Todo mundo com quem lidamos está bastante convicto.

Patrick passou um cordão em volta da caixa com o Rembrandt e a está levando até o elevador de carga maior. Ele abre a porta e volta para pegar a caixa com o Brancusi. Sem intenção, os olhos de Jane encontram os de Ivy.

– Falo bengali e um pouco de híndi – diz Kiran. – Além de francês, italiano, espanhol, árabe e rudimentos de hebraico. Ninguém sabe de que etnia sou.

– Sim – a sra. Vanders diz. – Sabemos disso.

– Esse trabalho deve dar uma visão abrangente e impressionante de como os diferentes países trabalham – Kiran diz.

– É verdade – a mulher confirma. – Mas agora é hora de você voltar à festa, Kiran. As pessoas devem estar se perguntando o que aconteceu com a anfitriã.

Patrick está parado diante do elevador de carga, tendo mandado as duas caixas sozinhas para algum lugar. Então vai até o elevador menor e se vira para Ivy, que coloca uma mochila grande nas costas. Ela tira uma máscara do bolso do casaco e coloca em cima da cabeça. Seu rosto desaparece.

Jane se aproxima.

– Aonde você vai?

– Tem um alçapão escondido na adega – Ivy diz. – Leva para um túnel que termina numa baía escondida do outro lado da ilha. Eles vão pegar as crianças e as obras ali. Cook, Grace e Christopher estão me esperando lá embaixo. Vou com eles.

– Até onde?

– Até os pais. E de lá vou pra Genebra.

– Você vai ficar bem?

Ivy considera a questão, então assente.

– E você?

Jane também considera a questão e dá de ombros.

Ivy pega suas mãos e as solta em seguida, para entrar no elevador menor. Jane se volta para Kiran. É como se seus braços e pernas fossem feitos de cimento úmido. A sra. Vanders a encara e diz:

– Quando você era mais nova, sua tia era exatamente como pensava.

Tirava fotos de animais debaixo d'água e estudava ecologia marinha. Só isso.

– A tia dela? – Kiran pergunta. – Magnolia? Do que você está falando agora? Ela não... Ah. – Kiran se dá conta. – Ela era, não era? Meu Deus.

– Então, um dia, encontrou os destroços de um submarino – a sra. Vanders conta –, escondido em uma caverna no fundo do Pacífico.

De canto de olho, Jane vê Patrick fechando a porta do elevador menor e puxando os cabos.

Kiran toca o braço dela com delicadeza, bem onde, por baixo do vestido, os tentáculos da água-viva chegam ao cotovelo.

– Era um submarino norte-coreano – a sra. Vanders diz. – O Pentágono, a Coreia do Norte e outros países tinham seus próprios mergulhadores procurando por ele em toda parte, mas quem o encontrou foi Magnolia, por acidente.

A mão de Kiran sobre a tatuagem de Jane é reconfortante.

– Ela estava em um barco venezuelano, com mergulhadores de todas as partes, e percebeu o que tinha encontrado. Desconfiava que um de seus colegas na universidade saberia o que fazer. Voltou ao barco, não disse nada a ninguém e foi ligar para ele. Alguns dias depois, disse aos outros mergulhadores que tinha sido contratada para outro trabalho, e passou para um barco altamente equipado, americano, disfarçado de draga. Magnolia indicou o lugar em que estavam os destroços e ajudou a recuperar o que era possível. Um míssil nuclear. Informação criptografada. Era uma mina de ouro.

– E por que ela fez isso? – Jane sussurra. – Por que manteve tudo em segredo? Por que não disse a todo mundo no navio venezuelano o que tinha encontrado?

– Porque sua tia não sabia o que fazer – a sra. Vanders explica. – Tinha imaginação o suficiente para concluir que era uma descoberta importante do ponto de vista político, e as relações entre os Estados Unidos e a Venezuela estavam estremecidas naquele momento. Ela fez o que achou melhor.

A sra. Vanders pega um pequeno aparelho preto – um walkie-talkie – de uma mesinha próxima e joga para Patrick, que está colocando o coldre no próprio corpo.

– Entregue para Ivy – ela diz, indicando o elevador menor. – E acho melhor melhor você descer pelas escadas mesmo, pra dar uma olhada no baile. Já que não vai poder pegar o túnel, por causa das caixas.

– Ela não faria isso – Jane diz. – Minha tia não mentiria assim para mim.

– Você tinha sete anos – a sra. Vanders diz. – Ela não podia te contar tudo quando voltasse, ainda que quisesse. É um trabalho excitante, depois que se está envolvido. Também é importante, e as pessoas são pagas de acordo com os riscos. Sua tia tinha contas bancárias nas ilhas Cayman e na Suíça. Podemos ajudar você a ter acesso a elas, agora que sabe a verdade. É por isso que estou querendo falar com você desde que chegou. Magnolia me fez prometer que, se algo acontecesse com ela, eu ajudaria você nesse sentido.

Jane não liga para as contas bancárias. Só pensa no número sete. *Sete*. Então rumo para as escadas.

– Ela também me disse para passar um recado – a sra. Vanders diz para as costas de Jane. – “Diga à minha sobrinha para ir até o guarda-chuva.” Ela sempre pensava em você e queria largar essa vida. Não era feita para isso, e começou a odiar o trabalho. Detestava mentir. Nenhum de nós gosta disso, aliás. Ia se aposentar, e íamos ajudar nesse processo.

Kiran pega o braço de Jane, que treme, e a ajuda a descer as escadas.

– Para com isso, Vanny – Kiran diz. – Do jeito que você fala, parece até que as pessoas para quem mentem não têm o direito de se sentir traídas.

É surreal estar de volta à festa. Jane fica ao lado de Kiran, que está estranha, como que em estado de alerta. É fácil ser sua sombra. *Não tenho muita certeza de que estou acordada*, Jane pensa.

Kiran continua segurando o braço de Jane enquanto elas se movimentam pelo salão de baile, fazendo comentários perspicazes e cortantes no seu ouvido.

– Olha só toda essa gente – ela diz. – Imagino quantos amigos da família viraram amigos da família só para ser convidados para os bailes e assim poder encontrar seus amigos *de verdade*. Os empregados! Será que alguém é o que realmente parece ser?

Sim, Jane pensa. *Nós somos. Eu e você, Kiran.*

– Pensa só nos convidados – ela continua. – Dá pra acreditar nos Okada?

– Não – Jane diz, sem prestar muita atenção.

– Colin é idiota demais para ser um agente – Kiran diz –, mas Lucy St. George pode estar escondendo alguma coisa, considerando que é uma investigadora particular. Não acha?

– Sim.
– E Charlotte – Kiran diz, parando para pensar a respeito.
– Charlotte? – Jane repete, obediente.
– Minha madrasta. Ela estava redecorando a casa.
– É mesmo? – Jane pergunta, de repente lembrando que não se despediu direito de Ivy.

Não tinha sido naquele tipo de missão que os pais dela haviam morrido?

– Alguém te contou os detalhes do desaparecimento de Charlotte? – Kiran pergunta, observando os convidados no salão como se sua madrasta fosse aparecer magicamente entre eles. A música é opressiva. Jane esfrega as orelhas. – Será que ela é uma espiã também? – Kiran se pergunta. – Ela simplesmente sumiu, como parecia ter acontecido com os Panzavecchia e com sua tia.

– Minha tia não sumiu – Jane diz. – Ela morreu congelada numa nevasca. Alguém me ligou da Antártida. Ivy disse que foi isso mesmo que aconteceu.

Ir até o guarda-chuva. O que isso significa, tia Magnolia? Já fui até todos os guarda-chuvas mais idiotas e sem sentido. Por quê?

– Para onde será que mandam as pessoas? – Kiran conjectura. – Onde dois adultos e três crianças que estão nos jornais poderiam viver sem ser identificados? Teria que ser algum lugar isolado ou superpopuloso.

Jasper aparece em meio à multidão e vai até seus pés. Jane se pergunta se isso significa que Ivy e as crianças foram embora pelo alçapão na adega.

– Eles estão certos, sabe? – Kiran continua, seguindo o irmão com os olhos. Ele está meio que dançando meio que conversando com um casal de agentes do FBI na ponta da pista. – Ravi não leva jeito para o tipo de trabalho da Espions Sans Frontières. Ficara pasmo com os segredos que escondem dele. Como o alçapão na adega e o túnel subterrâneo para a praia. A gente brincava de esconde-esconde na adega. Era sempre muito difícil achar Patrick e Ivy. Queria saber quantos anos tinham quando ficaram sabendo da passagem secreta.

Jane não responde, só faz carinho em Jasper.

– E ele é sincero demais – Kiran diz, revirando os olhos quando Ravi sussurra alguma coisa no ouvido de um dos agentes. – E faria um escândalo por causa das obras. Nunca perdoaria Vanny. Literalmente nunca.

– E você, Kiran? – Jane pergunta. – Vai se juntar a eles?

Kiran tem uma variedade de sorrisos desgostosos guardados.

– Se conseguir fazer isso sem nunca mais precisar falar com Patrick...

– Você sabe que os pais dele morreram trabalhando?

Kiran fica chocada. Uma onda de alguma coisa – compreensão, horror – passa por seu rosto antes que possa reconstruir sua fachada controlada.

– Não – ela diz. – Eu não sabia.

– Ivy me contou.

Ravi aparece de repente, se enfiando entre Jane e Kiran com um braço em volta de cada uma.

– E aí, minhas queridas? – ele pergunta. – Estão se divertindo?

– Não tanto quanto você – Kiran diz, seca.

– Vou dar uma volta – Ravi diz. – Fica por aqui para representar a família.

– Faça o que eu quiser – Kiran diz, desfrutando de cada palavra. – Posso até ir com você. Não tem poder sobre mim. Aonde vai?

– Irmãzinha malcriada – Ravi diz, dando um beijo carinhoso na testa dela.

– Para a baía do outro lado da ilha. Os adoráveis agentes especiais do FBI me perguntaram sobre lugares alternativos para barcos atracarem. Querem saber se alguém poderia ter saído da ilha com as obras.

O cansaço de Jane se transforma imediatamente em pânico. Ivy! Grace e Christopher! Eles estão esperando que os busquem na baía.

– Kiran? – ela grita, mas a amiga fala por cima dela.

– Os dois agentes do FBI, Ravi? Sério? Eles sabem o que você está tramando? Ou acham mesmo que vão procurar pistas no escuro? De qual dos dois gostou mais?

Kiran fala tudo isso bem próxima do peito do irmão. Jane percebe que está se fingindo de bêbada.

– A resposta para todas as suas perguntas é: ainda não sei – Ravi diz, sorrindo. – É parte da diversão.

– Vou com você.

– De jeito nenhum.

– Vou, sim – Kiran insiste. – Gosto de estragar a brincadeira para você.

Ravi beija a testa dela de novo, rindo.

– Chega de beber – ele diz, então solta as duas e volta para os agentes.

Kiran pega o braço de Jane e a conduz tranquilamente até a sala de jantar antes que Ravi tenha dado três passos.

– Você entende que precisamos avisar alguém né?

– Claro – Jane concorda. – Mas como?

– Vou atrás deles para ganhar tempo – Kiran diz, puxando Jane ao longo da comprida mesa de jantar. – Enquanto isso, você encontra a sra. Vanders e pede que avise Ivy e Patrick.

As duas já estão na cozinha. Jane percebe que Kiran vai mandá-la para o sótão pelo elevador menor.

Ela mal se dá conta de que sobe nele. Tem uma vaga sensação de que Kiran a enfia ali como um palhaço de mola em uma caixa-surpresa. Jasper pula e late no chão, chateado por não ir junto.

– Boa sorte – Kiran diz.

Ela fecha a porta e o elevador começa a subir devagar. *Devagar demais*, Jane pensa. Dentro dele, os sons parecem música embaixo d’água. *Mais rápido!* Como as câmeras funcionam? A sra. Vanders vai saber quem está chegando? Quando o elevador para, Jane grita:

– Sou eu! Não atire!

Alguém escancara a porta e Jane se espanta ao dar de cara com Ji-hoon, o “faxineiro” sul-coreano.

– Muito bem – Phoebe diz. – Agora volte.

Ji-hoon obedece, com as mãos erguidas.

– O que está acontecendo? – Jane grita. – Não atira!

– Não vou atirar em você, Janie – Phoebe diz, parecendo achar graça. – O que você quer?

– Preciso falar com a sra. Vanders – Jane diz, então enfia a cabeça com cuidado para fora.

Phoebe está com a arma apontada para Ji-hoon.

– Ele é um espião sul-coreano? – Jane pergunta. Então, ligeiramente chocada, reformula: – Ele é um espião norte-coreano?

– Ji-hoon é tão americano quanto você. Ele é o diretor de pesquisa dos Panzavecchia na CIA – Phoebe diz, sem emoção. – O novo, claro, já que o primeiro morreu.

– Ah! E o que vai fazer com ele?

– Nada – Phoebe diz. – Ji-hoon e eu vamos ficar aqui assim, meditando, enquanto uma porção de coisas acontece lá embaixo, então vou garantir que saia da ilha.

– Certo – Jane diz. – Bom, preciso falar com a sra. Vanders. É urgente.

– Acho que ela está em uma reunião na adega – Phoebe diz. – Ji-hoon vai mandar você lá para baixo, não vai? Vamos lá. E deixe as mãos à mostra.

Ji-hoon volta cuidadosamente para Jane e a encara.

– Não sou o vilão aqui, sabe? – ele diz. – Só quero proteger aquelas crianças e todos vocês *sem* infringir as leis.

– Anda logo – Phoebe diz, entediada.

Ji-hoon fecha a porta com o cotovelo. Um segundo depois, Jane está descendo na escuridão, com frio, sentindo o cheiro de metal e poeira. De repente o cheiro é de madeira mergulhada em água há muito tempo. Agridoce. Jane reconhece a adega, mesmo que nunca tenha estado em uma antes. Quando o elevador para, ela procura a maçaneta e abre a porta. O sr. Vanders está a poucos passos, apontando uma arma.

– Não atira! – Jane grita de novo, mas ele já está guardando a arma no coldre na cintura. Ele se aproxima de Jane e a encara.

– Por que está aqui? – o sr. Vanders pergunta.

– Ravi vai levar os agentes do FBI até a baía do outro lado – Jane diz. – Alguém precisa avisar Ivy.

– Hum – o sr. Vanders diz, apertando os lábios e pensando a respeito.

– Liga pra ela! – Jane diz, frustrada com ele por estar perdendo tempo. – No walkie-talkie!

– Ela não tem um – ele diz, apontando com o queixo para uma mesa próxima. – Já tinha ido embora quando o mandaram.

– Liga para o celular!

– Celulares não funcionam do outro lado da ilha – ele diz. – Minha esposa está em reunião e eu estou com um paciente. Phoebe está com Ji-hoon, não que possamos pedir ainda mais dos ingleses a essa altura... E Ivy, Patrick e Cook já devem estar na baía. Vou ter que cancelar a sessão e ir eu mesmo.

– Não – Jane diz. – Deixa que eu vou.

– De jeito nenhum – o sr. Vanders diz. – Você é uma civil e ainda por cima novata.

– Não sou uma criança – Jane diz, tirando uma perna por vez para sair do elevador. – Posso levar um recado. Tenho noção. E sou sobrinha da minha tia.

As sobrancelhas do sr. Vanders se arqueiam ligeiramente.

– Por favor – Jane diz, se endireitando para encará-lo. – É por culpa minha que o FBI está aqui, e não temos tempo para discutir. Me deixa ir.

O sr. Vanders deixa escapar um suspiro que é quase um rosnado.

– Vem – ele diz, pegando Jane tão abruptamente para conduzi-la pelo

corredor repleto de garrafas que ela quase cai. O homem dá uma olhada em suas roupas. – Essas botas parecem adequadas. Dá para correr com elas?

– Claro.

Ele vira numa esquina e entra em outro corredor, puxando Jane consigo e entregando-lhe uma lanterna. É um homem forte para a idade que aparenta ter.

– A porta na baía parece uma pedra, mas tem uma maçaneta de couro na esquerda e abre na sua direção – ele diz, virando em outra esquina. – Desligue a lanterna antes de abrir bem devagar. Saia com todo o cuidado e chame Ivy baixo até que a ouça. Ela vai ficar de tocaia enquanto Patrick entrega as crianças e as caixas. Tem todo o barulho da água, mas ela não pode estar longe. Entendeu?

– Entendi.

Ele põe a mão no coldre.

– Sabe usar uma arma?

– Não! – Jane diz. – E não quero! Nem saberia em quem atirar!

– Calma – o sr. Vanders diz. – Ninguém vai atirar em ninguém.

– Não é a conclusão lógica quando todo mundo está armado! Não vou levar.

As sobrelanceiras grossas do sr. Vanders formam um V bem marcado.

– Você parece sua tia – ele diz, então vai para um canto escuro onde puxa um tapete revelando um buraco quadrado no chão de ladrilho. Mal cabe uma pessoa dentro. – São quatro degraus, depois tem um mastro pelo qual vai ter que escorregar. Não solte: o chão é de pedra. Enlace suas pernas nele quando chegar ao último degrau.

Jane o encara, incrédula.

– Acha que temos tempo para espanto? – o sr. Vanders diz, impaciente, tirando a lanterna dela e prendendo-a de alguma forma no cinto do vestido, de modo que fica batendo contra o quadril quando se move.

Então ele pega seu braço e a ajuda a entrar no buraco.

– Estou com medo – Jane diz.

– Faz bem. Agora vai.

É a entrada mais idiota que Jane já viu. Os quatro “degraus” são impossivelmente estreitos e altos, além de circulares. Conforme desce desajeitada, se dobrando e contorcendo, ela se sente como um parafuso. Depois do quarto degrau, há um buraco e – ela pode sentir com o pé – um

mastro. Jane engancha uma perna nele, segura com as duas mãos e solta a outra perna.

Há um momento de total falta de controle, em que ela grita, depois vem o choque com a pedra. Jane sente gosto de sangue na boca.

– Tudo bem com você? – o sr. Vanders pergunta lá de cima.

– Maravilhoso – ela mente.

Os degraus somem. O buraco fecha. Jane fica sozinha na escuridão.

Tateando, ela encontra a lanterna e a liga. Uma passagem estreita se estende à sua frente, descendente.

Com todos os ossos do corpo doendo, as mãos raladas e sangrando, e um dos joelhos pouco confiável, Jane levanta e começa a correr.

É exatamente como o sr. Vanders disse. A passagem termina abruptamente no que parece ser uma pedra intransponível, mas Jane encontra uma maçaneta e a puxa. Com um rangido, a enorme e pesada porta abre. Há tanto barulho – a voz de crianças chorando, as ondas batendo, gritos, o ronco de um motor – que ela tem certeza de ter chegado atrasada: o FBI encontrou as crianças, Grace vai ser torturada e Ivy e Patrick vão passar o resto da vida presos por traição e sequestro.

Então há uma movimentação nos arbustos, e um foco de luz vai se aproximando cada vez mais. Ivy abre caminho até Jane, com a máscara levantada para que ela possa ver seu rosto.

– Oi – ela diz, calma. – Ouvi a porta. Está tudo bem?

– Ravi está trazendo os agentes do FBI para a baía – Jane diz, desesperada. Ivy faz uma careta.

– Quando?

– Agora.

Ivy fecha a porta atrás de Jane, então sai dos arbustos. Jane a segue na chuva fraca, piscando para ajustar a visão à escuridão. Elas estão à beira de um trecho de praia. Na água, há um pequeno barco de madeira com o motor ligado, preso por uma corda a um poste imerso. Patrick está na água. No barco, estão um adulto, que deve ser Cook, e Grace. Ela segura Christopher, que grita a plenos pulmões. A lanterna passa por eles inúmeras vezes, e Jane consegue ler o nome da embarcação: Ivy.

O que ela acaba de fazer deve ser um sinal combinado, porque várias

coisas acontecem ao mesmo tempo. O motor do barco é desligado; Patrick vai até Christopher, que para de chorar; Grace grita algo indignado para Patrick, que grita para ela; Patrick volta para água, chega à areia e começa a correr na direção da irmã.

– Tenho que ir – ela diz para Jane, pegando sua mão. – Sinto muito. Vou ficar fora por pelo menos uma semana. Ainda vai estar aqui quando eu voltar?

– Vou.

– A sra. Vanders contou tudo o que sabemos sobre a morte da sua tia?

– Como assim?

– Pergunte a Patrick – Ivy diz, apertando sua mão. – Prometa que vai perguntar.

– Prometo – Jane diz, com a respiração entrecortada e quase chorando.

Ivy a puxa para perto, a segura firme e pressiona seus lábios contra os dela. Então, em um segundo, foi embora, voando pela areia. Na água, ela solta a corda do poste de madeira e sobe no barco. Senta entre Cook e diz algo para Grace, que em seguida se deita no chão do barco, com Christopher em seus braços, saindo do campo de visão de Jane. Há um barulho de madeira batendo na água e Cook aparece com remos. Ele passa um para Ivy e os dois começam a remar com firmeza em direção ao mar aberto.

Patrick pega Jane pelo braço e a puxa de volta para os arbustos. Ele a abaixa para que os dois fiquem ajoelhados com as costas apoiadas na pedra da porta. Sua calça e a parte de baixo do casaco estão molhados, e a chuva fica cada vez mais forte. Sem casaco e com as pernas de fora, Jane treme violentamente.

– Eu ofereceria meu casaco – Patrick sussurra –, mas não adiantaria nada.

– Tudo bem – Jane sussurra. – Estou bem.

– O que está acontecendo? – ele pergunta. – Quem está vindo?

– Ravi está trazendo os agentes do FBI para ver a baía – Jane diz. – Kiran ia tentar retardar o ritmo deles.

Em algum lugar por perto, eles ouvem Kiran gargalhando. Então um arco de luz cruza o céu, e Jane ouve as vozes dos outros: Ravi e outro homem rindo, e uma mulher que ela não reconhece. Kiran continua com suas risadinhas, emitindo gritinhos altos de vez em quando. Galhos quebram e folhas farfalham conforme passam do gramado para a praia. Jane ainda não consegue vê-los, mas alguém está fazendo um show de luzes com a lanterna.

– O que estão procurando? – Kiran pergunta. – Pegadas? Marcas de nadadeira do Brancusi? – Ela ri de sua própria piada, e o agente do FBI a acompanha, então diz algo indistinguível, mas simpático, ele parece bêbado.

– Dificilmente acharemos alguma coisa – diz a agente, visivelmente irritada – com você andando trançando as pernas e pisoteando tudo.

– Ai! Ou jogando a lanterna nos nossos olhos – Ravi diz. – Cuidado, Kir! Não consigo ver nada.

– Não foi assim que eu imaginei esse passeio – a mulher diz.

– Nem eu – Ravi diz. – Mas gosto de ver minha irmã rindo.

– Ela está bêbada – a mulher diz, cortante. – Pode pegar a lanterna, por favor? Vai me cegar.

– Kiran – Ravi começa.

O que quer que pretendesse dizer é abafado pelos gritinhos de alegria dela e pelo som que faz ao correr pela água. Kiran joga a luz da lanterna na costa, iluminando deliberadamente seus companheiros. Jane pode ver a claridade passando, pode ouvir o homem rindo, a mulher xingando, e entende o que Kiran está fazendo: tudo o que pode para que não vejam a silhueta do barco na água. Ela é realmente boa.

– Sua irmã é muito infantil – a mulher diz, mordaz. – Praticamente uma criança. E está chovendo.

– Kiran – Ravi a chama, caloroso. – Vamos voltar agora.

– Estraguei tudo? – ela grita de volta.

– Sim!

– Eba! – Kiran grita.

– Parabéns por ser um pé no saco – Ravi grita.

Mais água é chutada e a lanterna continua se movimentando. Então vem o som de galhos quebrando e folhas sendo pisoteadas quando os quatro voltam ao gramado.

Finalmente, resta apenas o barulho do mar, indo e voltando, e da chuva caindo.

Jane só consegue pensar no beijo de Ivy. Em sua boca macia, no volume da arma evidente através do casaco. Nada saiu como Jane imaginou. E provavelmente nunca esteve tão cansada.

– E agora? – ela pergunta.

– Agora esperamos que Cook volte com o barco e Philip Okada – Patrick diz.

– Philip Okada?

– Quando a mulher que está nos ajudando pegar Ivy e as crianças, vai entregar Philip – ele explica. – Devemos muito a você, sabia? Talvez tivéssemos visto a lanterna de Kiran a tempo... bom, provavelmente teríamos visto, porque ela foi bem esperta.

Ele para, parecendo perdido e infeliz.

– Então vocês não me devem nada?

– Desculpa – Patrick diz –, é claro que devemos. Mesmo se tivéssemos conseguido sair com o barco, Ivy não teria conseguido entrar a tempo. Eu provavelmente teria que ir no lugar dela, o que seria inconveniente para mim e mais ainda para minha irmã. Depois que entregar as crianças aos pais, tem que ir pra Genebra. Encerrar os negócios com a central leva tempo.

– É como se ela estivesse se aposentando?

– Mais ou menos – Patrick confirma –, porque ela vai continuar em posse de alguns segredos bastante importantes. A central precisa deixar isso claro antes que se vá. E ela tem que provar que é digna de confiança.

– Eles vão mesmo deixar que ela saia?

– Não estou preocupado. Nem você deveria ficar.

– Não vão obrigar Ivy a mudar para um lugar horrível e remoto, vão?

– Não. Ela vai poder morar onde quiser. Só vai ter que ir para Genebra de tempos em tempos para acompanhamento.

– Por que a sra. Vanders a está deixando a par de informações tão perigosas? – Jane pergunta, indignada. – Por que ela precisava saber para onde os Panzavecchia vão?

– Ela não sabe – Patrick diz –, e ainda não vai saber quando chegar lá. Nem eu sei. Os Vanders escondem bastante coisa da gente. Até do próprio filho.

– Aposto que sim – Jane diz, pensando em tia Magnolia.

– Ei. Saber a verdade no nosso negócio é realmente perigoso. Pessoas *morrem*.

É como se as palavras tivessem saído sozinhas.

– Como seus pais – Jane diz.

– Pessoas morrem.

Ela o estuda na escuridão.

– Não conheço Kiran muito bem, mas sei como está se sentindo. É... confuso. Horrivelmente confuso. Como ter tudo arrancado de você e depois

jogado na sua cara de um jeito agressivo e irreconhecível. Mas sei que suas razões para mentir não eram tão péssimas assim. Você não fazia por egoísmo, malícia ou covardia.

– Mesmo assim não deveria ter mentido – Patrick diz, tropeçando nas palavras. – Kiran confiou em mim, e sempre foi honesta comigo. Me conhece melhor que qualquer outra pessoa, e eu menti para ela. No que estava pensando? Não a culpo se nunca me perdoar.

Patrick vira o rosto, para esconder as lágrimas. Jane leva um momento para perceber que também está chorando. É o pedido de desculpas de sua tia, as palavras que saem da boca de Patrick. Tia Magnolia não pode dizê-las por si só. Ela se foi. Mas fez Jane prometer que iria àquela casa.

Foi tudo o que ela conseguiu fazer.

A chuva começa a diminuir. As nuvens se deslocam no céu, revelando estrelas só para depois escondê-las de novo. Jane descansa a mão no próprio ombro, onde começa a tatuagem de água-viva, por baixo da manga do vestido. É a prova visível de que tia Magnolia é parte dela.

– Quanto tempo acha que vamos precisar esperar? – ela pergunta.

Patrick enxuga o rosto com as costas da mão e olha para o céu acima da água.

– Não muito – ele diz. – Pode ir se quiser, sabe? Vai acabar com uma pneumonia.

– Quero ficar aqui – Jane diz, sem saber ao certo o motivo de não querer deixá-lo. – Por que não me conta o que aconteceu com Charlotte?

– Charlotte?

– A madrasta de Kiran.

– Eu sei quem ela é – Patrick diz. – Só acho que ninguém sabe o que aconteceu com ela.

– Ela não tinha nada a ver com essa coisa de espionagem?

– Ah, entendi, agora – ele diz. – Não. Charlotte era designer de interiores. Não tinha nenhuma participação nisso. A sra. Vanders até fez uma investigação meio séria depois que ela foi embora, discretamente, claro, mas não deu em nada. É um mistério.

– Tá – Jane diz, então engole em seco. Ela força as palavras a sair. – E minha tia?

– Sua tia?

– Ivy me disse para perguntar a você sobre ela.

Patrick faz uma pausa.

– Você quer dizer sobre sua morte?

Jane inspira fundo.

– É. Sobre sua morte – ela diz, soltando o ar.

– Faz bem em perguntar – Patrick diz. – Antes da viagem para a Antártida, sua tia veio ao baile. Em algum momento da noite, foi embora sem se despedir, o que era muito incomum para ela. Sabíamos que não era uma viagem da CIA: ela só ia tirar fotos de baleias e pinguins. Então vimos as notícias sobre como tinha se perdido em uma nevasca. Era uma fotógrafa conhecida, então a imprensa cobriu, e ficamos atentos a isso. Como você ficou sabendo? Alguém ligou?

– Isso.

– Lembra quem?

– A ligação estava péssima – Jane diz. – John alguma coisa, não consegui ouvir direito. Ele era da estação de pesquisa, não a conhecia bem. Então a ligação caiu e fiquei esperando que fosse um erro, até que alguém da universidade me ligou. Eles me mandaram as coisas dela de Ushuaia. Nunca encontraram o corpo.

– Certo – Patrick diz. – Bom, se um agente morre, fazemos nossa própria investigação. No caso de sua tia, nossas fontes na Argentina disseram que ela estava gripada quando seu barco passou pelo estreito de Drake, de modo que não saiu da cabine. Outras fontes relatam que também estava gripada na estação de pesquisa na Antártida e não saía do quarto. Então, de repente, saiu, foi pega por uma nevasca e morreu.

– Mas por que ela saiu se estava gripada?

– Esse não é o ponto – Patrick diz. – O que estou dizendo é que ninguém com quem falamos a viu. Ninguém confirmou com os próprios olhos sua presença no barco ou na península. Ela sempre estava “no quarto”, mas não conseguimos descobrir quem começou a espalhar esse boato. E não conseguimos encontrar nenhum registro da passagem dela em um aeroporto americano para a América do Sul. Compreende? Não tenho certeza de que sua tia foi para a Antártida. A CIA a classificou como morta, mas ninguém confirmou como ou onde isso aconteceu.

O corpo de Jane é um oceano, incapaz de sentir e de ter qualquer consciência temporal. *Ela sabia, Jane pensa. Ela tinha um plano. Deixou o gorro para mim. Me fez prometer vir. Me deixou um recado.*

Jane se endireita e encara Patrick no escuro.

E se...

– Ah, pelo amor de Deus – Patrick diz, com uma brutalidade repentina, enquanto olha para o mar.

– O que foi?

– Aquela mulher está de brincadeira – ele diz, apontando para o céu acima da água.

Jane se vira para ver o que ele está olhando e depara com a visão de uma forma elíptica quase invisível no céu noturno. É como uma baleia no céu, com luzinhas no que seria a barriga.

– É um... dirigível?

– É um zepelim – Patrick diz.

– Um zepelim!

– Essa mulher tem um helicóptero e um hidroavião, mas decide pegar as crianças, minha irmã e as obras com um zepelim. Isso significa um monte de cordas e Ivy tendo que lidar com o estresse de não poder derrubar Christopher, Grace, o Brancusi e o Rembrandt no mar. É completamente desnecessário.

– É surreal – Jane diz.

– É romântico – Patrick diz, desdenhoso. – Salvar alguém com um zepelim... Pobre Philip. Tem que descer desse negócio e não vai ter como escapar do caldo.

– Não sabia que alguém ainda dizia “caldo” – Jane diz.

– Pareceu o termo certo para o que vai acontecer quando ele descer do zepelim – Patrick diz, revoltado.

Jane ri, e Patrick a acompanha apesar de tudo.

Está escuro demais para entender o que se passa. Depois do que parece um longo tempo, o zepelim adentra as nuvens. Patrick levanta.

– Fica aqui – ele diz, então corre para a praia com a lanterna e desenha um padrão repetitivo com o foco de luz na direção da água.

Em pouco tempo, Jane vê o Ivy voltando, então ouve o barulho do motor. Quando o barco se aproxima, alguém desce e caminha até a costa. O barco se afasta de novo, talvez para atracar em outra parte da ilha.

Patrick volta aos arbustos com Philip Okada, ensopado e tremendo.

– Oi – Jane diz.

– Oi – Philip responde, passando a mão pelo cabelo molhado sem parecer

particularmente surpreso ao vê-la.

Ele está todo de preto, com exceção do All Star laranja.

– Ivy e as crianças embarcaram em segurança no zepelim? – ela pergunta.

– Sim.

Patrick se enfia nos arbustos à procura da porta de pedra e a abre. Philip se abaixa para entrar.

– Você vem? – Patrick pergunta.

– Logo mais – Jane responde.

– Tem certeza?

– Pode ir – ela garante. – Não vou demorar.

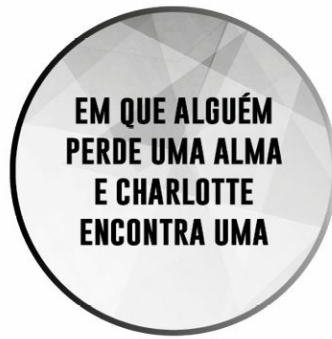
Jane fica sozinha, absorvendo a noite. As nuvens se movem depressa e as ondas batem forte na costa. Ela própria já não treme tanto.

Algumas coisas a ancoram. Sua raiva, seu luto. Agora está desperta e focada em tudo isso. Não está sozinha. Tem amigos lá fora, num zepelim. Um cachorro a espera. Há pessoas na casa, com recursos à disposição. Um guarda-chuva que precisa ser reconstruído. Um recado de tia Magnolia. E a semente da dúvida – só a semente, que vai crescer conforme Jane se sentir capaz de alimentá-la. Talvez – e só talvez – o que foi perdido pode ser encontrado.

Um sino toca nas profundezas da casa, doce e claro, como
um sino de vento.

A sra. Vanders, a menininha, Kiran, Ravi ou Jasper?

Tia Magnolia?, Jane pensa. *Para onde devo ir?*



Jane decide.

E se o desaparecimento de Charlotte for a peça que falta no quebra-cabeça?

– Tá – ela diz a Kiran, começando a descer as escadas. – Vamos dar uma volta. Quero saber de Charlotte.

Mas Kiran não responde de imediato. Leva a mão ao ouvido e franze a testa como se tentasse escutar alguma coisa.

– Ouviu isso?

– Não ouço nada além do cachorro mais ansioso do mundo – Jane diz, ao chegar ao patamar em que Jasper se encontra. Ele bate a cabeça contra suas botas, choramingando. Ela abaixa e esfrega seu pescoço em um ponto que não tem como alcançar com suas perninhas curtas. Então ele tenta subir no seu colo, quase a derrubando. – Vem com a gente – Jane diz, soltando-o.

Ainda choramingando, ele a segue escada abaixo, embarrando em seus pés.

Kiran conduz Jane pelo pátio veneziano e pela arcada leste.

– Todos esses lugares são relevantes para a história de Charlotte – ela diz.
– Estamos indo para o jardim de inverno, onde podemos jogar xadrez, se quiser.

Elas passam por uma sala com papel de parede floral, sofás de tecido brocado e um tapete espalhafatoso.

– Essa é a sala verde – Kiran diz. – Charlotte a decorou ao estilo regencial inglês. – Quando Jane franze a testa, ela explica: – Tipo Jane Austen.

– Ah – ela diz, agora compreendendo. As duas dão uma volta pela sala de braços dados, como se fossem Elizabeth Bennet e Caroline Bingley. Se o sr. Darcy estivesse escrevendo uma carta na elegante escrivaninha, ficaria chocado com sua calça listrada e sua blusa vermelho-alaranjada. – Minhas

partes favoritas da casa são essas onde tudo parece planejado – Jane diz. – Como aqui ou o pátio veneziano, com o azulejo e o mármore combinando. Dá para imaginar toda uma história. Eu fico meio confusa nos corredores, onde nada tem a ver com nada.

– É – Kiran concorda, conduzindo Jane até uma porta. – Tudo o que combina é obra de Charlotte. Ela tinha umas teorias estranhas de que a casa está sofrendo, porque foi construída a partir de partes arrancadas de outras casas.

– Como assim, sofrendo?

– Ah, você sabe – Kiran diz. – Por causa de sua origem conturbada.

– Charlotte achava que casas sofriam?

– Ela sempre falava como se fossem gente – Kiran conta. – Como se tivessem alma, ou pelo menos como se *devessem* ter.

– É meio legal – Jane diz. – Tipo, como *ideia*. Ou ela acreditava de verdade nisso?

Kiran dá de ombros.

– Charlotte achava que a Tu Reviens tinha sido privada de alma por causa da forma como foi construída. “Esta casa está sangrando”, ela dizia. “Não *consegue* ver?”

– Hum... – Depois de uma pausa, ela pergunta: – Você consegue ver?

Kiran sorri.

– Sei o que parece. Mas ela falava assim. Acho que eu não deveria gostar da mulher que ocupa o lugar da minha mãe, especialmente se ela for loira, magra, branca e jovem demais, só que gosto de Charlotte, ainda que tenha ficado meio obcecada pela casa. Ela é de Las Vegas, mas odeia lá. Me disse que a cidade tinha perdido a alma. E que podia ouvir as vozes de séculos de sofrimento.

– Então cidades também têm alma.

As duas estão agora numa espécie de sala de entretenimento em tons azuis-claros, com sofás de canto, estantes embutidas e um aquário gigante. Um quadro enorme, ocupando uma parede inteira, mostra uma cena de uma antiga cidade costeira à noite, com duas luas no céu, que deixam um rastro no mar. Faz Jane se lembrar do casaco de sua tia, por causa do céu roxo, das luas prateadas e da iluminação dourada nas janelas e torres. Jasper parece gostar da obra. Ele se deita, descansando o queixo sobre as patas e suspirando como que encantado.

– Charlotte é muito sensível – Kiran diz. – Combina muito mais com Octavian do que minha mãe. Ele é o tipo de pessoa que precisa de alguém devotada, e ela amava, ou ama, estar com meu pai. Apesar de que chegou um momento em que Charlotte parecia mais ligada à casa do que ao meu pai. Mas, mesmo assim, ela compartilhava suas ideias a respeito com ele. Octavian estava até tentando ajudá-la a encontrar a alma da casa.

– Como? – Jane pergunta, então solta o braço de Kiran, distraída, porque precisa tocar as orelhas.

Ela puxa os lóbulos, tentando resolver de alguma forma o desequilíbrio de pressão que parece estar tendo. É como se os ouvidos tivessem comido muito e agora estivessem cheios, inchados.

– Charlotte dizia que a casa era feita de peças órfãs – Kiran explica.

– Peças órfãs?

Eu sou uma peça órfã, não sou?

– É. E que a única coisa que as unia era a *dor*. Que a casa está em constante agonia. Ela queria achar outra maneira de unificar tudo isso, juntar os cacos. Para que a casa pudesse descansar.

– Descansar? – Jane repete. – E o que queria dizer com isso?

– Não tenho ideia – Kiran diz, pegando o cotovelo de Jane e a puxando para uma sala menor, com cadeiras vistosas, mesas ornadas com filigranas de ouro e um papel de parede grená e dourado de padrão complicado.

É outro mundinho coerente, uma sala de chá estilo belas-artes, mas Kiran puxa Jane para o próximo cômodo antes que possa fazer perguntas. Ela começa a se sentir desorientada, quase como se estivesse pegando no sono.

Deve ser porque cada cômodo parece um novo mundo, uma nova era, ela pensa.

– Tenho a impressão – Kiran continua – de que Charlotte achava que a casa precisava de algum tipo de cola que juntasse suas partes, algo positivo e curativo, que faria o papel de alma, independente do que fosse.

– É um conceito interessante – Jane diz. – Então ela tentou dar sentido a cada cômodo, ou algo do tipo?

– Foi o começo – Kiran diz. – Mas unificar a decoração sala por sala não ajuda em nada com a estrutura básica da casa, que é muito variada, entende? A fundação, o esqueleto. E Octavian não ligava que Charlotte acrescentasse coisas ou as mudasse de lugar, mas não queria que se livrasse de nada. Tipo, eles brigavam por causa das estantes da biblioteca, que tinham vindo de

diferentes casas ao redor do mundo. Charlotte queria arrancar tudo e fazer estantes de madeira de uma fonte sustentável local. Aquilo era demais para o meu pai. Ele queria convencer a esposa de que a origem disparatada era parte do charme da casa e portanto da sua alma. Charlotte só dizia “Não pode ser, não pode ser”, até que finalmente parou de tocar no assunto. “Vou *criar* uma alma”, ela disse.

– Como? Com fita adesiva? Ou... *vidro*? – Jane acrescenta, distraída, porque acabaram de entrar numa sala que parece feita de luz. É o enorme jardim de inverno, em forma de L. A base é uma estufa, indomada e incrível, enquanto a perna mais comprida tem poltronas e mesas de carteadado, banhadas pela luz natural e pelas sombras das folhas. Jane se dá conta de que é nesse cômodo que as capuchinhas, as lilases e os narcisos são cultivados. Uma mulher limpa as cornijas com um espanador.

– Acho que ela tentou criar uma alma de muitas maneiras diferentes – Kiran diz, parando diante de uma mesinha quadrada com um tabuleiro de xadrez com as peças já alinhadas.

– Você começa – Jane diz.

Kiran se inclina e move um peão. Jane passa para o outro lado da mesa e faz o mesmo, notando como o tabuleiro parece grande e como as peças deslizam com facilidade em comparação com o joguinho magnético para viagem que tia Magnolia tinha. Ela sente a luz quente que entra pelas paredes de vidro bater nas suas costas.

Kiran avança com outro peão. Alguns minutos se passam enquanto cada uma contempla o tabuleiro e move uma peça. Kiran é melhor no jogo. *Zugzwang*, ela pensa de repente, lembrando a palavra para quando uma pessoa é obrigada a fazer uma jogada que a coloca em grave desvantagem. Ivy vai amar; ela precisa se lembrar de lhe dizer depois.

– Se vamos jogar – Kiran diz –, acho que é melhor nos sentarmos.

Há algo na sensação do ar passando pelas orelhas de Jane que a impede de sentar. É um instinto rudimentar, continuar se movendo até achar um lugar mais confortável.

– Talvez – ela diz, em dúvida, avançando com o cavalo. – Como foi que Charlotte tentou dar uma alma à casa?

– Ela foi ficando cada vez mais intensa – Kiran diz. – Falava em ouvir cada cômodo e deixar que dissesse o que queria ser. Trabalhava duro, dia e noite. Estava esgotada. Então desapareceu.

– É, ouvi falar que ela está desaparecida.

O vento bate no vidro e ouve-se um som retumbante, de pedra empurrando o vento de volta. Então vem outro barulho, uma espécie de risada, instável e fraca, como o apito distante de um trem. Quando Lucy St. George e Phoebe Okada entram no jardim de inverno, sua pele formiga. Ela começa a pensar se não está desenvolvendo uma infecção de ouvido. A pressão na cabeça parece estar aumentando.

– Ali – Lucy diz, apertando os lábios para a parede. – Vocês ouviram?

– Ouviram o quê? – Phoebe pergunta. – Não ouvi nada.

– A casa fez um ruído – Lucy diz. – Parecia até uma palavra. “Decepcionada.”

– Eu ouvi “desaparecida” – Jane diz.

– Vocês estão bem estranhas – Kiran diz, tomando um dos bispos de Jane com sua rainha. – Você disse “desaparecida”, Janie. Charlotte desapareceu uma noite, há mais ou menos um mês. Só... *sumiu*. Octavian foi o último a vê-la. Ela estava no divã da biblioteca. Até onde percebeu, não levou nada com ela, nenhuma muda de roupa, nem mesmo seu diário. Só deixou um bilhete que dizia: “Querido, preciso tentar uma coisa. Por favor, não se preocupe. Se funcionar, eu volto”.

– Como assim? – Jane pergunta. – O que ela precisava tentar?

– Não tenho ideia.

– “Se funcionar, eu volto” – Jane repete. – Como ela foi embora? Estamos numa ilha, afinal de contas.

– Alguém veio buscar – Kiran diz –, porque nenhum barco sumiu. Ela deve ter planejado tudo, e acho que o fato de ter contado a outra pessoa que não ele realmente magoou meu pai.

– Estavam falando a respeito no café – Jane diz. – Colin mencionou que Octavian contratou investigadores e tudo o mais.

– É – Kiran diz. – Eles pegaram pesado; desenterraram coisas sobre a família de Charlotte, como o fato de que sua mãe tinha uma ficha criminal. Mas Octavian disse que já sabia e que aquilo era irrelevante. Acho que ele realmente acredita que Charlotte vai voltar. Parece que botou a vida em espera até que isso aconteça.

Jane pensa em como a tia morreu, completamente sozinha. Por sorte, as outras pessoas na estação de pesquisa sabiam aonde tinha ido. Porque, se não há ninguém para testemunhar o desaparecimento de uma pessoa, como

aqueles que ficam para trás, esperando, vão saber?

– Quando ela foi embora, já tinha redecorado toda esta ala – Kiran diz, com um gesto de mão. – A sala verde, a sala azul, a sala de chá, o jardim de inverno, a pista de boliche, a piscina e a sala de armas, e tinha quase terminado a biblioteca. Octavian estava preocupado, mas não fazia ideia de que Charlotte planejava ir embora. Ela não falava de nada além do sistema de catalogação.

– Sistema de catalogação?

– Charlotte tinha decidido catalogar os livros da biblioteca por cor – Kiran diz. – O que não é nada prático. Fica impossível achar qualquer coisa.

– Como assim por cor?

– Pela cor da lombada – Kiran diz. – A biblioteca fica nos fundos e ocupa dois andares em altura. Charlotte começou a falar sobre como é a espinha dorsal da casa, o centro nervoso, o lugar de maior poder. Então passou a relacionar todas as outras salas com partes do corpo. Tipo, o pátio veneziano é o coração, a cozinha é o estômago, o hall de entrada é a boca, a torre onde minha mãe vive é o cérebro, a pista de boliche é, tipo, a vagina. Foi ficando cada vez mais estranho. Pareceria o pior Picasso do mundo se alguém pintasse.

– A biblioteca parece incrível – Jane diz. – Organizada pela cor da lombada dos livros. Nunca vi isso antes.

– Não entro mais lá – Kiran diz. – É o covil de Octavian. Um lugar bem deprimente.

– Não quer dar uma olhada? – Jane pergunta. – Eu meio que quero.

– Eu já fui lá – Lucy diz, levantando o exemplar de *A casa da alegria* que tem na mão. – Foi onde peguei este livro. É bem bonito, as cores vêm em ondas. Parece o fundo do oceano, e faz a gente se sentir um peixe.

Um grão de tristeza explode dentro de Jane.

– Vamos visitar – ela pede.

Alguém rabiscou a palavra PARTICULAR em um pedaço de papel e colou na corda de veludo que bloqueia a entrada da biblioteca.

– É a letra de Octavian – Kiran diz. – E o nível de tosquice disso também é dele. Deve estar tentando proteger seu precioso covil dos empregados contratados para ajudar com o baile.

- Isso significa que não podemos entrar? – Lucy St. George pergunta.
- Claro que podemos – Kiran diz. – Ele só não quer que a gente entre.
- Hum... Mas ele é o dono da casa – Phoebe Okada diz.

Por um momento, Jane acha graça nisso. Phoebe demonstra respeito pela patética barreira de Octavian quando na noite anterior estava se esquivando pelos cômodos dos criados com o marido armado. Então deixa isso para lá, porque é irrelevante: ela só precisa entrar e ver o mar de cores. Se não fizer isso agora, com Kiran, Lucy, Phoebe e Jasper, vai fazer depois, sozinha, sem que ninguém saiba.

– Algum dia Octavian vai bater as botas. Então *eu* vou ser a dona – Kiran diz. – E é uma biblioteca. Ele não pode sequestrar os livros. Se quiser entrar, entre.

A última parte é dirigida a Jane, que está esticando o pescoço e olhando em adoração.

Jane solta a corda de veludo e entra na sala.

É como se a cor cantasse.

Os livros de qualquer biblioteca são coloridos. Mas esses ondulam e pulsam em cores. Não é uma simples questão de azul se transformando em roxo se transformando em vermelho. Tem toda uma seção terrosa, com laranja e verde se tornando vermelho e marrom. Há uma seção serena, com amarelo-claro passando a verde-claro e azul-claro, e uma seção enérgica, com tons fortes e impactantes de todos os matizes. Também há uma transição quase natural entre as seções, com livros brilhantes passando para aqueles mais opacos e sendo gradualmente infiltrados por tons metálicos, e por aí vai. A sala parece viva; é como estar dentro de um ser vivo. Cada livro, cada lombada colorida, contém uma história. Isso faz Jane pensar nos mundos subaquáticos e oníricos de tia Magnolia, e em seu próprio trabalho, ou no que quer que seus guarda-chuvas sejam. *Se esta casa tem uma alma*, Jane pensa, *está aqui*.

Ela se descobre procurando por Octavian, esperando encontrá-lo em algum canto, mas ele não está ali. Então lembra que Ravi o chamou de “criatura da noite”.

Jasper pede para sair, diante das portas francesas que dão para o terraço. Quando Jane as abre para ele, pode ouvir o barulho do mar. O cachorro corre para fora e então vira para ela, pulando animado, olhando ansiosamente para seu rosto. Mas Jane acabou de entrar na biblioteca. Nada no terraço a chama.

– Divirta-se – ela diz, fechando as portas e voltando para os livros.

Tia Magnolia? Era assim que você se sentia no seu universo subaquático? Queria que pudesse ver isso.

– E se você não souber a cor da lombada do livro que está procurando? – Jane pergunta.

– Está tudo catalogado – Kiran diz, apontando para um gabinete de madeira repleto de gavetinhas perto da entrada. – Em fichas físicas, como antigamente.

Jane vai até o móvel, puxa a gaveta do U e procura pelo primeiro livro que vem à sua mente: *O Ursinho Pooh*.

MILNE, A. A., diz o cartão. SEÇÃO BRUXULEANTE, ROMÃ, LETRAS DOURADAS.

– “Seção bruxuleante” – Jane diz, virando curiosa para a sala.

Do outro lado há uma reunião de livros do tom certo, mas que não parece sutil o bastante. É brilhante, berrante, não bruxuleante. Ela vai até o meio da sala e gira. No segundo andar, uma pequena seleção de livros brilha levemente num rosa-avermelhado, com letras prateadas e depois douradas, em cima das portas francesas, na parede norte.

Jane sobe a escada em espiral. Quando chega aonde quer, já está imaginando um guarda-chuva inspirado nessa biblioteca. A pressão nos ouvidos continua, mas ela mal a nota.

Ela fica impressionada com a rapidez com que consegue achar o livro.

– Muito bem, Charlotte – Jane diz, pegando-o. O livro se encaixa na sua mão com um arrepio prazeroso, como um gato satisfeito, que arqueia as costas contra a mão que faz carinho nelas. Ele se abre de imediato na história “Em que o Ursinho Pooh faz uma visita e entra em um lugar apertado”. Pooh vai na toca de Abel e come tanto mel que não consegue passar pela porta, ficando preso. Do lado de fora, Christopher Robin senta ao lado da cabeça de Pooh e começa a ler para ele. Do lado de dentro, Abel faz o melhor que pode, pendurando as roupas nas pernas rechonchudas de Pooh.

Mas tem algo de estranho nesse exemplar do livro. Jane sabe, ou achava que sabia, como a história terminava. É uma de suas favoritas, que ela lia repetidamente, aconchegada na poltrona com tia Magnolia. Pooh para de comer, emagrece e depois de uma semana Christopher Robin, Abel e seus amigos e parentes conseguem tirá-lo de lá.

Essa versão parece diferente. Conforme a semana passa, o corpo de Pooh

começa a se fundir com o buraco. Dói. Ele chora.

Jane fecha o livro, alarmada, e se vê brava com o escritor que achou que seria divertido reescrever a história dessa maneira. Ela fica com uma sensação surreal de estar presa numa parede enquanto a sra. Vanders pendura roupas lavadas nas suas pernas enquanto canta, sem notar nada de estranho em seu novo varal.

Ela sacode a cabeça. Não é parte da parede. É uma pessoa, no mezanino de uma biblioteca. Mas nunca sentiu o que está sentindo agora nas orelhas, e começa a se dar conta de que não é algo normal.

– Charlotte passou a outro nível de obsessão com essa biblioteca – Kiran diz lá de baixo. – Octavian praticamente teve que se mudar para cá para passar algum tempo com ela. E parece que nunca mais saiu daqui.

Por cima do balaústre, Jane vê Kiran em um canto escuro do outro lado da sala, atrás de uma das escadas metálicas em espiral. Os livros dessa seção são pretos, marrons e roxo-escuros. Num cômodo em que as cores parecem se mover, é fácil ignorar o divã ali, coberto de travesseiros, livros e cinzeiros sujos, cujo cheiro Jane percebe que sente desde que entrou. Há um toca-discos antigo em uma mesinha baixa na cabeceira do divã.

Jane não liga. Quer ir embora.

– Ele deve passar a noite aqui – Kiran diz, enrugando o nariz em desaprovação, e então move o cinzeiro lotado de cima de um cobertor amontado para cima da mesa. – Que jeito de passar as horas acordado... Argh. Vocês às vezes sentem que tem algo de inevitável em cada versão da sua vida?

– Como assim? – Phoebe pergunta.

– Nessa versão da vida dele – Kiran explica –, Octavian teria como não ser depressivo? Sem importar o que façamos contra isso?

– Não sei se estou entendendo – Phoebe diz. – É claro que importa.

– Não quero mais falar de Charlotte – Jane diz.

– Não estou falando de Charlotte – Kiran diz. – Estou falando de Octavian. Suas orelhas estão doendo?

Jane sente como se sua cabeça fosse um balão.

– Mas Octavian assombra esse lugar porque está deprimido por causa do sumiço da esposa – ela diz, teimosa. – Então estamos falando dela.

Ainda carregando seu exemplar de *A casa da alegria*, Lucy St. George foi para o outro lado da sala e passa a mão suavemente na madeira polida das

estantes. Jane percebe que está esfregando o balaústre do mezanino no mesmo ritmo. É uma estranha compulsão. Afastando a mão, ela diz:

– E, sim, minhas orelhas estão doendo. Agora tenho trabalho a fazer. Vou voltar para o quarto.

– E o que você faz? – Lucy pergunta.

– Guarda-chuvas.

– Sério? Você conserta? Tenho um que não abre direito.

– Deixa eu dar uma olhada – Jane diz, impaciente, dirigindo-se para a escada em espiral. – Meu quarto fica no fim da ala leste do terceiro andar. É só entrar. Vou ver o que posso fazer.

– Obrigada – Lucy diz, então dá um grito e afasta a mão da estante.

– O que foi? – Phoebe pergunta.

– Nada – Lucy responde, inspecionando a palma da mão. – Só uma farpa, ou algum tipo de... choque, sei lá.

– Como uma estante poderia te dar choque? – Phoebe pergunta.

Todos os pelos do corpo de Jane estão arrepiados. *Sai daqui*, ela se diz enquanto desce as escadas. *Cai fora*. Jasper cola o focinho na porta do terraço, choramingando ansiosamente. Jane o deixa entrar, então atravessa o cômodo com ele o mais rápido possível. Não é educada. Quando atravessa a porta para o pátio veneziano, nem se despede.

– Foi superesquisito ali dentro, Jasper – ela diz, parando no pátio para respirar ao sol.

O cachorro apoia a cabecinha em seu calcanhar e empurra, choramingando de leve.

– Incomodou você também? – ela pergunta. – Agora vamos.

Ela está quase no quarto quando se dá conta de que ainda está segurando o exemplar de *O Ursinho Pooh*.

A luz do quarto é clara e quente. Jane acha que o trabalho pode ajudar a esvaziar sua mente.

Seu último trabalho foi no guarda-chuva de autodefesa marrom e dourado. Ela ainda gosta da ideia. Na verdade, tem uma noção vaga de algo de que gostaria de se defender, um sentimento no ar que está tentando embaralhar sua mente. *Bobagem*, ela se repreende. *Provavelmente só preciso de um café. Vou tomar depois que ficar um pouco deitada, pensando no guarda-chuva.*

Ela usa o livro como travesseiro. O sol da manhã entra pelo vidro; o tapete é macio; Jasper deita ao seu lado.

Quando Lucy St. George irrompe pela porta com um guarda-chuva azul-marinho, Jane já está viajando.

– Uau – ela diz ao deparar com a sala cheia de guarda-chuvas coloridos.

– Hum – Jane diz, sentando e tentando focar. Estava perdida em um devaneio peculiar que já começava a esquecer. Jasper ronca ao seu lado. – Desculpa. Estava tomando um solzinho.

– Fiquei com vergonha de mostrar meu guarda-chuva agora que vi os seus – Lucy diz. – É muito sem graça.

Jane se esqueceu completamente da sua promessa.

– Ai – Lucy diz, sacudindo a mão livre, como se doesse.

– Tudo bem?

– Minha mão ainda dói por causa daquela farpa ou sei lá o quê. Bom, aqui está. – Ela entrega o guarda-chuva. – Viu? Não está abrindo direito.

Jane logo vê que é só uma haste que precisa ser desentortada e reforçada.

– É fácil de arrumar – ela diz. – Não tenho as tintas certas, mas dá para fazer várias coisas fofas nesse tipo de náilon com cola e glitter apropriados.

Lucy St. George morde os lábios para não sorrir.

– Está me dizendo que quer transformar meu guarda-chuva sem graça em algo com personalidade? Fique à vontade.

– Sério? – Jane pergunta. – Talvez o resultado não seja muito discreto.

– Faça seu pior – Lucy diz. – Estou curiosa.

– Obrigada – Jane diz, sorrindo surpresa.

– Você acha que esta casa tem um humor próprio?

– Oi?

– Humor – Lucy diz. – Você sabe. Acha que tem emoções, intenções, objetivos?

– A casa?

– É.

– Hum – Jane diz. – Não seria meio fantástico?

– Isso é um não? – Lucy pergunta, com um sorriso fraco.

– É – Jane diz, surpresa com sua firmeza. – Quer dizer, acho que era o que Charlotte pensava, mas parece que ela era meio... doida. Andou falando com Kiran a respeito dela?

– Não, é só uma sensação que eu tenho – Lucy diz. – Me diga se mudar de

ideia. É uma opinião meio solitária.

Quando Lucy sai, Jane vê o guarda-chuva de autodefesa que precisa concluir. Fechado, parece uma lâmina, pronta para cortar o ar. E abre com um ruído alto, para espantar coisas ruins. *Só vou ficar aqui no tapete olhando um pouco para ele*, ela pensa. Mas, quando deita, não para de visualizar o triste cantinho desarrumado de Octavian na biblioteca. Que tipo de guarda-chuva ela poderia fazer?

Jane levanta para deixar Jasper sair, então deita de novo. Ar e água passam à distância pelos canos em um concerto desigual de barulhos que se assemelham a suspiros melancólicos. Então ela percebe que está passando a mão no tapete, como se para se acalmar, ou acalmar alguém.

Os ruídos suaves da casa harmonizam com o torno, a broca, a serra circular, a máquina de costura e a cantoria inconsciente de lábios fechados de Jane. A parede de vidro deixa a luz passar e segura o calor, facilitando sua concentração. A energia do lugar deixa todo o resto em segundo plano; o guarda-chuva que ela está fazendo é o mundo inteiro.

Na verdade, ele tem costelas como Jane. Tem uma perna comprida em que todo o resto se equilibra; tem articulações e pele esticada por cima dos ossos. Jane vai pintar essa pele, como o tatuador fez com a dela. Que bom ter a pele resistente à água e um corpo que pode ficar completamente tenso ou descansado. Que agradável ter partes funcionais produzidas com carinho. A chuva é um padrão musical na imaginação de Jane. Todo guarda-chuva nasce já conhecendo esse som, almejando-o em sua alma, esperando pacientemente dia sem chuva após dia sem chuva, até que as gotas atinjam sua pele.

Jane se sacode, confusa. Imagina se esses pensamentos são seus. Por que parece que são de outra pessoa? Está quente demais. Mesmo se esforçando, não tem certeza do que está fazendo há não sabe quanto tempo. Só se lembra vagamente de... uma intensa conexão com o guarda-chuva em andamento. Suas orelhas ainda doem e ela se dá conta do que está cantando. “Eleanor Rigby”, dos Beatles, que fala sobre solidão.

Jane se segura à mesa e respira como uma água-viva. Então, sob os dedos, descobre o entalhe de um tubarão-baleia nadando com seus filhotes. O desenho percorre a borda em detalhes intrincados. Ivy deve ter feito essa mesa. Ivy, ela pensa, com a mente clareando. *Tia Magnolia. Eu.*

Por que sente cheiro de tinta?

Voltando ao que está fazendo, Jane encontra uma cena pintada pela metade no dossel do guarda-chuva. Parece os livros marrom-escuros e pretos da biblioteca, e um contorno que provavelmente viraria o divã de Octavian. Esse não era seu plano, deveria estar fazendo o guarda-chuva de autodefesa. Como a coisa saiu assim dos trilhos?

Jane fecha as tintas. Precisa de ar, tem que abrir uma janela.

Ela descobre que um dos vidros mais baixos na parede pode ser aberto. Está emperrado, mas, determinada, Jane aplica o óleo que tem para facilitar. Usando toda a sua força, ela consegue abrir uma fresta. Uma corrente fraca de ar frio entra.

Jane deixa o guarda-chuva de autodefesa em que está trabalhando de lado. Está difícil demais, o que a irrita. Em vez disso, vai consertar e personalizar o guarda-chuva azul-marinho de Lucy.

O conserto só leva alguns minutos. Quando à customização, Jane imagina que Lucy vai preferir alguma coisa mais discreta e refinada. Talvez estrelinhas brilhantes no céu noturno, que seria a abordagem mais óbvia quando só se tem um guarda-chuva azul-escuro, cola e glitter. Ou talvez algo ainda mais simples.

Jane escolhe um gomo e passa uma camada uniforme de cola nele, em algumas poucas linhas simples. Vai começar assim, em um exercício de contenção, para ver aonde será levada.

Sabe-se lá quanto tempo depois, um barulho na casa, como um grito, chama sua atenção. Jane, que estava cantando, desafina, e a dissonância a tira de seu transe. É outra música dos Beatles, “She’s Leaving Home”, sobre uma garota que foge de casa, abandonando os pais bem-intencionados mas repressores, que têm que lidar sozinhos com toda a confusão e tristeza. Jane não tinha ideia de que sabia cantar essa música. Está mudando um pouco a letra, substituindo todos os nomes e pronomes por “Charlotte”, como se todas as pessoas citadas – a garota, a mãe, o pai – chamassem assim. “*Charlotte’s leaving home, bye-bye.*”

Jane se dá conta de que não está mais na mesa de Ivy, embora não consiga se lembrar de ter levado suas coisas para o outro lado da sala. Agora trabalha na lona no chão, com as pernas cruzadas, as costas curvadas doendo. Ela se endireita, alongando o pescoço. Então dá uma olhada no que fez no guarda-chuva de Lucy e fica horrorizada.

As listras com que começou se tornaram grades de uma cela. Atrás delas, há uma mulher sentada na cama, com uma perna dobrada, a cabeça apoiada contra a parede, os olhos fixos, o rosto sombrio. A cena é rica em sombras e profundidade, composta de várias cores e grossuras de cola e glitter, um feito artístico impressionante, considerando a tela. A mulher até usa um macacão de glitter laranja de presidiária. Tem um livro sobre sua perna.

Seu cabelo levemente ondulado faz com que ela pareça muito com Lucy.

Ah, droga, Jane pensa. Como isso foi acontecer?

Tem alguém gritando em algum lugar da casa. A fúria cortante de uma voz masculina parece próxima. Outra voz masculina responde com um rugido. Jane reconhece o tom da discussão, porque já ouviu essas vozes sendo levantadas uma contra a outra: Ravi e Octavian estão brigando de novo. Ainda segurando o guarda-chuva carcerário de Lucy, Jane vai para o quarto, onde nota que Jasper choraminga do outro lado da porta, arranhando-a para entrar. Há quanto tempo faz isso? Todo mundo na casa está infeliz. O cachorro entra assim que ela abre e corre em volta dela, latindo alto.

Ignorando Jasper o quanto pode e ainda com o guarda-chuva aberto na mão, Jane se desloca pelo corredor na direção das vozes, que parecem estar vindo de algum lugar entre sua suíte e o pátio veneziano, batendo continência distraidamente para o Capitão Peludão ao passar.

O barulho vem do quarto de Octavian. Ele está sentado em uma cama enorme e alta, com os lençóis de seda até a cintura, usando uma camiseta que diz “All You Need is Love”. Ele esfrega o rosto pálido e cansado, fechando os olhos para protegê-los das cortinas abertas.

Ivy está ao pé da cama com Ravi, que grita e sacode os braços.

– Você nem liga! – ele diz. – É uma concha vazia, um fantasma. Logo mais vai estar atravessando paredes!

– Pode ser – Octavian diz, com os dentes cerrados –, mas eu o *proíbo*, proíbo, de vasculhar os pertences dos empregados ou dos convidados desta casa em busca de respostas para suas perguntas presunçosas.

Ivy tem um pequeno narciso amarelo atrás da orelha. Lucy St. George também está no quarto, chocada, com os olhos arregalados focados em Ravi. Kiran está apoiada na parede com os braços cruzados e uma expressão insolente no rosto, como uma garotinha de doze anos revoltada.

Jane fica na porta, segurando o guarda-chuva customizado de Lucy ao lado do corpo, do lado de fora, onde a cola e o glitter, que ainda não secaram,

correm menos risco de bater, estragando tudo. Jasper bate em suas panturrilhas sem parar, o que é irritante.

Ivy notou a chegada de Jane, então vai até ela, tirando o narciso do cabelo e sorrindo. Ravi continua gritando para o pai.

– Oi, Janie.

Ivy nota o cachorro descontrolado e o guarda-chuva aberto, depois seu olhar se desloca para a outra mão de Jane, que só então percebe que está segurando o exemplar de *O Ursinho Pooh*. Ela não se lembra de tê-lo pegado antes de sair.

– Olha – Ivy diz, oferecendo o narciso ligeiramente amassado. – Eles decoraram as armaduras com junquilha para o baile. Uma palavra de nove letras.

– Quê? – Jane pergunta, confusa.

– Junquilha – Ivy repete. – É o nome desse tipo de narciso.

– Ah – Jane diz. – Obrigada, mas estou com as mãos ocupadas. Por que Ravi e Octavian estão gritando?

Ivy parece desanimar.

– Tem uma escultura de um peixe que fica sob um pedestal de madeira de um escultor famoso chamado Brancusi – ela diz. – Fica no hall de entrada. Ravi acabou de encontrar o pedestal vazio. O peixe sumiu. Alguém o arrancou e sumiu com ele, e Ravi não acha que o pai está devidamente chateado.

– Ah – Jane diz, ainda sem entender.

Ivy tentar olhar mais de perto para o guarda-chuva atrás de Jane. Ela passa para o corredor e Jane o entrega. Precisa saber o que Ivy vê nele.

– Espera – Ivy diz. – Essa é Lucy St. George?

– Você acha que parece com ela?

– Na prisão? – Ivy continua. – Você fez um desenho com glitter de Lucy na prisão?

– Perdi o controle.

– É incrível – Ivy diz, parecendo realmente impressionada. – Quer dizer, ficou muito bom. Mas por que desenhou Lucy na cadeia?

– Eu não sei – Jane diz. – Não era minha intenção.

Ivy a observa com cuidado.

– Janie, você está bem? – ela pergunta. – Parece meio... desorientada.

Quando Ivy pergunta, Jane se dá conta de que é verdade.

– Sabe – ela diz –, estou me sentindo desorientada o dia todo. Como se mosquitos ficassem passando na frente dos meus olhos.

Ivy enlaça o braço de Jane, bem onde estão os tentáculos de água-viva. Com o toque, o corredor entra em foco e a pressão constante nos ouvidos de Jane cessa. Ivy cheira a cloro. Sua mão é quente e seu sorriso, suave.

– Ah – Jane diz, considerando se seria estranho abraçá-la de verdade. – Obrigada. Junquilha. Eu entendi agora. Desculpa. Esse tem sido um dia bem esquisito.

Sem soltá-la, Ivy coloca a flor atrás da orelha de Jane. Faz cócegas. Jane fica vermelha.

– Talvez você esteja trabalhando demais – Ivy diz.

– Não sei – Jane comenta. – Parece que tem algo no ar hoje.

– Bom, toma cuidado. Lucy está aqui – Ivy diz. – É melhor que não veja o guarda-chuva.

– Verdade – Jane diz, decidida. – Não queria que ficasse assim. Vou ter que desfazer de alguma maneira.

– Sério? – Ivy pergunta. – Porque é um guarda-chuva incrível. É só que... bom, talvez não seja muito simpático a Lucy. Você pensa nela como uma criminosa?

– É claro que não!

– Ela não é uma investigadora particular? Tipo, *coloca* pessoas na cadeia?

– Estou me sentindo péssima com isso – Jane diz.

– Não sinta. Mas talvez você deve guardar o guarda-chuva no quarto antes que ela veja. Aliás, me dá aqui – Ivy diz, esticando a mão.

No momento em que ela solta seu braço, a confusão volta a tomar conta de Jane.

– Lucy está vindo – Ivy diz, baixo. Ela põe a mão no guarda-chuva. – Vou colocar no seu escritório.

Ivy tem que arrancá-lo dos dedos de Jane. Com um último olhar intrigado, vai embora com ele pelo corredor, na direção do quarto de Jane.

– Com licença – Lucy St. George diz, às costas de Jane.

– Desculpa – ela responde, saindo do caminho.

Lucy esbarra em Jane quando passa para o corredor, com o rosto vazio e em pânico.

– O que aconteceu? – Jane pergunta.

– Nada – Lucy responde, correndo.

– Você está se sentindo esquisita hoje? – Jane grita para ela. – Eu estou.

Lucy consegue se segurar. Ela vira com uma expressão tensa no rosto. Como Jane, ainda tem o livro na mão.

– Você já amou alguém – Lucy pergunta – e soube que essa pessoa te amava, e você se sentia atraída por ela, e ela por você, e tudo parecia certo, mas não importava, porque as poucas coisas erradas eram completamente fodidas?

– Está falando de Ravi?

– Tomei algumas decisões ruins – Lucy diz, então esfrega as têmporas. – Parece que minha cabeça vai explodir. A sua também?

– Que tipo de decisão ruim? Tipo Ravi?

– Ah – Lucy diz –, tipo centenas de coisas. Ravi é impossível. E não consigo acreditar que estou falando com você a respeito. Esquece.

– Você já tomou decisões *criminosas*? – Jane pergunta, pensando no guarda-chuva.

Lucy arregala os olhos.

– De onde saiu isso?

– Desculpa – ela diz, confusa. – Não sei. Estou me sentindo muito esquisita hoje.

Nesse momento, Ravi sai do quarto de Octavian e coloca as mãos quentes na cintura de Jane para tirá-la do caminho sem muita delicadeza. Ele dispara pelo corredor na direção do seu quarto, com o rosto banhado em lágrimas. Nem olha para Lucy, que o observa sair, tentando abrandar uma decepção que não tem como esconder.

O celular de Lucy toca, mas ela nem reage. Só fica olhando para Ravi.

– Acho que é o seu – Jane diz.

– Quê? Ah. – Lucy apalpa os bolsos da frente e de trás, então encontra o celular. Ela se afasta na direção do centro da casa. – Oi, pai, o que foi?

Jane fica sozinha na porta de Octavian, com o cachorro mais agitado do mundo. Jasper voltou a cutucar suas pernas, como se sua intenção fosse bater a cabeça nelas até desmaiar.

No quarto, Octavian e Kiran se encaram.

– Pelo menos assim você vem visitar seu velho pai – ele diz, cansado, passando a mão pelos olhos. – Alguém roubou a escultura?

– Você também não procura por mim – ela diz. – Você sabia que eu tinha chegado.

– Por que iria atrás de você se não sou desejado?

– Se Charlotte voltasse depois de tanto tempo fora – Kiran diz –, você não ficaria esperando que viesse aqui.

– É diferente – Octavian diz. – Charlotte foi embora sem avisar. Não tenho ideia de para onde foi nem por quê.

– Se eu fosse embora sem avisar – Kiran diz –, você ia me acusar de ser egoísta e imatura. Quando Charlotte faz isso, você fica sofrendo, não para de fumar, não sai da cama e não toma banho. Você sabia que eu ia chegar ontem e nem esperou acordado.

– Kiran – Octavian diz. – Está sugerindo que amo minha esposa mais do que amo você, minha própria filha? Que não ficaria morto de preocupação se desaparecesse? Acha mesmo isso?

– Estou dizendo que precisa sair dessa – Kiran afirma, brava. – Desde quando dorme o dia todo e nem se preocupa se uma obra importante sumiu?

– Então você está brava comigo porque estou deprimido? – ele pergunta, levantando a voz também. – Por acaso fico bravo com você por estar deprimida?

– Não! – Kiran grita. – Mas deveria! Deveria estar me prendendo em conversas chatas e longas sobre como preciso de um emprego, sobre como acha que escolhi o cara errado e estou desperdiçando minha vida!

– Você *escolheu* o cara errado! – Octavian diz, quase gritando também. – Você *está* desperdiçando sua vida!

– Então me diz isso! – Kiran grita. – Para de ficar vagando por aí de chinelo chorando por causa de Charlotte e indiferente a todo o resto!

– Não sou indiferente! – Octavian diz. – É só que... – Ele para, passando a mão sobre os olhos de novo. – Estou cansado.

– Então vai dar uma volta! – Kiran diz. – Vai para piscina! Vai para Nova York comprar um quadro! É claro que está cansado! Você nunca faz nada!

– Não estou conseguindo pensar direito desde que Charlotte foi embora.

– Entendo que você esteja magoado, pai...

– Não – Octavian diz. – Não! Não é só isso. É como se ela tivesse levado parte do meu cérebro consigo quando foi embora. Estou confuso, não quero ficar em nenhum outro lugar que não a biblioteca. Tenho sono, perco a noção do tempo.

– Isso não é normal – Kiran diz. – Você deveria ir ao médico.

– Não posso sair daqui.

– Do que está falando? É claro que pode sair.
– Charlotte precisa de mim. Ela me quer – Octavian diz.
– Charlotte não está aqui.
– Mas está perto. Se eu ficar aqui, esperando, ela vai voltar.
– Pai – Kiran diz. – Isso não está fazendo nenhum sentido. Voltar de onde? Do submundo? Como Orfeu e Eurídice? Ela foi embora! Deixou você!
– Charlotte fala comigo – Octavian diz. – E canta. Quer que me junte a ela.
– Tá – Kiran diz, cortante –, já chega. Você está delirando. Depois do baile, Ravi e eu vamos colocar você em um barco e te acompanhar até o médico. Não interessa se concorda ou não.

Jane nota algo no ar do quarto, que parece zumbir estranhamente, como se houvesse uma energia extra nele, focada em Octavian. *Se o que estou sentindo fosse visível*, Jane pensa, *Octavian pareceria embaçado. Como se tivesse uma existência parcial em outra dimensão.*

– Aposto que você quase desaparece quando está na biblioteca – Jane diz, em voz alta.

Kiran e Octavian olham para ela, surpresos com a interrupção. Jasper mordisca Jane, então abre a boca de verdade e morde sua panturrilha com toda a força.

– Ai! – Jane grita. O quarto volta ao foco e o zumbido some. – Jasper! Seu sádico!

Ele fez um furo na calça listrada. De repente, ela só quer sair para tomar ar. Precisa disso. É uma necessidade desesperada, pungente.

– Vou dar uma volta – Jane diz para Kiran e Octavian. – Tchau.

Jasper se vira e corre pelo corredor, pulando animado. Jane o segue.

O cachorro conduz Jane escadaria abaixo. Pela primeira vez, não está em seus calcanhares. No hall de entrada, ele desvia de uma mulher que recolhe cacos de vidro e lilases do chão. Jane nem a nota a princípio, e o fato de estar tão distante que quase pisa em outra pessoa a chateia. *Tia Magnolia*, ela se vê repetindo. *Tia Magnolia, tia Magnolia.*

Um porta-retratos numa mesinha lateral desperta sua atenção. Contém uma foto de uma loira de aparência jovem com outras pessoas. Quando Jane tenta ir até ele, Jasper a pastoreia em outra direção com entusiasmo. A mulher tem um sorriso maníaco no rosto. Jane sabe que é Charlotte. Ela vira o pescoço

para continuar olhando enquanto segue o cachorro porta afora.

No momento em que chega ao mundo exterior, Jane começa a despertar. Ela sente a luz do sol na pele e ouve o mar batendo e o vento soprando. É tudo normal, natural; não há nenhuma estranha pressão em seus ouvidos. De pé no jardim da frente, alvo do vento e da luz, ela respira fundo, como uma água-viva. *Tia Magnolia.*

De repente, Jane pensa em como ela morreu. Tia Magnolia congelou em uma nevasca. Hipotermia. Desde então Jane aprendeu com sua médica alguns detalhes de como deve ter sido. Sua tia deve ter lutado com uma confusão mental como a que vem experimentando hoje. Uma incapacidade de lembrar as coisas, de se sentir coerente e completa. Devia ter lutado por clareza, mas isso era impossível e finalmente se entregou. Não havia escolha.

Por que me mandou para essa casa tão, tão estranha, tia Magnolia? Sabia que ia fazer com que me sentisse desse jeito? Ela olha para cima. Tu Reviens se estende à sua frente, enorme e gelada, marcada por janelas e pedras que não combinam. Isso a faz pensar em um velho dragão com escamas faltando e inúmeros olhos de vidro, protegendo seu tesouro. *Está... sozinho,* ela pensa. *E com fome.*

Um instinto lhe diz que no futuro é melhor ficar longe da biblioteca.

Jasper está abrindo caminho pelo gramado que chega ao seu pescoço, mirando no lado leste da casa, onde Jane vê os contornos do jardim. Ela o segue, enquanto ele se arrasta pela grama molhada enquanto respira devagar.

Enquanto dá a volta na casa, ela é bombardeada pelo cheiro de terra fresca e gelada e a visão de tulipas e narcisos – junquinhos, ela pensa, tocando aquele em sua orelha – além de uma magnólia que parece estar pronta para explodir em flor.

Perto da extremidade do gramado leste, o sr. Vanders está sentado em um banco torto, que mais parece ter sido feito para meditação que para jardinagem. Ou talvez seja só a maneira lenta e contemplativa como cava que seja estranha. O jardim está coberto de buracos desiguais e aleatórios, além de pilhas de terra.

– Oi – Jane diz, sem querer interromper, mas querendo que saiba que não está sozinho.

O sr. Vanders tenta falar, mas acaba espirrando.

– Saúde – Jane diz.

– Obrigado – ele diz, puxando um lenço do bolso. – Desculpe. A

primavera ataca minha alergia. Vai dar uma volta?

– Preciso clarear a mente – Jane diz, gesticulando com o livro na mão. – Estava me sentindo um pouco atrapalhada, então saí para tomar um ar. Você deveria estar fazendo isso, se é alérgico?

– Alguém tem que fazer – o sr. Vanders diz.

Ele espirra de novo, de forma explosiva, depois suspira, coçando as costas.

O clima fresco está fazendo maravilhas para a cabeça de Jane. O cachorro fica cheirando feliz os buracos que o sr. Vanders fez, então começa a cavar um pouco também. Ela sente um desejo urgente de correr pelo jardim e lançar o livro como se fosse um dardo.

O sr. Vanders fecha os olhos lacrimejantes e vira o rosto para o sol. Jane consegue ver cada linha fina na sua pele e se pergunta se vai chegar o dia em que tudo deixará de ser sobre sua tia, em que rugas no rosto de alguém mais velho não a farão pensar: *Tia Magnolia nunca vai chegar a essa idade*.

Então ela se lembra de que o sr. Vanders a conheceu. Antes que sua mente se atrapalhe, pretende investigar.

– Ainda não consegui falar com a sra. Vanders sobre minha tia – ela diz.

– Hum – o sr. Vanders diz, sem abrir os olhos. – Talvez depois do baile. Ela vai procurar você quando tudo estiver encerrado.

O baile, Jane lembra. É amanhã. Os detalhes do dia retornam a conta-gotas. Ela inspira fundo e decide que nunca mais vai voltar à biblioteca.

– Aconteceu alguma coisa com o Brancusi? – ela pergunta. – Uma escultura de peixe, é isso?

Ele abre os olhos e assoa o nariz.

– Parece que sim.

– É muita sorte que Lucy St. George esteja hospedada na casa, já que é uma investigadora especializada em arte – Jane diz, e a imagem do guarda-chuva com a cela de prisão passa por sua mente. – É meio assustador, não acha? A ideia de que alguém na casa roubou uma obra de arte?

– Sim – o sr. Vanders concorda, sem parecer assustado ou particularmente interessado. Jane considera a bagunça que está fazendo. Não dá para entender qual é seu propósito além de simplesmente abrir buracos.

– Então você gosta de jardinagem?

– Não diria isso – ele comenta, pondo a mão nas costas. – Tenho dor na lombar e não sei diferenciar uma flor de uma erva-daninha nem se minha vida depender disso. Mas tento encarar como um exercício meditativo.

– Está funcionando?

– Não muito – ele diz, cansado.

Jane observa Jasper cavoucando feliz. Então volta os olhos para a casa.

– Você sempre morou aqui?

– Além do tempo em que passei na escola e na faculdade, ou viajando, sim – o sr. Vanders diz. – Meus pais trabalhavam para a família. Cresci aqui. Vi Octavian, depois meu próprio filho, Kiran, Ravi, Patrick e Ivy crescerem nessa casa maravilhosa.

Jane observa o jardim de inverno.

– Até aquela parede de vidro parece remendada – ela diz, indicando os painéis.

– É parte do charme assimétrico da casa – o sr. Vanders diz.

– É mesmo? Kiran diz que Charlotte achava que a casa sofria por causa de sua origem múltipla.

– Bom – o sr. Vanders diz –, todos sofremos por causa de nossas origens, de um jeito ou de outro, não acha?

Jane pensa em sua própria história. Seu pai era professor de ciências de ensino médio. Sua mãe estava terminando a dissertação sobre uma nova explicação meteorológica para o fenômeno da chuva de sapos, e tinha sido convidada para falar em uma conferência de fim de semana sobre arquitetura inspirada em sapos em Barcelona. Ela e o marido estavam apaixonados pela filha de dezoito meses, mas exaustos, por isso decidiram aproveitar. Deixaram Jane com a irmã mais nova dela, Magnolia. Era algo diferente para os dois, principalmente para a mãe, que tinha acabado de parar de amamentar. Ela quase cancelou a viagem no último momento; quase levou Jane junto. Mas Magnolia disse: “Não, vão, vejam as igrejas, comam *paella*, tomem sol, passem um tempo sozinhos”. O avião foi atingido por um raio, perdeu um motor e bateu na aterrissagem. Jane nem se lembrava dos pais, só de tia Magnolia, que chorava quando via notícias de chuva de sapos.

É difícil para Jane sentir falta de algo de que nem se lembra. Ou será que parte dela sente? Pode estar enterrado, fora do campo de visão, mas ser algo em que toda a sua vida se apoia, como as fundações de uma construção?

– E uma casa? – Jane pergunta ao sr. Vanders. – Pode sofrer por causa de suas origens?

Ele aperta os lábios ao observar a construção.

– Acho que, se esta casa fosse uma pessoa, sofreria de crise de identidade.

Pobrezinha! – ele diz, esticando os braços de repente, como se quisesse abraçar o imóvel. Então ele entoa em uma voz simpática: – Você é a nossa Tu Reviens!

– Você acha que isso ajudou a casa? – Jane pergunta, achando graça.

– Bom – diz o sr. Vanders –, quanto mais aceitamos nossa falta de coesão, melhores nos saímos.

– Acha mesmo?

– Esqueça a ilusão dos limites e do controle! – ele diz, esticando os braços de novo.

– Santo Deus – Jane diz, tentando imaginar as conversas que ele e a esposa deviam ter à noite na cama.

– Se a casa sofre com sua falta de coesão – o sr. Vanders diz –, é por causa das expectativas irracionais da sociedade em termos de integração.

– Entendi – Jane diz, sem entender.

– Ela também poderia estar sofrendo de um transtorno psicológico diagnosticável – ele diz. – Por que não poderia ter transtorno dissociativo ou até mesmo transtorno narcísico severo? Em outro universo, chamaríamos um psicólogo especializado para que tivesse a ajuda de que precisa. Mas imagino que a casa, por ser uma casa, não está sofrendo, a não ser de calhas entupidas.

– O que você estudou na faculdade? – pergunta Jane.

– Ah, um pouco de tudo – o sr. Vanders responde.

As portas francesas do terraço traseiro abrem à distância, e Kiran sai por elas. Ela se dirige para Jane pela grama alta, então desvia das pilhas de terra no limite norte do jardim. Parece distraída, com o rosto fechado, absorta em algum lugar muito longe. Jasper, enquanto isso, brinca em seu buraco agora profundo, lambendo alguma coisa e fazendo ruídos animados para Jane, aparentemente tentando chamar sua atenção. Ela ajoelha, coloca o livro no colo e tenta tirar um pouco da lama de seus pelos.

– Oi, sr. V. – Kiran diz, vaga. – Tudo bem?

– Fora o pólen... – ele diz, lançando-lhe um olhar rápido. – Como está se sentindo, querida?

– Maravilhosa – Kiran diz, o que obviamente é mentira. Então se dirige a Jane: – Vamos jogar bridge.

– Não sei jogar bridge – Jane diz a ela, ainda tentando inutilmente limpar o corpinho de Jasper. – E minhas mãos estão sujas.

– Eu ensino – Kiran diz. – Vamos lá. Phoebe precisa de uma parceira.

Phoebe. Jane a viu nos aposentos dos criados ontem à noite, com Patrick. Seu marido, Philip, carregava uma arma. Ela fica esquecendo isso. Deveria contar a alguém? E se foi Phoebe quem roubou a escultura de peixe?

Jasper desiste do buraco e rola na grama, latindo. Depois que levanta e se sacode, está surpreendente limpo.

– Muito bem – Jane diz, limpando as mãos na grama molhada. – Vamos tentar.

Ela pega o livro com cuidado entre o dedão e o indicador molhados e levanta. Talvez passar um tempo com Phoebe esclareça algumas coisas.

Olhando para o buraco de Jasper ao passar, Jane nota alguma coisa grande, clara e opalescente dentro.

– Foi legal falar com você, sr. Vanders – ela diz. – Aliás, Jasper parece ter descoberto uma pedra branca bem interessante.

As sobranceiras do homem se levantam devagar até a linha dos cabelos. Ele observa Kiran, Jane e Jasper enquanto seguem seu caminho para a casa.

Kiran conduz Jane até uma porta pequena no muro de trás da casa, então por um corredor escuro e por um espaço inundado por uma luz móvel. Jane nunca esteve nesse lugar. É a piscina interna, com piso de azulejo dourado e enormes paredes de vidro, uma das quais dá para um aquário enorme. Uma enguia verde-limão encara Jane com um olhar de soslaio quase humano no rosto.

– É o tanque dos tubarões – Kiran diz, parecendo entediada, então prossegue pela borda da piscina na direção de uma série de portas ao fundo. – Uma das escolhas decorativas de Charlotte.

– Tubarões? – Jane repete, se sobressaltando quando um tubarão-cabeça-chata gigantesco passa nadando.

Eles são predadores. Jane costumava ter pesadelos com tia Magnolia sendo comida por um. O animal chega ao fundo do aquário, vira e nada na outra direção. A enguia continua olhando para Jane como uma espécie horrível de palhaço delirante, mas o tubarão nem nota sua existência.

Jasper dá um cutucão na perna de Jane para que volte a andar. Enquanto segue Kiran, ela tem certeza de que a enguia olha para suas costas. Sua expressão lembra a da mulher na foto no hall de entrada. Jane decide que não vai mais falar ou pensar em Charlotte. Faz com que o ar pareça carregado.

Kiran dá a volta na piscina, escolhe uma porta no corredor estreito ao fundo e conduz Jane por um pequeno vestiário com painéis de teca que brilham devido ao verniz. Teca não é uma madeira barata. Jane só fez um guarda-chuva com cabo desse material. É claro que o primeiro Octavian Thrash pode ter roubado a teca de um monastério em Burma, o que seria muito econômico.

Outra porta leva Jane, sem aviso, para a biblioteca.

No canto oeste, Jane senta a uma mesa de carteador de frente para sua parceira, a misteriosa Phoebe Okada. Jasper está aos seus pés. Kiran e Colin são a dupla adversária e Lucy St. George está encolhida em uma poltrona próxima. Jane perdeu seu narciso em algum lugar; não está mais atrás da orelha.

– Não posso ficar muito – ela diz, porque prometera a si mesma que não iria mais à biblioteca.

O problema é que as ondas de cor acalmam sua ansiedade. Quando Jane entra, os azuis, verdes e dourados a atingem suavemente do outro lado da sala. Se é como estar debaixo d'água, não pode fazer mal a Jane, pode?

Para sua surpresa, Phoebe é uma professora nata. Antecipa as questões de Jane sobre o jogo e as responde de uma maneira que ela entende, sem nenhum traço de esnobismo.

– É um jogo elegante, quando se pega o ritmo. Isso – ela diz, quando Jane bate o ás de espadas com o três de corações. – Você está indo bem.

Uma criança passa engatinhando pela porta da sala, depois desaparece pela porta que leva para o vestiário. Jane não consegue ver seu rostinho ou sua pele, só uma mecha de cabelo escuro e pernas gordinhas e rápidas. Um homem de meia-idade e pele morena corre atrás dela, diminuindo o ritmo apenas para olhar por cima do ombro para os ocupantes da biblioteca. Ele troca um olhar rápido com Phoebe Okada, ambos abrindo uma expressão misteriosa e cheia de significado. O homem usa chapéu de chef e calça xadrez. Então desaparece também.

– O cozinheiro tem um filho? – Jane pergunta a Kiran.

– Vamos – Phoebe diz, um pouco impaciente. – Foco no jogo.

– O quê? – Kiran pergunta. – Cook? Minha cabeça está doendo. A sua não?

– O cozinheiro – Jane repete. – O cara com calça xadrez e chapéu de chef.
– Ah, Cook se veste assim às vezes – Kiran diz. – Mas sempre acho que está sendo irônico.

– Irônico? – Jane pergunta. – Como assim?

– Vai entender... – Kiran diz, então suspira. – E não importa. O nome dele é Corcoran, mas sempre o chamaram de Cook. Até acho que ele gosta de cozinhar, mas nunca faz isso. Está sempre ocupado fazendo Deus sabe o quê... Tocando saxofone. Cuidando dos pais. Ele é filho dos Vanders. Quem cozinha mesmo é Patrick. Todo mundo tem um trabalho recompensador menos eu.

Isso parece tão chocante quando dito por uma milionária entediada, principalmente em relação aos próprios empregados, que Jane fica momentaneamente em silêncio.

– Kiran – Colin diz, sem tirar os olhos das cartas –, você fala uma dúzia de línguas fluentemente e tem uma mente política afiada como nunca vi. Vai achar um emprego, quando for a hora. Não se pressione.

Há algo de significativo no silêncio de Kiran. Jane começa a reconhecer o quê: certo ressentimento irritado pela expectativa de que seja grata. Como se a amabilidade dele fosse asquerosa e egoísta.

Na poltrona, Lucy St. George suspira lendo *A casa da alegria*.

– Achei que lembrava a trama do livro – ela diz –, mas parece que não.

Jane olha para ela, desconfortável. Sua mão está enfaixada, o que parece exagerado para uma farpa. Está com olheiras, algo que Jane nota no espelho depois de noites mal dormidas.

– Como assim? – ela pergunta. – A história parece diferente?

– Todo mundo está jogando mais bridge do que eu me lembro. Lily Bart está sentada numa poltrona na biblioteca lendo enquanto os amigos jogam bridge sem parar. Nem me lembrava disso. Ela não jogava sozinha? Não foi o que a colocou em problemas financeiros? Não tinha inúmeras conversas inteligentes com cavalheiros?

– Não me lembro da história – Jane diz. – Só que não parecia ter muita alegria. Sua mão está boa?

– E ela está ficando com sono enquanto os amigos jogam bridge – Lucy diz. – O que me deixa com sono também.

Já o jogo de bridge de Jane está parado, porque Kiran olha para o nada.

– Charlotte fez uma escolha interessante para o teto dessa sala – ela diz.

– Não quero falar sobre ela – Jane responde automaticamente.

– Não parece um livro aberto? – Kiran prossegue. – A maneira como Charlotte projetou o teto?

– Não diga o nome dela – Jane pede. – Ela pode ouvir. E acorda.

– Quê? – Kiran se espanta. – Do que está falando, Janie? Olha logo!

Jane joga a cabeça para trás. O teto tem duas metades pintadas de branco levemente arqueadas que se encontram no meio. O efeito é acentuado pelo que parecem ser pequenas imagens, como afrescos em miniatura, dispostos em linhas a cada “página”. Ela tem dificuldade em decifrar as imagens. Isso contribui para que as imagine como letras ou palavras. Mas elas têm formato regular, não? Não são letras do alfabeto, mas linhas de retângulos e quadrados. Pequenas janelas ou portas pintadas no teto, como capas de livro.

Afundada na poltrona, Lucy ronca alto. Uma onda de choque percorre o corpo de Jane, que puxa o ar desesperada.

– Lucy! – ela grita. – Acorda! Precisamos ter uma conversa inteligente.

– Hã? – ela pergunta, semiacordada. – Lily Bart está dormindo.

– Você não é Lily Bart. – Propelida por um repentino senso de urgência que não sabe de onde vem e assusta até mesmo Jasper, Jane levanta, pega o braço de Lucy e começa a sacudi-la. – Acorda.

– Quero saber mais sobre Charlotte e o teto – Lucy diz, sombria.

– Não – Jane diz. – Não queremos mais falar sobre...

Jane quer terminar a frase com “isso”. Sua boca forma a palavra, mas de alguma maneira o nome “Charlotte”, desengonçado e cheio de cuspe, se sobrepõe a ela, apesar de suas intenções, e força seu caminho para fora da boca.

– Cha... – ela começa a dizer, e luta contra isso. – Cha...

– Chata! – grita Phoebe, que segura as cartas com firmeza nas mãos enquanto olha para Jane, com os olhos arregalados de medo. – Chata – Phoebe repete, quase triunfante. – Tenta. Dá para transformar em “chata”.

Jane pensa no tubarão-cabeça-chata no tanque. Imagina a criatura arrancando a palavra “chata” de sua boca enquanto nada.

– Charlotte – Jane diz por fim, quase chorando de frustração.

– Chata! – Phoebe diz. – Tenta de novo!

Ela procura uma imagem mais forte: a gentil cachalote que Ivy entalhou no baú do sótão. Estica a mão e imagina que a está tocando.

Jane está debaixo d’água, passando a mão na barriga da baleia

benevolente. Ela desliza sobre ela e segue em frente. Tudo está calmo e lento. Jane é ela mesma.

– Cachalote – ela diz, sentindo a compulsão se esvair na escuridão. – Chata! Ah, nunca fiquei tão feliz em dizer palavras tão simples.

– Isso foi estranho – Phoebe diz. – Não foi?

– Qual é o problema com vocês? – Colin pergunta, olhando para cada uma delas. – Estão sendo superesquisitas. E fazem umas caras bizarras. E o que esse cachorro tem? – ele acrescenta para Jasper, que está puxando os cadarços de Jane com os dentes.

– Não sei – Jane diz. – Mas quero sair daqui.

– Vocês estão esquisitas – Colin insiste.

Um telefone começa a tocar.

– Meu celular! – Lucy grita, apalpando o corpo até encontrá-lo. – Alô? Pai! Não. Ainda não. Não se preocupe! Está seguro! Atrás do...

– Lucy! – Colin diz, interrompendo-a depressa. – Ninguém quer ouvir sua conversa.

– Não importa! – ela grita. – Não vou dizer onde está! Nem para o Colin!

– Minha nossa – Colin diz, levantando.

Ele conduz Lucy até a porta com urgência, tentando fazer com que fique quieta, como se fosse uma criança ou um cachorro.

– Bom – Phoebe diz –, não dá para jogar em três e tenho um monte de coisas pra fazer.

Ela se levanta devagar, como se não tivesse certeza de que seus membros fossem se comportar da maneira normal. Então atravessa a sala e sai.

Jane fica sozinha com Kiran. Ela não está mais olhando para o teto, o que é um alívio, porque Jane não tem nenhuma intenção de observá-lo novamente. Quer fingir que não há teto, o que é difícil, porque pode senti-lo acima da cabeça, pressionando-a. Ele parece zunir em um tom que faz seus nervos se rebelarem. Jane sente que, se olhar para cima, só vai piorar. *Tia Magnolia? Tia... o quê?*

– Kiran – ela diz. – Vamos sair daqui.

– Tá – ela concorda, ainda segurando suas cartas, mas sem realmente olhar para elas.

Lucy deixou *A casa da alegria* para trás; está no assento da poltrona, com a capa virada para baixo.

Em um impulso repentino e determinado, Jane pega o livro, leva até as

portas francesas que dão para o terraço, abre e atira o objeto o mais longe que pode no gramado. Quando ela retorna, Kiran levanta as sobrancelhas, zombeteira.

– Isso foi estranho – ela diz. – O que você tem contra Lucy?

– Nada – Jane diz, firme. – Muito pelo contrário. Estou tentando ajudar. Tinha algo errado naquele livro.

– Você é muito louca, sabia? – Kiran pergunta.

Jasper choraminga de leve aos pés de Jane.

– É, eu sei – ela diz. – Agora vamos.

– Vamos.

Jane pode ter jogado o livro de Lucy pela janela, mas, sem pensar duas vezes, pega o seu e leva de volta para o quarto.

Ivy deixou o guarda-chuva prisional na mesa de trabalho de Jane. Quando ela entra no escritório, a Lucy de glitter reflete a luz do sol de uma maneira agradável e sonora.

O guarda-chuva quer que Jane vá até ele. Está cantando. Ela pode sentir e quer o mesmo. Então põe a mão aberta sobre a imagem da Lucy de glitter. A música sobe pelo seu braço e percorre a espinha. A cola secou, mas, quando Jane tira a mão, vê as pequenas partículas brilhantes grudadas nela, como se fossem joias.

Ela pega o guarda-chuva pelo cabo e o leva até o sofá onde Ravi dormiu pela manhã, então fica debaixo dele e abre o livro. Jasper reclama, então ela o põe no sofá também, onde se aninha em sua perna, ainda choramingando.

Dessa vez, Jane abre na história “Em que Ió perde um rabo e Pooh encontra um”. O burrico cinza perde o rabo na floresta, então o ursinho vai até Corujão para que possa ajudá-los a pensar no que fazer. Como sempre, Corujão contribui com muito, de fato, mas ele tem uma corda nova em seu sino, que chama a atenção de Pooh. *O quê, isso? Encontrei na floresta*, Corujão diz. Em um momento de brilhantismo, o ursinho se dá conta de que se trata do rabo perdido de Ió.

Na história que Jane se lembra de ler com tia Magnolia, Pooh leva o rabo de volta, para alegria de Ió, e Christopher Robin o coloca de volta no lugar com toda a delicadeza. Ponto final.

No livro que tem em mãos, Corujão arranca o nariz de Pooh e o usa como

campainha. Então pega as orelhas de Abel e faz cintas para as cortinas. Depois pega a cabeça de Leitão e pendura na parede com instruções para dar as horas regularmente, como um cuco. Leitão só chora, porque está com medo e quer seu corpo de volta. A história deixa Jane fascinada, mas Jasper fica tentando subir no seu colo e derrubar o livro ou o guarda-chuva de suas mãos. Ele se contorce como um basset hound se afogando, e quando ameaça morder, Jane grita com ele.

– Jasper! Se fizer mais algum furo em mim vou te trancar no armário!

Ele mantém a boca fechada em torno do braço dela, mas não chega a morder, só a olha em reprovação. Então, com uma expressão triste, desce, vai para o quarto e encontra um cantinho onde possa choramingar sozinho.

Algo nisso incomoda Jane. Ela acabou de ser cruel com o cachorro. *Que horror*, pensa. Ela levanta e vacila um pouco, desequilibrada. Pode ouvi-lo chorar. Mas está morrendo de sono.

Consegue chegar à cama, ainda agarrada ao livro. A tinta vermelha-clara na parede da cabeceira descasca em alguns pontos, revelando um roxo de machucado.

– Nojento – Jane diz.

Jasper sai do seu cantinho e dança aos seus pés, querendo que o pegue. Ela se estica, o levanta e coloca sobre os cobertores.

– Desculpa pelo que eu disse sobre o armário, bola de pelo – Jane diz.

Então sua cabeça toca o travesseiro e ela pega no sono.

Ela sonha com uma casa com uma ferida interna, como um artista de circo que engoliu uma espada e perfurou o próprio estômago. A ferida é uma abertura para outro mundo. Sempre que alguém passa por ela, alargando-a, esgarçando-a, a casa grita em agonia.

Os gritos a acordam. Poderia nomeá-los, mas está suando, tremendo e presa no estado ente o sono e o despertar. Ela chuta Jasper, que está aos seus pés, embaixo das cobertas, sem querer. Ele grunhe e vai até seus braços.

– Jasper – Jane sussurra, em um momento de clareza total. – Não gosto desta casa.

Agora ela está acordada. O relógio marca cinco e oito, mas não adianta tentar voltar a dormir. Ficar na cama tremendo até que o sol nasça não é uma alternativa agradável, com a casa rindo à sua volta. Alguém, em algum lugar,

gargalha dentro das paredes, e alguma coisa precisa ser feita.

– Odeio esta casa – ela diz a Jasper, com a voz fria, amaldiçoando tia Magnolia e a promessa que tinha obrigado Jane a fazer de que não recusaria um convite para Tu Reviens.

Por que ela fez isso?, ela se pergunta. Maldita seja tia Magnolia e sua coragem fácil, e o fato de que nada a assustava. Nem tubarões nem lulas venenosas nem ostras gigantes. Nem o peso da água do mar sobre ela nem o frio anestesiante. Maldita seja tia Magnolia por sair no frio, por não saber de antemão, por não ter medo. *Pessoas normais não vão para a Antártida*. Jane revira a cama à procura do gorro de lã da tia e o coloca contra o rosto, tentando segurar o choro. Seu joelho toca o horrível livro. Ela o empurra para fora da cama.

Depois de algumas respirações profundas de água-viva, Jane coloca um moletom por cima do pijama da Tardis e vai para o corredor usando pantufas e o gorro da tia, agarrando os pompons para se sentir mais segura. As luzinhas nas paredes acendem e apagam para iluminar cada quadro conforme passa, fazendo sobre ela e Jasper uma sombra mutável e grotesca. É claro que ela se esquece do Capitão Peludão e quase cai e quebra o pescoço.

Jane gostaria que a casa parasse de respirar. Então questiona sua própria lógica e deseja que fosse mais fácil discernir de onde o ruído de respiração vem. Torce para que seja de si própria.

Jasper lança olhares ansiosos e exaustos para ela, que nem nota. Seus pés a levam para o segundo andar, passando pelo átrio e por uma entrada que leva direto ao mezanino da biblioteca.

Jane se assusta ao ouvir as vozes baixas de Octavian e Ravi lá embaixo. Não consegue vê-los, porque estão embaixo da sacada em que está, mas pelo tom tranquilo nota que pararam de brigar. Ela sente o cheiro do cachimbo de Octavian. É difícil localizar de onde vem o ruído estranho e arranhado, até que se dá conta de que é a vitrola. Um disco terminou e ele continua girando, sem produzir som algum.

– Eu acho que os livros podem mudar de cor quando não estou olhando – Octavian diz.

– Acho que você precisa sair desta casa uma vez por dia para dar uma volta ao sol e respirar ar fresco – Ravi diz, tentando fazer graça, mas soando muito cansado. – Lembra das suas viagens? Você amava viajar.

– Vou pedir que Ivy tire fotos dos livros de hora em hora – Octavian diz. –

Você vai ver. As formas no teto mudam também.

– Tá bom – Ravi diz. – Nunca achei que fosse dizer isso, mas neste momento parece que a mamãe é a única da família que está minimamente ligada à realidade.

– Vamos ouvir de novo?

– Quer me matar?

– Só quero trazer Charlotte de volta – Octavian diz.

– Então me explica como tocar a música preferida dela vai fazer isso.

– Não consigo explicar – Octavian diz. – Nunca sentiu algo no fundo do estômago?

– A amiga de Kiran me faz sentir algo no fundo do estômago.

– Não é no estômago – Octavian diz, cortante. – E não seja grosseiro.

– Minha nossa, pai – Ravi diz, suspirando. – Você sempre foi um filho da mãe hipócrita.

– Olha a boca!

– Hipócrita.

O ruído arranhado para. Pouco depois, Jane ouve a introdução da guitarra em “You’ve Got to Hide Your Love Away”, dos Beatles.

Quando Jane nota, Phoebe Okada está ao seu lado, em silêncio. Ela entra em pânico. Passa trinta segundos se segurando ao balaústre enquanto tenta recuperar o fôlego.

– Assustei você? – Phoebe sussurra. – Desculpa.

Sem maquiagem, seu rosto parece cansado, sem disfarces, bonito. Ela está descalça e usa um robe de seda amarrado firme na cintura. Suas unhas do pé estão pintadas de turquesa, o que é fofo.

– Por que está aqui? – Jane sussurra de volta.

– Ouvi a música.

– A música de Charlotte? Conseguiu ouvir lá do seu quarto?

– A música de Charlotte – Phoebe diz. – Eu estava andando e ouvi a música de Charlotte. Não consigo dormir direito sem meu marido. Fico preocupada com ele.

Jane lembra que, uma noite, há muito tempo... não! Foi ontem, o que parece absurdo. Ela viu Phoebe e o marido, Philip, se esgueirando pela casa com Patrick e uma arma. Então ele foi embora.

– Por que está preocupada? – Jane diz. – Qual é o perigo em ser médico?

– Sou programadora de códigos – Phoebe diz. – Para o governo britânico.

É a minha especialidade. Sou meio que um gênio. Deus salve a rainha.

Jane desconfia que não perguntou a Phoebe sobre sua profissão, seu nível de inteligência ou a rainha, mas a verdade é que não lembra. Depois de “You’ve Got to Hide Your Love Away”, Octavian troca o disco e toca “I’m Looking Through You” e “Norwegian Wood”. Então murmura alguma coisa sobre Charlotte e *Abbey Road*, e Jane ouve os acordes iniciais de “Come Together”.

Ela puxa os pompons do gorro.

– Acho que eu pretendia voltar para a cama, mas não lembro direito.

Phoebe também parece estar fazendo um esforço mental.

– Eu e meu marido somos ingleses, mas estamos tentando manter as crianças a salvo. Lembra? O menino com Cook? – ela pergunta, então parece confusa. – Não. Esquece.

– Do que está falando?

Antes que Phoebe possa se explicar, Octavian fala de novo. Sua voz rouca e áspera se sobrepõe à música.

– Charlotte estava lendo *Frankenstein* quando foi embora – Octavian diz.

– Continua aqui, onde ela deixou.

– Eu sei – Ravi diz.

– Li os diários dela do começo ao fim – Octavian diz. – Não encontrei nenhuma explicação de por que foi embora.

– Eu sei, pai – Ravi diz, simpático. – Você me falou.

– Charlotte escreveu aqui que a casa, com uma origem diferente para cada parte, é um microcosmo. Você acha que morar nessa ilha, nessa casa grande e velha, fez com que ela quisesse ver o mundo?

– Não sei, pai. Podemos falar de Kiran? *Ela* está aqui. Podemos fazer algo a respeito. Parece deprimida. Estou preocupado.

– Eu nunca teria segurado Charlotte aqui se ela quisesse viajar – Octavian diz. – Poderíamos ter ido para qualquer lugar.

Eles ficam em silêncio de novo. Diversas músicas tocam. Jane pensa sobre a casa como microcosmo. Considera isso de novo e de novo, do avesso e do direito, porque a lembra de alguma coisa. Precisa de muito tempo para localizar a memória.

– Minha tia costumava dizer – ela sussurra para Phoebe – que meu corpo era um microcosmo do mar.

– Minha massagista sempre diz que meu corpo é um microcosmo do

universo – Phoebe sussurra de volta.

– Ou do multiverso – Lucy St. George completa, aparecendo ao lado delas e fazendo Jane pular. – Desculpa. Assustei você? Estava dando uma volta e ouvi a música.

– A música de Charlotte – Jane sussurra. – Charlotte. Cacete.

Ela esfrega as orelhas com força, notando agora que está acontecendo de novo, a estranha compulsão de dizer o nome dela. Lucy St. George está toda de preto, do gorro aos tênis, e parece gelada. Está tensa, pálida e pronta como uma bala engatilhada; Jane pode sentir. Ela estuda Lucy, tentando focar nela e não nas cores asfixiantes da biblioteca, e não em Charlotte. Tentando processar o que Lucy diz. Jane se dá conta de que ela veio de fora da casa. Está menos confusa e balbuciante porque acabou de respirar ar fresco.

– O que é o multiverso? – Jane pergunta.

– Ah – Lucy sussurra, tirando o gorro. Seu cabelo macio cai sobre os ombros. – É uma teoria sobre a qual Ravi adora falar. A mãe dele é física teórica, sabia? A de verdade, não Charlotte.

– Charlotte – Phoebe repete.

– É – Lucy sussurra. – Charlotte.

– Multiverso? – Jane continua, fazendo questão de não dizer “Charlotte”, pois faz sua cabeça doer, e muito.

– É um conceito que vem da ideia de que toda vez que algo acontece todas as outras coisas que poderiam ter acontecido também acontecem, fazendo com que nossos universos se separem do antigo e se tornem realidade. Então há múltiplas versões de nós mesmos, vivendo vidas diferentes das nossas, em universos múltiplos, tomando todas as decisões que poderíamos tomar. Há versões de nós de quem nem gostaríamos, ou que mal reconheceríamos.

Isso desperta uma memória em Jane, que ela não consegue precisar. Conversas sobre inúmeras realidades e versões de uma pessoa. Coisas que Kiran disse, e Ravi. Não fez sentido na hora e continua sendo muito confuso. Jane sente como se seu cérebro atrapalhado e forçado demais poderia ser um microcosmo do multiverso. O teto a oprime.

– Nossa, me sinto uma confusão completa – Phoebe sussurra. – Como se todas as minhas partes não parassem de girar.

– É – Jane concorda, totalmente envolvida.

– Preciso falar com o sr. Vanders – Phoebe diz. – Talvez ajude.

– Conversamos hoje – Jane diz, lembrando. – Ele disse que quanto mais

abraçamos nossa falta de coesão melhor nos sentimos.

– Parece algo que o sr. Vanders diria mesmo – Phoebe diz, pensativa.

– Mas isso é diferente, não é? – ela pergunta. – Essa sensação estranha? Não parece que está vindo de fora? Tipo, das paredes e do teto?

Lucy St. George enrola e desenrola a atadura na mão.

– Tenho o pressentimento de que esta casa não gosta de mim, sabe?

– Hum – Phoebe diz. – Você também sente que ela pode ver tudo o que faz?

Lucy faz uma pausa.

– Se for verdade, estou encrocada – ela diz baixo.

– Por quê? – Phoebe pergunta. – Você fez alguma coisa de que a casa não gostaria?

Ela não responde, só continua enrolando e desenrolando a atadura. Talvez Octavian tenha chegado ao fim de sua lista de músicas, porque “You’ve Got to Hide Your Love Away” começa a tocar de novo.

– Escuta, pai – Ravi diz, tentando ser paciente, mas quase suplicando. – Sei que você ama Charlotte e que é horrível que ela tenha ido embora. Entendo isso, e sinto muito. Mas cansei de falar a respeito. Quero falar sobre uma maneira de abordar Kiran. De algum trabalho que poderíamos arranjar para ela e de que talvez ela gostasse, sabe?

– E os seus problemas, filho? – Octavian pergunta. – Por que não está na cama com sua suposta namorada?

Ravi solta um suspiro curto.

– Lucy terminou comigo de novo – ele diz. – E como vou ver meu pai se dormir à noite? Sabe que estou preocupado com você também. Queria que se vestisse, saísse, desse uma volta. Não quer ir agora?

– Você é um bom garoto, Ravi – Octavian diz. – Está sempre tentando esconder isso. Sinto muito sobre Lucy.

– Bom, sou novo demais para ter um relacionamento sério, de qualquer maneira – ele diz, desanimado.

– Descobriu alguma coisa sobre o Brancusi desaparecido?

– Não, e Vanny está me irritando – ele diz. – É só “o baile isso”, “o baile aquilo”... Nem sei se avisou a polícia.

– Então avise você – Octavian diz –, pela manhã. A casa é sua. E de Kiran.

– A casa é sua, pai.

– Mas vai ser de vocês – Octavian diz –, depois que eu me for.

Ravi geme.

– Deprimidos são tão melodramáticos. É um tédio. Vou dar uma volta.

Lucy está olhando para a própria mão. O que Jane vê quando segue seu olhar faz o fundo de sua garganta arranhar. A ferida, o que quer que seja, está infeccionada, com tons de verde, amarelo e cinza, e assumiu uma forma vaga. À meia-luz, do ângulo de visão de Jane, é uma forma que evoca uma cena familiar: uma pessoa sentada no que parece ser uma cama embutida na parede. Veias finas passam por cima dela, como as grades de uma cela. O cabelo é da cor do machucado, e a pessoa usa sapatos grandes demais e tem uma gota de sangue no lugar do nariz.

Lucy se vira para Jane. Sua expressão é uma máscara de tristeza. Ela canta junto com a música tocando lá embaixo: “Gather round, all you clowns”. Juntem-se, seus palhaços.

Jane volta para o quarto à procura do guarda-chuva de Lucy.

O dia nasceu. Ela passa pela cama e ouve o chamado do livro jogado no chão. O descascado na pintura da parede do quarto se espalhou, revelando cada vez mais algo vermelho e úmido que está por baixo. Ela vai para o escritório e para no meio dele, contemplando o guarda-chuva de Lucy, ainda aberto no sofá.

Pela posição do dossel, Jane não consegue ver a Lucy de glitter sentada atrás das grades. O guarda-chuva a chama. Ela pode sentir. Ele quer que Jane o pegue e admire a arte, o que é interessante, porque é a arte *dela*, não? Jane tornou o guarda-chuva o que ele é. Veio de alguma parte sua. *Se o admirar, não estaria admirando a mim mesma?*, ela se pergunta. Seria uma espécie de espelho? Ao olhar para ele, veria uma versão sua?

Quando ela começa a se deslocar na direção do guarda-chuva, o cachorro se joga contra suas pernas, choramingando.

– Jasper – Jane diz –, pense no que eu disse sobre o armário.

Ele senta e sossega.

Jane levanta o guarda-chuva com delicadeza pelo dossel e admira seu trabalho. É lindo. Especial. *Lucy deve ter feito alguma coisa muito ruim*, ela pensa.

Então, uma farpa de dúvida a atinge. O pensamento parece errado de alguma maneira, cruel. Ela gosta de Lucy. Jogou seu livro no jardim para

protegê-la, porque ele a deixava com sono, como Lily Bart. Jane também gosta de Jasper, ama até. Quando olha para o cachorro, nota que treme, triste, com olhinhos suplicantes.

– Jasper – ela chama, animada. – Quer ir comigo levar o guarda-chuva para Lucy?

Por algum instinto que ela ignora, Jane sabe qual é o quarto de Lucy no corredor oeste do segundo andar. Para seu espanto, na parede oposta à porta, está pendurada uma foto enorme e emoldurada, tirada por tia Magnolia.

A imagem imediatamente deixa Jane mais alerta. Não é só a surpresa. É o orgulho que sente em saber que a arte de tia Magnolia está lado a lado com as outras obras nas paredes da casa.

Um peixinho amarelo está dentro da boca aberta de um peixe cinza muito maior. A foto foi tirada no Japão, e é do tipo de coisa aparentemente impossível pelo qual tia Magnolia era conhecida. Ela conseguia isso porque tinha uma paciência extraordinária quando estava embaixo d'água com sua câmera, e uma sorte natural. Ficava só esperando que uma coisa maravilhosa acontecesse. E acontecia.

Jane se afasta para ter uma visão melhor. Respira devagar e profundamente, como uma água-viva se move. Alguém enquadrara a foto toscamente, a menos que haja outra obra, menor, atrás dela. Jane pode ver o contorno retangular. Vai ter que dizer algo à sra. Vanders, ou pode criar rachaduras na impressão da foto de sua tia.

Ela descansa a cabeça na parede às suas costas enquanto segura o guarda-chuva aberto de Lucy. Aos poucos, vai se dando conta de que do outro lado da parede há uma conversa se desenrolando. Jane encosta a orelha nela, como se fosse um estetoscópio. Ela reconhece as duas vozes abafadas: Lucy St. George e Colin Mack. O peixe amarelo e o cinza a encaram enquanto bisbilhota.

– É exatamente o tipo de coisa que você faria – Lucy diz.

– Não é, não – Colin retruca.

– Então por que foi a primeira coisa que meu pai disse quando contei?

– Porque vocês dois são cretinos – Colin diz.

– Ah, pode acreditar em mim – Lucy diz. – Meu pai é um cretino épico, mas eu, enquanto cretina, sou lendária. Estou cansada de você dificultando

meu trabalho. Já chega.

– Já chega? – ele repete. – E o que exatamente acha que vai fazer?

– Você vai ver.

– Esquece isso, Lucy.

– Você vai ver!

– E quando entender que não fui eu quem roubei a maldita escultura? Sua rebeliãozinha vai ter valido a pena?

– Colin, querido – Lucy diz, soltando sua risada familiar. – Essa rebelião vai valer mais do que você pode imaginar.

– Você só pode estar falando do Vermeer – Colin diz. – O que fez com ele?

– Nada com que precise se preocupar.

– Você está blefando – Colin diz. – Não ia se virar contra sua própria família.

– Sai daqui agora. Pode ser falso e mentiroso com sua namorada, mas não comigo.

– Rá! – Colin zomba. – O que estou fazendo com aquela idiota não é diferente do que você está fazendo com Ravi. Somos iguaizinhos.

– Vai se foder, Colin – Lucy diz, com uma fúria repentina. – Fica longe de mim.

– Também adoro você – Colin diz.

Uma porta abre e fecha. Colin sai para o corredor e vê Jane parada ali, olhando em uma espécie de transe para a fotografia, acompanhada pelo cachorro mais abatido do mundo.

– Ah. Oi – ele diz, tentando soar natural, mas claramente alarmado. – O que está fazendo aqui?

– Consertei o guarda-chuva de Lucy – Jane diz.

– Ah, tá – Colin diz, mal olhando para ele. – Ela vai ficar radiante.

Ele vai embora.

Um segundo depois, Lucy St. George sai para o corredor, assustando-se ao ver Jane. Ela parece péssima, segurando a mão enfaixada. Seus olhos correm ansiosamente para a foto de tia Magnolia, então voltam para Jane.

– Sou só eu – Jane diz. – E Jasper. Desculpa se assustei você. Trouxe seu guarda-chuva.

Ela o oferece para Lucy, com delicadeza.

A cena em glitter está virada para Lucy, que a vê. Ela abre a boca em

espanto, depois em certa repulsa.

– Você acabou de fazer isso?

– Fiz ontem.

– Impossível.

– É verdade, mas eu fiz – Jane diz. – É pra você. Tem que aceitar.

– Eu sei – Lucy diz, com uma voz estranha e resignada.

Ela estica as duas mãos, pega o cabo do guarda-chuva e o tira com delicadeza de Jane. Então o leva embora, pelo corredor, segurando-o com firmeza, mas distante do corpo.

Ela vai cair. Em algum lugar, fora do campo de visão de Jane, Lucy vai cair na cena do guarda-chuva, entrar na história, se tornar a alma daquele objeto. E Charlotte vai ter se vingado. De alguma maneira, parte de Jane sabe disso e se pergunta, com uma curiosidade mórbida, como vai ser, porque não faz sentido. Como uma pessoa pode cair em uma história?

Dar alguém a Charlotte, entregar pessoalmente uma pessoa do jeito que Jane fez, liga as duas de uma maneira totalmente nova. Ela sente. Deve ser por isso que, quando volta ao quarto, ela perde a paciência com o cachorro choramingando e o fecha no armário.

Durante todo o dia, correntes e ondas de pessoas se movimentam pela casa, preparando tudo para o baile. Faxineiros, decoradores, pessoas da cozinha, músicos. De vez em quando Jane vê Ivy, Patrick ou um dos Vanders à distância, fazendo o que imagina serem Coisas-Importantes-Para-o-Baile.

Ela desce para o hall de entrada, desvia da multidão e pega a foto de Charlotte. A mulher parece maior do que antes, de modo que as outras pessoas na foto ficam à sua sombra. Seu rosto brilha em triunfo, e Jane sabe que é por causa de Lucy. Ela parece faminta, Jane sabe que está com fome de tudo, de todos.

Uma onda de calor percorre seu corpo. Sem olhar, ela sabe que Ivy deve tê-la tocado. Também sabe que Charlotte não gosta. Ela quer que minta para Ivy e se afaste dela.

– Janie? Está tudo bem? Você está com uma cara superestranha.

– Tudo – Jane mente, virando o rosto.

Ivy segura seu braço tatuado. Ela é cor e luz, cabelo escuro e olhos azuis, jasmim e cloro. Uma parte de Jane volta a ter clareza. Ela abraça Ivy sem

hesitar, os corpos colados. Ivy se assusta, retribuindo o abraço com uma surpresa desconfortável.

– Tem certeza de que está bem? – Ivy diz em seu ouvido.

– Sim – Jane confirma, sincera, porque se sente bem nos braços de Ivy.

Então, pouco depois, Ivy se solta com delicadeza, explicando que a sra. Vanders a chamou. Está preocupada com Janie, diz que volta mais tarde, assim que puder.

– Tá.

Enquanto Jane observa Ivy desaparecer em meio à horda de empregados, sente que perdeu a chance de fazer alguma coisa. Perdeu essa chance quando Ivy foi embora. Ivy é uma feiticeira, uma bruxa boa, uma sacerdotisa, Jane pensa. Mas foi embora.

Ela procura pela piscina interna, então se senta em uma espreguiçadeira em frente ao tanque do tubarão, sentindo o cheiro de cloro.

Finalmente, Kiran se junta a ela; pouco depois, Phoebe também. As três ficam sentadas ali por horas. É quente e úmido. Não há muito a dizer. Todas entendem, em algum nível, que estão tendo uma experiência diferente do dia do baile em relação aos outros, mas parte dessa experiência é a falta de curiosidade. O tubarão vai e volta nadando, vai e volta. É hipnótico. Um tubarão-cabeça-chata come o que estiver à sua frente, então Jane reflete sobre os peixes coloridos ali dentro. É esse seu propósito? Serem comidos? A horrível enguia verde-limão, que encara Jane, esticada no fundo do tanque, imóvel. Jane compreende que Charlotte pode incorporar qualquer parte da casa, pode ver através dos olhos da enguia. Ela sorri, balançando a cauda de leve.

O livro descansa em seu joelho, fechado, mas zumbindo de uma maneira agradável.

– Estou preocupada com meu pai – Kiran diz.

– Por quê? – Jane pergunta.

– Ele está esquisito e abatido. Eu disse que precisa ir a um médico. Mas talvez um psicólogo também seja bom.

– O sr. Vanders pode atender Octavian – Phoebe diz.

– Como assim? – Kiran pergunta.

Phoebe se endireita na espreguiçadeira, com uma expressão confusa no rosto.

– Opa – ela diz. – Droga. Tenho que ir.

Ela joga as pernas para o lado, apoia os pés no piso dourado e se levanta, então corre para a porta.

Jane e Kiran continuam ali, sentadas em silêncio.

Algum tempo depois, Ravi enfia a cabeça porta adentro.

– Aí está você! – ele diz. – Está me ouvindo?

Kiran vira o rosto anestesiado para ele.

– Hum?

– O baile começou – Ravi diz. – Você precisa se arrumar.

Ele fica diante da espreguiçadeira de Kiran, olhando para ela, então agacha e esfrega os olhos, preocupado. Está todo de preto. Como sempre, se movimenta com naturalidade e leveza. As mechas brancas em seu cabelo brilham. Jane se remexe, interessada.

– Tudo bem? – Ravi pergunta. – Estão perguntando por você.

– Estou preocupada com Octavian – Kiran diz.

– É – Ravi concorda. – Nem me fala. Vem, acompanho vocês até o quarto. Já sabe o que vai usar? Os agentes do FBI são bem interessantes.

– Agentes do FBI? – Kiran pergunta vagamente enquanto o irmão a põe de pé.

– Agentes *especiais* do FBI – Ravi diz. – Aparentemente, isso quer dizer que estão armados. Convidei todo tipo de policial para a festa, para investigar o roubo do Brancusi. Vanny está furiosa comigo. Você tem que me ajudar a manter todo mundo entretido para que não pareça uma festa cheia de policiais.

– Tá – Kiran diz, hesitante.

Ravi continua tagarelando enquanto tira a irmã da área da piscina.

– Você está esquisita. Meio dormindo. Vamos lá fora um pouco dar uma olhada na água.

– Lá fora? – Kiran pergunta, intrigada.

– Está friozinho e choviscando – ele diz. – As ondas estão altas. Você não vai gostar, mas pelo menos vai acordar.

Ravi está sempre tentando tirar os deprimidos da casa. Jane sente que ele não sabe nada sobre Charlotte; só tem os instintos de uma pessoa que está mais viva que todas as outras. Talvez tenha acabado de perder outra chance agora, com ele. Infelizmente, Ravi escolhe a irmã.

Jane fica sozinha, focada nos olhos da enguia verde-limão. Quer seu mundo subaquático, onde se sentiria próxima da tia. Por fim, ela se levanta,

atravessa o recinto e entra no vestiário que conduz à biblioteca.

Alguém, provavelmente Octavian, colocou outra barreira e avisos de “privado” na entrada da biblioteca. Sons chegam de outras partes da casa: musicais, cintilantes, de alegria e diversão. Sons de uma festa. A biblioteca está vazia, à meia-luz, com suas cores brilhando de leve. Vibrando de energia. Jane passa pelo bloqueio.

Há algumas poltronas de veludo dentro e cadeiras duras em volta da mesa de carteado. O assento que parece mais confortável e do qual ela pode ter uma visão melhor do teto é o divã de Octavian. As cobertas amontoadas cheiram ao cachimbo dele. Jane as empurra e deita. O teto parece mais próximo do que antes, e ela compreende melhor os símbolos nas “páginas”. São... gaiolas? Algumas parecem ser. Jane vê João preso em uma enquanto a bruxa o engorda. Naná, a cadela de *Peter Pan*, no canil. Um rato em uma gaiola envolvendo a cabeça de um homem, como em *1984*, de Orwell. Julieta acordando em uma cama de pedra, atrás das grades de sua tumba. Um homem fechando um muro para isolar outro, como no conto de Edgar Allan Poe. Uma louca atrás de uma janela com grades no sótão: *Jane Eyre*.

Também há cenas de liberdade. Na verdade, Christopher Robin, Pooh, Leitão, Ió, Can, Guru e todos os outros caminham juntos à margem de um córrego.

Jane abre o livro.

É a história “Em que Christopher lidera uma expedição ao Polo Norte”. Jane se lembra de lê-la com tia Magnolia. Era uma das favoritas de sua tia, considerando seu gosto pessoal por expedições. Nela, o grupo parte para desbravar o Polo Norte, mas então Guru cai no riacho. Pooh encontra um galho comprido e o usa para resgatá-lo. Depois disso, Christopher pega o galho, finca-o no chão como uma bandeira e diz, solene: “Considero a expedição acabada”.

Agora Jane já sabe que Charlotte vai contar a história de maneira diferente.

O grupo sai, andando em fila. Primeiro Christopher Robin e Abel, depois Leitão e Pooh, depois Can, com Guru em sua bolsa, e Corujão, depois Ió, com uma longa fila de parentes e amigos do coelho atrás. E, por último, mais alguém.

– Eu não queria vir na expedição – Ió diz. – Fui obrigado. Meu rabo está ficando gelado. Não quero reclamar, mas é o que é. Meu rabo está gelado.

As orelhas de Abel também estão geladas, assim como a barriga de Pooh. Leitão começa a guinchar, porque seus pés e seu nariz estão queimando.

– O frio faz isso – diz a pessoa ao fim da fila. – Mas não se preocupe.

– Como não? – Leitão pergunta.

– Depois que queimar, você vai tremer. Quando parar de tremer, vai se sentir aquecido, com sono e muito bem.

– Como você sabe? – Leitão, que já começa a tremer, pergunta.

– Aconteceu com tia Magnolia – diz a pessoa ao fim da fila.

– Ela voltou e contou a você? – Leitão, que treme cada vez mais forte, pergunta.

– Não exatamente – Jane diz.

– E como ficou sabendo? – ele pergunta, bocejando.

– Chama hipotermia – Jane diz. – Acontece quando as pessoas vão para o Polo Norte sem estar devidamente preparados.

– Tia Magnolia fez isso?

– Não. Ela foi para o Polo Sul e com tudo de que precisava. Não é legal fazer o exato oposto? Exatamente como ela, mas diferente.

– Mas por que tia Magnolia teve hipotermia se estava preparada? – Leitão pergunta.

– Ela foi pega por uma nevasca.

Começa a nevar. O vento fica mais forte e a neve cai com força. Os flocos parecem flores de cerejeira, leves, delicados e cheirosos, mas, quando tocam a pele de Jane, é como se tivesse sido alfinetada.

– Ai! – Leitão grita. – Ai! Ai! Dói!

– Calma – Jane diz enquanto os flocos cobrem seus pés, tornozelos e canelas. A tatuagem de água-viva começa a queimar, como uma fogueira nesse formato queimando em seu braço. – É assim mesmo. – Ela tenta soar tranquila. – Logo você vai ficar com calor, depois com sono, e então vai se sentir maravilhoso.

A nevasca de flores de cerejeira consegue encontrar qualquer espacinho na roupa de Jane para tocar sua pele diretamente. É como ácido, corroendo a camada externa. Ela fica exposta. Acontece rápido. Christopher grita. *Estranho*, Jane pensa ao vê-lo. *Ele não tem pele*. A neve comeu a pele do seu rosto, dos seus braços e das suas pernas, até as botas. Ele está vermelho e se

desfazendo, com as vísceras expostas, como uma cena de filme tão horrível que é preciso desviar o rosto. Mas é assim que o corpo parece por baixo da pele. Pooh grita. Leitão grita. Abel grita.

Jane também grita, mas sem fazer barulho. Deitada no divã da biblioteca, com *O Ursinho Pooh* aberto no colo, mantém as costas arqueadas e a boca aberta em um grito perfeito a não ser pela ausência de som. Jane luta contra Octavian, que a encontrou ali, se agitando como uma pessoa cuja pele está sendo arrancada. A pele de Jane continua lá, mas a sensação não muda, e Octavian compreende.

– Ela está falando com você – ele diz. – Por que está falando com ela e não comigo?

Jane sabe o motivo, porque Charlotte sabe o motivo, e não há mais limites entre as duas.

Charlotte está possuindo Jane porque ela chegou lá primeiro, naquele cômodo, na noite em que está mais forte do que nunca. Isso não só por causa de Octavian, mas de Jane, Lucy, Phoebe e Kiran, que a fortaleceram conversando com ela, dizendo seu nome, ficando em sua biblioteca. Jane chegou primeiro porque Octavian ainda estava dormindo. Porque fechou Jasper no armário. Porque Phoebe está em outro lugar, tentando manter o controle sobre o trabalho, porque Kiran está em outro lugar, tentando manter o controle sobre a festa, e porque foi Jane quem entregou Lucy a Charlotte.

No momento em que entrou pela primeira vez na biblioteca, deu a Charlotte inúmeras entradas. Era uma órfã procurando seu lugar. Cada ferida era uma abertura.

Ela entrou na biblioteca porque Kiran e Lucy a descreveram de um jeito que fez com que parecesse o mundo subaquático de tia Magnolia. Elas descreveram o cômodo porque estavam falando de Charlotte, porque ela escolheu ir com Kiran quando estava em dúvida entre ela ou seguir a sra. Vanders, a menina, Ravi ou o cachorro.

Nada daquilo ajudou Kiran, que devia estar tendo a pior noite da sua vida. Não por causa do que estava acontecendo com Jane – embora isso fosse machucá-la também –, mas por causa da cena que se desenrolava em outro ponto da ilha. Kiran ainda não sabe a respeito, mas Jane sabe. No momento, Kiran está perambulando pelo salão de baile, tentando entreter os convidados, enquanto Ravi leva os agentes do FBI para dar uma volta, até uma baía escondida, em forma de lua crescente, onde deparam com a estranha reunião

de Ivy, Patrick, Cook, Grace e Christopher. Lembra? Os filhos perdidos dos Panzavecchia? Claro, os agentes especiais do FBI estão armados, e Patrick, Ivy e Cook também. Está escuro lá fora, e coisas ruins acontecem em uma confusão envolvendo pessoas armadas. Patrick é do tipo que entraria na linha de tiro para proteger as crianças quando os disparos começarem.

Se as coisas tivessem sido diferentes, Jane, Kiran ou as duas poderiam impedir isso. Mas Kiran vai receber as notícias horríveis, e Ivy já está de joelhos sacudindo o irmão, que sangra na areia da baía secreta. É a pior noite da vida dela também.

Mas de volta à biblioteca.

Antes, Jane havia imaginado como seria quando Lucy caísse no guarda-chuva.

Agora ela sabe. Não só como seria, mas qual é a sensação.

Sim?

Não é quase nada, na verdade. É como Jane: a brilhante, vivaz, cheia de fibra e fabulosa Jane, se contorcendo no divã em sua dor silenciosa e solitária que ninguém além de Charlotte tem o poder de fazer cessar, enquanto Octavian tenta segurá-la. E então, de repente, ela não está ali. Foi embora. Ele é deixado para trás com as mãos vazias e um acorde persistente, uma nota que faz sua garganta e seus dentes vibrarem, fazendo-o olhar para o teto, onde procura a imagem de Christopher Robin, Pooh e das outras criaturas da floresta enfileiradas ao longo de um córrego. Agora ele nota que uma figura alta se juntou ao fim da fila.

Qual é a sensação?

A neve ácida corrói a pele de Jane. Não é só quente, mas queima; congelar até a morte é como morrer queimado. Onde está a dormência prometida? O sono e a ausência de dor? Jane se dá conta de quão apavorada tia Magnolia deve ter se sentido.

Tia Magnolia?

Ela não pode ouvi-la. Jane não vai para o lugar onde está.

Seu último grito é o toque dissonante que Octavian ouve em algum recanto de seu ser, fazendo com que olhe para o teto.

Ela está presa ali, ao fim da procissão, em uma nevasca de flores de

cerejeira ácidas. Sua visão física é limitada. De canto de olho, consegue ver os limites distantes da biblioteca. Mas sabe de tudo o que Charlotte sabe. Está escuro, mas ela não está anestesiada. Faz silêncio, mas ela ainda sente dor. Jane está em chamas. Ela entende que agora é a casa. Só que não de verdade: Charlotte é a casa, e Jane é uma parte sufocada de sua estrutura. Charlotte é a prisão e Jane é a prisioneira.

Charlotte está tentando usá-la como cola.

Não vai ser indolor, não vai funcionar. Não vai saciar a necessidade sem fim de Charlotte de se sentir inteira. O que vai acontecer então? Depende de Kiran, Octavian, Phoebe e os outros continuarem ou não falando sobre ela, repetindo seu nome, ficando na biblioteca, atribuindo-lhe poder. Se fizerem isso, Charlotte vai pegá-los, um a um.

Quanto tempo passou? Dias? Semanas?

O baile continua.

Octavian vai contar o que viu e alguém vai me salvar, Jane pensa. Ou será que ele vai ficar de bico calado, esperando sua vez.

Ivy vai encontrar meu livro aberto no divã. Mas ela vai saber que deve olhar para cima? E, se olhar, vai entender o que viu? Sua mágica, seu poder, é forte o bastante? Vai se importar, agora que seu irmão morreu? Partiu, faleceu, finou-se, expirou. Sete letras, com X.

Às vezes Charlotte se preocupa com Ivy. Ela pode atrapalhar. E com Jasper, Ravi, a mãe dele e o sr. Vanders. São as pessoas de quem menos gosta. Mas agora se preocupa menos com o cachorro, que vai danificar o próprio cérebro de tanto bater a cabeça contra a porta do armário.

Charlotte se preocupa, mas não muito. Sabe que está indo bem por enquanto. E é só o começo.

Um sino toca nas profundezas da casa, doce e claro, como
um sino de vento.

A sra. Vanders, a menininha, Kiran, Ravi ou Jasper?

Tia Magnolia?, Jane pensa. Para onde devo ir?



Jane decide.

– Ah, merda – ela diz.

– O que foi? – Kiran pergunta.

O que mais incomoda Jane em escolher Ravi é que ele parece... um pouco tentador *demais*. É uma distração das outras coisas que estão acontecendo na casa, e que certamente são mais importantes. Mas o que ela diz para Kiran é:

– Preciso ver um negócio antes. Te encontro em seguida, tá?

Ela dá de ombros, decepcionada.

– Tudo bem. Vou estar no jardim de inverno – diz, então vai embora.

Quando Jane chega ao patamar, Jasper bloqueia seu caminho, passando por entre suas pernas como se achasse que aquilo fosse levá-lo de volta para o planeta de onde veio.

– Desiste, bola de pelo!

Ela continua subindo as escadas, mas o cachorro parece determinado a segui-la. É patético. Jane tem que diminuir o ritmo para que ele consiga acompanhá-la.

– Jasper – ela diz –, assim você parte meu coração.

Quando chega à ala leste do terceiro andar, Jane encontra Ravi um pouco mais adiante no corredor, de costas. Ele está ao celular, com as torradas e tigela de frutas em uma mão. Jane para e espera, sem ter sido vista.

Ravi guarda o celular, redistribui a comida e volta a andar. Então, inexplicavelmente, Jasper passa por ele correndo e segue em frente fazendo travessuras e brincadeiras como se quisesse chamar sua atenção, pulando e dançando de uma maneira que Jane não achou que fosse possível.

– Seu bobo – Ravi diz, carinhoso.

A correria abafa o som dos passos de Jane enquanto os segue. Quando Ravi chega à porta com o capacho que diz “bem-vindo aos meus mundos”,

ele tira uma chave do bolso e a destranca.

Jane acelera o passo e enfia o pé na porta antes que feche completamente, então espreita pela fresta. Jasper fica com ela. Ela vê o tronco, as pernas e os pés de Ravi de relance, antes que desapareça ao subir uma escada em espiral, que range.

Uma mulher com uma voz profunda diz algo com animação em uma língua que Jane não entende. Ravi responde. Ela diz mais alguma coisa, em que se demora mais.

– Obrigado – ele responde em inglês. – Aqui, trouxe frutas. Cortesia de Patrick.

– Ah, obrigada, querido – a mulher diz, com um sotaque britânico levemente marcado pelo modo de falar do subcontinente indiano. – Achei que fosse comer na DI17, mas minha correspondente lá não está em condições de receber ninguém.

– Você parece preocupada – Ravi diz. – Alguma coisa deu errado?

– A casa na DI17 corre o risco de ser invadida por piratas.

– Piratas! – ele repete. – Que tipo de piratas? Eles estão atrás das obras?

– Ah, Ravi, você sempre pensa que tudo diz respeito a arte. Não. São piratas da DI17, procurando pelo portal na torre. Está todo mundo nervoso por causa disso.

– Ah – Ravi diz. – Como eles sabem sobre o portal?

– Não dá para saber. A existência do multiverso é de conhecimento público lá, mas mantivemos esse portal em particular escondido. Eles colocaram naqueles cérebros de ervilha deles que vão poder usar para passar a dimensões alternativas, localizar outras versões de si mesmos, e então levá-las a DI17, para aumentar a população.

À beira dos degraus, Jane está incrédula.

– O que é DI17? – ela sussurra para Jasper. – E como uma casa pode ser invadida por piratas?

E como piratas podem ter versões alternativas deles mesmos? Sério, o que está acontecendo?, ela pensa.

– E por que não é uma boa ideia? – Ravi pergunta. – Não vai funcionar?

– Claro que vai! – a voz exclama. – Por isso estou preocupada! Aqui, pega seu Monet idiota da DI17 e pare de me importunar com perguntas!

– Por favor, mãe – Ravi diz –, não desconta em mim. A culpa é sua, você abriu os portais. Você e suas versões alternativas.

– Nunca falei para ninguém de fora da família sobre os portais. Não pode me culpar se minhas versões alternativas são indiscretas em suas próprias dimensões. Não sou elas!

– É, mas tenho uma ideia de como a maior parte delas deve ser – Ravi diz, cansado.

– Tenha mais respeito – a primeira sra. Thrash diz. – Somos sua mãe. – Ela faz uma pausa. – E então? – pergunta, com certa agressividade. – Como você está?

– Estou bem, mãe – Ravi diz, com a voz alterada. – Só preocupado com Kiran. Ela continua desanimada.

– E você ainda me culpa por isso?

– Mãe – Ravi diz, cortante, enquanto Jane imagina se Kiran está deprimida porque sua mãe é louca.

– Kiran precisa é de um trabalho – a primeira sra. Thrash diz. – Está desperdiçando sua inteligência perambulando por aí sem nenhuma direção. Notei uma enorme variedade motivacional no espectro de Kirans que encontrei, eu comentei? Nunca sei quem esperar. Algumas são um verdadeiro dínamo. A Kiran na Dimensão Ilimitada 17 está...

– Minha nossa! – Ravi diz. – Não quero saber! Já não causamos danos demais com isso?

– Ah, não seja bobo. Como está Ivy? Você sabe que pode vir com ela me visitar. Posso esconder meus bichinhos lá em cima.

– Ivy conhece todos os seus bichinhos, mãe. Kiran contou tudo a Patrick, você sabe disso. Ele contou à irmã e aos Vanders.

– E você *me* critica por ser indiscreta.

– Isso não vai mais longe no que depender de Vanny – Ravi diz. – De qualquer maneira, ela está decidida que é fantasia. Você a conhece.

– Vanny não entende, então conclui que é magia?

– Exatamente.

– O que você diz a ela quando leva as obras da DI17?

– Ela nunca pergunta – Ravi diz.

– Assim como você nunca pergunta a Vanny por que ela conhece tantos colecionadores reservados que querem comprar suas estranhas obras para sua coleção pessoal.

– É a área dela. É claro que tem contatos.

– Acho que tem alguma coisa estranha acontecendo. Vanny está metida no

mercado negro de arte ou coisa do tipo.

– Ah, mãe – Ravi diz, suspirando. – A sra. Vanders é a pessoa mais respeitável do mundo. Ela me ajuda por pura bondade. Primeiro se convence de que os quadros são normais, então oferece a um colecionador que conheceu na pós-graduação. É simples assim. E aí, vai me mostrar o que trouxe?

Há outra pausa, então a primeira sra. Thrash diz:

– E então? É o tipo de quadro que você esperava?

– Melhor ainda – Ravi diz. – Fez muito bem. Buckley vai amar os sapos animatrônicos sobre as ninfeias.

– Visitei uma dimensão limitada chamada DL387 – a sra. Thrash diz. – O Monet deles não pintava sapos sobre ninfeias. Na verdade, acho que nenhum movimento artístico daquele mundo foi focado em sapos, com exceção dos *Muppets* deles, talvez. O que me faz pensar: de onde o Kermit desse mundo veio?

– Ele é diferente?

– Bom, ele não é azul. É verde.

– Verde!

– E é apaixonado pela Miss Piggy.

– Ah, para com isso – Ravi diz.

– Quer uma ninfeia de Monet sem sapos para seu inventário? Posso ver isso da próxima vez que estiver lá. A coisa fica mais complicada numa dimensão limitada, porque... bom, estamos lidando com versões de mente mais fechada de nós mesmos, claro. Menos criativas. Às vezes não aceitam vender.

– Achei que nossa dimensão também fosse limitada.

– Bom, claro, ainda estamos classificados assim. Mas é um processo contínuo, e quanto mais aprendemos sobre o que há em comum entre as várias dimensões e o que há de diferente, mais nossa classificação muda. Não ficaria surpresa se nossa dimensão fosse reclassificada como ilimitada um dia. Podem haver fenômenos transnormais aqui que ainda não descobrimos.

– Rá! Você só não gosta de se ver como limitada – Ravi diz, seco.

– Por favor – ela retruca. – Sou uma cientista. Fenômenos transnormais são simplesmente fenômenos que não compreendemos. Neste mesmo instante a comunidade científica da nossa dimensão está insatisfeita com nossas explicações para, não sei, por que os humanos precisam dormir ou por que

chove sapos. Mas tudo, em todos os lugares, tem uma explicação científica, quer a conheçamos ou não. Eventualmente, teremos que criar termos melhores que “limitada” e “ilimitada”. Mas é possível escrever limitada com letra maiúscula ou minúscula, meu bem. Quando passei pelo portal da DL387, a dos Monets sem sapos, ela desmaiou. Tinha deixado o portal aberto, então deveria saber que um de nós poderia aparecer. Mas nem *ela*, parece, acredita inteiramente no multiverso e na viagem transdimensional. Mesmo depois que a encontrei! Acho que sua família deve achar que é uma lunática, em tal extensão que ela mesma quase acredita. Não tinha certeza de que eu não era uma alucinação. Ela toma remédios.

– Hum – Ravi diz. – E essa arte sem sapo é boa?

– É simples, mas sublime. Acho encantador.

– Então, sim, pode me trazer. Quero tudo. Gosto de fazer a cabeça de Buckley girar.

– Não entendo por que tem que mentir para ele sobre a origem dos quadros – a primeira sra. Thrash diz. – Justo você, que é tão chatinho quanto à proveniência das obras na sua própria casa. Afinal, elas não foram roubadas ou saqueadas durante a guerra. Você gasta sua fortuna para importá-las e só vai confundir os historiadores da arte do futuro. Sem mencionar os arqueólogos dimensionais. Algum dia eles vão existir também, sabia?

– Em primeiro lugar: tenho registro de tudo – Ravi diz em um tom zombeteiro. – Em segundo lugar, como pode sugerir que revele o segredo logo depois de ter criticado outras pessoas por ter feito o mesmo? Poderia causar uma porção de problemas. E se ele for indiscreto? Tem uma porção de pessoas nessa dimensão que tentaria tirar vantagem disso.

– Bom, não entendo o que você ganha com isso, Ravi.

– É um jogo – ele diz –, e estou ganhando. Planto arte transdimensional no mundo todo cuja procedência ninguém além de mim sabe. E a amiga de Kiran, que está ouvindo ao pé da escada.

Ah, droga.

– Ravi! – diz a primeira sra. Thrash. – Por isso não ouvi o barulho da porta bater?

– Acho que sim.

– E imagino que também seja o motivo pelo qual começou a falar em inglês. Você *queria* que ela ouvisse. Honestamente, Ravi... É mais uma das suas conquistas?

– Ah, não seja tão arrogante – ele diz. – Você sabe que não é nada disso.

– Você poderia aproveitar melhor seu tempo e seus talentos – a primeira sra. Thrash diz. – Quando foi a última vez que pegou um pincel? Era tão talentoso.

– Mãe – Ravi diz, impaciente, como se a palavra fosse uma pequena explosão. Então ele reencontra sua voz agradável. – Você vai gostar dela. O que acha? Quer conhecer essa garota que provavelmente pensa que somos doidos?

– Ou – a primeira sra. Thrash diz – que eu sou doida e você só aparece de vez em quando para me fazer companhia e alimentar minhas ilusões.

Essas são exatamente as duas conclusões a que Jane chegou. Negociação de arte transdimensional. Versões alternativas de piratas invasores de casas. Kermit apaixonado por Miss Piggy.

Em pânico, Jane faz menção de sair, mas imediatamente encontra Jasper, que está à porta, logo atrás dos seus pés.

– Ahhhh! – ela sussurra freneticamente, balançando os braços para evitar pisar nele ou cair de costas. – Jasper! Enfia a cabeça pela porta e finge que foi você!

Ele a encara por cima do focinho comprido com certo desprezo.

Jane supõe que, no fim das contas, quer sim saber se Ravi é maluco ou só ama tanto assim a mãe. Então fica na porta.

Ravi desce metade da escada e abaixa a cabeça para olhá-la. Ele a localiza com um sorriso triunfante.

– Fiquei um século esperando no corredor até você aparecer – ele diz. – E aí? – Seu rosto parece animado ao mesmo tempo que a alerta. – Quer conhecer minha mãe?

– Tá – Jane diz, tentando não demonstrar como está nervosa.

– Deixa o cachorro entrar – Ravi diz.

Jane obedece, permitindo que a pesada porta se feche às suas costas. Ravi termina de descer as escadas, dizendo:

– Cachorro bobo.

Ravi pega Jasper, que se contorce indignado, e o carrega para cima. O cachorro não gosta de ser levado no colo, e fica olhando para Jane por cima do ombro.

– Vem ver seus amigos – Ravi diz para ele.

Jane os segue, tentando ignorar quão atraente Ravi está. Esse

provavelmente foi o motivo pelo qual pegou o cachorro no colo. Ravi é do tipo que sabe que seu quociente de fofura aumenta exponencialmente quando carrega um cachorro.

– Sei que não vai contar a ninguém sobre o que está prestes a ver – Ravi diz baixo a Jane enquanto sobem. – A não ser por Kiran e Octavian, que já sabem, e Patrick, Ivy e os Vanders, que sabem um pouco também, embora Vanny quer se envolver o mínimo possível com isso. Ela acha que minha mãe está mexendo com o equilíbrio natural do universo.

– Não vou contar a ninguém.

– Queria que você a conhecesse mesmo – Ravi pergunta.

– Por quê?

Ele não a encara, mas Jane sabe por sua voz que está sorrindo.

– Você me lembra dela. Diz o que pensa, sem se preocupar.

– Eu lembro sua mãe e você tem dado em cima de mim desde que me conheceu. Que saudável, Ravi.

– Garanto que aí já é por outros motivos.

– Édipo dizia a mesma coisa.

– Mãe – Ravi diz em um tom de voz repentinamente ressonante e forte, adentrando no quarto. – Quero apresentar nossa enxerida. Janie, esta é minha mãe.

Jane se vê em um quarto alto e quadrado, iluminado pelas janelinhas espalhadas em todas as paredes. Com fogão, geladeira, armários e balcões, parece uma cozinha. Sobre a mesa está a tigela de frutas de Ravi e um quadro de ninfas de Monet que parece familiar e incomum ao mesmo tempo.

A primeira sra. Thrash é uma mulher alta e majestosa, de pele negra, cabelo preto e sedoso preso em um coque na altura do pescoço. Usa calça preta e um suéter cinza de gola alta, exalando normalidade.

– É falta de educação ouvir a conversa dos outros – ela diz, apertando a mão de Jane com firmeza.

– Sinto muito.

– Sente mesmo? Eu não sentiria – diz a primeira sra. Thrash. – Algumas das minhas experiências mais recompensadoras vieram de me meter onde não era chamada.

Jane está perto de uma janela. Há sinos de vento enormes pendurados do lado de fora, e ocorre a ela que está ouvindo seu doce tilintar desde que meteu o pé na porta. Olhando para fora, consegue ver o sótão oeste à

distância. Então um leve guincho vem do andar acima deles.

– Peço desculpas pelas minhas miniaturas de velociraptor – a primeira sra. Thrash diz. – É hora do segundo café da manhã deles. Quer vir comigo? Pode ajudar a aceitar a existência do multiverso.

– Hã... – Jane diz, lançando um olhar confuso para Ravi, que parece achar graça. – Tá.

A primeira sra. Thrash começa a subir pela escada metálica em espiral.

– Não tenha medo deles – ela diz. – São de uma dimensão ilimitada que criou uma versão pequena e amistosa deles. De qualquer maneira, o modo como foram retratados naquele filme horroroso foi totalmente injusto. Pinky gosta de pentear meu cabelo com suas garras.

– Entendi – Jane diz, tossindo.

– Ravi não gosta quando trago animais – a primeira sra. Thrash diz. – Não gosta que eu traga nada que não seja arte.

– E com razão – Ravi diz, começando a subir as escadas e fazendo sinal para Jane segui-lo.

– É por causa da vez que tentei trazer dois pôneis cintilantes para ele e Kiran de uma dimensão ilimitada de alto nível. Os coitadinhos enlouqueceram e explodiram.

– Ainda posso ouvir os gritos – Ravi diz.

– Bom, não é que eu goste dos perigos de transportar criaturas ilimitadas para dimensões limitadas não relacionadas. Mas, desde então, melhorei nisso. Mas é claro que uma criança ficaria chateada. Mas, honestamente, Ravi, faz muito tempo. Era seu aniversário de dez anos!

– Doze – Ravi diz.

– Faz um século – diz a sra. Thrash. – De qualquer maneira, vou explicar tudo, Janie. Basicamente, o que descobrimos é um limite quântico termodinamicamente reversível que permite recoerência local. E pronto! Portais interdimensionais.

– Meu Deus, mãe – Ravi diz. – Ninguém entenderia o que você acabou de dizer.

– Técnico demais?

– Pelo menos faça uma analogia primeiro.

– O sapo de Schrödinger? Superposição quântica?

– Pelo amor de Deus – Ravi diz, virando para Jane. – O que você sabe de física quântica?

– Só o básico – Jane diz.

– Bom, tudo o que você precisa saber é que tudo o que poderia acontecer em teoria de fato acontece em algum lugar nos universos alternativos do multiverso. Imagina só as possibilidades... E minha mãe, com uma série de minhas mães alternativas, encontrou um portal para ir de um para o outro. Quer dizer, muitos outros universos tinham portais antes, mas esse é o primeiro que permite entrar e sair do *nosso* universo.

– Para ser honesta – diz a primeira sra. Thrash quando chega ao próximo andar –, não conseguimos explicar inteiramente como os portais funcionam. Mas o fato é que funcionam.

Jane decidiu parar de ouvir toda a baboseira sem sentido. Está inteiramente focada no seu redor. Aquele andar é muito parecido com o de baixo, cheio de janelinhas e com a escada em espiral levando para uma espécie de alçapão vermelho no teto com um número impressionante de fechaduras. Há uma cama grande encostada na parede e, ao lado, uma mesa de cabeceira com dúzias de livros empilhados perigosamente. Romances. Um par de portas além da cama provavelmente leva para o banheiro, um armário ou ambos.

Um animal se move embaixo das cobertas vermelhas, que pode ser um gato grande ou um cachorro pequeno. Ele se arrasta até a beirada, escorrega para o lado e põe a cabeça para fora. Então fica de quatro, depois se apoia apenas nas patas de trás. Ele olha para Jane desconfiado, com a cabeça inclinada, piscando. Tem um rabo tão comprido quanto seu corpo, penas finas espalhadas e cabeça de lagarto. Jane já foi a museus e viu programas de TV. Entende de imediato que aquele é o velociraptor em miniatura.

Jane acorda e a primeira coisa que vê é a porta vermelha do alçapão, aquela cheia de fechaduras. Ela está deitada na cama da primeira sra. Thrash. Se sente tonta, mas não parece machucada.

Então se lembra: viu um velociraptor e perdeu a força nas pernas. Ravi e a sra. Thrash a pegaram. Embora seja emocionante nas histórias, desmaiar é bastante desagradável na vida real.

Há uma presença morna aninhada do seu lado esquerdo, roncando baixo a cada respiração. Jane acabou de acordar; ainda não consegue absorver o fato de que está aconchegada com um velociraptor.

– Ravi? – ela chama.

Sua voz se ergue distraída de uma poltrona a um canto.

– Hum? – Ele levanta e vai até Jane, franzindo as sobrancelhas. Tem um romance aberto em uma mão. – Ah, você acordou! Está se sentindo bem?

– O que está acontecendo?

– O que eu te disse. Ajudaria se você fingisse que é um episódio de *Doctor Who*? – Ravi sugere. – Ouve só essa passagem e veja se parece realista para você? Vai levar só um minuto, tenha paciência. A protagonista, cujo nome é Delphine, diz: “Não ficaria com você nem que fosse o último homem em East Riordan”. Então esse cara chamado Lord Enderby diz: “Você é a única mulher em East Riordan. Minha querida, você é a única mulher no meu mundo. Fomos feitos um para o outro, como não vê?”. Então Delphine se entrega e começa a beijar o cara.

– Sério? – Jane pergunta, se conscientizando de outro corpo quente roncando aos seus pés. Há um corpinho maior, mais quente e silencioso no seu joelho, que ela sabe que é de Jasper.

– Por que minha mãe lê essas coisas? – Ravi pergunta.

– Você também lê!

– Com uma perspectiva crítica! – Ravi diz.

– Vai ver que ela também.

– Será que outras versões dela também leem isso? – ele pergunta, irritado.

– Imagino que haja versões fazendo *todo* tipo de coisa. Como algumas que nem são cientistas e outras que nem sabem que existem portais, e ainda deve haver infinitos universos onde ela nem existe. Tem tanta coisa que a gente não sabe sobre o multiverso. E note que estou focando na minha mãe. Não quero nem saber de múltiplas versões de mim.

– Ravi. – Jane sente um aperto no peito. Seus olhos lacrimejam. Ela não consegue respirar. – Ravi – ela repete. – Para.

A primeira sra. Thrash enfiou na cabeça que precisa mandar Jane para a Tu Reviens de uma dimensão alternativa para provar a ela que existem dimensões alternativas. Ela promete enviá-la para uma das mais parecidas, em que a casa e seus habitantes praticamente correspondem e ela vai poder se comunicar, mas não tanto que não consiga perceber que está em outro lugar.

– Mas é claro que a maior parte dos universos que consigo visitar mais ou menos correspondem. Até onde sei, meu portal só me manda para dimensões

que têm uma Tu Reviens com um portal em sua torre. E, para que essa casa tenha sido criada de forma reconhecível em outro lugar, um número quase infinito de correlações entre universos precisam ter acontecido também. Acrescente a isso a necessidade da minha própria existência: uma física teórica com tempo, meios e conhecimentos para descobrir e ativar o portal. Então você pode imaginar... Bom, vai se sentir muito confortável em DI17. Apesar da invasão alienígena.

– Invasão alienígena? – Jane ainda está na cama. – Acho que isso não é necessário. Posso acreditar na existência de dimensões alternativas no conforto da minha própria dimensão.

Depois de uma hora descansando e respirando profundamente, Jane se sente mais calma. Começou até a acariciar os velociraptors, Pinky e Spotty, com cuidado. Eles continuam aconchegados nela, e de tempos em tempos soltam guinchinhos para Jasper e encostam o focinho nele.

Mas, quando a sra. Thrash fala, a sensação de falta de ar volta.

– Sei que está com medo, e a exposição é uma ferramenta maravilhosa para superar isso. Se tem medo de aranhas, é só pular num ninho delas. Se tem medo da existência de dimensões alternativas, é só fazer um tour por elas.

Ligeiramente histérica, Jane decide que a melhor maneira de se defender dos propósitos da sra. Thrash é fingir que aceita tudo e não tem medo de nada. Ela se senta na cama, atrapalhando o sono dos velociraptors, que guincham em confusão. Jane dirige a expressão mais calma que consegue para a sra. Thrash e Ravi, que está discutindo com a mãe para manter Jane em sua própria dimensão, de um jeito bem calmo para ele.

– Entendo o que quer dizer – Jane começa –, mas não estou com medo. Só fiquei surpresa, mas agora estou cem por cento dentro. É claro que há dimensões alternativas. Infelizmente, não tenho tempo para viajar agora, porque preciso trabalhar nos meus guarda-chuvas. Como você não é artista, talvez não entenda de inspiração, mas, acredite em mim, não tenho opção a não ser atender o chamado da arte.

– Guarda-chuvas – a sra. Thrash diz, parecendo intrigada. – É verdade, não sou uma artista. Mas sou uma cientista, o que na verdade é próximo em espírito. Sou uma inventora e exploradora. Entendo a compulsão de atender a um chamado. – A primeira sra. Thrash parece tomar uma decisão. – Muito bem. Não vou ficar no seu caminho.

A ideia de que a primeira sra. Thrash imagina que pode ficar no seu caminho incomoda Jane. Mas ela suspeita que seria tolice não aproveitar a oportunidade.

– *Allons-y* – Jane diz, pulando da cama.

Ela fica imediatamente tonta e apoia a mão no ombro de Ravi. Então dá uma batidinha de despedida e se dirige para a escada em espiral. Jasper vai para o chão e a segue. Os dois voltam para a base da torre juntos.

A porta de saída é pesada, com a soleira ligeiramente alta. Jane tropeça de leve ao entrar no corredor, então sente uma mão firme e forte no seu braço. É Ivy com sua câmera, que a encara preocupada.

– Tudo bem? – ela pergunta. Está usando leggings preta e um suéter azul velho. A luz do teto faz alguns fios de cabelo parecerem dourados. Ela é sólida, real.

– Tudo – Jane diz. – Obrigada. Só estou um pouco desorientada.

Ela acena vagamente na direção da porta da primeira sra. Thrash.

– Ah – diz Ivy, mudando o tom de voz. – Meu Deus. Ela... Você...?

– Quê? Não, não! Só a conheci, nada mais. E os... bichinhos dela.

– Ouvi falar deles – Ivy diz.

– Estou tentando não pensar a respeito.

– Imagino. Sinto muito.

– Não, na verdade quero falar com você sobre isso – Jane diz, percebendo que é verdade. Contar tudo a Ivy seria um grande conforto. – Adoraria fazer isso depois, quando tudo estiver mais claro. Eu meio que... desmaiei quando vi os bichinhos – ela explica, levando a mão à testa. – Acho que ainda não me recuperei totalmente.

– Quer alguma coisa? – Ivy pergunta. – Sopa? Chá? Quincã?

– Quincã? – Jane repete, confusa. – É sério?

– O sr. Vanders adora quincã, então sempre temos algumas quando possível. E adoro a palavra – Ivy diz, sorrindo.

Jane conta as letras.

– E ainda tem “qu” e “ã” – ela diz. – Vale bastante.

– É.

Jane não quer que Ivy se sinta como sua empregada.

– Não preciso de nada – ela diz. – Como está indo a preparação para o baile? Precisa de ajuda?

Ivy franze a testa para a câmera nas suas mãos e Jane se lembra das

estranhas fotos que está tirando. Ela tem segredos. Será que alguém naquela casa não tem?

– Você pode vir me salvar mais tarde – Ivy diz. – Podemos jogar boliche ou outra coisa, e conversar um pouco.

– Claro – Jane diz, no momento em que a porta da torre se abre de novo.

Ravi surge, com o Monet debaixo do braço.

– Olá, crianças – ele diz.

– Não seja idiota, Ravi – Ivy diz, séria.

Ele ri e dá um beijo na testa dela.

– É legal ver vocês duas tão próximas – ele diz, então se volta para Jane. – E você, sabe onde me encontrar se quiser companhia.

O rosto dela queima enquanto Ravi se afasta.

– Desculpa – Jane diz a Ivy, sem ter certeza do motivo.

– Não se preocupe – Ivy diz. – Estou acostumada.

– Por que ele não dá em cima de você? – Jane pergunta. – É tão linda.

Ivy se vira antes que Jane possa absorver toda a potência de seu sorriso repentino.

– Porque ele tem um pouco de noção – ela diz. – Até mais tarde, Janie.

No escritório, o guarda-chuva em que Jane estava trabalhando – de autodefesa, marrom e dourado – não a interessa mais. Ela tem certeza de que alguém se importa com o fato de que Philip estava se esgueirando com uma arma enquanto Phoebe fazia alusões aos Panzavecchia na frente de Patrick, mas e daí? A mãe de Ravi tinha velociraptors.

As circunstâncias exigiam ou um projeto tão bobo que a fizesse esquecer de tudo ou algo tão esquisito e complicado que sugasse toda a sua ansiedade.

Como seria um guarda-chuva transdimensional?, ela se pergunta.

Teria que ser capaz de entrar em qualquer cenário, em qualquer tipo de mundo, sem chamar atenção.

Jane nunca fez um guarda-chuva preto simples.

O dossel teria que ser perfeitamente curvado, as ponteiros ao fim de cada vareta e no topo perfeitamente retos. Um guarda-chuva preto simples sem frufus para distrair dos erros. Todos os seus guarda-chuvas tinham erros.

Seria um desastre.

O que tia Magnolia diria? *Talvez. Mas você vai aprender alguma coisa*

com isso, querida. Por que não tenta?

Muito bem.

Enquanto Jane tornea o cabo, o mundo começa a fazer sentido de novo. As explicações vêm sozinhas. Pinky e Spotty obviamente não são velociraptors. Afinal de contas, desde quando Jane é tão familiarizada com todas as espécies de animais existentes na Terra? Por que não seriam de uma raça de lagartos pequenos que a doida varrida da primeira sra. Thrash encontrou no Saara, na Amazônia ou no grande deserto do Rajastão e então se convenceu de que eram velociraptors transdimensionais? Lagartos com penas, sim, senhor.

E o que ela tinha dito? Algo sobre a casa na outra dimensão estar correndo risco de ser invadida por piratas. Ridículo. Piratas atacam navios, Jane pensa, não casas, e são tirados de livros de fantasia ruins. Eles são a prova mais sólida de que a primeira sra. Thrash está inventando tudo.

– Alguém precisa ajudar aquela mulher – Jane murmura sozinha.

É engraçado como gente maluca faz com que você também comece a perder a noção de realidade. Impressionantes as coisas em que Jane quase acreditara. É bom estar de volta ao escritório, rodeada por coisas familiares, com Jasper, um basset hound completamente normal, respirando debaixo da cama no quarto. É maravilhoso estar fazendo um guarda-chuva preto totalmente sem graça. Seus dedos se movem rapidamente pela coleção de corrediços.

A Tu Reviens faz barulho à sua volta, trazendo-a de volta à realidade.

– Alguém está gritando? – Jane pergunta alto, porque é difícil distinguir os murmúrios da casa, vindos do aquecimento e do encanamento, dos outros.

Quando os gritos se aproximam e ela identifica a voz raivosa de Ravi, Jane vai até o banheiro com azulejos dourados e revira as gavetas até encontrar um par de tampões de ouvido.

No novo silêncio subaquático, Jane escolhe um corrediço para o guarda-chuva. Ela prende as varetas com arame, corta e costura os gomos de tecido. É um trabalho lento e focado.

Deveria ser meditativo também, mas sua mente gira. Tia Magnolia alguma vez tinha ficado em um barco, olhando assustada para o mar profundo, frio e inexplorado? Tinha lutado consigo mesma para decidir se ficava no barco ou se pulava?

Até onde Jane sabia, sua tia sempre acabava decidindo pular. Encarar o

que a assustava e se abrir ao que pudesse aprender.

Por que você não tenta, Janie?

Droga, Jane pensa, largando o guarda-chuva inacabado sobre a mesa. Ela leva as mãos ao rosto e pensa repetidamente: *Droga*. Então se agarra à mesa. Seus dedos encontram marcas ásperas, e ela abre os olhos para encontrar um entalhe de baleia-azul com um filhote. Seguindo a beirada da mesa, ela encontra um tubarão-baleia seguido pela prole. Ivy devia ter feito aquela mesa linda e forte.

Jane respira como uma água-viva.

Tia Magnolia? Foi por isso que quis que eu viesse para esta casa? Era isso que queria que eu tentasse?

Jane tira os tampões de ouvido, escolhe dois guarda-chuvas e sai do quarto.

Ravi está no corredor, indo na sua direção. Seu rosto parece tempestuoso.

– Aonde você vai? – ele pergunta em tom acusatório.

– Ainda não decidi – Jane diz, e é verdade.

– Sério? – ele pergunta, em uma voz mais branda.

Então para à sua frente, perto demais. O corpo de Jane responde, recuando até que suas costas estejam contra a parede. Ravi continua tão perto que ela tem que se inclinar um pouco para olhar em seu rosto.

– Ravi – ela diz, sem saber muito bem o que acontece. – O que está fazendo?

Ele aproxima a boca da dela. Então, lentamente, beija seu lábio superior, de leve. A respiração dela acelera, sua boca se abre. A pele dele é áspera, sua boca é curiosa e insistente, e a dela responde. A mão dele está na dela, seu corpo a pressiona contra a parede. Ela quer que Ravi a pressione ainda mais, para ancorá-la ao chão, o que a assusta, porque ela sabe, Jane *sabe*, que Ravi não é alguém com quem deveria fazer isso. Seria casual para ele, mas não para ela.

Talvez suas mãos sejam mais inteligentes que o resto do seu corpo, ou talvez toda a sua inteligência seja usada nos guarda-chuvas. Jane enfia os dois que está segurando entre seus corpos e o empurra.

Ele se afasta, sem protestar. Então inclina a cabeça para estudar seu rosto.

– Tá bom – ele diz. – Ficou brava comigo?

– Não – Jane responde. – Mas não faça isso de novo.

– Certo – ele diz. – Não vou fazer. – Ele fala diretamente, de um jeito sincero. Mas se é o tipo de pessoa que entende com tanta facilidade, como ela pode ter certeza de que não quer beijá-lo de novo? Jane sente alguma coisa, como o toque de uma pena. O que é? Ressentimento? Não. Inveja. Queria poder ser tão casual no que se refere a um beijo, ou a sexo. Imagina que deve ser legal ter beijado tanto que não é mais grande coisa. Ela segue pelo corredor e ouve a porta dele fechar.

Jane se dá conta de que é engraçado que acabou de recusar aquilo, mas está indo voluntariamente para algo muito maior.

Então ela vê uma figura logo à frente, no fim do corredor, perto do pátio, olhando de volta. É Ivy. Ela está parada com seu suéter azul velho e um narciso atrás da orelha, como se a observasse há um tempo. Ivy viu o beijo.

Como teria parecido a ela?

Ivy ajeita os óculos no nariz e levanta uma mão em cumprimento. É um gesto amistoso. Alivia de imediato o pânico de Jane, mas então ela se desespera. Ivy não se importa que ela tenha beijado Ravi? É completamente irrelevante para ela?

Suas mãos voltam a demonstrar inteligência: uma passa o guarda-chuva para a outra e ela a levanta em resposta. Jane espera que Ivy não consiga ler sua expressão, porque não tem ideia de como está agora. Quando Ivy vira e vai embora, Jane só fica parada ali, imaginando como uma questão pequena e terrena como quem beijar pode ser tão complicada quanto a existência de velociraptors transdimensionais.

A primeira sra. Thrash responde ao toque do sino tão rápido que Jane se pergunta se já a estava esperando. Ela olha com cuidado para os dois lados do corredor, então diz:

– Entre, querida, entre.

O guarda-chuva preto de Jane está incompleto, com o dossel solto batendo ao vento. Os acabamentos ainda não foram colocados, como a extremidade do cabo e as partes metálicas. Apesar disso, a primeira sra. Thrash é simpática.

– É bastante elegante – ela diz. – Posso ver que vai ser tão gracioso quanto um salto transdimensional perfeito.

Jane murmura um agradecimento cético.

Ela também está com o guarda-chuva de cetim marrom e rosa-acobreado, o da jornada do herói, aquele que usou no iate para se sentir melhor e representada em seu trabalho.

– Não costumo fazer guarda-chuvas assim simples – Jane diz. – Mas você me inspirou a tentar alguma coisa que seria apropriada em múltiplas dimensões. – Com cuidado, ela acrescenta: – Metaforicamente falando, claro.

Embora seja verdade que tenha escolhido retornar, não significa que decidiu alguma coisa.

– Um ilustre objetivo – diz a primeira sra. Thrash. – Venha ver os velociraptors. Eles gostaram de você.

Enquanto Jane sobe a escada, ela pensa com carinho em Jasper, que ficou dormindo debaixo da cama.

– Preciso voltar logo – ela diz. – O cachorro está sozinho no meu quarto.

– Claro – a primeira sra. Thrash diz.

A porta vermelha do alçapão está entreaberta. Suas inúmeras trancas se alinham em sua borda como dentes na boca quadrada de uma casa com vida.

– Não há chuva em DI17 – a primeira sra. Thrash diz.

– O quê?

– Eles não têm guarda-chuvas lá – ela explica. – Mas toda invenção encontra seu uso lá, especialmente algo que poderia ser classificado como figurino histórico. Imaginação e moda são coisas valorizadas nessa dimensão.

– Está brincando – Jane diz, desejando que houvesse mais alguém ali com quem pudesse trocar olhares incrédulos. – Por que não chove?

– Porque a Terra não existe mais – a primeira sra. Thrash diz. – Depois que a perderam, as pessoas de DI17 foram para as extremidades do sistema solar e construíram inúmeras naves e estações espaciais, que foram arranjadas em uma esfera para imitar a superfície terrestre, embora seja muito menor, claro. É como uma casca vazia. Algumas das estações são gigantescas, como Cidade do México, Pequim, Los Angeles, Mumbai... Mas mesmo elas não são grandes o bastante para criar algo como uma atmosfera própria. De qualquer maneira, a questão da água é delicada demais para eles para que desperdicem esse recurso com chuva.

– O que aconteceu com a Terra? – Jane pergunta.

– Um ataque alienígena – a sra. Thrash explica, com a atenção ainda voltada aos guarda-chuvas, que abre e fecha repetidamente, admirando a

suavidade do movimento e as belas ponteiros. – O planeta explodiu. Eu não tinha contado dos alienígenas?

– Tinha.

– Bom, quando cruza o portal para minha torre na Tu Reviens da DI17, você se encontra a bordo de uma nave que é uma representação muito bem-feita dessa casa em uma doca própria.

– Hum... Então a casa é uma nave que corre o risco de ser atacada por piratas – Jane diz, finalmente compreendendo.

O rosto da primeira sra. Thrash se ilumina.

– O que é muito preocupante. Não podemos deixar que criminosos façam o que querem com os portais. Que tipo de massacre teria início? – Ela olha para Jane com uma expressão cheia de segundas intenções que a deixa nervosa. – Por um acaso você não tem experiência com piratas, tem?

– Nenhuma – a garota diz, firme.

– Você poderia ser uma distração – a sra. Thrash continua, devolvendo os guarda-chuvas de repente. – Você é jovem, mas bastante intrigante, com essa coisa artística toda. É engraçado que eu não tenha encontrado com uma contraparte sua nas outras Tu Reviens, não? Poderíamos usar você para criar uma distração de modo que Ravi e eu da DI17 possamos acabar com os piratas.

Isso é um absurdo, mesmo para uma lunática.

– E como as versões de vocês em DI17 são no combate?

– É, acho que você tem razão – diz a primeira sra. Thrash, com um suspiro enorme e desanimado. – É um plano horrível. Não sou boa com os punhos. Prefiro um antagonista que possa manipular verbalmente, obrigar a fazer o que eu quero sem que perceba ou, como último recurso, dar um choque elétrico. Bom, venha ver o portal. Talvez depois pare de pensar que eu sou maluca.

– Não acho que você seja maluca – Jane protesta com um pânico crescente na voz enquanto a primeira sra. Thrash a conduz escada acima.

É como se a mulher pudesse convencer os outros apenas com sua força de vontade. Jane já está na metade do caminho quando percebe.

– Obrigada por isso, querida – a primeira sra. Thrash diz. – Os piratas usam naves minúsculas, e são muito mais furtivos do que aqueles que a gente vê em *A ilha do tesouro*. Podem parar a nave nos telhados e nas paredes. Se estiverem determinados o bastante, e se a casa for receptiva, vão acabar

entrando.

– Entendi – Jane diz, passando pela porta do alçapão. – Então a casa tem humores?

A sala adiante está vazia, sem nenhum móvel ou decoração. Não tem nem um tapete ou uma cadeira dobrável. Jane entra com cuidado, então se aproxima da parede. Por alguma razão, o fato de não haver nada ali a deixa alerta. Uma mulher maluca com um portal transdimensional imaginário não deveria ter alguma coisa, como uma cápsula prateada com assentos e volante e uma placa dizendo CUIDADO: PORTA TRANSDIMENSIONAL?

– Por favor, querida, não vá por aí – diz a primeira sra. Thrash, preocupada, pegando o braço de Jane e conduzindo-a até o centro da sala. – Você vai passar direto pelo portal.

– Ah, obrigada... – Jane começa a dizer, então perde a voz e a firmeza das mãos. Ela perde os guarda-chuvas, o fôlego, a necessidade de respirar, a visão e a memória. A sensação de estar em seu próprio corpo. Jane perde tudo, a não ser uma noção fixa e incrivelmente focada de quem exatamente ela é.

Quando tudo retorna, Jane vê que as roupas da primeira sra. Thrash mudaram. Assim como seu cabelo, a decoração e a iluminação. Ela está à sua frente com um chapéu bem estranho na cabeça e uma expressão indignada no rosto.

– Quem é você? – a mulher pergunta. – E de onde saiu?

Ah, droga.

Seu chapéu verde e folhoso, que também faz as vezes de echarpe e colar, está enrolado em volta de toda a parte superior de seu corpo. Com blusa e calça marrons, ela parece uma árvore. O cômodo é familiar, mas feito de metal em vez de pedra.

Jane procura as palavras que a primeira sra. Thrash da sua dimensão usaria.

– Sua contraparte me mandou pelo portal – ela explica. – Sou Jane. *Janie*.

– Que contraparte? – pergunta essa primeira sra. Thrash. – Imagino que saiba que tenho infinitas.

– Ah, meu Deus – Jane diz. – Estou enjoada.

– Ahá! – a mulher diz. – É uma dimensão que venera Deus.

Provavelmente limitada então. E isso que você tem na mão... É o que chamam de guarda-chuva?

– Sim – Jane diz, levando a mão à barriga. – Não consigo acreditar que ela me enganou. Estou na DI17?

– Sim – a sra. Thrash da DI17 diz. – E para que serve um guarda-chuva mesmo? Autodefesa?

– Para se proteger da chuva. Aqui – Jane diz, entregando o inacabado para ela e acionando o mecanismo do outro para demonstrar. – Algumas pessoas acham que é má sorte abrir em um lugar fechado.

– Superstição! Uma dimensão bastante limitada então – diz a primeira sra. Thrash da DI17. – E chuva. Você vem de uma Terra com atmosfera e água suficiente em sua superfície. Você sabe por que minha contraparte do seu mundo está em contato conosco?

– Por causa de arte, acho.

– Ah! – ela diz. – Agora estamos chegando a algum lugar. Ela comprou recentemente um cofrinho de sapo da DI33 para sua filha androide?

– Não.

– Um Dali com relógios derretendo da DL107 para seu filho Rudolfo?

– Não!

– Um Monet com ninfeias e sapos para seu filho Ravi?

– Sim – Jane diz –, é essa aí.

– Ah, esse quadro é daqui mesmo. Meu Ravi não me deixa em paz por causa dele. Nunca tinha dito nada sobre o Monet, até que fiz um bom negócio com ele. Então virou seu quadro preferido na casa e só ouço reclamações. Esse meu filho...

– Preciso voltar – Jane diz, tentando respirar. – Tenho que ir para casa.

– Por que ela mandou você?

– Não tenho ideia. Ela me enganou.

– Bom, ela devia ter um motivo para isso – diz a primeira sra. Thrash da DI17, escrutinando Jane com uma expressão que a deixa nervosa de um jeito muito familiar.

– Acho que só queria provar que não estava louca.

– Duvido muito. Não conheci muitas contrapartes minhas que se importavam com o que os outros pensavam de sua saúde mental – ela diz, de modo bastante convincente, o que é impressionante, considerando o chapéu ridículo que usa. As folhas balançam conforme fala, como se fosse um bordo

num pula-pula. – Ela deve ter mandado você por algum motivo. Por que será? Você é jovem, e jovens são inspiradores. Você encara a vida com uma paixão acima da média.

– Hum, não sei – Jane diz. – Acho que na média.

– Ela quer que seja amiga e uma boa influência sobre minha Karen? Ou talvez amante? Ah, desculpa. Você a conhece como Kiran.

– Ela não falou de Kiran – Jane diz, confusa. – Quer dizer, da Kiran dela. Nem mencionou ninguém chamada Karen, acho.

– Minha Karen é uma garota brilhante que deveria ter uma carreira brilhante, mas lhe falta determinação. Hum – a mulher diz, olhando mais de perto para Jane. – Você tem alguma experiência com piratas?

– Não! – Jane exclama. – Por que todo mundo acha que tenho experiência com piratas?

– Ahá! – ela diz. – Então *foi* por isso que ela mandou você. Quanta consideração. Precisamos de alguém que possa mergulhar nas profundezas da mente criminosa e antecipar seus passos. Você tem dons psíquicos, querida?

– Claro que não.

– Telepáticos?

Jane se endireita.

– Não!

– Certo – ela diz, parecendo envergonhada, mas não por ela mesma, e sim por Jane. – Que tolice a minha. Você é de uma dimensão limitada, coitada.

– Não sou coitada!

– Claro que não, querida – a mulher diz, dando batidinhas compreensivas no ombro dela. – Talvez você seja uma jovem psicóloga? Uma criminologista comportamental?

– Não!

– Então uma criminosa? – ela pergunta, esperançosa.

– Faço guarda-chuvas – Jane diz.

– Você faz guarda-chuvas – ela repete, parecendo derrotada. – Que misteriosa é a Anita da DL42.

– Esse é o nome dela? – Jane pergunta. – Quer dizer, o seu? Anita?

– Sim. É o nosso nome. Muito prazer. Nem temos chuva aqui.

A conversa com Anita é vertiginosa.

– Bom, então talvez seja melhor eu ir.

– Talvez a Anita da DL42 quer que você sirva como uma distração

enquanto acabamos com os piratas – ela sugere, animada.

– Olha – Jane diz com severidade, cansada de tudo aquilo. – Você tem um problema com piratas. Está com medo de que eles passem pelo seu portal e procurem por suas contrapartes piratas em outras dimensões, aumentando seus números. Eles dirigem navezinhas e têm maneiras inteligentes de invadir. Não pode focar suas energias em fortificar essa sala para que eles não consigam chegar ao portal? E não tem lei nessa dimensão? Cadê a polícia?

– É claro que temos polícia – ela diz, bufando indignada. – Mas por que eu deveria confiar *neles* no que diz respeito ao portal?

– Então é mais um motivo para fortificar este lugar! – Jane exclama. – Quais são suas medidas de segurança?

Jane vai até uma das janelas – portinholas? –, então se lembra de onde está.

– Onde fica o portal? – ela pergunta, sem querer passar por ele por acidente e ser transportada para Deus sabe onde. A primeira sra. Thrash da DI17 aponta para um quadrado de giz no chão, bem ao lado das botas pretas de Jane.

– Pelo menos o seu está demarcado – Jane diz, com uma voz tranquila.

Então ela cruza o cômodo até uma janela, com a finalidade de avaliar seu nível de proteção contra piratas.

A vista a confunde. A informação que tem é de que a casa é uma espaçonave, mas a vista é a mesma da que teria em uma janela em sua Tu Reviens. Um gramado verde e o mar mais além. Um dia ensolarado.

– Essa janela não é real, querida – a primeira sra. Thrash da DI17 diz. – É apenas uma projeção do que imaginamos que poderíamos ver, se não tivéssemos perdido nosso planeta.

Isso parece não fazer nenhum sentido para Jane. A vista real deveria ser espetacular.

– Vamos descer para o centro de comando – a primeira sra. Thrash da DI17 continua. – Lá temos janelas de verdade. Vou mostrar a você um modelo do nosso sistema de defesa.

Andar pela Tu Reviens da DI17 é como andar por uma versão excêntrica e onírica da Tu Reviens com que Jane está acostumada. Ela reconhece os cômodos, as escadas, o átrio e até mesmo as obras, em alguns casos, mas tudo lhe dá arrepios. O tapete de urso-polar, por exemplo, não é de urso-polar. É um tapete horrível e ameaçador de um abominável homem das

neves. Provavelmente feito de material sintético, já que não há neve dentro da nave e monstros não existem. Ou existem?

A luz é forte, e as portas ovais ficam alguns centímetros acima do chão. Pessoas com roupas estranhas passam de vez em quando. Algumas delas usam sapatos com rodinhas. Uma está vestida como um guarda do palácio de Buckingham, com chapéu e tudo. Outra usa asas de borboleta. Uma terceira parece uma leiteira e carrega um balde. Há vacas na casa? Mas ele não está cheio de leite, e sim de... gatinhos? Jane se pergunta se, quando a Terra explodiu, as pessoas perderam sua história também, e agora tentavam trazê-la de volta de alguma maneira, nem que fosse através das roupas. Tentando recuperar coisas perdidas. Ela toca os babados de sua camisa vermelho-alaranjada.

– Esta nave foi construída com partes de outras naves – a sra. primeira Thrash da DI17 diz enquanto Jane a segue até a escada. – Octavian Thrash I gostava de um bom negócio e era um babaca insistente. Ele conseguiu o átrio de um cruzeiro veneziano.

O átrio é muito similar ao pátio que Jane conhece, com piso de mármore, jardins em terraços, fontes tilintantes e trepadeiras. Só que é ainda mais brilhante e perfeito. Porque é falso. O mármore é falso, as flores são falsas. É uma imitação de algo que não existe mais nesse mundo. Não tem alma, como o átrio de um cassino de Las Vegas inspirado no Império Romano.

– Isso é luz solar? – Jane pergunta, apontando para a luz que entra pelo teto.

– Querida – a sra. Thrash da DI17 diz. – Estamos nos recantos mais distantes do sistema solar. A Nova Terra não tem acesso à luz solar.

Se você pudesse ver isso, tia Magnolia, Jane pensa. De alguma forma, é assustador contemplar a tia de outro universo. Jane tenta não pensar nela diretamente.

– Tem uma versão de mim aqui? – ela pergunta à primeira sra. Thrash da DI17, mesmo que isso a faça perder o fôlego.

– Não que eu saiba – a mulher responde. – Agora vamos.

Ela segue até a escadaria leste – a escada da escotilha? –, e as botas de Jane ressoam contra o chão oco ao descer. No patamar do segundo andar, em vez de um quadro grande de um cômodo com um guarda-chuva, Jane se vê olhando por uma porta para um cômodo de fato, em cujo chão se encontra... o que parece ser um traje especial feito para um cavalo. Pessoas entram e

saem. A tripulação? Convidados da família?

– Há um baile acontecendo? – ela pergunta.

– Não – diz a primeira sra. Thrash da DI17. – Por quê?

– Tem tanta gente aqui.

– A maior parte das naves da Nova Terra abriga centenas de pessoas, ou milhares. Nós não temos um planeta inteiro pelo qual podemos nos espalhar.

Jane não reconhece a maior parte das pessoas, mas poderia jurar que uma menininha que entra correndo na sala, olhando por cima do ombro, é Grace Panzavecchia. Ela é tão rápida que é impossível ter certeza. Momentos depois, uma versão do sr. Vanders se apressa pela escada e vai atrás dela. Ele usa suspensórios de lantejoula e parece farto.

É bastante estranho: assim que as pessoas passam pela porta, elas mudam. Jane nota quando a menina olha para trás. De repente, ela parece diferente. Quando outra pessoa sai do cômodo para o patamar, Jane grita de surpresa ao reconhecê-la.

– Lucy St. George! – ela diz, espantada por conseguir identificá-la. Deve ser alguma coisa na maneira como Lucy se porta, porque ela usa uma maquiagem de palhaço triste no rosto, com nariz vermelho e lágrimas pretas, calça larga, suspensórios sapatos e gravata enormes, blusa branca e marias-chiquinhas.

– Lucy! – Jane repete. – É Halloween?

– Ah, é você – Lucy da DI17 diz, desanimada. – Claro. Quem mais poderia ser?

– Eu? – Jane pergunta. – Você me conhece?

– Tem certeza, Lavender? – pergunta a primeira sra. Thrash da DI17, parecendo surpresa. – Janie é uma visitante de outra dimensão. Você já viu a versão dela da nossa dimensão?

– Ah – Lucy diz. – Então você não é aquela Janie? Peguei uma versão dela na cama de Ravi hoje.

– Na cama de Ravi! – Jane diz, mas Lucy já virou de costas. Ela segue pelo corredor leste, com passos esquisitos e largos, por causa dos enormes sapatos. Sua maquiagem de palhaço queima na alma de Jane, triste e acusadora. – Na cama de Ravi! – ela repete, sem nenhuma ideia do que fazer com essa informação.

– Vamos lá, querida – diz a primeira sra. Thrash da DI17.

– Por que ela estava vestida daquele jeito?

– De que jeito? – a mulher pergunta, conduzindo Jane escada abaixo.
– Como um palhaço triste – Jane diz.
– E por que não estaria vestida assim? – pergunta a primeira sra. Thrash da DI17.

– Mas... – Jane começa, então é interrompida por um pirata, um pirata!, que irrompe escada acima, em sua direção.

Ela adota instintivamente uma posição de bloqueio, e o impacto o manda escada abaixo com um grito agudo.

– Ai! – ele urra quando chega ao chão.

Amontoado, ele inspeciona a própria cabeça, o quadril, os joelhos e os cotovelos. Então olha para Jane em descrença, e ela se dá conta de que é Colin Mack com um tapa-olho, uma bandana com um crânio e dois ossos cruzados e cabelo comprido e seco e uma camisa de mangas bufantes.

– Colin! – ela grita.

– O que eu foi que eu fiz para você? – ele grita para ela. – Poderia ter me matado!

– Colin! – Jane repete. – Você é um dos piratas?

– De onde foi que você saiu? – Colin pergunta. – Anita, onde encontrou esse desastre?

– Querida – ralha a primeira sra. Thrash de DI17 –, você precisa se lembrar de que está em outra dimensão. Mesmo que não se dê bem com Colin, não é justo descontar no nosso.

– Eu não o derrubei porque era Colin! – Jane explica. – Não sabia de quem se tratava! Só vi que era um dos piratas!

– Ah, não seja ridícula – a primeira sra. Thrash de DI17 diz. – Colin é um negociante de arte.

– Então por que está vestido assim?

– Ah, e agora você ainda insulta minhas roupas – ele diz, indignado.

– Não leve para o lado pessoal, querido – a primeira sra. Thrash da DI17 diz, com as folhas da cabeça balançando. – Janie é uma visitante de uma dimensão limitada. Como tal, não pode evitar sua visão estreita do multiverso.

– Neandertal! – acusa Colin. – Volta para de onde veio – Colin diz, então se recompõe, tira a poeira da roupa e vai embora parecendo ofendido.

Ele usa uma calça surrada sem bainha e tem dois revólveres no coldre na cintura.

– Então ele não é um pirata? – Jane pergunta, confusa, então vê Jasper subindo as escadas em sua direção.

Ela nunca ficou tão feliz ao ver um cachorro. Ele parece com o animal de quem ela lembra. Tem a mesma dificuldade de subir os degraus de que ela se lembra. Jane se ajoelha e estica uma mão ansiosa.

Jasper faz uma pausa, cheira sua mão, solta o ar com indiferença e segue em frente sem nem olhar no rosto de Jane.

Ela só quer se sentar nos degraus e chorar.

– Ah, querida – diz a primeira sra. Thrash de DI17. Ela se inclina para Jane, de modo que seu chapéu lhe dá o aspecto de um salgueiro-chorão. – Acontece com todos nós. É preciso lembrar que, ainda que esse mundo seja familiar, não é o seu. Nunca vai sentir que pertence a este lugar.

O centro de comando da nave tem janelas que vão do chão ao teto. Jane tinha razão: a vista é extraordinária. Um vasto espaço roxo pontilhado com pequenas e brilhantes naves passando de quando em quando, parecendo libélulas prateadas e douradas. Mais além, há uma linha metálica fraca que deve ser o “continente” dessa comunidade humana flutuante, desligada de qualquer planeta. Adiante, há um único ponto de luz, pequeno, mas tão brilhante que dói olhar.

– Reconhece aquela estrela? – a primeira sra. Thrash da DI17 pergunta. – É o sol.

– O sol! – Jane repete, surpresa. – Mas é tão pequeno!

– Estamos bem mais longe do nosso do que você está do seu, querida.

Como é possível que pela manhã Jane tenha acordado em sua vida ordinária, mas agora esteja vendo como o sol pareceria desde os limites do sistema solar?

– Venha – a primeira sra. Thrash da DI17 diz. – Vou mostrar o esquema de segurança da casa.

Ela leva Jane até uma projeção holográfica da casa que gira, se abre ou se amplia de acordo com as ordens da comandante, que, claro, é a sra. Vanders. Capitã Vanders nessa dimensão. Ela tem rodinhas nos pés e dá a volta no holograma, usando um vestido de baile verde-limão repleto de lantejoulas brilhantes.

A capitã Vanders e a primeira sra. Thrash da DI17 conversam rapidamente

sobre os detalhes do atual sistema de defesa da nave, e Jane mal consegue acreditar na maior parte do que dizem. Parece que a nave pode sentir quando uma pessoa tem más intenções em relação a uma de suas partes e, como uma floresta encantada de um conto de fadas, consegue abrir bocas estranhas e pantanosas no piso, distorcer as paredes de modo que as portas se tornem inacessíveis ou derrubar livros das estantes da biblioteca.

– Está sugerindo que a nave tem *consciência*? – Jane pergunta, interrompendo a capitã Vanders, que acabou de prever a disposição e habilidade da nave de lançar um pirata sobre o balaústre e para o átrio.

– Sim – a capitã Vanders concorda. – É algo recente e ainda inconsistente, o que é uma pena, mas ainda assim foi observado. Patrick e Ravi se meteram em algum tipo de briga outro dia, e encontramos os dois enfiados em luminárias na sala de estar mercúrio.

– Eles não são amigos aqui?

– São, sim – diz a primeira sra. Thrash da DI17. – Mas Karen e Patrick são recém-casados, ela está grávida de gêmeos e Ravi marcou alguma viagem que coincide com a data prevista para o nascimento. Patrick ficou indignado e ofendido por Karen. Ele acha que Ravi deveria estar por perto quando os filhos da irmã nascessem.

– É claro que deveria – Jane diz. – Ele não é assim egoísta, é? E Kiran se casou com Patrick aqui? Como isso aconteceu?

– Você vive se esquecendo de que esse não é seu mundo – diz a primeira sra. Thrash da DI17. – Não faz ideia de como nenhum de nós é.

– Não mesmo? Mas há tantas similaridades.

– A menor pedra jogada na água causa ondulações em todas as direções – ela diz. – Você deveria gostar dessa metáfora, já que a água cobre mais de setenta por cento da superfície do seu planeta.

– Espera – Jane diz. – Kiran... Karen está grávida de gêmeos e você a critica por não ser bem-sucedida profissionalmente?

– Ah, ela está só de onze semanas – a primeira sra. Thrash da DI17 diz. – E só fica sentada. Ravi toma as piores decisões, não se engane, mas pelo menos ele tem ânimo.

– Entendi – Jane diz, sentindo pena pela Karen da DI17, cujo corpo está criando dois novos humanos com o que algumas pessoas não consideram ser ânimo o bastante. Ou ela está *feliz* pela Karen da DI17? Não é uma coisa boa que Kiran/Karen esteja casada com Patrick? Especialmente um Patrick que

fica indignado por sua causa?

– Ah, honestamente – diz a capitã Vanders –, será que podemos focar no problema que temos em mãos?

– Claro – Jane diz. – Como uma nave pode se transformar em uma entidade consciente.

– Ela é de uma dimensão limitada, capitã Vandy – diz a primeira sra. Thrash da DI17, como quem pede desculpas.

– Bom, é uma pergunta válida – a capitã comenta, com certa tristeza. – Temo que nem eu consiga entender; pegou todos nós despreparados. Sou da firme opinião de que Anita deveria se voltar para as outras dimensões em busca de uma explicação... e de uma solução.

– Acha que existe uma solução? – Jane pergunta.

– O universo é infinitamente vasto – diz a primeira sra. Thrash da DI17, mal-humorada. – É claro que há uma solução. Talvez precisemos de um psicólogo arquitetônico ou alguém especializado em imbuir objetos inanimados de poder. Fico pensando se nossa Ivy tem potencial para tanto.

– Ivy! – Jane diz.

– Ainda não estou convencida de que a nave tem um problema que precisa ser resolvido – acrescenta a primeira sra. Thrash da DI17.

– Porque você viajou tanto que perdeu a perspectiva do que é normal no seu próprio mundo – a capitã Vanders diz. – E deixe Ivy em paz, ela já tem o bastante com que lidar. Faria mais progresso consultando a sra. Thrash atual. Embora, infelizmente – a capitã explica para Jane –, ela tenha nos deixado mais ou menos quando o fenômeno começou. Ela é uma encantadora de naves.

– Encanta... – Jane começa, mas para quando alguém entra no centro de comando.

É Ivy, que ela reconhece instantaneamente, mas está obviamente diferente. Jane não sabe dizer ao certo como, mas sente que tem algo a ver com o equilíbrio de tensão particular ao rosto dela. A Ivy de Jane *poderia* ter aquela cara. Mas não tinha.

A Ivy da DI17 a nota e abre um sorriso, então se segura, franzindo a testa intrigada.

– Desculpa – ela diz. – Já nos conhecemos?

– Não – Jane diz. – Sou de uma dimensão limitada ou coisa do tipo.

– Ah! – Ivy diz. – Isso explica.

Seu sorriso é caloroso e extremamente familiar. Seu cabelo escuro tem mechas azuis e está mais curto e todo espetado, com menos volume. Deveria ter sido a primeira coisa que Jane notou nela, mas não foi, talvez porque de alguma maneira parece certo. Jane se pega sorrindo de volta.

– Você... – Jane começa, de repente querendo perguntar se *essa* Ivy conhece, ou conheceu, tia Magnolia. Então ela para. Não está pronta para a resposta, independente de qual seja.

De repente o holograma da casa sai de controle e todos na sala se aglomeram à sua volta. O teto da ala leste está piscando, inchando e enrugando. A capitã Vanders corre até um console próximo e lê as palavras e símbolos que passam por ele.

– Dois intrusos! – ela grita. – Em duas naves diferentes. Aterrissaram a bombordo do nível dois! Estão perfurando o casco!

– Piratas! – diz a primeira sra. Thrash da DI17. – Piratas com um plano transdimensional nefasto. Tenho certeza!

– Muito bem – diz a capitã Vanders. – Intercepte os dois! – Ela pega Jane pelos ombros e a encara com franqueza. – Espete os piratas com essa coisa afiada que você carrega! – a mulher diz, em referência óbvia aos guarda-chuvas de Jane.

Enquanto Jane corre de volta para o corredor leste do terceiro andar com a primeira sra. Thrash da DI17, se sentindo totalmente despreparada para enfrentar piratas, uma versão de Ravi vem deslizando na sua direção em patins azuis cintilantes com estrelas vermelhas.

A versão com quem estou tendo um caso, Jane pensa, então se dá conta de que não tem como se preparar para aquele Ravi. Seu rosto queima. Ela torce para que ele passe direto, mas Ravi vai até Jane, pega seus braços e pergunta:

– Tudo bem com você?

– Não sou quem você pensa – ela diz.

– Como assim? Você está até com a mesma roupa – ele diz, dando um passo para trás para examinar Jane de cima a baixo. Ele fica ainda mais alto sobre os patins. – E carrega os mesmos guarda-chuvas. Minha mãe não mandou você? Ela me disse que tinha te enganado para provar a existência do multiverso!

– Você não é o Ravi da DI17? – Jane pergunta, notando que, apesar dos

patins, ele também está com a mesma roupa da última vez que o viu, além de reconhecer as mechas brancas em seu cabelo.

– Não, sou o seu Ravi! – ele diz. – O Ravi da DL42! Vim buscar você. Vem. Odeio essa dimensão.

– Por que está usando esses patins?

– São da minha mãe – ele diz, com um gesto impaciente de mão. – Queria achar você e ir embora logo. Já estive aqui, sei como é.

– Mas não fique pensando que você passaria despercebido, querido – diz a sra. Thrash da DI17, com pena. – Bom, vamos lá. Estamos atrás dos piratas.

A casa parece estar punindo os piratas sozinha, fazendo com que Jane se pergunte por que estavam todos tão preocupados. Um deles, o homem mais alto que ela já viu, chega atirando pela abertura entre a parede e o teto conforme se aproximam. A abertura se alarga e o cospe, com suas bordas ásperas e irregulares, como dentes. Então ouve-se um arroto cavernoso e tudo volta ao normal. O pirata está jogado aos pés de Jane. Ele não está vestido como ela esperaria. Parece um palhaço triste, o que a confunde totalmente.

A primeira sra. Thrash da DI17 enrola o tapete de abominável homem das neves em volta dele. Ravi – o Ravi de Jane – solta ganidos ansiosos, sem ter muita certeza se ela está destruindo uma obra de arte impagável ou se o tapete é tão horrendo quanto parece.

– Por que está vestido assim? – Jane pergunta ao pirata, ajoelhando ao lado de sua cabeça.

– Pelo amor de uma mulher que mal sabe que eu existo – diz o palhaço e pirata, triste, com os sapatos gigantesco saindo de uma ponta do tapete e os cabelos enrolados e multicoloridos da outra. Ele parece um cachorro-quente de palhaço deprimido.

– As pessoas sempre se vestem como palhaços tristes quando têm o coração partido? – Jane pergunta, tentando desvendar um padrão. Seria reconfortante.

– Não sei do que está falando. Estou vestido assim porque é como ela se veste – o pirata diz enquanto a primeira sra. Thrash da DI17 o faz rolar para o outro lado do corredor, então aperta um botão na parede que permite que se comunique com a capitã.

– Estou tão confusa – Jane diz. – Você está mancomunado com Lucy?

Quer dizer, com Lavender?

Um pouco além no corredor, o teto cospe uma laranja. Ela cai no chão, quica e rola até Jane.

– Ah, que maravilha! Agora você está só me ofendendo – o palhaço deprimido diz de dentro do tapete.

– Por quê? – Ravi pergunta. – Por causa da laranja? É uma ofensa? Qual é o problema de vocês? Cara, odeio essa dimensão.

– É a laranja do meu amigo – o pirata deprimido diz, pesaroso. – Ele se tornou parte do casco dessa nave. Depois que entrou, digo. O casco jogou sua nave, mas o segurou. Seu corpo ficou preso na abertura.

– Como um dedo numa barragem? – Jane pergunta.

– Do que está falando?

– Seu amigo perdeu a nave dele? – pergunta a primeira sra. Thrash da DI17, parecendo cada vez mais alarmada. – Como assim? Acha que ele estava respirando?

– Não – o pirata diz. – Eu o vi ficar azul.

A primeira sra. Thrash da DI17 encara o pirata sem acreditar.

– Está me dizendo que a casa o matou?

– Mas decidiu salvar a laranja – diz o pirata e palhaço deprimido. – É uma nave bizarra essa que vocês chamam de casa, se não se importam com meu comentário. Ela tem sistemas de defesa bastante peculiares. Não fomos avisados disso. Julgando pela rapidez com que fomos derrotados, sinto que talvez tenha sido usado.

– Por quem? – Jane pergunta. – Para quê?

– Por ela, é claro – o pirata diz. – Para criar uma distração. Seria patético esperar que ela escape?

– O quê? – Jane diz. – De quem está falando? Não está aqui pelo portal?

– Portal? – ele diz. – Que portal?

– Espera aí – Jane diz. – Você é mesmo um pirata? Veio pela arte?

– Sou um pintor de grande talento – o pirata garante –, mas já falei demais. Não acha?

– Eu... não sei – Jane diz, tentando entender. Será que *Lavender* está atrás das obras?

Inúmeros empregados que Jane não reconhece chegam com uma maca e ficam em volta do pirata enrolado. Eles o levantam ainda dentro do tapete de abominável homem das neves e o colocam na maca, depois o prendem ali. A

primeira sra. Thrash da DI17 diz aos empregados algo tranquilizador e solene sobre o homem morto que está dependurado no buraco que ele mesmo abriu no teto. Ninguém acredita nela. A casa nunca matou ninguém. Jane se pergunta se a capitã Vanders vai ficar surpresa. Imagina que não.

Ela tenta lembrar para onde Lucy – Lavender – estava indo da última vez que a viu.

– Ravi – Jane diz, baixo. – Vem comigo.

Com seus modos perfeitos, Ravi se oferece para carregar um dos guarda-chuvas de Jane e não faz nenhum comentário sobre tê-la beijado no corredor da Tu Reviens de sua própria dimensão pela manhã. Ele também tira os patins para andar no mesmo ritmo que ela. Jane descobre que ele é uma boa companhia quando não está flertando. É estranho que seu alívio venha misturado com certa tristeza.

– Onde você vai? – ele pergunta, segurando os patins pelos cadarços.

Quando Jane era pequena, sua tia costumava acompanhá-la até o parque, onde ficava sentada num banco para esperá-la, oferecendo palavras de encorajamento enquanto patinava. No caminho e na volta para casa, Jane amarrava os cadarços de um pé no de outro e carregava os patins exatamente como Ravi carrega os dele agora.

– E aí? – ele pergunta, impaciente.

– Hum? Ah. Segundo andar, ala leste – Jane diz. – Ou nível um, bombordo, que acho que é como eles dizem aqui. Tenho uma teoria.

– Conta mais.

– Ainda não estou pronta para isso. Mas não acho que aqueles caras eram piratas atrás do portal.

– Ótimo – ele diz –, outro mistério.

Ravi não se sente nada confortável ao andar pelos corredores dessa Tu Reviens. Sua voz acusa isso, assim como o fato de olhar o tempo todo por cima dos ombros.

As luzes na ala leste do segundo andar piscam loucamente. Elas se seguram quando Ravi e Jane chegam, como se estivessem tentando chamar a atenção de alguém e os dois servissem. Jane não fica totalmente surpresa ao encontrar Lucy – Lavender – sozinha no corredor. Ela geme, porque sua mão foi sugada pela parede. Aconteceu ao lado de um quadro pequeno, quase

atrás dele, na verdade, de uma mulher escrevendo uma carta à escrivadinha enquanto um sapo aguarda tranquilamente por perto. É noite no quadro. A cena é fracamente iluminada por uma galáxia de estrelas girando.

– Lucy! – Ravi grita. – O que aconteceu? – Então ele se dá conta e diz: – Merda. Olha só o Vermeer.

– Vermeer? – Jane repete.

– Esse quadro maravilhoso, *Senhora escrevendo uma carta e seu sapo*. Ou pelo menos esse é o nome na nossa dimensão.

– Ah, sim – Jane diz, lembrando. – A sra. Vanders falou no Vermeer hoje de manhã.

– É mesmo?

– Acho que ela estava preocupada, pode ser? – Jane diz. – Queria que você desse uma olhada nele.

– Preocupada? Espera aí, o que é isso?

Ravi se inclina para olhar melhor para uma tela pequena jogada aos pés dos sapatos de palhaço de Lavender. Então congela. Ele coloca os patins com cuidado, entrega a Jane o guarda-chuva que estava carregando, levanta a tela e a estica à sua frente. É um quadro de uma mulher escrevendo uma carta enquanto um sapo aguarda tranquilamente por perto. Idêntica àquela na parede.

Ele vira para Lavender. De repente, está quase chorando.

– Lucy – ele diz. – O que está fazendo?

– Meu nome é Lavender – ela diz, ofegando. – E você não é meu Ravi.

– Você estava fingindo todo esse tempo? – Ravi pergunta.

– Não é da sua conta se eu estava ou não fingindo – Lucy, ou Lavender, grita. – Você não é você. Não preciso me explicar! A nenhum de vocês.

– Você disse que me amava.

– Ah, por favor. Não era eu e você, era você e outra pessoa, eu e outra pessoa. Além disso, você nem sabe o que essa palavra significa.

– Qual tela é a verdadeira? – Ravi pergunta, engasgado.

– Descubra sozinho, se isso é tão importante para você – Lavender diz. – Você não está nem aí para quem se deita na sua cama, mas é obcecado pelos quadros na sua parede!

– Eu vou descobrir – Ravi diz –, garanto. E vou contar ao seu pai e ao seu primo o que fez. A todo mundo!

Lavender começa a rir, uma gargalhada enojada que se transforma em um

grito curto quando a parede puxa ainda mais sua mão.

– Vou chamar a polícia – Ravi diz, colocando a tela cuidadosamente no chão, onde a encontrou. – Ou a capitã. O que quer que seja que vocês têm nessa maldita dimensão que lida com ladrõezinhos de arte com nariz de palhaço. Cuide dos quadros – ele diz para Jane, seco. – Já volto.

– Tá – Jane diz.

Então ela espera, paciente e imóvel, com um guarda-chuva em cada mão, até que, xingando baixo, Ravi foi embora pelo corredor em seus patins.

Jane vira para Lavender. Parece que a parede está consumindo sua mão. Ela está ainda mais funda agora, quase até o cotovelo, ofegando de dor. As lágrimas abrem caminho pela maquiagem; tinta preta pinga na blusa branca.

– Você pagou aqueles homens para servir de distração enquanto roubava o quadro? – Jane pergunta.

– Garanto que você é a última pessoa no multiverso para quem vou me explicar – Lavender diz, com uma onda fraca de fúria. Seus olhos se iluminam e brilham para Jane. – A penúltima pessoa – ela grita. – Você é só uma cópia! Uma ninguém! A última de Ravi numa fila de ninguém!

– Por que queria roubar isso?

– Por que alguém rouba alguma coisa?

– Dinheiro? – Jane pergunta, horrorizada.

– É um quadro – Lavender cospe. – Um objeto. Não vou machucar ninguém roubando. E Ravi provavelmente merece!

– Um dos seus cúmplices morreu – Jane diz. – A casa o matou.

Lavender grita quando a casa engole um pouco mais do seu braço. Ela perdeu a força nas pernas e está presa pelo braço como um palhacinho de brinquedo. Jane tenta não pensar em como estão sua mão e seu braço dentro da parede. Ela tenta não pensar em quão longe a parede vai levar a punição.

– Você tem para onde fugir? – Jane pergunta.

– O quê? – Lavender retruca, confusa.

– Você tem um plano de fuga?

Lavender levanta a cabeça para olhar rapidamente para Jane, exausta, com os olhos vidrados de dor.

– Não era para eu ser pega – ela diz. – Mas sim. Tem alguns lugares para onde eu poderia ir.

Jane tem a impressão de que falar em voz alta só poderia convencê-la da impossibilidade do seu plano. Então, sem deliberar, ela enfia o guarda-chuva

preto inacabado na parede, no mesmo buraco por onde o braço de Lavender está sendo comido. A parede estremece, rosna e se aperta. Lavender grita.

Jane enfia o guarda-chuva marrom e rosa-acobreado do outro lado do braço de Lavender. É difícil saber o que exatamente está acontecendo enquanto a parede grita, se revira e goteja uma substância estranha, glutinosa e insípida em torno dos pontos em que ela perfurou, mas, por instinto, ela usa os guarda-chuvas para fazer uma alavanca e alargar o buraco que está sugando Lavender. A parede ruge, depois grita. Lavender puxa. Lavender grita.

Então seu braço ensanguentado, estraçalhado e frouxo escapa da parede, como uma criatura escorregadia nascendo. Lavender cai.

– Corre! – Jane grita. – Corre!

Lavender cambaleia e então, dobrada sobre o próprio braço, corre. Sozinha no corredor, Jane puxa os guarda-chuvas da parede e depois os enfia de novo, enfia, enfia e enfia, tentando manter a casa ocupada enquanto a outra foge. A parede reage, formando dedos que agarram os guarda-chuvas. Jane continua enfiando e enfiando.

Então o chão sob seus pés começa a tremer e se mover, e ela decide que já se arriscou o bastante. Jane solta os guarda-chuvas, deixando-os presos à parede.

– Casa legal – ela diz. – Boazinha. Eu nunca machucaria você.

Jane respira fundo como uma água-viva, com a intenção sincera de não fazer mais nada para irritar aquela casa assustadora.

Ao correr, Lavender abandonou as duas telas. Jane deixa-as onde estão, e volta por onde veio. A parede ainda parece estar lutando contra os guarda-chuvas, puxando-os e empurrando-os, mas o chão se acalmou.

– Quero ir para casa – Jane diz. – Por favor, Deus, me deixe ir embora.

É engraçado que ela esteja pronunciando uma espécie de prece. Nunca foi religiosa, não sabe no que acredita e não sabe onde é sua casa.

Ela se dá um segundo para lamentar a perda do guarda-chuva marrom e rosa-acobreado, com cabo de latão. O guarda-chuva da jornada do herói. Jane sabe que vai ter que deixá-lo para trás e agradece pelo importante trabalho que desempenhou.

Quando deixa a ala leste do segundo andar, ela se dá conta de que tem mais uma coisa que precisa fazer antes de ir embora dessa dimensão.

Quando chega ao terceiro andar do corredor leste, Jane descobre que alguém já limpou toda a bagunça. Não há piratas ou médicos. Até o tapete do abominável homem das neves está de volta ao lugar. A julgar pelos barulhos no andar de cima, parece que uma equipe de pessoas no telhado, ou no casco, está tentando tirar o homem morto e fechar a abertura. Jane se pergunta se a casa está entregando o corpo do homem por vontade própria.

Ela ouve o som de patins e se vira para ver Ravi deslizando na sua direção, vindo do átrio a toda velocidade.

– Fomos até o quadro e Lucy tinha fugido – ele diz, irritado. – Você a deixou ir, não deixou?

– A parede ia acabar com ela – Jane diz. – E o nome dela é Lavender.

– É claro que não ia!

– Você não viu o que fez com o braço dela – Jane diz.

Ravi engole em seco, parecendo desconfortável.

– O que fez com o braço dela?

– Talvez seja melhor não perguntar.

– E então? – ele pergunta, ansioso. – Ela vai ficar bem?

– Não tenho ideia! Mas você sabe tão bem quanto eu que esta casa mata gente!

Ravi luta com alguma ideia na sua cabeça.

– Tá – ele diz. – Bom, não há nada que possamos fazer agora. Dado o que vimos, gostaria de voltar para casa agora. Preciso falar com minha Lucy sobre o Brancusi. E talvez dar uma olhada mais de perto no Vermeer.

– Só preciso fazer mais uma parada antes.

Quando Ravi levanta as sobrancelhas em questionamento, Jane estica a mão. Ele a pega, intrigado, e ela o puxa pelo corredor.

– Não – Ravi diz, quando vê para onde estão indo. – De jeito nenhum.

– Ah, vamos.

– Não – ele insiste, soltando a mão de Jane. – Encontro você no portal.

– Está com medo do quê? – Jane solta. – Da verdade?

– Não – ele retruca, finalmente perdendo a paciência. – Estou com medo do exato oposto, de descobrir coisas sobre mim mesmo que não são verdade. Você não entende, né? O Ravi da DI17 é um cretino. Eu sei. Já o conheci. Ele é como eu, só que sem nenhum... – Ravi balança as mãos em frustração, procurando as palavras. – Ele é frio. Não tem escrúpulos. E é *muito* parecido comigo. Isso mexe com minha cabeça. Não é o único Ravi que conheci que

me desagrada. E posso dizer o mesmo de Kiran. Sabe quando ela começou a se arrastar por aí toda deprimida e afastar Patrick? Depois que conheceu as versões deles da DI17, que são tão animados, felizes e apaixonados que a fizeram sentir que o Patrick dela estava se segurando, guardando segredos, sendo desonesto de alguma forma. Kiran decidiu que tem alguma coisa de errado com ela, que não pode confiar em Patrick, e se sente presa no mundo errado. Esse lugar pode ferrar com a cabeça de qualquer um!

– O Ravi da DI17 não é você – Jane diz. – Não se conhece?

– Conheço e pretendo continuar assim – ele diz, virando para ir embora.

Mas Jane não fica sozinha. A Ivy da DI17 caminha calmamente pelo corredor em sua direção.

– Oi – ela diz.

Seu sorriso é tão parecido com o que conhece que Jane fica vermelha ao se lembrar que a outra Ivy – a Ivy *real* – a viu beijando Ravi pela manhã. Mas então ela se dá conta de que a Ivy de agora não usa óculos. Seus olhos azuis têm um tom um pouco menos intenso.

– A capitã me mandou verificar essa passagem – a Ivy da DI17 diz.

– Ela é sua chefe?

– Uma das.

– Espera – Jane diz. – Se ela é capitã, isso quer dizer que você é um tipo de soldado?

– Não é um navio militar – ela diz. – Mas por acaso estou sendo pressionada para receber treinamento militar.

– Sério?

– Meu irmão é militar. Está no serviço de inteligência. Karen também tem pensado a respeito. Mas teria que ser depois que tivesse os bebês.

Agora Jane tenta pensar na Ivy de seu mundo como uma oficial militar envolvida com os serviços de inteligência.

– Você quer entrar no Exército?

– Não particularmente – a Ivy da DI17 diz, com outro sorriso transformando seu rosto. – Tenho outros interesses.

De repente, Jane não quer saber que interesses são esses. Ela não quer que essa Ivy se sobreponha à sua, que ela conheceu apenas um dia antes. Sua Ivy é uma exímia carpinteira e o mundo em que está agora provavelmente nem tem florestas. Que tipo de entalhe uma carpinteira faria nesse mundo sem mar, baleias, tubarões e garotas em botes?

– Bom – Jane diz –, tenho mais um lugar a visitar antes de ir embora.
– Aqui? – pergunta a Ivy da DI17, indicando a porta atrás de Jane. – Você sabe que é a cabine de Ravi, né?
– Sei.
– Ele não deve estar sozinho. Sabe quem provavelmente vai encontrar?
– Sei – Jane diz. – Já me disseram. Fiquei... surpresa – ela diz apenas. – Não é Ravi quem quero ver.
– Ah – a Ivy da DI17 diz, arregalando os olhos. – Acha que é uma boa ideia?
Jane faz uma pausa e engole em seco.
– Preciso fazer uma pergunta.
A Ivy da DI17 morde os lábios.
– Quer que eu espere por você?
O ar sai de Jane numa onda de alívio.
– Sério? – ela pergunta. – Você tem tempo para isso?
– Claro – Ivy diz. – Fico aqui na porta. É só bater, se precisar de mim.
– Por favor – Jane diz. – É muito legal da sua parte. Não vou demorar muito.

Jane não bate. Ela simplesmente entra, dá uma olhada e nota de imediato aquilo que todo mundo tem lhe avisado.

Não tem nada de errado com a aparência da pessoa na cama de Ravi. É outra coisa, algo mais primitivo.

Jane e Ravi da DI17 estão juntos numa cama enorme. Ele está num canto, dormindo, de costas para ambas as Janes. Há uma mecha dourada em seu cabelo preto. Um braço nu pode ser visto por cima dos lençóis e ele tem o braço fechado com tatuagens incríveis. Jane vê coisas da Terra acompanhando a curvatura de seus músculos. Árvores. Flores. Vales. Cidades de pedra se estendendo a partir do mar.

Jane sabia que podia entrar no meio do sexo, mas só agora se dá conta de quão esquisito e desagradável teria sido. Ver a si mesma fazendo algo tão particular, que nunca havia feito, descobrir como parecia no ato, mas sem sentir nada...

Mas a Jane da DI17 está sentada na cama, enrolada no lençol como se estivesse com frio ou com vergonha da própria nudez. A primeira coisa que

atinge Jane é quão vulnerável ela parece, quão jovem, com sua expressão incerta e as mãos cruzadas. A segunda é a solidão.

Assustada com a visitante, a outra Jane solta um gritinho e em seguida bufa, indignada. Então, finalmente, vendo quem é, ela arregala os olhos, impressionada.

– Oi – Jane diz. A verdadeira Jane.

– Oi – responde a Jane da DI17 automaticamente. Então ela olha para o Ravi da DI17 e vai mais para a beirada da cama, se afastando. – Não quero que ele acorde – ela sussurra. – Vamos falar baixo.

É assim que ela fica quando está falando? Jane sabe que sim; os movimentos são familiares. Mas não é o que ela imagina que seu rosto faria. Em choque, ela se dá conta de que parece com tia Magnolia.

E mais: por que parece cheia de... ressentimento com a pessoa à sua frente?

– Você sabe sobre o multiverso, né? – ela pergunta, baixo.

– Claro – a Jane da DI17 diz, sem ar. – Todos sabemos.

– Você...

Jane quase perguntou se a Jane da DI17 sabe respirar como uma água-viva. Então ela se lembra de que, além de ser uma pergunta esquisita para se fazer depois de invadir o quarto de alguém, esse é um mundo sem mar.

– Tem águas-vivas aqui? – ela pergunta, em voz baixa, depois leva a mão à testa. – Desculpa. Estou um pouco perdida. Só consigo pensar em perguntas idiotas.

– Tudo bem – a Jane da DI17 diz. – Sério. Eu também não sei o que pensar.

Jane pode ver isso. Seus próprios sentimentos estão refletidos na respiração curta e nos olhos desconfiados, na expressão pasma dessa outra Jane.

– Mas não sei do que está falando – a Jane da DI17 continua. – Não temos muita água aqui.

Jane começa a dobrar a manga.

– É um animal, um invertebrado gelatinoso, que vive na água – ela diz, resistindo à vontade de rir histericamente ao se ouvir explicando a si mesma o que é uma água-viva. – Olha.

Ela vira o ombro para que a Jane da DI17 possa ver o corpo dourado e os tentáculos compridos da tatuagem.

– Uau – diz a Jane da DI17. – É lindo.

– Elas vivem nos mares por mais de quinhentos milhões de anos – Jane diz. – São os animais mais antigos com mais de um órgão.

– Acho que já ouvi a respeito – diz a Jane da DI17. – É um monstro da Antiga Terra. Está extinto agora.

Águas-vivas extintas? Quando viveram por mais de quinhentos milhões de anos?

Jane começa a entender o que realmente significa a Terra daquelas pessoas ter explodido. Como pode conceber a perda dos oceanos? Do solo sob seus pés? Da luz do sol, do calor, da chuva? Como tia Magnolia tinha ensinado Jane a respirar naquele mundo, sem a referência das águas-vivas?

Ela não odeia essa dimensão da mesma maneira que Ravi. Mas é triste, impossível e assustadora.

Pelo menos agora entende seu ressentimento pela versão alternativa de si mesma. E, no mesmo instante, ela desaparece. Jane tinha se sentido frente a frente com uma pessoa que tinha roubado sua identidade, e até sua semelhança física com sua tia. Que zombava de sua decisão de não dormir com Ravi de imediato. Como se tudo o que havia de especial e único nela tivesse sido apropriado por aquela pessoa, cuja existência, como um espelho, de alguma maneira a diluía.

Mas Jane não se sente diluída. Jane é Jane e não importa quem é essa outra pessoa. Jane é alguém que vive na Terra, em um mundo em que águas-vivas flutuam há mais de quinhentos milhões de anos nos mares. Jane tem uma casa. Esse mundo não é sua casa.

E Jane é alguém que decidiu não dormir com Ravi. Que deixou Lavender escapar. Que sacrificou seus guarda-chuvas. Ela sabe respirar como uma água-viva se move. Tem uma amiga chamada Ivy, que mal conhece, mas cuja contraparte a espera como uma âncora do lado de fora do quarto. A Ivy da DI17 está fazendo isso por Jane, não por *essa outra* pessoa, e Jane não tem ideia de em que vão ou não vão dar seus sentimentos. Ela tinha um pai que era professor de ciências no ensino médio, uma mãe que estudava o fenômeno da chuva de sapos e uma tia que nadava com baleias. Jane faz guarda-chuvas. Não pode suportar a ideia de um mundo onde não há oceanos ameaçados para sua tia tentar salvar.

Ela é cria de tia Magnolia.

– Você é feliz? – Jane solta, porque, de repente, apesar de tudo o que

pensou, ela se importa.

O rosto da outra Jane fica imóvel, de um jeito bastante familiar. Jane sabe que ela está considerando a questão com cuidado.

– Não – ela finalmente diz. – Não desde que minha tia morreu.

É a resposta para a pergunta que Jane queria fazer. Agora que ela a tem, é mais e menos esmagadora do que achou que seria. Será que ia querer conhecer a tia Magnolia da DI17? Ia querer depositar tantas esperanças e expectativas naquela pessoa?

Jane se dá conta de que estava pensando se isso, a existência do multiverso, é o motivo pelo qual tia Magnolia a fez prometer visitar a Tu Reviens. Para que, se algo acontecesse com ela, Jane poderia ter acesso a outras tias Magnolias, ainda que diferentes. Mas não, sua tia sabia que *ela* era a Magnolia de Jane, e que uma vez perdida não haveria como recuperá-la. Era a única que ela queria.

– Sinto muito – Jane diz para a outra Jane, baixo. – A minha também morreu. Na Antártida. Ela era uma fotógrafa subaquática.

Um olhar de compreensão passa pelo rosto da outra Jane.

– Sua tatuagem é baseada em uma das fotos dela?

– É – Jane diz, surpresa. – Como você sabia?

A Jane da DI17 vira para mostrar o outro ombro. Uma tatuagem de cometa surge, indo até o pescoço.

– Minha tia Magnolia era uma fotógrafa galáctica.

Jane fica sem fala. A tatuagem é muito parecida com a dela.

– E uma espiã – a Jane da DI17 continua. – Ela morreu numa missão.

– Espiã? – Jane pergunta, surpresa.

– É. Só descobri depois da morte dela.

– Nossa – Jane diz, tentando imaginar como seria. – Você não se sentiu traída?

– Bem menos do que por ela ter morrido – a Jane da DI17 diz, com uma discreta amargura.

Jane sente a pressão das lágrimas vindo. Curiosamente, algum instinto a faz esticar a mão para tocar a outra Jane, para entrar em contato com o luto tão familiar. A outra Jane entende e estica a mão também. As duas dão as mãos, que se encaixam perfeitamente, calorosas e vivas.

Atrás da outra Jane, o Ravi da DI17 se mexe e ronca. Elas apertam ainda mais as mãos, em uma estranha espécie de autodefesa instintiva. Jane tem a

sensação de que, se o Ravi da DI17 acordar e a ver, vai convidá-la para sua cama também. Então ela se dá conta do motivo pelo qual seu Ravi, o Ravi de casa, que é um Ravi melhor que esse, não é para ela. Ele a deixa excitada, encantada, mas não ancorada em si mesma. Já Ivy faz com que sinta todas essas coisas ao mesmo tempo.

– Você vai ficar bem? – a Jane da DI17 pergunta.

– Não sei. Mas essa visita foi muito útil.

– Para mim também. Acho que você me inspirou, com a água-viva e tal.

– Você é artista?

– Gostaria de ser – diz a outra Jane. – Tenho feito uns abajures meio malucos.

Imagens passam pela cabeça de Jane. Adornos para lâmpadas, águas-vivas que brilham no escuro em um mundo em que esse animal não existe. Ela deixa uma risada escapar, surpresa ao se dar conta de que gosta dessa Jane.

– Faço guarda-chuvas – Jane diz. – Vou ter que fazer um inspirado em um abajur quando voltar para casa.

O rosto da outra Jane se contorce.

– Acho que sei o que é um guarda-chuva...

– Procura, se quiser. Eles também podem ser bastante inspiradores. Não é difícil imaginar que virariam moda aqui.

– Obrigada – a outra Jane diz. – Vou procurar.

– Espero que você fique bem – Jane diz.

– Você também.

– De verdade.

– Eu também. Sinto como se tivesse a ver comigo também.

Isso faz Jane rir de novo.

– Agora tenho que voltar. Mas quer um conselho?

– Claro.

– Não provoque esta casa.

A Jane da DI17 levanta uma sobrancelha.

– Tá. Quer um também?

– Claro.

– Não durma com Ravi.

Jane sorri e assente, sem mencionar que já chegou a essa conclusão. Sua garganta coça. Ela precisa ter uma conversa com Ivy. Na verdade, mais do que uma, e se pergunta se Ivy ainda vai topar. Não tem ideia. Qualquer coisa

pode acontecer. E ela vai ter que descobrir.

Segurando a mão dessa outra versão de si mesma, Jane respira fundo como uma água-viva. Então, quando se tranquiliza, ela solta a mão e vira para ir embora para casa.

Um sino toca nas profundezas da casa, doce e claro, como
um sino de vento.

A sra. Vanders, a menininha, Kiran, Ravi ou Jasper?

Tia Magnolia?



Jasper está deitado de barriga no chão à frente do quadro, com o queixo apoiado e a expressão nula, como alguém que finalmente desistiu.

Jane decide.

– Kiran – ela diz –, encontro você logo mais. Antes quero ver se consigo ajudar esse cachorro...

– Tá – Kiran diz, franzindo o nariz para Jasper. – Qual é o problema dele?

– Não sei, mas vou ver se consigo descobrir.

– Você não precisa fazer isso. São os empregados que cuidam dele.

– Eu sei, mas não me incomode – Jane diz.

– Tá – Kiran diz, se afastando. – Vou estar no jardim de inverno.

Jane se vira para encarar o cachorro.

– Jasper – ela diz. – Garoto.

Ele pula animado, balançando o rabo.

Quando Jane chega ao patamar, há como que uma disputa entre os dois. Ela tenta ir até ele, que foge, dá a volta e fica atrás dela.

– Jasper! – ela diz, tentando uma manobra evasiva. – Como vou fazer carinho em você se está fugindo de mim?

Ele joga o corpinho contra as panturrilhas dela.

Jane perde o equilíbrio e cai inexoravelmente no quadro de guarda-chuva. E literalmente *nele*: ela não bate em sua superfície, interrompendo a queda. Jane o atravessa. Seu corpo só para com o impacto em uma superfície horizontal rígida. Ela olha em volta, perplexa. Está jogada no piso quadriculado, em uma sala à luz de velas no que parece ser uma casa elegante. Um peculiar guarda-chuva em verde e vermelho seca no chão ao

seu lado.

Certa de que caiu numa brecha na sua própria sanidade, Jane levanta e se vira para ver de onde veio. Há uma parede, na qual está pendurada uma enorme tapeçaria mostrando o patamar da escada de uma casa grandiosa. Pode-se ver nela uma armadura segurando narcisos e um basset hound. Do outro lado do salão principal, uma escada diferente pode ser vista, conduzindo do térreo ao terceiro andar.

Jane observa o basset hound na tapeçaria se mover em sua direção. De repente, ele entra na sala, como um cachorro real, mas não Jasper. Ele ofega excitado exatamente como ele. Mas suas orelhas são pequenas e pontudas, seu focinho é pequeno e seu corpo é mais proporcional às pernas. A cor do pelo é parecida com a de Jasper, mas os brancos são mais brancos, os pretos são mais pretos e os marrons são mais suaves.

– Jasper – Jane diz, se sobressaltando ao notar que a voz sai num gritinho.

– Meu nome é Steen – o cachorro diz, de alguma maneira conseguindo deixar clara a ortografia, *S-T-E-E-N*.

Jane volta a se deitar, completamente confusa.

– Estou ficando louca! – ela diz para o teto, balançando a cabeça.

– De jeito nenhum – ele diz, trotando até sua cabeça. – É sua visão frágil e estreita do mundo que está em xeque. Estou tão feliz por ter encontrado você! – ele diz, pulando como um filhotinho que vê neve pela primeira vez.

– Cachorros não falam – Jane diz para o teto.

– Não estou falando! – ele diz. – Presta atenção. Você está me compreendendo com a mente, não com os ouvidos.

– Quê? – Jane diz. – Faz de novo.

Estou me comunicando com sua mente, ele diz, sem mexer a boca ou emitir qualquer som.

– Acho que faz sentido.

Ao se ouvir dizer isso, ela percebe que não faz.

Precisamos sair daqui, Jasper diz, *antes que alguém na Tu Reviens note a mudança no quadro*.

– O quê? – Jane pergunta com uma voz esganiçada.

Precisamos ir, Jasper diz. *Tem alguém vindo*.

E, de fato, a tapeçaria na parede mudou de novo. Não apenas o basset hound desapareceu como agora uma pessoa de cabelo preto e suéter azul está no patamar do outro lado do hall de entrada, segurando uma caixinha preta.

Parece muito com Ivy e sua câmera.

– Ivy! – Jane grita.

Xiu! Ela vai ouvir você, Jasper diz.

– Ótimo, assim vai poder me salvar!

Shhh! Ela vai ver a gente no quadro caso se dê ao trabalho de olhar. Anda. E para de me chamar de Jasper! Meu nome é Steen.

– Socorro!

Vou morder você se não me mexer.

– Vai em frente! Nada disso é real!

Jasper pega a orelha dela entre os dentes e aperta firme, puxando-a na direção da porta. A dor é real e excruciante.

– Ai! Jasper! – Jane grita, afastando-o para levantar.

Ela corre, passando o guarda-chuva e atravessando a porta para entrar em outra sala, uma sala escura, onde se agacha contra a parede, tremendo e chorando. Sua orelha está sangrando e dói muito. Isso aconteceria se não fosse real?

Jasper fica ao seu lado e se recosta nela. Ele é quentinho e firme. Jane o abraça.

Sei que você está inconsolável agora, ele diz. Mas quero que saiba que entendo como se sente. Da primeira vez que atravessei a tapeçaria do meu mundo para o seu, me senti igual. Eu era muito novo e não tinha com quem conversar. Não fazia ideia de onde estava. Desculpa pela sua orelha. Você está bem?

Ela o puxa para o colo e passa a mão nos pelos macios do seu pescoço.

– Isso é real? – Jane sussurra.

É, ele diz, aconchegando-se nela, feliz.

– Posso voltar?

Quando quiser, ele diz. É só atravessar a tapeçaria quando ninguém estiver olhando.

– Onde estamos?

No lugar de onde eu vim, ele diz. Zorsted.

É como se ele também tivesse soletrado o nome para ela.

Nosso alfabeto não é igual ao seu, ele explica. É uma transliteração.

– Você sabe soletrar? – Jane pergunta com uma voz esganiçada.

É tão surpreendente assim, considerando que posso me comunicar com a mente?

– Cachorros não sabem soletrar – Jane diz, sem força.

Não sou um cachorro. Sou um vira-caça. Sou ótimo em soletrar. Era o primeiro da minha turma, ele diz. Bom, não precisamos ir a lugar nenhum hoje. Podemos ficar aqui até que se sintam fortes o bastante para voltar. Pode ficar refletindo até que esteja pronta.

– Pronta para quê? – Jane pergunta. – Por que estamos aqui?

Eu estou aqui porque Zorsted é meu lar, ele diz. E te trouxe porque você é minha pessoa.

– Sua pessoa?

Cada vira-caça pode se comunicar com uma pessoa, ele diz. Alguns nunca encontram a sua. Achei que seria meu caso. Então você veio. Reconheci você no mesmo instante, mesmo na sua forma do Outro Lugar. Mal pude acreditar. Minha pessoa, no Outro Lugar. Você me reconheceu?

– Reconheci você como o quê? Nunca nem ouvi falar em... vira-caça. Não sei quem você é!

Você ainda está em choque, ele diz. Vou parar com as perguntas.

Ele enrola o corpinho e se aconchega ainda mais no colo dela. Jane fecha os olhos, se recosta na parede e tenta fazer a mente parar de girar.

Quando Jane abre os olhos algum tempo depois, ainda está em Zorsted com um vira-caça no colo, mas pelo menos chegou a uma conclusão: ou isso é real ou ela está alucinando. E, se estiver alucinando, pode muito bem conseguir mais informações para levar para a dra. Gordon, que sempre quer detalhes de tudo.

Ela experimenta chamá-lo pelo suposto nome, com todo o cuidado:

– Steen?

Sim!, ele diz. Muito bom.

– Quero voltar – Jane diz. – Mas, primeiro, queria dar uma olhadinha.

Em Zorsted?

– Isso. Em Zorsted.

Tá, ele diz. Vamos achar uma janela.

– Estamos na casa de alguém?

Estamos na ala dos empregados da mansão da duquesa. Ela abriga vira-caças que não encontraram sua pessoa, ele explica. Vamos.

Steen conduz Jane até uma porta diferente daquela pela qual chegaram.

Eles adentram uma sala fracamente iluminada por velas.

– Não tem eletricidade em Zorsted?

Não como vocês a conhecem, mas tem outra coisa, que considerariam... prestidigitação. Invocação. Bruxaria.

– Bruxaria?

Magia, Steen diz. Essas velas não vão apagar por um bom tempo.

– E vamos conhecer bruxos? Tipo, com varinhas? Como Harry Potter?

Não é assim, ele diz, calmo. E, de qualquer maneira, não vamos muito longe.

– Tá – Jane diz, afobada. – É de noite aqui?

Sim, Steen diz, o sol acabou de se pôr. Por isso o sino tocou, você ouviu?

– Sino?

Quando estávamos na Tu Reviens e você tentava decidir se ia com Kiran ou não. Lembra que um sino tocou?

– Achei que era um sino de vento.

É, quem está na Tu Reviens tende a pensar isso, por causa dos sinos de vento no pináculo leste. Mas o sino toca aqui em Zorsted, ao nascer e ao pôr do sol. Estas salas costumam ficar no escuro. A rede de espiões da duquesa opera a partir da ala dos empregados, que é onde estamos. Estes cômodos em particular são desconhecidos para a maioria das pessoas. Eles os usam para reuniões secretas.

– Uma rede de espiões? Mas e se alguém me vir?

Eu mordo e você corre, ele diz.

– Sério? Esse é o plano?

Seria bom não fazer todo esse barulho, de qualquer maneira, ele diz. Chega de papo. Posso ouvir seus pensamentos se você os dirigir a mim.

Isso é demais.

– Está me dizendo que consegue ler minha mente?

Só o que você quer que eu leia.

– E como vou saber se isso é verdade?

Steen nem responde. Então diz em uma voz baixa e triste: *Porque eu disse. Você é minha pessoa. Não vou mentir, muito menos no dia em que finalmente consigo me comunicar com você.*

Ele começa a fazer um ruído molhado.

– Você está chorando? – Jane pergunta.

Sou extremamente sensível, Steen diz. Não posso fazer nada. E tem sido

um dia difícil.

– Desculpa – Jane diz, totalmente confusa. – Jasper, sinto muito. Não queria chatear você. É só muita coisa para absorver, entende?

Você é a única pessoa para mim em Zorsted. Nos dois lugares, aliás, Steen diz. *Fomos feitos um para o outro, não consegue ver?*

– Mas, Jasper, você não consegue ver? É como se eu tivesse reencontrado meu gêmeo perdido, só que eu nunca soube que tinha um. E ele ainda é clarividente e quer ficar o tempo todo no meu colo! Sinto muito, Jasper... Steen! – Jane se corrige depressa, preocupada que só esteja piorando as coisas. – Eu... – Ela para quando Steen começa a resfolegar. – Você está rindo?

É meio engraçado, ele diz.

Jane desiste. Tem uma janela nesse cômodo, atrás de cortinas pesadas. Ela as abre e o que vê a deixa num silêncio espantado.

É uma cidade escura, iluminada por focos minúsculos de fogo, contra o vasto céu roxo de fundo. Ela está bem acima de tudo. Olha para os telhados e através de janelas de cômodos à luz de velas. Olha para as ruas, iluminadas por lampiões, que terminam abruptamente em uma escuridão que a intriga, até que vê a água se movendo à luz das estrelas. É uma cidade à margem de um vasto mar.

Há duas enormes luas redondas refletidas na água.

– Duas luas – Jane diz. – Duas luas! Com o reflexo, são quatro!

É, Steen comenta. *Como é que vocês dizem no Outro Lugar mesmo?*

– Como assim? Para indicar mais de uma lua?

Não estamos mais no Kansas, Steen lembra.

Um estranho instrumento toca em algum lugar, tão distante que Jane mal consegue ouvir. Parece um flautim, só que ainda mais agudo. Então ela escuta uma risada, fraca, longe.

– Jasper? – Jane chama, impressionada com as luas, mas reconfortada pelo fato de que ele está aos seus pés. – Desculpa, Steen. Quer que eu te pegue? Para que possa aproveitar a vista?

Não, ele diz. *Só quero olhar para você.*

– Ah, não seja dramático – Jane diz. – Você já me viu bastante.

Hum, ele começa. *Você notou que quando atravessei o quadro e entrei em Zorsted eu mudei?*

– Claro.

Bom, ele diz. Quer saber? Esquece. É muita coisa para absorver. Depois falamos. Sim, pode me pegar. Quero ver lá fora.

Jane estava com o rosto colado no vidro. Ela olha para Steen, intrigada com a súbita mudança de rumo na conversa. Uma ideia impossível lhe ocorre. Jane se afasta da janela para que possa ver seu próprio reflexo, olhar para o próprio rosto. Mas quem olha de volta é outra pessoa.

Jane queria poder atravessar a tapeçaria e voltar à Tu Reviens o mais rápido possível. Está tão desesperada que se precipita e cai no patamar sem nem verificar antes se alguém poderia testemunhar sua aparição. De fato, há um homem em uma das pontes, o faxineiro que interrompeu o café para pedir ajuda. Ele lava os balaústres, enfiando um pano repetidamente num balde. Por sorte, o homem está de costas para o quadro.

Steen – Jasper? – é mais discreto. Espera até que o homem esteja completamente virado e então passa pelo quadro, tornando-se um basset hound de novo.

Jane está jogada no chão. Ela se senta perto do quadro, com as costas para a parede e as pernas esticadas em V. Jasper – Steen? – dá a volta por ela e toca suas coxas com o focinho delicadamente, em um gesto que claramente pretende encorajá-la a levantar e atravessar o quadro de novo.

– Não – Jane sussurra. – Esquece. Nunca mais.

Ele enterra a cabeça sob o braço dela e descansa o queixo em seu colo. Pouco depois, aparentemente decidindo que não é o bastante, Jasper sobe na perna dela e descansa o queixo na outra coxa. Então, talvez quando se dá conta de que não fez diferença, tenta se esticar sobre uma de suas pernas. Apoiando a cabeça no braço de Jane, o cachorro a olha com carinho. Ele é bem pesado.

Com lágrimas nos olhos, ela passa as mãos nos pelos de sua nuca, com delicadeza. Então faz carinho em suas orelhas compridas. Suas orelhas de basset hound são muito maiores que suas orelhas de vira-caça.

Ela quer e não quer seu conforto. Quer seu conforto de cachorro, não de vira-caça.

– Podemos nos comunicar com a mente deste lado do quadro? – Jane sussurra.

Jasper balança a cabeça.

Isso, pelo menos, é um alívio. Jane fechando os olhos de novo e fica ali sentada por um longo tempo.

Ruídos tranquilizantes a rodeiam: o homem torcendo o pano sobre o balde; as vozes de Lucy e Phoebe mais abaixo, atravessando o hall de entrada; o golpe de ar quando as portas se abrem para os convidados entrarem; algum tempo depois, a voz de Colin, falando com alguém que não responde, provavelmente Kiran. Jane respira devagar, fingindo que seus pulmões são águas-vivas. Ela é tão vasta, profunda e pesada quanto o oceano.

Então um novo barulho: o distinto clique da câmera digital de Ivy. Jane abre os olhos e a encontra no patamar oposto, aparentemente tirando uma foto do faxineiro com o balde. Ela se lembra, sem se preocupar muito, que Ivy está mentindo por algum motivo, ou pelo menos se esquivando; que Patrick, Philip e Phoebe estavam aprontando alguma na noite passada; que Grace Panzavecchia talvez esteja na casa.

Do outro lado, Ivy olha para ela com curiosidade.

– Oi de novo – ela diz.

Quando Jane é incapaz de formar qualquer expressão agradável ou amistosa, Ivy parece tentar controlar a própria expressão, como se estivesse magoada. Então, observando-a mais atentamente, ela parece ficar preocupada.

– Você está bem? – Ivy pergunta, atravessando a ponte na direção de Jane.

Não, ela pensa. *Entrei em um quadro e me transformei em outra pessoa.*

– Tira uma foto minha?

Ivy para, surpresa com o pedido, então leva a câmera ao rosto e obedece. Então vai até Jane e se ajoelha ao seu lado, pressionando alguns botões e entregando a câmera para que ela possa se ver na tela. É uma boa foto. Jasper está fofo no seu colo. E a pessoa fotografada parece exatamente com Jane: seus traços faciais, seu cabelo, suas roupas, seu corpo e uma expressão de angústia no rosto que reflete exatamente como ela se sente. *Essa sou eu. Essa sou eu. Certo, tia Magnolia?* Jane resiste à vontade de tocar o rosto para confirmar.

– Obrigada – ela diz.

– Imagina. Você parece... perturbada. Aconteceu alguma coisa?

Aconteceu alguma coisa? Uma risada sobe pela garganta de Jane e escapa por sua boca. Ivy inclina a cabeça, intrigada. Tudo o que Jane queria era poder contar tudo a Ivy. Gostaria que ela atravessasse o quadro para ver

pessoalmente, desde que não tivesse que ir junto.

– Sim – Jane diz, engolindo em seco. – Aconteceu uma coisa. Queria contar o que é, mas acho que não posso agora. Desculpa.

Ivy não parece se abalar com isso. Ela está confortável agachada ao lado de Jane, com os braços apoiados no joelho e a câmera na mão.

– É engraçado você dizer isso, porque também tem umas coisas que eu gostaria de dizer a você.

Passos se aproximam. A sra. Vanders aparece no patamar, vinda da ala leste, então para.

– Esse não é um bom lugar para uma reunião – ela diz. – Especialmente um dia antes do baile.

– Eu já estava indo – Jane diz, apesar de não ter nenhuma intenção de ir a qualquer outro lugar na vida.

A sra. Vanders grunhe.

– Viram Ravi?

Certo. Jane se lembra de que, muito tempo atrás, em uma época antes de Zorsted, a sra. Vanders estava procurando por ele, por causa do quadro de Vermeer. Mas agora não importa mais, nem um pouco.

– Eu vi – Jane diz. – Carregando torradas e frutas. Ele foi para o terceiro andar visitar alguém.

A sra. Vanders grunhe novamente. Ela começa a olhar com desconfiança para Jane.

– O que aconteceu com você, menina?

Jane se lembra de que precisa fazer algumas perguntas à mulher sobre sua tia. Ficou chocada ao descobrir que as duas se conheciam. Desde então, seus padrões quanto ao que era chocante tinham subido muito. Jane abre a boca para fazer alguma pergunta relacionada a tia Magnolia, mas então se dá conta de que a sra. Vanders, que aparentemente não foi abençoada com o dom da paciência, está grunhindo de novo enquanto desce as escadas.

– Ivy – a governanta chama por cima do ombro –, acho que Cook vai precisar de ajuda hoje, se tiver acabado de tirar fotos.

Ela nem se mexe.

– Podemos falar depois? – Ivy pergunta a Jane.

– Eu gostaria disso. Muito.

– Você vai ficar bem?

Sua perna está ficando dormente com o peso de Jasper.

– Vou – ela mente, mudando-o de posição.

– Que bom que Jasper te faz companhia. Nunca vi esse cachorro tão obcecado por alguém – Ivy diz, levantando.

– Me dá a mão? – Jane pede.

Por um mero segundo surpreso, Ivy hesita, então estica a mão. É firme e quente. Segura a mão de Jane com força.

– Obrigada – Jane agradece.

– De nada.

Em algum lugar na casa, a sra. Vanders chama Ivy.

– Desculpa – ela diz, com um suspiro.

– Tudo bem. Vai lá.

Ivy solta a mão de Jane e vira de costas, deixando para trás um vago cheiro de cloro. Jane fecha os olhos de novo e não consegue parar de ver o rosto *errado* que a encarou de volta no reflexo da janela.

Jane se levanta de repente. Jasper late, tropeça e tenta se manter de pé.

– Desculpa – ela diz, já subindo as escadas. – Desculpa, Jasper! Mas preciso de um espelho.

O que chateou Jane no reflexo em Zorsted não foi o fato de ver um rosto feio, horrível. Se alguém entrasse pela porta da Tu Reviens com aquela cara, Jane pensaria: *Hum, que feições interessantes. Nem sei de que parte do mundo vêm os genes dessa pessoa.* Mas isso não ia incomodá-la.

O fato era que Jane conseguia se sentir por baixo daquele rosto desconhecido. Tinha olhado com seus próprios olhos para aqueles olhos desconhecidos. Foi mais perturbador do que ela poderia ter imaginado. Como se um completo estranho tivesse invadido seu corpo e roubado seu interior.

No banheiro de azulejos dourados, Jane fica em frente ao espelho sobre a pia, com Jasper aos seus pés.

Mas há pouco para ver: só a velha e familiar Jane. *Nunca dou atenção ao meu rosto*, ela pensa, notando, lembrando, que tem o nariz e as maçãs do rosto de tia Magnolia. Ela passa um dedo delicadamente sobre eles. Se sua tia a visse usando aquele outro rosto, ia reconhecê-la? Se as pessoas que te amam não te reconhecem, você é você?

Jasper a segue até o escritório. Jane perdeu todo o interesse no guarda-chuva marrom e dourado de autodefesa em que estava trabalhando. Como

pode se defender de si mesma?

Jasper fica em silêncio ao lado dela, no meio do cômodo, rodeada por suas criações. Parece determinado a não abandoná-la hoje. Jane se pergunta se isso não a deixa ligeiramente claustrofóbica. Ia magoá-lo se pedisse um tempo para si mesma?

– Jasper – Jane começa, mas, quando ele vira o pescocinho para olhá-la com uma expressão ansiosa, ela se dá conta de que não quer que o cachorro vá. É o único que entende o que Jane está passando. Então solta um ruído de frustração. – Você me reconheceu como sua pessoa no dia em que cheguei à Tu Reviens, com essa aparência, certo?

Ele assente, solene.

– Você me reconheceu como sua pessoa na outra forma também? – ela pergunta. – Quando estávamos dentro do quadro, eu pareci... *certa* para você?

Jasper assente de novo.

Pelo menos ele sabe quem ela é.

Uma risada sobe por sua garganta. Ela escapa pela boca e uma histeria crescente a faz continuar rindo, tão forte que lágrimas começam a rolar por seu rosto. Jasper a observa com as patas da frente juntas e a cabeça inclinada em curiosidade. Jane não diz em volta alta para não magoá-lo e espera que não consiga ler seus pensamentos, mas não consegue acreditar que o que está segurando as pontas de seu ser vacilante é a fé de um cachorro.

– Só que você não é um cachorro, não é, Jasper? – ela diz, enxugando as lágrimas. – Você é um vira-caça zorstedano.

Ela cai de joelhos. Jasper descansa a cabeça em sua coxa.

– Você é o *meu* vira-caça zorstedano – ela diz, admirada, o que quer que isso signifique. E eu sou sua pessoa.

Jasper solta um suspiro feliz.

Depois de alguns minutos acariciando atrás de suas orelhas, Jane levanta e começa a procurar tecidos verdes e vermelhos que se parecem com o do guarda-chuva no chão do quadro. Ela precisa trabalhar. E esse é o único modelo em que se sente capaz de focar.

Trabalhar ajuda.

Jane se lembra que o guarda-chuva do quadro tem seis varetas, e não as

oito costumeiras, e elas são retas em vez de curvadas. Nunca fez um desse tipo, e vai ter que descobrir como. A cor é outro desafio. Queria poder simplesmente pegar o guarda-chuva do quadro e levá-lo até o escritório, a fim de ver as cores à luz, mas imagina que haveria um escândalo na casa se alguém notasse que a imagem tinha sido alterada. Eles imaginariam – o que seria bem racional – que alguém tinha roubado o original e substituído por uma falsificação descuidada e pouco convincente. Começariam a mexer no quadro e cair dentro dele, o FBI seria chamado e de repente estariam num *Arquivo X* da vida real, com Zorsted subitamente invadida por pessoas confusas, desorientadas e armadas.

– De onde o quadro veio? – Jane pergunta a Jasper, que está deitado no chão, então apoia o queixo nas patinhas cruzadas.

Não parece indicar nem um sim nem um não. Jane tem a sensação de que é seu jeito de dizer que não sabe.

– Alguém mais sabe que é possível passar para o outro lado?

Ele balança a cabeça.

– Por que não? Como ninguém descobriu isso ainda?

Ele ergue a cabeça e então se levanta, correndo para o quarto. Jane o ouve choramingar. Quando vai atrás, o descobre na porta do quarto, olhando por cima do ombro.

– Você sabe a resposta – Jane diz – mas não pode me dizer a menos que esteja do outro lado?

Ele assente.

– De jeito nenhum – ela diz, firme.

Jasper se apoia com força nas duas patas da frente, como se estivesse trabalhando a massa de um pão, mas com raiva. Com um balançar de cabeça impiedoso, Jane volta ao trabalho, porque não vai ceder. Depois de um tempo, o cachorro se junta a ela no escritório.

– E mais uma coisa – Jane diz. – Você é de Zorsted, certo? Nasceu lá? É a sua casa? E eu nasci aqui?

Ele assente. Está jogado no chão de novo, dessa vez com o queixo apoiado em uma única pata.

– Como posso ser sua pessoa se nem somos do mesmo lado? Como você pode ser meu vira-caça se de onde eu sou nem temos vira-caças?

Ele choraminga de novo, olhando para a porta. A pergunta vai ter que esperar.

– Alguém mais nesta casa sabe que você entende o que a gente fala?

Jasper faz que não.

– Alguém mais em Zorsted sabe que é possível passar pelo quadro e entrar na Tu Reviens?

Ele fica parado, então bate o rabo no chão uma vez.

– Uma pessoa sabe?

Jasper assente com vigor.

Algo alarmante ocorre a Jane.

– Alguém nesta casa é zorstedano?

Jasper nega com a cabeça. É um alívio. Não quer imaginar que as pessoas à sua volta são tão dramaticamente diferentes do que fingem ser.

Voltando à mesa de trabalho, Jane corta o tecido e costura os gomos, relaxando com o trabalho manual. Depois de um tempo, ela nota um entalhe na mesa: baleias e tubarões, nadando tranquilamente. Ivy deve ter feito. Ela traça a figura do filhote de tubarão com o dedo. Então volta ao trabalho.

Está pensando que é hora de fazer uma pausa quando ouve gritos. Vêm de uma parte distante da casa, o bastante para que leve um momento para se dar conta de que é uma pessoa, e não um ruído da casa.

– Por que isso? – Jane pergunta a Jasper enquanto examina o dossel de seis gomos.

Ele olha para ela sem expressão. Jane acha que deve saber o que está acontecendo, mas não tem como contar.

– Tem a ver com a gente, ou com Zorsted? – Jane pergunta.

Ele balança a cabeça em negativa.

– Tá – Jane diz. – Então não quero saber. Mas como você está? Não precisa sair para se aliviar? Quer dar uma esticada nas pernas?

Ele dá um pulo e corre até a porta.

Conforme atravessam o corredor juntos, o volume dos gritos aumenta. É a voz de Ravi, e parece vir do meio da casa.

Quando eles chegam à escadaria, a gritaria se tornou interessante o suficiente para que Jane não consiga controlar a curiosidade. Ela desce um andar e vai para a ponte. Jasper a segue.

No hall de entrada, Ravi está tendo um chique enquanto a sra. Vanders tenta acalmá-lo com termos como “autoridades responsáveis” e “devido

tempo”. Praticamente todos os hóspedes estão com eles. As escadas e pontes estão repletas de funcionários contratados para o baile. Lucy St. George abraça um pequeno pedestal de madeira com espelho no topo, parecendo horrorizada. Jane consegue entender pela confusão que uma escultura de peixe foi roubada. Ela se lembra de ter ouvido na noite anterior Ravi mencionar com Octavian uma obra de Brancusi que tinha desaparecido.

Que seja. O cachorro cruza a ponta em direção à ala oeste da casa.

– Jasper – Jane sussurra, correndo para acompanhá-lo –, por que não descemos? O que você vai fazer? Mijar pela sacada e acertar o pátio?

O olhar que ele lhe lança poderia abrir um buraco para outra dimensão. Enquanto é conduzida para a ala oeste, Jane fica tão intrigada que procura se preparar, caso ele esteja pensando em correr em sua direção e derrubá-la em cima de outra obra de arte que Jasper não mencionou, mas também é um portal para outra realidade. Mas o cachorro só segue em frente. Ela vai atrás até que uma fotografia exposta mais ou menos no meio do corredor a deixa atordoada. Então para.

É uma das fotos mais famosas de tia Magnolia, ampliada e emoldurada. Um peixinho amarelo, um caboz, dentro da boca de um peixe cinza enorme, com focinho bulboso. Jane se lembra de quando sua tia voltou do Japão com a foto e de como tinha ficado impressionada com a maneira como ela captara um momento tão específico. O peixe menor provavelmente tinha entrado e saído da boca do maior em questão de segundos, mas, de algum modo, tia Magnolia tinha conseguido eternizar aquilo.

Jane perde o fôlego. *Esse é o motivo pelo qual a sra. Vanders conheceu sua tia: ela admira a arte.* O fato de uma das fotos de tia Magnolia estar exposta em uma casa que contém Vermeers e Rembrandts faz seu peito doer. Jane se aproxima da imagem até que seu nariz quase a toque e ela possa ver seu próprio reflexo no vidro. *As coisas que eu poderia contar a você, tia Magnolia,* Jane pensa. *Será que acreditaria em mim?*

Ela faz uma nota mental para se lembrar de dizer à sra. Vanders que a foto precisa de uma nova moldura da próxima vez que a vir. Agora que está olhando tão de perto, nota uma leve protuberância retangular atrás dela, como se tivesse sido malfeita. Não deveriam fazer pouco-caso do trabalho de sua tia.

Jasper olha para Jane com uma indagação tranquila no rosto.

– Vamos? – ela diz.

Ele segue até a porta no fim do corredor. Jane vai atrás.

Ele a leva até o elevador de carga.

– Claro – Jane diz, apertando o botão. – Porque degraus são complicados para um basset hound. Me pergunto por que você se transformou em um, e não em labrador, husky ou sei lá o quê.

Sem poder responder, Jasper só entra no elevador. Quando chegam ao térreo, portas dos dois lados abrem, uma para um patamar dentro da casa e outra para a luz do sol, sombras e rajadas de vento.

Jasper corre para o sol.

Jane estica a mão na claridade. O barulho do mar batendo nas pedras mais abaixo a assusta; tinha quase esquecido onde a casa estava. Ela o segue por um caminho rodeado de arbustos malcuidados que a arranham, e depois pelo gramado.

O cachorro parece com vergonha de fazer xixi. Sempre que Jane olha, ele abaixa a perna e corre para trás de um arbusto ou monte de grama para tentar de novo onde não pode ser visto. Finalmente, ele corre até o canto noroeste da casa, para, olha para Jane e vira, desaparecendo de vista. Jane imagina que tampouco gostaria de fazer xixi na frente dele, considerando tudo o que aconteceu. Ela fica esperando, respeitosa, até que ele reaparece, lhe lança outro olhar inexplicável e dispara de novo pelo jardim, elevando as patinhas de um modo descuidado.

O sr. Vanders está de joelhos no jardim, usando uma pá para remexer a terra com movimentos graciosos. O terreno mais perto da casa está cheio de buracos tão grandes que ela fica surpresa que Jasper não caia em um. Ele ruma por um caminho fechado de pinheiros, e ela o segue.

Em meio às árvores, Jasper a conduz por uma descida íngreme. Jane escorrega em meio a terra, pedras e folhas mortas, xingando baixo e reclamando das vantagens injustas que uma criatura de quatro patas tem. Quando finalmente pisa no que parece ser chão firme, se descobre em uma pequena enseada, com forma de lua crescente e areia escura e soltinha. Há uma estaca de poste de madeira no meio da água. Jane se pergunta se barcos pequenos atracam ali, como o que Ivy construiu com o irmão.

O vento está forte e fresco; Jane treme. Ao ver isso, Jasper trota até um afloramento de pedras e arbusto que bloqueia o vento. Então se senta,

choramingando para que Jane se junto a ele. Ela obedece.

Algo no vento, na água, na areia e na bondade de Jasper motiva Jane a puxá-lo para mais perto de modo que possa fazer carinho em seu pescoço. Ele bota a língua para fora, no que parece ser a definição clássica da felicidade canina. É muito peculiar em alguém com quem Jane esteve tendo conversas inteligentes o dia todo. E também é muito fofo.

Ela faz mais uma pergunta intensa a ele:

– Como você sabe que sou desse mundo, Jasper? Como pode ter certeza de que não sou do seu?

Ele inclina a cabeça, refletindo a respeito.

– Ou você não sabe? – Jane diz.

Jasper assente, então levanta o focinho tremendo no ar e uiva, baixo e melodioso, para o céu.

Eles ficam sentados ali, observando a água, por um bom tempo.

Mais tarde, quando voltam para casa pelo gramado, Jane vê que a sra. Vanders se juntou ao marido. Ela está ajoelhada ao seu lado, murmurando sombriamente. Ele assente, franzindo a testa, então espirra. O vento leva partes da conversa até Jane.

– De todos os dias que... Você sabe que não posso falar para ele agora, com... Queria esganar quem se atreveu a...

Jane não tem ideia do que se trata. O Brancusi? Philip e a arma? Grace Panzavecchia? Mas, caso quem tenha se atrevido haja sido ela, toma todo o cuidado para se aproximar dos dois.

– Você – a sra. Vanders diz, parando de murmurar e virando o rosto para Jane.

– Eu – Jane diz. – Oi. Como estão as coisas?

– Rá! – a sra. Vanders diz. – Maravilhosas. Fabulosas. Supimpas.

– Tá – Jane diz, hesitante.

– Meu marido disse que você queria me perguntar alguma coisa.

– Eu? – Jane pergunta, confusa. – Ah, é. Claro. Aquele quadro no patamar do segundo andar... O bem grande, com o guarda-chuva. De onde veio?

– Essa é a sua pergunta? – a sra. Vanders confirma, incrédula. – De onde veio o quadro do guarda-chuva? Bom, foi pintado por um amigo de Octavian Thrash I, Horst Mallow, há mais de cem anos. Um homem de talento

mediocre e bem estranho. Octavian pediu um quadro de criaturas marinhas procurando consolo em uma floresta de anêmonas, mas, em vez disso, Mallow pintou um guarda-chuva numa sala. Então ele desapareceu. Sumiu! Escafedeu-se!

– Nove letras – Jane diz, sem conseguir evitar. – Escafeder.

– Quê?

– Deixa pra lá.

– Era só isso que você queria perguntar? Achei que tinha a ver com sua tia.

– Ah, verdade – Jane diz, lembrando. – Claro. Quero, sim, saber sobre minha tia. Como vocês se conheceram?

A sra. Vanders encara Jane com seus olhos indecifráveis.

– Você já sabia que eu a conhecia?

– Não, mas acabei de ver a foto dela na casa.

– Ela às vezes vinha aos bailes – a sra. Vanders diz.

Jane pisca.

– Quando? Quem convidava? Por quê?

– Ela vinha para o baile e depois partia em uma de suas viagens.

– Não – Jane diz. – Não pode ser. Ela sempre me passava o itinerário. E nunca falou nada sobre um baile numa ilha.

– Estou certa de que tinha seus motivos – a sra. Vanders diz.

– Ela teria me contado – Jane continua, muito segura.

O glamour de um baile refinado em uma casa como aquela, a ideia de tia Magnolia participando de algo do tipo, teria encantado e confortado Jane, especialmente nas épocas em que ficava sozinha em casa. Jane tem certeza de que tia Magnolia teria contado sobre ter visitado uma casa tão estranha quanto a Tu Reviens.

Mas, na verdade, ela *falou* sobre a Tu Reviens. Tia Magnolia a fez prometer que nunca recusaria um convite para a casa.

– Posso contar mais sobre sua tia depois do baile – a sra. Vanders diz, bruscamente, então pega uma pá e começa a revirar a terra.

– Prefiro ouvir agora – Jane diz.

A governanta apenas a ignora, sem nem olhá-la. É uma dispensa clara. Nesse meio-tempo, Jasper vai embora, olhando por cima do ombro para Jane.

Tá, ela pensa. Vai voltar à produção do guarda-chuva. Não tem problema, na verdade. Zorsted já é o bastante para sua cabeça.

Quando, no começo da noite, Jane se prepara para dormir, Jasper parece um pouco mais caído que o normal. Ela tenta se concentrar em fechar o pijama do *Doctor Who*, e não na decepção do cachorro. *Não adianta atravessar o quadro, porque é o meio da noite em Zorsted*, Jane quer dizer, mas nem tem coragem de perguntar se é verdade.

Ela realmente passou o dia inteiro discutindo assuntos complexos com um basset hound que entende inglês?

O que é mais provável: um surto psicótico com alucinações persistentes, ou Zorsted do outro lado do quadro?

Alguém que alucina precisa dormir, Jane quer dizer a Jasper. Mas ela não diz, porque seu próprio desejo de se desculpar com um cachorro é prova suficiente de que está alucinando.

A casa a acorda no meio de um sonho, em que a sra. Vanders tentava enfiar crianças na boca de uma enorme escultura de peixe para mantê-las a salvo. Ela fracassava, no entanto, porque não conseguia diferenciar a cauda do peixe da boca.

O relógio na mesa de cabeceira marca cinco e oito. A casa estava gritando algo, só que casas não gritam, então devia ser parte do sonho também. De qualquer maneira, Jane acordou. Ela levanta e se arrasta até o escritório, onde olha meio grogue pela janela.

Jasper se junta a ela, encostando o corpinho em sua perna. Ainda não amanheceu, mas duas figuras cruzam o gramado em direção à floresta. A luz ainda pode ser vista. Uma só. No mundo de Jane, só há uma lua.

Tia Magnolia a fez prometer que viria se fosse convidada. A destemida tia Magnolia, que sempre viajava para lugares novos, que se jogava na água e explorava mundos desconhecidos.

Tia Magnolia? Estou assustada.

Mas não quero decepcionar você.

– Jasper? – Jane chama, então se corrige. – Steen?

Luazinhas brilham nos olhos ansiosos que se levantam para ela.

– Posso ir de pijama do *Doctor Who* para Zorsted?

Alguém em algum lugar distante da casa está ouvindo Beatles enquanto Jasper e Jane atravessam o quadro. Caso se concentre, Jane pode ouvir os

acordes longínquos e surreais de “You’ve Got to Hide Your Love Away”.

Ela ainda está com o pijama do *Doctor Who*, até porque Jasper considera suas outras roupas igualmente chamativas. Na casa da duquesa, ele a conduz a um cômodo com um guarda-roupa que contém uma enorme quantidade de roupas escuras e simples de todos os tamanhos.

O corpo zorstedano de Jane é diferente do real. O pijama fica esquisito, justo nos ombros e comprido demais. De perto, vê que suas mãos estão maiores, inchadas. Suas pernas e pés zorstedanos parecem... pululantes. Como se fosse capaz de saltar mais alto nesse corpo.

– Que roupa eu ponho? – ela sussurra, tentando não pensar muito em nada, mas se dando conta de que o timbre de sua voz também está ligeiramente diferente.

O que quiser, Steen diz. Mas chamaria menos atenção com túnica, calças largas e capa. É começo do outono e ainda não clareou. Zorsted tem um clima um pouco mais frio do que aquele com o qual você está acostumada. O sol vai nascer em alguns – ele diz uma palavra que ela não conhece –, mas talvez tenhamos que andar perto do mar, onde venta bastante. É melhor pegar botas e um lenço.

Steen tenta conter sua alegria, mas está praticamente se empinando em volta dela, com as unhas batendo no piso conforme vai para a frente e para trás, animado.

– Steen – ela diz. – Você está me deixando tonta.

Desculpa, ele diz, parando no lugar, mas ainda pulando. *Desculpa!*

Jane veste calças confortáveis e quentinhas.

– Aquela palavra que você usou, quando estava falando do nascer do sol... – ela diz, repetindo-a. – É uma unidade de tempo, mais próxima de minuto que de hora. Mas nunca a tinha ouvido.

Falamos uma língua diferente aqui, ele diz. *E nossos dias e noites são mais longos, então medimos o tempo de forma diferente.*

Suas mãos fazem uma pausa na escolha das túnicas.

– Steen! Como vou me passar por zorstedana se não falo a língua?

Você está falando agora, ele diz.

– Quê?

E perfeitamente, Steen continua. *Está falando nossa língua desde o momento em que atravessou o quadro pela primeira vez.*

É uma informação desnorteante. Botas, Jane pensa, tentando focar em algo

concreto. *Vou experimentar botas.* Mas, enquanto faz isso, ela se repete em silêncio as palavras que falou. São de uma língua desconhecida. Assim como as palavras que usa para pensar. Os calçados altos e robustos não são “botas”. Ela nem consegue se lembrar das palavras em sua própria língua.

Com o tempo, Steen explica, simpático, você vai conseguir acessar as duas línguas nos dois lugares. Até lá, vai falar a mais adequada. Foi assim para mim. Provavelmente vai conseguir até ler nossas cartas.

– Mas como posso saber uma língua que nunca aprendi?

Não sei, ele diz. É um mistério.

Com suas roupas zorstedanas, Jane se agacha no chão da sala zorstedana mal iluminada, com os braços em volta das pernas. Do outro lado, há um espelho de corpo inteiro. Há luz o bastante apenas para que possa ver as maçãs do rosto angulosas e o queixo pontudo do rosto que parece uma traição.

Steen apoia a pata no joelho dela e lambe seu rosto desconhecido, o que a traz de volta.

– Eca – Jane diz, limpando a baba. – Fique sabendo que não sou fã de lambidas de vira-caças zorstedanos.

Vamos, ele diz. O sol está se levantando.

A casa da duquesa é enorme e tem uma série de escadas. As pernas de vira-caça de Steen são muito mais compridas que as de basset hound, de modo que ele pode descer com facilidade.

Conforme Jane se aproxima do que deve ser o terceiro lance de escada, ela se ouve falando um impropério zorstedano.

– Quantos andares tem essa mansão?

Quinze, Steen diz. Nossas casas são altas.

– Altas e elegantes – Jane diz, porque as escadarias e os corredores ocasionais pelos quais eles passam são simples e graciosos, feitos de uma pedra branca que não brilha como o mármore polido, e que parece capturar a luz com delicadeza e segurá-la, como o interior de uma concha. – Tem magia nessas paredes?

Depende do que você quer dizer com magia. A mansão responde ao sol e se ilumina parcialmente assim. É o que acontece com todas as pedras usadas nas construções de Zorsted.

Através das janelas num lance de escadas, Jane vê de relance o céu cor-de-rosa e o mar prateado. À distância, o doce sino começa a tocar, aquele que indica que o sol está nascendo.

– Como sabe que não sou daqui? – Jane pergunta de novo. – Como sabe que não sou zorstedana?

Só sei, ele diz, trotando ao seu lado. Do mesmo jeito que soube que você era minha pessoa.

– E como você soube disso?

Reconheci sua alma.

– Ah, por favor...

É verdade!, Steen diz. Posso ver sua alma! Mas você não é daqui. É do Outro Lugar.

– Então como sou sua pessoa?

Não sei, ele diz. Muitos vira-caças nunca encontram sua pessoa. Talvez seja porque ela esteja no Outro Lugar.

– Você pode se comunicar com alguém além de mim?

Não, ele diz. Só você, porque é minha pessoa. Mas posso me comunicar com outros vira-caças.

– Como ninguém mais na Tu Reviens descobriu que é possível atravessar o quadro? Tenho certeza de que em mais de cem anos alguém deve ter dado uma cotovelada por acidente no quadro ou coisa do tipo – ela diz, com um gesto vago.

Nem todo mundo pode atravessar, Steen diz.

Ela quase tropeça.

– Sério?

Já vi a sra. Vanders tocar o quadro, Steen garante. E nada. Colin Mack passou a mão por ele todo.

– Sério?

Colin faz isso com todos os quadros, Steen diz, presunçoso. Eu poderia te contar muitas coisas sobre a casa.

– E por que eu e não eles?

Não sei, Steen diz, mas tenho teorias. Talvez só esteja aberto a um desejante.

– Desejante?

Jane se pergunta o que ela estaria desejando.

Ou talvez artistas.

– Sério? – Jane repete. – Artistas!

Também já vi zorstedanos tocarem a tapeçaria desse lado sem que nada acontecesse, ele diz. Mas nunca alguém que eu sabia ser um artista ou desejante.

– E você é um artista ou desejante?

Sou um vira-caça, ele diz simplesmente.

– Todos os vira-caças podem passar?

Não sei. Nunca falei com ninguém a respeito. A Tu Reviens é minha, ele diz, como uma possessividade que Jane considera docemente canina, mas também bastante humana.

– Ninguém na Tu Reviens nunca viu uma mudança no quadro? – ela pergunta. – Como quando vimos Ivy do outro lado? Nenhum zorstedano vem buscar o guarda-chuva?

É um quadro de um recanto pouco utilizado e mal iluminado na parte da mansão da duquesa usada por sua rede de espiões, como você sabe, ele diz. O guarda-chuva foi colocado ali há eras para indicar aos espiões zorstedanos que vieram ao lugar certo. Ninguém mexeu nele em mais de cem anos.

– Hum – Jane diz. – E imagino que se o quadro mudasse levemente e depois voltasse ao normal qualquer um assumiria que estava vendo coisas. Duvidaria dos próprios olhos.

Sim. Quanto às mudanças na tapeçaria desse lado, Steen acrescenta, fazendo uma pausa em seguida. Novamente, é uma sala mal iluminada. Mas, de qualquer maneira, uma tapeçaria com uma cena que muda não seria considerada algo extraordinário aqui.

– Entendi – Jane diz. A descida finalmente os levou para um corredor comprido, com uma série de portas. Steen a leva até uma, de madeira, maior e aparentemente mais forte que as outras.

– Quem fez a tapeçaria zorstedana? – Jane pergunta.

Um artista chamado Morstlow, Steen diz. E parece que foi na mesma época que seu Horst Mallow pintou o quadro, se a sra. Vanders estiver correta.

Uma luminária na parede ao lado da porta pisca. Luz amarela dança sobre os pelos de Steen.

– Esse Morstlow também tinha fama de excêntrico? Como Horst Mallow? Os nomes são estranhamente parecidos.

A atitude dos zorstedanos quanto a... pessoas que veem as coisas de modo diferente não é igual à de vocês, ele diz. Não acho que Morstlow tivesse uma reputação ruim.

– Ele é a pessoa de quem você me falou? – Jane pergunta. – A única de Zorsted que sabe sobre a passagem para a Tu Reviens?

Não, Steen diz. Faz bastante tempo que Morstlow morreu. Não tenho ideia se sabia ou não.

– E quem é essa pessoa então? A duquesa?

Não.

– Quem?

Steen vira o pescoço para encarar o rosto de Jane. Ela sente que as palavras estão prestes a vir, que as beiradas delas se aproximam de sua mente, mas então o vira-caça as afasta. Jane sente uma coceira estranha, como se uma pena provocasse seu cérebro. Ela reconhece isso como a sensação da indecisão dele.

O vira-caça corta o contato visual, virando-se para o outro lado. *Essa porta leva para fora, ele diz. Não se assuste; você parece com qualquer outra pessoa. Está pronta?*

Há uma sensação diferente em estar acordada ao amanhecer. É uma das primeiras coisas que Jane nota: Zorsted se parece surpreendentemente com outros lugares ao amanhecer. As pessoas se comunicam por olhares, e não com palavras. Tem bastante gente na rua, abrindo lojas, conduzindo cavalos teimosos, ou simplesmente à janela, olhando simpáticas para o rosto de Jane sem dizer nada.

Ela tenta não encarar. Fica perto de Steen, que trota com a cabeça erguida.

Os prédios, altos, com telhados íngremes, são de madeira e cobertos de ripas, enquanto as ruas são feitas de pedras. Para onde quer que Steen a guie, Jane sempre pode ver algumas torres de pedra rosada contra o céu rosa-acinzentado; e, entre os prédios, o mar.

Lentamente, todo o rosa esvanece e Jane consegue ver a cor verdadeira das torres: brancas, cinzas e marrons. Elas brilham de leve.

– As casas de madeira também respondem ao sol?

Até certo ponto, Steen diz, mas não como as pedras. Elas são mais velhas e muito mais poderosas.

– Todas as coisas de pedra se iluminam? Tanto faz se é um banco, uma tigela ou uma tumba?

Nossos mortos são jogados ao mar, então não temos tumbas, Steen diz. De qualquer maneira, as pedras têm inteligência própria. Normalmente não se iluminam se não há gente e sabem para que são usadas. Têm consciência se é algo que não deveria se iluminar.

– Como assim? Como podem ter?

O mundo aqui tem consciência própria.

– Até a pedra?

Tudo tem, Janie, ele diz simplesmente. A terra, o chão, as nuvens.

– As nuvens?

Não uma consciência extrema. Talvez essa seja uma palavra forte demais. Mas tudo tem certa percepção.

Jane pensa a respeito.

– Mas, nesse caso, não tem problema cortar as pedras para construir casas, por exemplo?

O pedreiro sábio é cuidadoso e trabalha com respeito, senão... diz Steen.

– Senão?

Senão a pedra fica infeliz, ele explica. E o prédio inteiro. De modo que todos podem sentir.

– E aí o que acontece?

Nada acontece, ele responde. É só isso.

– O prédio não faz nada? Tipo, derruba uma pedra na cabeça de alguém ou coisa do tipo?

Não!, Steen exclama. Não é assim. Você talvez só se sinta meio deprimido toda vez que entra no lugar. O que não seria bom para os negócios. Os proprietários iam acabar querendo reformar para que as pedras se sentissem melhor.

– E como saberiam do que elas gostariam?

Algumas pessoas são sensíveis a esse tipo de coisa, Steen diz. Mas não acontece com tanta frequência, Janie. Não é tão estranho quanto parece.

– Acho que você nem faz ideia de quão estranho aparece – ela diz.

Agora tem mais gente na rua, inclusive usando roupas coloridas, em tons de roxo, vermelho e dourado. Jane vê pessoas de pele escura e de pele clara. Ela estuda as costas da própria mão. Seu tom de pele é mais ou menos igual ao do outro lado do quadro.

Steen parece notar o que ela faz.

Zorsted é um centro internacional, ele diz. *As pessoas aqui têm raízes em todo tipo de lugar, inclusive do outro lado do oceano.*

– Do outro lado do oceano – ela repete, sobressaltada. – Qual é o tamanho desse lugar?

Estamos numa ilha pequena. É só uma das nações deste planeta.

Jane não consegue deixar tudo assentar. Tu Reviens é a entrada para outro planeta? Habitado por pedras, árvores e nuvens conscientes?

– E por que não descobriram a eletricidade? – ela pergunta, com a angústia fazendo-a querer ser antagônica. – Ainda estão na idade média? Vou ter que fazer xixi na calçada?

Steen solta um ruído ofendido, e Jane se sente culpada.

– Desculpa – ela diz. – É muita coisa para absorver.

Ele se endireita (tanto quanto um vira-caça de quatro patas pode se endireitar).

Temos sistema de esgoto, banheiros e infraestrutura, ele diz dignamente, *e uma duquesa brilhante e justa. Fizemos avanços na ciência e na medicina que surpreenderiam os charlatões do Outro Lugar. Nossa tecnologia não destrói o ambiente. Se fizer xixi na calçada, provavelmente vai ser presa por embriaguez pública e falta de decoro.*

– Posso imaginar – Jane diz, penitente.

Ele anda ao seu lado com uma dureza que é um balde de água na cara. Não, no coração. Jane sabe que feriu os sentimentos dele.

– Steen – ela diz, com gentileza. – Se eu fosse presa, você falaria em minha defesa? Vira-caças podem depor no tribunal?

E por que não poderiam?, ele responde, mal-humorado. *Todo tribunal contrata um humano imparcial que tem um vira-caça para fazer a tradução das testemunhas vira-caças. É algo muito civilizado.*

– E vira-caças podem ser presos?

É claro, ele diz. *Temos livre-arbítrio. O que acha, que somos animais de estimação?*

– Vocês trabalham?

A maior parte de nós escolhe trabalhar ao lado da sua pessoa, mas podemos fazer o que quisermos.

Jane observa os passos cuidadosos e formais que ele dá. Algumas outras pessoas na rua têm vira-caças andando ao seu lado, mas a vasta maioria não.

Ocorre a ela que os vira-caças zorstedanos podem, sim, fazer xixi na sarjeta. Ela suspira. É complicado estar ligada a um cachorro telepático.

– Desculpa, Steen – ela diz.

Ele a ignora.

Jane já viu algumas das pessoas fazendo carinho nos vira-caças, então deduz que esse é um comportamento público aceitável.

– Espera aí – ela diz, parando e se agachando.

Steen a encara.

Jane toca os pelos macios e sedosos na lateral do rosto dele.

– Sinto muito – ela diz. – Me desculpa. A verdade é que nunca fiquei tão assustada em toda a minha vida. Se você não estivesse aqui para tomar conta de mim, já estaria chorando.

Steen olha para as próprias patas, então seus modos se abrandam.

Eu me lembro da primeira vez que atravessei a tapeçaria, ele diz.

– É muita coisa com que se acostumar – Jane diz.

É que fiquei tão feliz, ele diz. *Faz tanto tempo que estou te procurando. Não importa o que aconteça, você é minha pessoa.*

– Não importa o que aconteça – ela repete. – Mas o que vai acontecer?

Não sei, Steen diz, rápido demais.

Ela fica apoiada num joelho por mais algum tempo, acariciando seus pelos e refletindo. Jane notou que todas as pessoas têm o mesmo rosto angular com queixo pontudo que o dela em sua forma atual. Considerada individualmente, ninguém ali deixaria Jane preocupada. Mas, todas juntas, tomando as ruas, fica evidente que ela está muito longe de casa.

Steen a está guiando por uma série de quebradas, confundindo seu senso de direção. Ela sabe que está longe da mansão da duquesa agora, e mais para baixo. Há algo desagradável no ar que ela respira.

– Quem é a única pessoa de Zorsted que sabe sobre o quadro na Tu Reviens? – Jane pergunta.

Steen parece muito interessado nas suas patas da frente. Ele levanta uma e fica olhando para ela.

Estou levando você até ela.

– Ah, é? – Jane diz. – Vai ser bom poder falar com alguém que entende.

Ele olha de relance para ela, então volta a inspecionar a pata.

Os animais aqui são diferentes dos animais do Outro Lugar, ele diz. *Temos criaturas marinhas aqui que vocês não têm lá.*

– E quem sabe do quadro é uma criatura marinha?

Não, ele diz. Só alguém que está nos ajudando a cuidar das nossas criaturas marinhas, que estão doentes. Estamos indo para o mar. É onde ela costuma estar.

– Tá – Jane diz. – Então vamos.

É só quando voltam a andar, em uma estrada muito próxima do mar, que uma compreensão impossível a atinge, tão de leve que quase não pode senti-la. É uma chama minúscula tentando se segurar dentro dela. Uma esperança. Repentinamente assustada, Jane olha para Steen, que não retribui o olhar.

No fim de uma doca ao pé da escada, onde as ondas batem, está uma mulher de casaco roxo, com os pés balançando sobre a água. Ao ouvir o barulho das botas de Jane, ela se vira. A garota nunca viu o rosto curioso antes, aquela configuração de olhos, nariz e boca; mas já estava esperando por isso, claro.

A mulher sorri, simpática.

– Bom dia – ela diz em zorstedano, em uma voz que Jane não reconhece. Então foca em Steen. – Ah, olá, meu amigo – ela diz em um tom caloroso. – Não me diga que finalmente achou sua pessoa! Você foi numa expedição?

Jane cai de joelhos, sem poder acreditar. Lágrimas rolam pelo seu rosto. A mulher levanta e vai até Jane, angustiada ao ver sua dor. Seu casaco está aberto; o forro é prateado e dourado, brilhando à luz.

– O que aconteceu? – ela pergunta. – Posso ajudar?

– Tia Magnolia – Jane diz. – Tia Magnolia. Tia Magnolia.

Assim que o intervalo para abraços e lágrimas passa, Jane parece capaz de pronunciar apenas “Como?” e “Por quê?”.

– Eu costumava frequentar os bailes da Tu Reviens – tia Magnolia diz, baixo.

Os três estão sentados na beirada da doca, com Jane no meio. O braço de tia Magnolia no ombro de Jane é desconcertante, mas o calor de Steen a traz de volta à normalidade. Jane tem coisas demais com que lidar para apreciar a ironia disso.

– Eu sabia que estava chegando o dia em que eu teria que planejar uma fuga – diz tia Magnolia.

– Fuga de quê? – Jane pergunta, brava. – Por que você precisava fugir?

Por que frequentava os bailes? Por que nunca me contou? Me ligaram da Antártida para dizer que você tinha morrido!

Tia Magnolia aperta o ombro de Jane mais forte.

– Uma noite – ela diz –, muito, muito tarde, quando o baile estava quase acabando e eu estava subindo para o terceiro andar, um convidado bêbado esbarrou em mim e meu braço simplesmente atravessou o quadro. *Atravessou*, sem que o quadro fosse nem um pouco prejudicado. Me controlei para não gritar. Mas sabia que não tinha imaginado e fiquei abalada. Inventei uma desculpa para retardar minha partida. Foi a viagem para o Mar Negro, você lembra?

– A última antes da Antártida – Jane diz, fraca.

– Isso – tia Magnolia diz. – Encontrei o quarto de uma pessoa que eu sabia que ia passar a noite com Ravi Thrash e me escondi ali. Quando os hóspedes tinham todos ido embora e a casa se preparava para dormir, voltei para investigar. Toquei o quadro e meu dedo afundou nele. Fui entrando cada vez mais até cair do outro lado.

Eu vi sua tia fazer isso, Steen conta, do patamar superior. Eu a segui e a vi explorar tudo. Fiquei na cola dela. Mas sua tia não sabia que sou o basset hound da Tu Reviens.

– Eu explorei o lugar – tia Magnolia continua – e encontrei... bom, encontrei o que você encontrou. Um mundo para o qual ninguém ia me seguir, e onde eu seria irreconhecível de qualquer maneira.

– Mas por que você precisava de um mundo onde ninguém ia encontrar você?

Tia Magnolia faz uma pausa. Jane percebe que isso acontece toda vez que pergunta alguma coisa, como se a pausa fosse algum tipo de resposta, mas não é. A tia de que Jane se lembra nunca hesitava em responder.

– Voltei para a Tu Reviens e encontrei meus colegas que iam para o Mar Negro – Tia Magnolia continua. – Depois que retornei da viagem, fiz você prometer que iria à Tu Reviens. Então, da próxima vez que fui convidada para um baile, pedi à sra. Vanders que passasse um recado a você. Ela fez isso?

– O quê? – Jane diz. – Não! Não recebi nenhum recado!

– Pedi à sra. Vanders para dizer a você para ir até o guarda-chuva – tia Magnolia diz. – Então, quando ninguém estava olhando, vim para Zorsted, com a intenção de ficar aqui esperando por você.

Sua tia não tinha um vira-caça para explicar as coisas para ela, Steen diz a Jane. Estava completamente sozinha.

– Como pode dizer que me fez prometer que iria à Tu Reviens? – Jane pergunta. – Não foi isso que aconteceu. – Você só me fez prometer nunca recusar um convite.

– Eu também fiz com que a sra. Vanders promettesse convidar você se algo acontecesse comigo. Ela não fez isso?

– Não! Quem me convidou foi Kiran! Você estava morta! Por que eu procuraria por você? E como pode ter pensado que “vá até o guarda-chuva” me faria pensar em *entrar* em um quadro? E, mesmo que eu entrasse, como iria encontrar você nesse lugar que eu nem conheço?

Jane tira o braço de tia Magnolia do seu ombro. Tem algo de errado. A história não faz nenhum sentido, e ninguém está explicando nada para ela. Por que a tia precisava ir embora, para começar?

Quando a mulher descansa as mãos no colo, unindo-as e estudando-as, Jane faz o mesmo. Não são as mãos de que ela se lembra. São maiores, e as unhas são mais afiadas. Suas íris são claras e imaculadas; essa tia Magnolia não tem uma mancha de outra cor em um olho. *Talvez não seja ela.*

Então Jane percebe que suas próprias mãos zorstedanas são muito parecidas com as mãos zorstedanas da tia.

– Já faz tempo que eu queria contar a verdade sobre minha vida – tia Magnolia diz. – Agora que finalmente posso, estou morrendo de medo.

– A verdade sobre sua vida? – Jane repete. – Do que você está falando?

– Do meu trabalho.

– As fotos? O que têm elas? Não foi você que tirou?

– Claro que tirei – tia Magnolia afirma. – Todas elas.

– Então o que foi?

Ela olha para as próprias mãos, parecendo infeliz.

– Um dia, quando estava fotografando, descobri por acaso um submarino nuclear afundado. Um submarino estrangeiro.

– Você nunca me contou isso.

– Fui proibida pelo governo dos Estados Unidos de contar a qualquer pessoa – ela diz. – Recuperamos seu conteúdo em segredo.

– Você ajudou o governo dos Estados Unidos a chegar aos destroços de um submarino nuclear?

– Então eles me pediram para ajudar com outras coisas – tia Magnolia

continua. – Eles me ofereceram dinheiro. Você era pequena e eu estava te criando sozinha, com um salário insuficiente. Não sabia o que viria pela frente. Então concordei.

– Você está me dizendo que se tornou uma espécie de... espiã subaquática? – Jane pergunta, juntando as peças.

– Sim.

– Nossa! – Jane fiz, chocada. – E o que isso significa?

– Eles têm agentes subaquáticos – tia Magnolia explica. – Pessoas que entram em naufrágios militares, como de submarinos, ou grampeiam cabos. Trocas de bens e informações também podem acontecer debaixo d'água. A princípio, não entendi a extensão da coisa. Me envolvi em coisas em que agora sei que não deveria. Coisas ruins podem acontecer debaixo d'água, no escuro, onde ninguém mais pode ver.

O que tia Magnolia descreve de alguma maneira parece mais absurdo para Jane do que a existência de um mundo fantasioso dentro de um quadro onde cachorros se comunicam e pedras têm sentimentos.

– Você nunca me contou – Jane diz. – Nunca.

– Eu queria sair – tia Magnolia diz. – Começaram a me pedir coisas que eu odiava fazer. Às vezes colocam bombas debaixo d'água, sabia disso? E eventualmente começou a haver certa confusão quanto às minhas alianças.

– Não estou entendendo – Jane diz.

– Com o tempo, vou te contar todos os detalhes – ela diz. – Vou confessar todas as mentiras. Vai ser um alívio para mim.

– Mas não para mim.

– É meu maior arrependimento – ela diz. – Só queria que você ficasse a salvo. A sra. Vanders falou do dinheiro? É seu, quando quiser.

Jane não quer saber de dinheiro.

– Quem me ligou da Antártida?

– Um colega – tia Magnolia diz. – Um amigo operador que também é agente e concordou em me ajudar. Nunca disse aonde ia.

– Você me deixou acreditar que estava morta – Jane diz. – Você estava morta.

– Querida – tia Magnolia começa, esticando a mão para Jane, que agora está de pé e se afasta dela.

– Você estava morta – Jane diz, com lágrimas rolando pelo rosto.

– Me desculpe – tia Magnolia diz. – Não tive muito tempo para planejar, e

talvez tenha feito tudo errado. Mas não estou morta. Só vim para cá. Estava esperando você. Te procurei todos os dias.

– Talvez eu nunca tivesse encontrado você. – A voz de Jane se eleva em histeria. – Não teria encontrado, se esse cachorro não fosse louco – ela diz, apontando para Steen. – Fiz uma lápide para você. Seu amigo me mandou suas coisas, tudo o que você supostamente tinha levado pra Antártida. Sempre durmo com a porra do seu gorro!

Tia Magnolia sempre foi do tipo que logo se apressa para acalmar uma pessoa chateada. É um instinto dela, que não consegue evitar. Jane pode ver isso na expressão no rosto e nos braços esticados dessa mulher que sem dúvida é tia Magnolia, ainda que visualmente irreconhecível.

A água bate sob a doca, aos pés de tia Magnolia. A cabeça de uma criatura cinza se ergue sobre a superfície, lembrando vagamente um urso, de rosto redondo e com focinho comprido. É tão grande quanto uma beluga e tem nadadeiras, bigodes e um orifício respiratório no topo da cabeça. Jane o encara, maravilhada.

A boca do animal é uma linha reta que lhe dá um ar paciente e sereno. Seus olhos escuros são grandes e marcados pela dor. Jane sabe que criaturas que vivem nas profundezas do oceano às vezes são tão bizarras que desafiam a razão; o trabalho de sua tia lhe ensinou isso. Mas, da mesma maneira que só de olhar para uma pessoa daquele mundo ela sabe que não pode ser do seu, tem certeza de que esse animal só pode ser de Zorsted.

Ele não fala, mas olha atentamente para tia Magnolia. Ela se deita de barriga no chão, com as pernas esticadas para trás e os braços e a cabeça dependurados na beirada. Seu casaco está aberto, revelando lampejos de prateado e dourado, como uma nebulosa. Ela estica a mão e toca a testa da criatura, sem dizer nada. Jane não entende muito bem o que está acontecendo, mas reconhece que tia Magnolia encontrou um alguém disposto a ser tranquilizado. Ele já parece mais calmo, e lágrimas grossas rolam por seu rosto.

Tia Magnolia e o animal marinho ficam nessa posição por alguns minutos. Jane se mantém na doca, com lágrimas escorrendo para a capa. Steen se recosta em suas pernas e a olha com frequência. Como tia Magnolia e o animal marinho, ele fica em silêncio.

O animal vira a cabeça para encarar Jane. Ela fixa o olhar, perdida no poço de sentimentos. *Ele é poderoso*, Jane pensa, embora não tenha ideia de que

tipo de poder é esse.

A criatura vai embora. A água se fecha silenciosamente sobre ele.

Tia Magnolia volta a sentar na beirada, com os pés suspensos. Ela não olha para Jane, que interpreta seus ombros e conclui que está exausta após ter ajudado a criatura e envergonhada por ter magoado a sobrinha.

Jane não consegue sentar ao seu lado, mas fica a alguns passos de distância. Ela balança as pernas sobre a água.

– Steen... Esse é o nome do meu vira-caças – Jane diz. – Ele me contou que os animais estão doentes.

Tia Magnolia balança a cabeça devagar em concordância.

– São chamados de ursos-marinhos.

– Você estava falando com ele?

– Não exatamente.

– Estava dando... algum tipo de remédio?

– Foi algo muito mais elementar que isso – ela diz. – Menos fantástico. Os animais estão traumatizados e em luto. Uma parte enorme da população foi morta por caçadores zorstedanos. A carne deles ficou na moda por um tempo, então foram massacrados. Os caçadores convenceram o governo de que os ursos-marinhos eram violentos e burros. Mas ninguém que visse uma criatura dessas poderia pensar assim...

Sua voz vacila, áspera e desgostosa. Jane nota que ela respira fundo.

– Isso faz bastante tempo – tia Magnolia diz. – A caça agora é ilegal. Mas eles vivem por muitos anos, e os cientistas zorstedanos acreditam que sua memória é profunda e a superação é muito lenta. Faço parte de um programa organizado por cientistas. Venho para cá de manhã e fico esperando. Se um urso-marinho aparece, como costuma acontecer, faço companhia a ele e o toco com carinho.

– O que isso significa? – Jane pergunta.

– Acho que você sabe, querida – tia Magnolia diz. Quando Jane não responde, a mulher olha para as mãos. – Só tenho que ficar com ele. Não preciso tentar fazer nada. Nem ele precisa. Esses animais têm o que provavelmente chamaríamos de... habilidade psíquica. Se eu tiver a intenção de simplesmente ficar com ele, o urso-marinho vai saber. Que agora aceitem ficar em nossa companhia, o que não acontecia antes, é um sinal de que podem voltar a confiar nos humanos. Mas, até lá, e até que a dor e o luto sejam superados, é como se a alma do oceano fosse acometida por uma

doença. Posso sentir, Janie.

É difícil para ela saber como responder.

– Esse é seu trabalho aqui?

– Sim – tia Magnolia diz. – O governo paga os cientistas.

– Você é a encarregada?

– Minha nossa, não – ela diz. – Meu cargo é bem júnior. Ainda estou sendo treinada, porque estou em Zorsted há pouco tempo. Tem um programa. Qualquer um com afinidade com animais pode se inscrever. Inclusive você.

Jane pisca, sem saber o que responder.

– Como convenceu os outros de que era daqui? Eles não desconfiam de nada?

– Procuro ficar na minha e finjo que não gosto de falar sobre o passado. Recebi olhares estranhos em alguns momentos, claro, mas eles têm alta tolerância para excentricidade aqui. Parece que as pessoas não esperam compreender tudo o que veem. De qualquer maneira, se você conhecesse alguém que não estivesse a par de seus costumes, concluiria que vinha de uma realidade alternativa?

– Acho que não – Jane diz. – Não sente falta da tecnologia? Poderia resolver esse problema mais rápido com seu equipamento de mergulho?

Ela lança um sorriso discreto para Jane.

– Mesmo sem ar comprimido, as técnicas de mergulho aqui são bem sofisticadas. Eles têm uma espécie de sino de mergulho, com tubos de ar que se estendem até a superfície. De qualquer maneira, mesmo que eu tivesse meu equipamento, duvido que usaria. Humanos invadindo a casa dos animais não ajudaria em nada no processo de cura.

É estranhamente confuso ficar bravo com a pessoa que ensinou tudo o que você sabe sobre gentileza e respeito, e a se acalmar. Jane observa a água dançando sob seus pés, consciente da presença de Steen ao seu lado. Com cuidado, ela se inclina até que possa ver seu reflexo. Algo naquele rosto estranho chama sua atenção. Jane se vira para estudar tia Magnolia e percebe que, até nesse mundo, ela tem seu nariz e suas maçãs do rosto.

– Como vão seus guarda-chuvas, querida?

Os pulmões de Jane são como águas-vivas, se movendo silenciosamente através do sofrimento.

– Não sei por que estou aqui – ela diz. – Não sei por que tenho um vira-
caça se sou do outro lado. Não sei por que fui para a Tu Reviens.

Tia Magnolia leva um minuto para responder.

– Não sei por que criaturas de mundos diferentes não deveriam se dar – ela diz. – Zorsted é cheia de vira-caças que não encontraram suas pessoas. Vai ver que é porque elas não são daqui.

– Steen disse a mesma coisa. Mas como assim, “mundo diferentes”? Você acha que há outros?

– Bom – tia Magnolia diz –, eu costumava pensar que só existia um. Como isso não é verdade, acho que podem muito bem ser milhares. Entende?

Jane inspira o ar salobro e ouve o barulho da água batendo contra a doca.

Tia Magnolia a deixou sozinha e sem dinheiro do qual ela soubesse. Seu plano de se reunir com ela era obscuro e secreto, e tinha tudo para dar errado.

– Preciso pensar – Jane diz.

Nesses casos, gosto de andar, Steen diz.

– Quer vir comigo? – Jane pergunta a ele.

Claro, se não se importar.

– Não me importo – Jane diz, afagando sua cabeça enquanto se levanta. – Afinal, você é meu vira-caça, não é?

Tia Magnolia também se levanta, com certa ansiedade.

– Vamos dar uma volta – Jane diz, com cuidado.

– Certo – tia Magnolia diz, engolindo em seco. – Vejo você depois, não? Por favor.

– Não sei – Jane diz.

Você não é quem eu pensava que era, ela pensa. *Você não é quem fingia ser.*

Os olhos de tia Magnolia se enchem de lágrimas. Ela dá um longo abraço em Jane e beija sua testa, então diz que a ama.

– Volte – a mulher diz.

Jane a segura firme antes de soltar.

– Aonde vamos? – Jane pergunta a Steen.

Aonde gostaria de ir?

– Algum lugar que não seja complicado – Jane diz. – Para nenhum de nós dois.

Eles sobem as escadas, então pegam uma via cercada de casinhas. Um bando de crianças passa. Alguém frita algo que cheira como bacon.

– Estou com fome – Jane diz. – Você não?

Podemos voltar para sua tia, ele diz. Ela deve ter dinheiro.

– Vou sobreviver – Jane diz. – E você?

Sei onde tem fruta, Steen diz.

– Vira-caças gostam de frutas?

Este aqui gosta.

A rua faz uma curva acentuada para a direita, mas Steen continua em frente, entrando em um trecho de árvores nodosas. Ele a guia por entre a grama alta e os galhos caídos. Finalmente, começa uma descida que os leva a um bosque de árvores frondosas cheias de uma fruta rosada que parece maçã, embora certamente não seja.

A palavra zorstedana para ela vem à sua mente, e Jane a diz.

Exatamente, Steen aprova, satisfeito. Esse pomar é da duquesa.

– Estamos roubando?

Não, porque eu moro na mansão dela, ele explica. Ela cuida de mim e dos outros vira-caças. Sua comida é minha comida.

– Tem certeza de que ainda é bem-vindo na mansão, agora que achou sua pessoa?

Você não mora aqui, ele diz, então vou ter que continuar com a duquesa. Se você se mudar para cá, isso vai mudar.

Steen não olha para Jane, que faz questão de não olhar para ele. Ela enche os bolsos de fruta e continua a segui-lo pelo terreno, que fica cada vez mais íngreme. Saindo do pomar, Jane se vê em uma pequena praia de areia clara em formato de lua crescente. O sol está forte e suas roupas zorstedanas bloqueiam o vento. Steen trota até um afloramento de rocha e arbustos e se acomoda ali. Ela se junta a ele, sentando ao seu lado para observar a água tocando a areia e voltando. A fruta é crocante como uma maçã, mas doce como uma pera.

– É uma sensação estranha estar em Zorsted – Jane diz. – Como se eu tivesse morrido e voltado em outro corpo, em outra vida, mas tivessem esquecido de apagar minha memória.

Não acredito em reencarnação, Steen diz.

– Não? Se existe mais de um mundo, por que não existiria mais de uma vida?

Existem várias vidas em cada vida, ele diz.

– Você e tia Magnolia são chegados em frases de efeito filosóficas

obscuras – Jane diz. – Tem mercado em Zorsted para guarda-chuvas?

Temos chuva. Mas não de sapos.

– Outra peculiaridade – Jane diz. – Onde os guarda-chuvas são vendidos?

No mercado público, ele diz. Se vender bastante, pode abrir uma loja. Posso perguntar por que quer saber?

– Não sei – Jane diz. – Talvez porque guarda-chuvas me assustem menos que filosofia existencialista.

Steen a olha com formalidade.

Uma vez vi um vira-caça com um chapéu de guarda-chuva, ele diz. Achei bem elegante.

Jane segura o sorriso.

– Você quer que eu te faça um igual?

Como você quiser, ele diz, tentando parecer digno.

– E ele teria que se encaixar na cabeça de Jasper, o basset hound, ou de Steen, o vira-caça?

Ele hesita.

Acho que é como você quiser também.

É. Acho que é uma das perguntas importantes do dia, não é? Tu Reviens ou Zorsted?

Viu?, ele diz. Eu disse que você podia se comunicar comigo sem precisar falar.

Verdade.

Você... Ele hesita, e ela sente sua ansiedade. Sua vulnerabilidade. Você gosta?

Jane solta o ar.

Ainda não sei, Steen.

Ele enterra o focinho na areia, como se assim pudesse se impedir de dizer o que quer dizer.

Aqui é bem parecido com a enseada a que você me levou na ilha do outro lado, Jane diz, depois de um tempo.

Gosto de vir aqui, ele diz.

Você vai à enseada do outro lado porque te lembra dessa?

Descobri aquela primeiro, ele diz. Acho que gosto dessa porque me lembra dela.

Que confuso!

É, ele diz. O lar sempre é. Afinal, é o quartel-general de alguém, o pano

de fundo, a moldura. A história de alguém e também seu refúgio.

Você é bom em Palavras Cruzadas?, Jane pergunta, sorrindo.

Steen funga.

Temos um jogo bem melhor aqui. Você também ganha formando as palavras de maior valor, mas elas contam uma história. E qual história é um aspecto importante, porque ela vai aparecer de alguma forma no seu dia.

Sério? O jogo muda seu dia? Isso parece perigoso!

Você está sendo muito literal. Ninguém nunca se machucou seriamente.

Ah, tá. Só de leve então.

A história acontece metaforicamente, em geral de uma maneira inofensiva e divertida, ele diz, para acalmá-la. Sei que parece estranho. Mas prometo que esse mundo não é mais perigoso que o seu.

É tão diferente, ela diz. Você se sente em casa tanto aqui como na Tu Reviens?

Sim. E não. Na Tu Reviens, não posso falar e ninguém me entende, ou pelo menos não entendia antes de você. Em Zorsted, me sinto sozinho, ou sentia. Ele faz uma pausa. Você acha que são as pessoas que fazem um lugar parecer um lar?

Isso faz sentido para Jane. Explica porque nenhum lugar parece sua casa desde que ela recebeu a ligação – a ligação falsa – da Antártida.

No horizonte, ela vê um barco grande com velas brancas e brilhantes. Está longe demais para que Jane identifique se está chegando ou partindo.

Se sou uma desejante, não sei o que desejo, Jane diz.

Steen hesita de novo.

Bom, ele diz, vou ficar com você enquanto descobre.

A longa e difícil manhã está se fazendo sentir. Seu corpo pouco familiar exige o sono perdido da noite.

Sim, por favor, Jane diz.

Ela se aconchega na areia, com um braço em volta de Steen, e permite que seu ser zorstedano descanse.

Ela acorda na noite iluminada por duas luas enormes, ambas maiores que a do outro lado. Juntas, lançam muito mais luz sobre tudo. O céu está pontuado de estrelas.

O vira-caça não está por perto.

– Steen?

Nenhuma resposta. Ela levanta, grogue, olhando para todos os lados. De repente um arrepio violento a desperta, ao pensar em caçadores zorstedanos, ou predadores, ou pedras que poderiam simplesmente decidir que não gostavam dela.

– Steen!

Estou chegando, ele diz, e ela ouve sua voz fraca na mente. Virando-se, Jane vê a forma dele no escuro, trotando na sua direção pela areia molhada que reflete a luz.

– Fiquei com medo!

Não ia deixar você aqui sozinha.

– Não, fiquei com medo *por* você.

Quando ele a alcança, Jane agacha e o envolve com os braços. Ele cheira a cachorro molhado e lambe suas mãos.

– Eca! – ela diz. – Sem lamber!

Sem abraçar, ele diz. *Vira-caças gostam de carinho, não de abraços.*

Ela o solta.

– Se você não lamber, não vou abraçar.

Ótimo. Mas não precisa ter medo por mim, ele diz. *As pessoas aqui sempre deixam os vira-caças em paz!*

– Tá – ela diz apenas.

Está com frio?

– E com fome.

Você dormiu bastante. Eu também, quando passei pela primeira vez para o seu mundo. A travessia é muito cansativa. Vamos encontrar um lugar mais quente.

– Estamos longe da tapeçaria da mansão da duquesa?

A casa da sua tia fica mais perto. Ela não vai se importar se a acordarmos.

– Não. Quero ir para a Tu Reviens.

Está bem, ele diz. *A subida vai nos esquentar.*

Um pomar em uma montanha íngreme pode ser perigoso à noite, mesmo com duas luas no céu. Jane fica tropeçando e batendo a cabeça nos galhos mais baixos. Ela enrola a echarpe nas orelhas e murmura para Steen que seria bom se o pomar se iluminasse conforme fossem passando.

Nas ruas, já bem longe da água, o silêncio da noite zorstedana é

ensurdecador. Os prédios não zumbem ou murmuram. Os postes de luz chamam infimamente conforme as chamas se consomem.

Luz e som às vezes vazam de prédios, mas Steen a leva para longe dessas ruas. *Foliões bêbados são a praga de toda cidade portuária*, ele diz, enfadado.

Ainda toda amassada depois de dormir e com frio, Jane fica muito satisfeita de sair do caminho dos foliões. Eles sobem bastante até que a mansão se assoma. Steen estava certo: a longa caminhada aquece o corpo.

Vou ter que chamar um dos poucos vira-caças do castelo que tem uma pessoa, para que nos deixe entrar.

– E como vai fazer isso?

Vira-caças podem se comunicar mentalmente, lembra?

– E como você vai justificar minha entrada?

Com sorte, meu irmão vai estar acordado.

– Você tem um irmão?

Doze irmãos, sete irmãs e duzentos e quarenta e dois primos.

Jane solta um palavrão zorstedano.

– Seu irmão sabe sobre a Tu Reviens?

Não. Eu disse que não contei a ninguém. Mas ele é meu irmão. Confia em mim, e a pessoa dele confia nele. Vai abrir a porta pra gente.

– Parece complicado. Seu irmão confia em você, mas você esconde as coisas dele.

Bom, às vezes é difícil saber o que fazer, Steen diz. Se eu contar ao meu irmão, tenho que contar aos outros dezoito? E se ele contar para a pessoa dele? Não é algo pequeno, uma tapeçaria que leva para outro mundo. Tenho que ser cuidadoso. Você entende, não?

Enquanto entra no jardim em um lado obscuro com muros altos da mansão da duquesa, Jane se sente velha e cansada.

– Não sou grande fã de segredos no momento.

Steen olha para ela.

Eu sei. Mas você vai ver. Agora é seu segredo também. Vai ter que decidir para quem contar. Agora para de falar em voz alta. Você vai acordar todos os empregados no térreo. E tenho que focar na comunicação com meu irmão.

Um minuto depois, um homem antipático de pijama abre uma porta de madeira no muro, grunhe e volta para dentro sem nem olhar para eles. Um vira-caça menor e mais atarracado que Steen está ali. Os dois irmãos ficam

um momento na porta, se cheirando e fazendo carinho um no outro.

Então Steen vira para ela, determinado.

Este caminho vai nos levar para a cozinha.

Jane o segue. Eles sobem os quinze andares da mansão e se enchem de pão, queijo e mais frutas zorstedanas com nomes que Jane magicamente sabe, além do que parece ser a mais deliciosa carne-seca do mundo. Ela tem a sensação de que o corpo zorstedano considera subir quinze andares de escada menos árduos do que seu corpo real consideraria.

Enquanto veste o pijama do *Doctor Who*, um relógio soa à distância na cidade, e Jane sabe qual é a hora em Zorsted. De repente ela se pergunta que horas são em casa, e xinga em zorstedano.

O baile!

Já foi, Steen responde. *Você perdeu.*

Ela xinga de novo.

E se alguém perguntar onde eu estava?

Diga que não se sentiu bem. Se alguém insistir, eu mordo.

Steen! Você não pode morder as pessoas sem motivo! Meu mundo faz coisas horríveis com cachorros que mordem! É melhor fazer algum truque que os humanos adoram. Tipo, dar a patinha.

Ah, isso é muito digno, Steen diz. *Daqui a pouco vai me pedir para rolar.*

Jane ri.

Não se preocupe, Steen diz. *Até porque, se algo acontecer, tenho um lugar seguro para ir.*

Jane não responde, porque não está pronta para dizer que não gosta da ideia de que fuja sem ela. Quando entra na sala com a tapeçaria, Steen a segue. A Tu Reviens parece escura e vazia, então Jane aproveita para examinar o guarda-chuva no chão. A ponteira e o cabo são um pouco diferentes em forma e cor, e a execução é mais bem-feita, mas, por cima, é satisfatoriamente parecido com o que ela acabou de fazer. Jane o pega para examiná-lo à luz do lampião no canto da sala, e fica feliz ao constatar que escolhe os tons apropriados de verde e vermelho.

O que acha que está fazendo?, Steen pergunta. *Esse guarda-chuva não foi movido em mais de cem anos!*

É muito bem-feito, Jane diz, alisando o cabo escuro e envernizado com o dedo. *E alguém deve limpar sempre.*

Com o mais delicado dos espanadores!, Steen diz. *Por favor, devolva ao*

lugar.

Você é um desses vira-caças que nunca foram mandados para a sala do diretor, não é?, Jane pergunta. *Tudo bem, tudo bem*, ela diz, quando ele começa a bater os pés como se amassasse massa de pão. *Fica calmo.*

Quando ela o coloca no chão, o tecido antigo de um dos gomos começa a rasgar na costura. Steen grita horrorizado em sua mente ao ver o pedaço simplesmente cair no chão.

Olha o que você fez! Olha o que você fez!

Steen, Jane diz, calma. Tenho um guarda-chuva quase idêntico no meu escritório. É bom o bastante. Vai durar outros cem anos.

Steen respira como um husky depois de uma longa corrida de trenós.

Graças a Deus, ele diz. *Graças a Deus. Vamos buscar. Agora. Neste mesmo instante.*

Ele atravessa a tapeçaria primeiro, e Jane o segue.

Ela precisa de um minuto. É estranho estar no patamar do segundo andar da Tu Reviens. Jane quase sente como se fosse a primeira vez. Tem um cheiro suave vindo no hall de entrada. Suor, perfume, bebida, gente: cheiro de fim de festa. E as lilases, que trazem tia Magnolia de volta. Agora machucam de outro jeito, criando outra confusão.

Alguém está ouvindo Beatles de novo em algum lugar à distância. Jasper, o basset hound, está atrás dela, batendo com a cabeça em seus tornozelos com urgência.

– Já vou! – Jane sussurra, subindo obediente para o terceiro andar. – Calma!

Então Kiran e Ivy aparecem na ponte e vão direto na sua direção, na ala oeste.

– Jane! – Kiran diz. – Onde você estava? Procurei por você a festa inteira.

Kiran está usando um tomara que caia vermelho lindo. Seu humor e sua expressão parecem estranhos, severos e animados ao mesmo tempo. Triunfantes e frágeis. A barra do vestido está suja de terra. Alguma coisa aconteceu.

Jane quer perguntar a respeito, mas tem medo de encorajá-la a fazer perguntas também, as quais não vai poder responder.

– Que horas são?

– Quase quatro da manhã – Kiran diz. – Ivy e eu estávamos aqui conversando.

– Na verdade – Ivy diz a Jane –, queria falar com você também.

– Está bem – ela diz, tentando não deixar o queixo cair ao reparar na roupa de Ivy.

Seu vestido preto longo é tão elegante que o pijama de *Doctor Who* faz com que Jane se sinta com doze anos.

– Vou dormir – Kiran diz, aproveitando a deixa, e se dirige para a escadaria.

– Você foi incrível esta noite – Ivy diz para Kiran. – Ficamos muito gratos. Não teríamos conseguido sem sua ajuda.

– Não fiz isso por Patrick – Kiran diz.

– Tudo bem – Ivy diz –, não importa. *Eu* agradeço.

Kiran vira e lança um sorriso caloroso e amplo para Ivy antes de ir embora. Jane nunca a viu sorrir assim. Então ela se vira para Ivy.

– Estou muito cansada. Podemos falar amanhã?

– Claro – Ivy diz.

– Boa noite.

Ela só fica olhando para Ivy por um momento, até que Jasper volta a bater com a cabeça em seus tornozelos.

– Cachorro idiota! – Jane diz, então se vira para ir ao quarto.

Quando os dois voltam à escada alguns minutos depois, carregando o guarda-chuva que Jane fez, Ivy ainda está no patamar do segundo andar, olhando atentamente para o quadro. Seu nariz está a poucos centímetros dele, seus óculos estão na testa e seus olhos focam no pedaço de tecido no chão quadriculado.

É tarde demais para voltar, porque Ivy já os ouviu. A garota se endireita e levanta os olhos para Jane. Os fios soltos de seu cabelo escuro balançam pelo rosto.

Jane continua descendo corajosamente, com o guarda-chuva na mão.

Os olhos azuis e firmes de Ivy abarcam Jane, Jasper e, com um interesse especial, o guarda-chuva verde e vermelho.

– Vai dar uma volta? – Ivy pergunta, olhando para o pijama de Jane.

– Talvez.

– Quer companhia?

– Quero – Jane diz. – Na verdade, quero muito. Mas acho que é melhor ir sozinha.

– Tá – Ivy diz. – Procurei por você durante o baile. Não estava a fim?

A desculpa está na ponta da língua. Ela comeu algo que não fez bem e acabou dormindo. Ela odeia festas e ficou escondida no sótão oeste. Passou a noite no quarto com um dos convidados.

– Não quero mentir para você – Jane diz. – Quero contar a verdade.

Em seu vestido preto longo, com o cabelo preso, Ivy parece alguém de um quadro de Renoir ou John Singer Sargent. Ela estuda Jane, então diz:

– Também quero te contar a verdade.

O silêncio preenche o espaço entre elas. Não é desconfortável. É cheio de esperança e curiosidade.

Jane finalmente sabe o que quer.

– Ivy? – ela sussurra.

– Sim?

– Pode guardar um segredo?

– E como!

Jane pensa bem no que dizer.

– Você pode tocar esse quadro?

– Esse? – Ivy diz, apontando e franzindo o nariz, intrigada. – A sra. Vanders ia me crucificar.

– Por favor?

– Tá.

Ivy estica o dedo na direção do quadro. Quando o toca, ele simplesmente afunda nela. A mão inteira passa. Com um grito de susto, ela a puxa de volta. Então a inspeciona com cuidado, de perto. Satisfeita por ainda ter todos os dedos, ela levanta os olhos impressionados para Jane.

– Mal posso esperar para ouvir o que você vai me pedir para fazer agora – Ivy diz.

– Quero levar você para conhecer uma mulher que se comunica com ursos-marinhos – Jane diz.

Ivy pisca.

– Ursos-marinhos?

– Vou te mostrar. Você topa?

Ivy vira a cabeça para o quadro.

– Os ursos-marinhos estão do outro lado?

– Sim.

Ela pisca de novo.

– Você vai ficar comigo o tempo todo?

– Vou.

– Promete?

– Eu juro.

– Então tá – Ivy diz.

– O que acha, Steen? – Jane diz, olhando para ele. – Um vira-caça e sua pessoa podem ter um lar em dois mundos diferentes, com uma tia e uma amiga?

Jasper sustenta seu olhar e inclina a cabeça de lado, como se pensasse a respeito. Então atravessa o quadro.

Jane vira para Ivy, que está de queixo caído.

– Você confia em mim? – Jane pergunta.

Ivy a observa com os olhos arregalados e intensos. Ela assente.

Jane pega a mão dela e a conduz para outro mundo.

nota da autora

Jane, sem limites é uma homenagem a alguns dos livros do meu coração. Muitos dos nomes, por exemplo, vêm direta ou indiretamente de *Rebecca*, de Daphne du Maurier, uma das histórias clássicas de “órfã que chega a uma casa misteriosa”. A estranha e assustadora governanta de Du Maurier se chama sra. Darvers, enquanto meu mordomo e minha governanta são os Vanders. O cachorro de *Rebecca* chama Jasper, como o meu. Um importante barco tem o nome de *Je Reviens*, que em francês significa “Eu volto”; minha casa é apelidada de Tu Reviens, “Você volta”. Também dei o sobrenome Yellan para Ivy e Patrick, que é o sobrenome da heroína de *Jamaica Inn*, outro romance de du Maurier.

Na primeira parte de *Jane, sem limites*, descrevi uma escrivãzinha no escritório de Jane na Tu Reviens. É essencialmente a escrivãzinha da saleta de Rebecca, até as etiquetas que Jane encontra demarcando as gavetas. Há outras conexões, deliberadas ou não, mas vou deixar que as encontre sozinho. Sempre considerei *Rebecca* um dos livros mais extraordinários que já li. Autores respiram livros, misturam com o que quer que esteja rolando dentro deles e depois botam para fora com a expiração.

Eu também tinha o outro grande romance do estilo “órfã que chega a uma casa misteriosa” em mente: *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. A referência mais óbvia é o nome da protagonista, embora na verdade tenha sido uma homenagem à gata que eu tinha quando era pequena! Suponho que o nome Charlotte Thrash também seja uma referência parcial a Brontë, embora eu a tenha nomeado por causa de Charlotte Perkins Gilman e seu assustador romance *O papel de parede amarelo*. E minha casa também tem uma “louca no sótão”, por assim dizer. Como em *Jane Eyre*, trata-se da primeira esposa do dono da casa. No meu caso, no entanto, ela não é louca de verdade, só uma física teórica.

O lindo e deprimente livro *A casa da alegria*, de Edith Wharton, também desempenha um papel em *Jane, sem limites*. Ele é protagonizado por uma órfã chamada Lily Bart que mora na Nova York da virada do século. Ela usa sua aparência para sua escalada social e... bom, como Jane comenta com Lucy St. George, não tem muita alegria nessa história. Acho que não conseguiria escrever sobre a rica Kiran convidando a amiga pobre para sua

casa luxuosa sem pensar em Lily Bart e a era das damas de companhia.

A abertura e o diálogo da expedição de Jane ao Polo Norte foram tirados diretamente do capítulo oito de *O Ursinho Pooh*: “Em que Christopher lidera uma expedição ao Polo Norte”. Desculpe, Pooh. Apesar das aparências, eu te amo e você sempre foi minha primeira opção quando precisava de uma leitura reconfortante. Acho que deve ter sido por isso que minha mente se voltou para você quando me perguntei: “O que seria realmente assustador?”.

Mas é claro que não são apenas livros que inspiram livros. *Peixe*, a escultura de Constantin Brâncuși, é real. Esse artista romeno foi um dos pioneiros do modernismo e criou inúmeras obras de peixe. A versão que eu uso está no Museu de Arte da Filadélfia. Quando escrevi para o departamento de restauração para perguntar como ele estava preso ao pedestal e se removê-lo danificaria a obra, eles me responderam dizendo que não iam responder àquela pergunta. O que provavelmente é uma política inteligente. Escritores fazem uma porção de perguntas estranhamente específicas. Isso porque não temos boas intenções.

O quadro de Vermeer *Senhora escrevendo uma carta e sua criada* é real. Em 1974, ele foi roubado de uma coleção particular na Irlanda por membros do IRA, sendo recuperado logo depois. Em 1984, foi roubado de novo por um gangster de Dublin, e só o encontraram em 1993. Depois disso, um restaurador dinamarquês chamado Jørgen Wadum, ao examiná-lo ansiosamente para descobrir quaisquer danos, notou um furo de alfinete no olho da mulher, que levou à descoberta de que Vermeer passava um fio por suas telas para trabalhar a perspectiva. O quadro agora está na Galeria Nacional da Irlanda. Tenho que agradecer a dois livros por meus conhecimentos em roubo de artes: *Museum of the Missing*, de Simon Houpt, e *The Irish Game: A True Story of Crime and Art*, de Matthew Hart.

Falando de roubo... eu basicamente tirei o pátio veneziano da Tu Reviens do Museu Isabella Stewart Gardner, em Boston, especialmente as capuchinhas, que em toda primavera ficam expostas. Não é idêntico – o pátio do museu não tem escadas internas que levam até o topo, por exemplo. Mas é bem parecido, e os visitantes do Gardner vão reconhecê-lo (especialmente se virem as capuchinhas). O Gardner tem uma estufa onde todas as flores são cultivadas, enquanto na Tu Reviens isso é feito no jardim de inverno. O autorretrato de Rembrandt que aparece na minha história também está no Gardner (*Autorretrato aos 23 anos*). Em 1990, o maior roubo de arte da

história teve lugar nesse mesmo museu; ladrões roubaram treze obras estimadas em 500 milhões de dólares, incluindo o *Tempestade no mar da Galileia*, de Rembrandt, e *O concerto*, de Vermeer. Os quadros nunca foram recuperados e ninguém foi preso. Quem visita o museu hoje vê o espaço vazio onde costumavam ficar essas obras. É de partir o coração.

Usei esses dois livros para garantir que tia Magnolia estava fotografando coisas realistas nas locações corretas: *Ocean Soul*, de Brian Skerry, e *Oceanic Wilderness*, de Roger Steene. Ambos são cheios de fotografias subaquáticas maravilhosas. Skerry tem uma foto de uma baleia-franca-austral e um mergulhador se encarando no fundo do oceano que inspirou diretamente a foto de tia Magnolia tocando o focinho de uma baleia do mesmo tipo. Tenho vergonha de admitir que não me lembro se vi ou não em algum lugar a foto de um caboz amarelo na boca de um peixe cinza maior ou se inventei isso. Tentei encontrar essa imagem para poder dar o devido crédito ao fotógrafo, mas até agora não tive sucesso. Em *Ocean Soul*, há uma foto maravilhosa de um atum abrindo a boca para pegar um peixe menor. Talvez eu tenha combinado algumas imagens na minha imaginação.

O escritor britânico de ficção científica Arthur C. Clarke escreveu que “qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia”. Brinco com essa ideia em alguns diálogos, mas sem nunca citá-lo, por isso o faço aqui.

Muita pesquisa é necessária para escrever ficção. Duas fontes que não mencionei são: *Bioterrorism: Guidelines for Medical and Public Health Management*, organizado por Donald A. Henderson, Thomas V. Inglesby e Tara O’Toole, e o artigo “Parallel Universes”, de Max Tegmark, publicado na edição de maio de 2003 da *Scientific American*.

agradecimentos

Escrevi o primeiro rascunho desse livro como uma aventura interativa, em que o narrador se dirigia diretamente ao leitor, que poderia escolher entre uma série de caminhos distintos. Então, ao longo de quatro anos, eu a revisei inúmeras vezes, mudando-a para uma história em terceira pessoa que deveria ser lida do começo ao fim. Às vezes é preciso tentar muitas coisas diferentes (e se frustrar) até descobrir o que o livro pede que você faça!

E descobri sozinha? Claro que não.

Os primeiros rascunhos chegavam a dar dor de cabeça. Sou muito agradecida aos leitores iniciais, que se aventuraram a entender aonde eu queria chegar e me deram o retorno de que eu precisava para conseguir. Obrigada a Marie Rutkoski, Rebecca Rabinowitz e à minha agente Faye Bender (todas leram mais de uma vez); obrigada a Catherine Cashore, Claire Evans, Deborah Kaplan, Amanda MacGregor, Marc Moskowitz, JD Paul, Cindy Pon, Jessica Quilty, Anindita Basu Sempere, Rebecca Stead e Tui Sutherland. E obrigada aos meus leitores parciais que me deram retorno em suas áreas de especialidade: Dorothy Cashore, Joe Flowers, Kevin Lin e Kate Marquis.

Obrigada a tia Mary Previtera, tia Rose Luscan, Sarah e Nick Manchanda por responderem a perguntas cricris sobre coisas como o funcionamento do jogo de bridge e que tipo de nome as pessoas dão aos animais de estimação na cultura indiana. Obrigada a Deborah Kaplan, Marc Moskowitz, Lance Nathan, Michelle Dunnewind Nathan e JD Paulo por me ajudar com coisas como o que os governos fazem sob a água, de quem é a jurisdição policial em ilhas privativas e como são os bassets hound. Obrigada a Stephanie Smith, David Kroll, Meg Curley, Eric Idsvoog, Case Kerns, Kevin Birmingham e Scott Hirst pelas sessões de brainstorming de histórias de terror durante o jantar. E obrigada a Eve Goldfarb por sua força, seu apoio e sua gentileza.

Um agradecimento especial a JD Paulo, que respondeu a (quase) infinitas perguntas em inúmeros tópicos, mas especialmente ligadas a ciência, de forma rápida, incansável e completa. JD foi muito além do que eu poderia esperar, sinceramente. E a Marie Rutkotski e Kevin Lin, que reviram pontos da trama comigo repetidas vezes, dando ideias, vivendo o livro comigo e me fazendo companhia durante todo o tempo em que ele me deu pancadas na

cabeça.

Obrigada à minha equipe calorosa, entusiasmada, incansável e excelente na Penguin, que inclui Elyse Marshall, Jenny Kelly, Dana Li, Theresa Evangelista, Jen Loja, Jocelyn Schmidt, Emily Romero, Carmela Iaria, Rachel Cone-Gorham, Shanta Newlin, Felicia Frazier, Erin Berger, Rodd Jones, Mary McGrath, Cristi Navarro e Claire Evans. Não tenho como expressar isso sem parecer banal e clichê, mas realmente sou a escritora mais sortuda do mundo por ter vocês na minha vida, e todo o mundo da Penguin, cada qual desempenhando um papel superimportante no processo de trazer um livro ao mundo. Obrigada.

Como sempre, agradeço aos meus pais e às minhas irmãs, sem os quais eu estaria perdida. Dedico esse livro às muitas tias e tias-avós que sempre considerei um modelo de todas as coisas que poderia ser se quisesse. Minhas tias são bondosas, aventureiras, criativas, engraçadas, compreensivas e muito amorosas. (E meus tios também dão pro gasto.)

Faye Bender, nem sei o que dizer. Você é minha rocha e minha amiga. Obrigada.

Notou que ainda não mencionei minha editora? Isso porque toda vez que tento acabo chorando.

Se esse livro tem alguma coisa de bom, Kathy Dawson é o motivo. Aprendo muito com a dificuldade do trabalho que fazemos juntas, e esse foi o mais complicado até agora. Kathy pegou minha mão e me guiou, às vezes com delicadeza, às vezes com firmeza, sempre paciente quando eu insistia num caminho tortuoso e me ajudando a chegar no que eu tinha visualizado. Kathy, meus livros e eu seguiríamos você até outra dimensão, se fosse preciso.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinioao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, jun. 2018

Table of Contents

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Mapa 1](#)

[Mapa2](#)

[Mapa3](#)

[Tu Reviens](#)

[A obra de arte desaparecida](#)

[Mentiras sem limites](#)

[Em que alguém perde uma alma e Charlotte encontra uma](#)

[Jane, sem limites](#)

[O vira-caça, a menina e o quadro](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Sua opinião](#)

FERNANDA NIA

MENSAGEIRA

da

Sorte

PLATA
FORMA 31

Mensageira da sorte

Nia, Fernanda

9788592783839

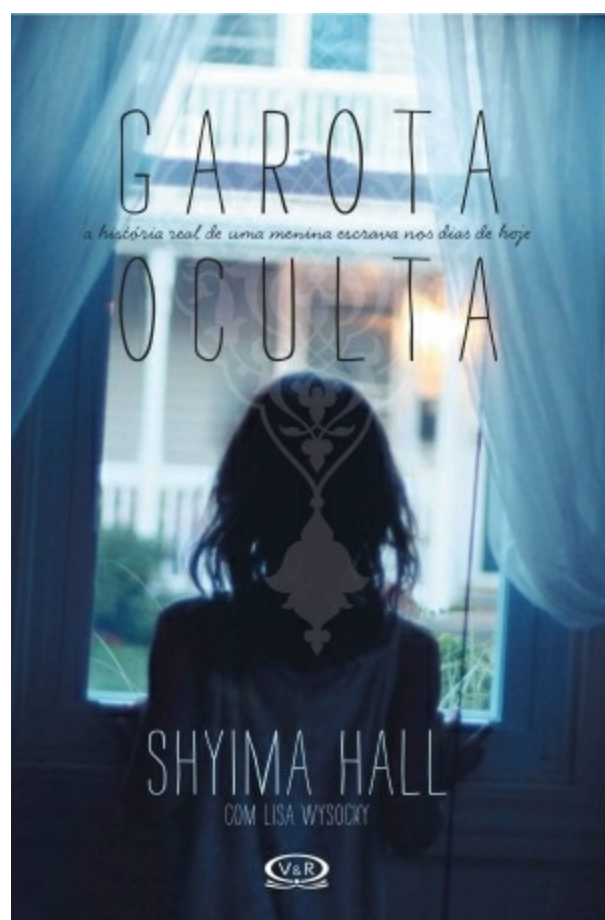
426 páginas

[Compre agora e leia](#)

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se

equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Moraes, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

[Compre agora e leia](#)



Garota oculta

Hall, Shyima

9788576838142

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Convicções fortes e honestas caracterizam esta inquietante autobiografia. Com simpatia e respeito, o relato de Shyima Hall inevitavelmente conquista o leitor" Publishers Weekly Shyima vivia em situação de pobreza com sua família no Egito. Quando tinha 8 anos, uma de suas irmãs mais velhas – empregada doméstica de um casal rico do Cairo – foi demitida por furto. Seus pais, então, fizeram um acordo com os ex-patrões da irmã: para pagar a dívida, Shyima ficaria no lugar dela. Assim iniciou sua escravidão. Os raptadores de Shyima referiam-se a ela como "garota estúpida" e a forçavam a fazer de tudo como servente. O pouco dinheiro recebido em troca de seu trabalho era enviado diretamente a seus pais, com os quais Shyima passou a ter muito pouco contato. Dois anos depois, seus raptadores mudaram-se para os Estados Unidos e Shyima foi levada ilegalmente com eles. As mais diversas formas de escravidão contemporânea são uma realidade terrível para milhares de adultos e crianças no mundo inteiro. Shyima foi uma dessas vítimas. Conheça sua trajetória inspiradora rumo à liberdade neste relato comovente.

[Compre agora e leia](#)

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
KIERSTEN WHITE

DONA DO PODER

FRIA, IMPLACÁVEL, VINGATIVA. É HERDEIRA DE VLAD DRACUL.

PLATA
FORMA 3

Dona do Poder

White, Kiersten

9788592783679

476 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lada Dracul não tem aliados. Nem trono. Tudo o que Lada tem é o que sempre teve: ela mesma. Ao falhar em obter o trono de Valáquia, Lada Dracul deseja punir a todos que ousarem cruzar seu caminho. Movida pela raiva, ela ataca com seus homens. Mas a força bruta não é suficiente para que Lada conquiste o que deseja. Lembrar-se de Mehmed, no entanto, lhe traz algum conforto, mas não há tempo para isso. Ela escolheu deixá-lo antes que ele pudesse fazê-lo. Lada sabe que precisa de toda sutileza e habilidade de seu irmão mais novo, Radu. Porém, Mehmed o enviou para Constantinopla e pretende dominar cidade. Assim, o irmão de Lada ganhou o lugar indesejado de agente duplo nas linhas inimigas... Radu anseia pela confiança feroz da irmã, mas, pela primeira vez em toda a vida, rejeita Lada e seu inesperado apelo por ajuda. Atormentado pela lealdade aos Otomanos e a Mehmed, ele sabe que não deve nada à irmã. Mas, se Lada morrer, jamais perdoará a si mesmo. E, se falhar em Constantinopla, Mehmed irá perdoá-lo? Civilizações desmoronam e os irmãos Dracul precisam decidir: o que irão sacrificar para cumprir seu destino? Nesta deslumbrante continuação da Saga da Conquistadora, impérios serão derrubados, tronos serão conquistados... e almas se perderão.

[Compre agora e leia](#)



Garota imperfeita

Howell, Simmone

9788576838777

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Skylark não é mais uma menina, mas os outros personagens dessa história não estão prestando atenção nesse fato. Gully, o irmão mais novo de Sky, tem dez anos e está obcecado por investigar uma tentativa de assalto; sua mãe foi embora para o Japão numa busca insana pela vida artística; seu pai, Bill, parece satisfeito em beber enquanto permanece imerso na loja de vinhos e no passado; do alto do terraço, Nancy, a amiga mais velha e experiente, fuma um cigarro e diz que Sky deve se divertir mais; uma garota é encontrada morta e há cartazes com seu rosto estampado por todo o bairro; há uma estranha ligação entre a garota dos cartazes e Luke, o novo funcionário de seu pai. Nessa história, cada acontecimento tem sua própria melodia. E essa é a história de como Sky encontra seu lugar no mundo. Um lugar em que não existem garotas perfeitas. É também a história de uma garota louca e de uma garota fantasma; de um garoto que não sabia de nada e de um garoto que achava que sabia de tudo. E é sobre vida, morte, luto e romance. Só coisa boa. Destaques do livro "Divertida e dona de um olhar mordaz sobre as imperfeições do mundo (e sobre ela mesma), Sky é autêntica." – Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)

O FUTURO EXTRAORDINÁRIO

INSIGNIA

CATALISADOR

VOL. 3



S. J. KINCAID



Insígnia: o catalisador

Kincaid, S. J.

9788576838135

458 páginas

[Compre agora e leia](#)

Último capítulo da saga traz um final avassalador! Tom Raines e seus amigos estão ansiosos para voltar à Agulha Pentagonal e continuar seu treinamento nas Forças Intrassolares. Ainda que este seja um momento em que as coisas não pareçam estar tão bem. Tom não se intimida e persiste em lutar. O que começar como um ajuste de contas intrigante entre Tom e seu pai logo se transforma em uma mudança perigosa, pois há agente suspeitos em posições de poder, bem como revelações sobre um novo controle militar. Isso significa, talvez, que Tom tenha que manter segredos inclusive se seus aliados. Em seguida, uma figura misteriosa, outro fantasma na máquina, inicia uma luta contra as corporações, mas os métodos adotados por Tom para combatê-lo são chocantes. Neste terceiro volume, vemos Tom e seus jovens amigos, os cadetes, diante de um futuro impossível, o qual eles nunca poderiam prever. Em Catalisador, S. J. Kincaid nos presenteia com um final eletrizante, concluindo uma jornada heroica e fantástica de tirar o fôlego. "Um final perfeito para esta série e um questionamento aos leitores: como lidar com as grandes ideias?" Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)